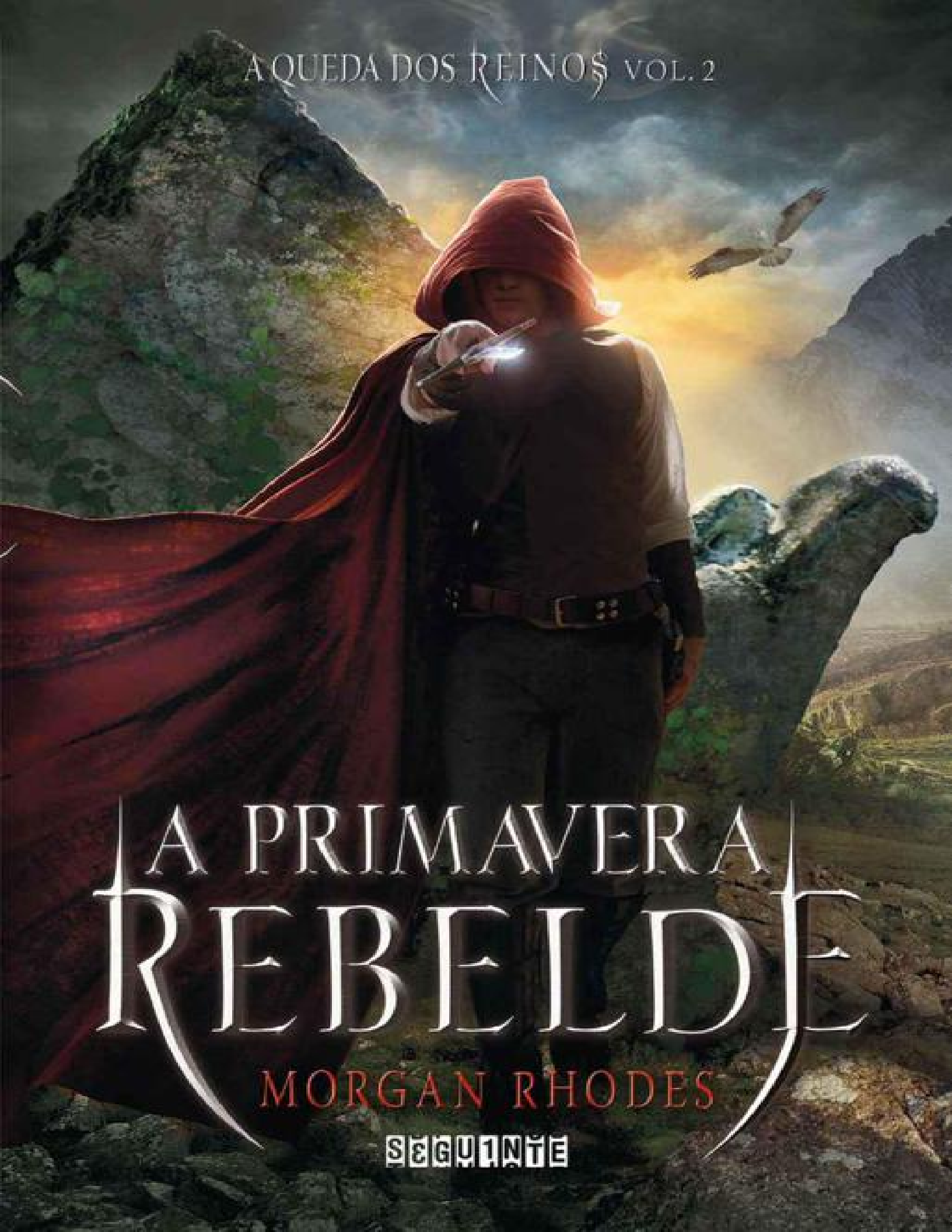
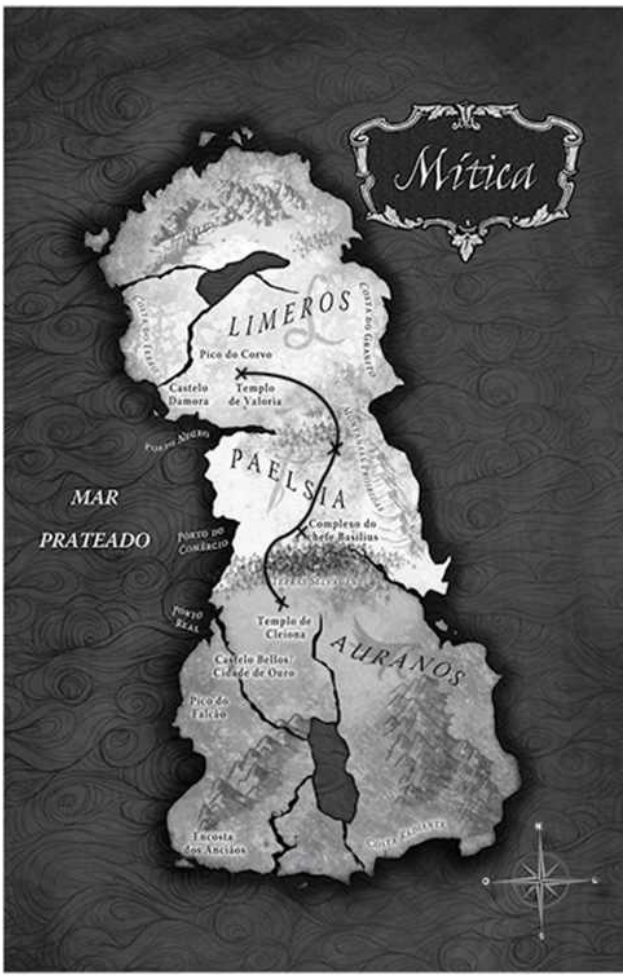
A QUEDA DOS REINOS VOL. 2



A PRIMAVERA REBELDE

MORGAN RHODES

SEGUINTE


Mítica
LIMEROS
Pico do Corvo
Castelo Damora
Templo de Valoria
PAELSIA
MAR PRATEADO
Complexo do Chefe Basilius
Templo de Cleiona
AURANOS
Castelo Bellos / Cidade de Ouro
Pico do Falcão
Encosta dos Anciãos

A QUEDA DOS REINOS VOL. 2

A PRIMAVERA REBELDE

MORGAN RHODES

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Agora, o que está em jogo é a conquista do mundo inteiro...

PERSONAGENS

LIMEROS

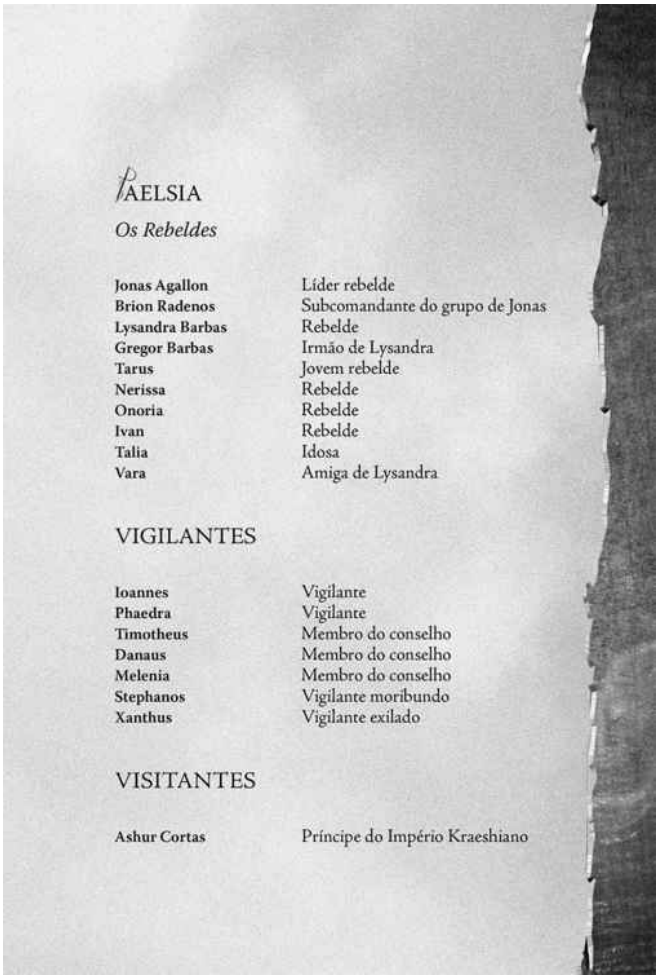
Os Conquistadores

Gaius Damora	O rei
Althea Damora	A rainha
Magnus Lukas Damora	Príncipe e herdeiro do trono
Lucia Eva Damora	Princesa adotada; feiticeira, segundo a profecia
Cronus	Capitão da guarda
Helena	Criada
Dora	Criada
Franco Rossatas	Engenheiro-assistente da Estrada Imperial
Eugeneia Rossatas	Filha de Franco
Lorde Gareth	Amigo do rei

TURANOS

Os Derrotados

Cleiona (Cleo)	Princesa aprisionada
Aron Lagaris	Pretendente de Cleo
Nicolo (Nic) Cassian	Melhor amigo de Cleo
Mira Cassian	Irmã de Nic
Lorenzo Tavera	Estilista de Pico do Falcão
Domitia	Acusada de bruxaria



PAELSIA

Os Rebeldes

Jonas Agallon	Líder rebelde
Brion Radenos	Subcomandante do grupo de Jonas
Lysandra Barbas	Rebelde
Gregor Barbas	Irmão de Lysandra
Tarus	Jovem rebelde
Nerissa	Rebelde
Onoria	Rebelde
Ivan	Rebelde
Talia	Idosa
Vara	Amiga de Lysandra

VIGILANTES

Ioannes	Vigilante
Phaedra	Vigilante
Timotheus	Membro do conselho
Danaus	Membro do conselho
Melenia	Membro do conselho
Stephanos	Vigilante moribundo
Xanthus	Vigilante exilado

VISITANTES

Ashur Cortas	Príncipe do Império Kraeshiano



PRÓLOGO

A morte lançou uma grande sombra sobre os quilômetros áridos de Paelsia.

A notícia do assassinato do chefe Basilius se espalhou rapidamente, e vilas de toda a região caíram em luto profundo. Lamentavam a morte de um grande homem — um feiticeiro que podia entrar em contato com a magia e que era considerado um verdadeiro deus por muitos habitantes dessa terra sem religião oficial.

“O que vamos fazer sem ele?” era um brado constante nas semanas que se seguiram. “Estamos perdidos!”

— Sinceramente — Lysandra resmungou para o irmão mais velho, Gregor, enquanto escapuliam do casebre da família no fim da tarde. — Ele nunca mostrou nenhuma magia de verdade. Não passava de conversa fiada! Parece que as pessoas esqueceram que ele cobrava impostos altíssimos. O chefe era um ladrão mentiroso, que vivia com arrogância do alto de seu complexo, fartando-se de vinho e comida enquanto o resto de nós passava fome!

— Quieta — Gregor alertou, mas estava rindo. — Você não pode falar tudo o que pensa, pequena Lys.

— Certamente você tem razão.

— Ainda vai se meter numa encrenca por causa disso.

— Eu sei lidar com encrencas. — Lysandra apontou a flecha para o alvo em uma árvore a vinte passos de distância e atirou. Acertou

bem no meio. O orgulho a aqueceu naquela noite fria, e ela olhou de relance para o irmão para ver a reação dele.

— Bela pontaria. — Ele abriu um sorriso e assumiu o lugar dela, empurrando-a com o cotovelo. — Mas a minha é melhor.

Sem esforço, ele partiu a flecha dela em duas. Foi impossível não ficar impressionada. Eles vinham praticando havia meses, em segredo. Ela precisou implorar para que o irmão compartilhasse seus conhecimentos de arco e flecha, mas ele finalmente cedera. Não era comum uma garota aprender a usar armas. A maioria das pessoas acreditava que garotas deveriam apenas limpar, cozinhar e cuidar dos homens.

O que era ridículo. Principalmente porque Lysandra era uma arqueira nata.

— Será que eles vão voltar? — ela perguntou a Gregor em voz baixa, observando a pequena vila ali perto, os telhados de palha, as paredes de barro e pedra. Saía fumaça das chaminés de muitas casas.

O maxilar dele ficou tenso.

— Não sei.

Uma semana antes, representantes do conquistador rei Gaius de aparência importante haviam visitado a vila deles, em busca de voluntários para seguir para o leste e começar a trabalhar em uma estrada que o rei queria construir rapidamente — uma estrada que passaria não só por Paelsia, mas também pelas terras vizinhas, Auranos e Limeros.

Gregor e o pai foram escolhidos para dar as boas-vindas aos homens do rei, e a dupla havia encarado os sorrisos reluzentes e palavras suaves sem se deixar intimidar ou influenciar. A vila havia recusado a oferta.

O Rei Sanguinário achava que agora os governava. Mas estava redondamente enganado. Eles podiam ser pobres, mas tinham orgulho. Ninguém tinha o direito de lhes dizer o que fazer.

Os homens do rei Gaius haviam partido sem discussão.

— Basilius idiota — Lysandra murmurou. — Ele provavelmente confiava no rei, mas nós somos espertos o suficiente para não fazer a mesma coisa. Basilius mereceu ser cortado. Era apenas uma

questão de tempo. Fico enjoada só de pensar como ele foi idiota. — Sua próxima flecha desviou do curso. Ela precisava trabalhar mais a concentração. — Me conte mais sobre os rebeldes que pretendem desafiar o rei.

— Por que quer saber? Quer ser uma das poucas garotas a se juntar ao grupo?

— Talvez eu queira.

— Venha, pequena Lys — Gregor riu e a segurou pelo pulso. — Podemos procurar uns coelhos para você treinar a pontaria. Por que desperdiçar flechas em árvores e fôlego com palavras tolas? Não se preocupe com os rebeldes. Se tem alguém que logo se juntará a eles para lutar contra o rei, esse alguém sou eu.

— Não são tolas — ela murmurou.

Mas ele tinha razão — pelo menos no que dizia respeito ao treino de pontaria. As árvores eram mesmo escassas por ali. A maior parte da região era marrom e seca, com algumas pequenas áreas verdes, onde a mãe deles e outras mulheres plantavam hortas que, a cada ano, davam cada vez menos vegetais e mais lágrimas. A mãe deles não havia parado de chorar desde que ficou sabendo da morte de Basilius.

O coração de Lysandra ficava apertado ao ver a mãe tão triste, tão inconsolável, mas tentava argumentar com ela:

— Acredito que criamos nosso próprio destino, cada um de nós — ela havia dito à mãe na noite anterior. — Não importa quem nos lidera.

A resposta foi um olhar triste, cansado e paciente.

— Você é tão ingênua, filha. Rezo para que isso não a desvie de seu caminho.

E agora a mãe orava ao chefe morto pela filha transgressora. O que não era nenhuma surpresa. Lysandra sempre trouxera muito sofrimento à mãe por não ser uma filha adequada que fazia coisas adequadas. Lysandra estava acostumada a não se encaixar no grupo de amigas — elas não conseguiam entender sua fascinação por fazer flechas até surgirem bolhas nos dedos ou continuar fora de casa até o nariz ficar tão vermelho que praticamente brilhava no escuro.

Gregor estendeu o braço para interromper os passos de Lysandra.

— O que foi? — ela perguntou.

— Veja.

Estavam a menos de dois quilômetros da vila. Diante deles havia uma pequena clareira, sem nenhuma vegetação. Estava cercada de arbustos secos e árvores desfolhadas. Uma senhora de idade, que Lysandra reconheceu como Talia, a mais velha da vila, estava parada no centro, com uma carcaça de raposa-vermelha diante de si. A mulher havia drenado o sangue do animal em um copo de madeira. Com esse sangue, desenhava símbolos na terra árida e rachada usando a ponta do dedo.

Lysandra nunca tinha visto nada parecido com aquilo.

— O que Talia está fazendo? O que ela está desenhando?

— Quatro símbolos — Gregor disse em voz baixa. — Sabe o que são?

— Não, o quê?

— Os símbolos dos elementos: fogo, ar, água e terra. — Ele apontou para cada um: um triângulo, uma espiral, duas linhas onduladas empilhadas, e um círculo dentro de outro círculo. Ele engoliu em seco. — Eu não fazia ideia. A anciã da vila… é uma bruxa. Uma Vetusta.

— Espere. Está dizendo que a velha e inofensiva Talia é uma… *bruxa*? — Lysandra esperou que ele começasse a rir e dissesse que estava apenas brincando. Mas ele estava falando sério. Extremamente sério.

Gregor franziu a testa.

— Eu tinha minhas suspeitas, mas aqui está a prova. Ela manteve em segredo durante todos esses anos. Você sabe o que pode acontecer com as bruxas.

Em Limeros, um dos reinos vizinhos, elas eram queimadas. Enforcadas. Decapitadas. Bruxas eram consideradas más mesmo ali em Paelsia. Má sorte. Uma maldição sobre a terra que a fazia definhar e morrer. Em Limeros, muitos acreditavam que as bruxas haviam amaldiçoado a terra e a transformado em gelo.

Lysandra se lembrou da reação incomum de Talia quando soube que o chefe havia sido assassinado pelo rei Gaius. Ela meneou a cabeça, sombriamente, limpou a poeira da saia e disse três palavras.

— E assim começa.

Todos achavam que a velha era louca, então não deram atenção às suas divagações, mas por algum motivo aquelas palavras repercutiram em Lysandra e lhe causaram um arrepio.

— O quê começa? — Ela segurou o braço da velha. — Do que a senhora está falando?

Talia virou os olhos claros e úmidos para Lysandra.

— O fim, minha querida. O fim está começando.

Demorou um tempo até Lysandra falar de novo com Gregor. Ela sentia seu coração bater forte.

— Como assim, *Vetusta*?

— É alguém que venera os elementos. É uma religião antiga; quase tão antiga quanto os próprios *elementia*. E pelo jeito — ele apontou a cabeça para a clareira — Talia está fazendo magia de sangue esta noite.

Lysandra sentiu um calafrio. *Magia de sangue*.

Ela já tinha ouvido falar disso antes, mas até então nunca havia tido nenhuma prova. Gregor sempre acreditou mais do que ela no que não podia ser visto e raramente era comentado — magia, bruxas, lendas. Lysandra mal ouvia os contadores de história, estava mais interessada em fatos concretos do que em histórias fantásticas. Agora desejava ter prestado mais atenção.

— Qual é o objetivo? — ela perguntou.

Naquele exato momento, os olhos de Talia se voltaram diretamente para eles, como os de um falcão, distinguindo-os na pouca luz do anoitecer.

— É tarde demais — ela disse, alto o bastante para eles escutarem. — Não consigo evocar magia suficiente para nos proteger. Só consigo ver as sombras do que está por vir. Não tenho poder para detê-los.

— Talia! — A voz de Lysandra soou incerta ao chamar a mulher. — O que está fazendo? Saia daí, isso não é certo.

— Você precisa fazer uma coisa por mim, Lysandra Barbas.

Lysandra olhou para Gregor, confusa, e voltou a olhar para Talia.

— O que quer que eu faça?

Talia estendeu as mãos cobertas de sangue ao lado do corpo, arregalando cada vez mais os olhos, como se tivesse visto algo amedrontador ao seu redor. Algo realmente terrível.

— Corra!

No mesmo instante, uma enorme flecha flamejante cortou o ar e acertou Talia bem no centro do peito. Ela cambaleou e caiu no chão. Suas roupas pegaram fogo antes que Lysandra conseguisse entender o que estava acontecendo.

Lysandra agarrou o braço de Gregor.

— Ela está morta!

Ele ergueu a cabeça rapidamente e olhou na direção de onde tinha vindo a flecha, depois puxou Lysandra para o lado a tempo de desviar da outra flecha apontada diretamente para eles, que acabou acertando uma árvore.

— Temia que isso fosse acontecer.

— Isso o quê? — Lysandra vislumbrou uma figura a uns cinquenta passos de distância, armada com arco e flecha. — Ele a matou! Gregor, ele a matou! Quem é ele?

A figura havia localizado os dois e começado a persegui-los. Gregor praguejou alto e a agarrou pelo pulso.

— Vamos, precisamos correr!

Ela não discutiu. De mãos dadas, correram de volta para a vila o mais rápido possível.

Estava em chamas.

O caos havia se instalado rapidamente pelo local. Gritos horrorizados de medo e dor cortavam o ar — gritos de moribundos. Vários homens de uniforme vermelho galopavam pelas ruas, segurando tochas usadas sem piedade para incendiar cada casebre. Moradores corriam das casas em chamas, tentando escapar de uma morte tórrida. Na outra mão, os guardas levavam espadas afiadas e golpeavam muitos, atravessando carne e osso.

— Gregor! — Lysandra gritou quando fizeram uma parada abrupta, escondendo-se dos soldados atrás de um casebre de

pedra. — O rei Gaius… Isso é obra dele! Ele está matando todo mundo!

— Nós dissemos não a ele. Ele não gostou da resposta. — Gregor a segurou pelos braços, olhando-a fixamente nos olhos. — Lysandra, irmãzinha. Você precisa ir. Precisa fugir daqui.

O fogo aquecia o ar, transformando o anoitecer em uma claridade aterrorizante ao seu redor.

— Do que você está falando? Eu não posso ir!

— Lys…

— Preciso encontrar a mamãe! — Ela se soltou de Gregor e correu para a vila, desviando dos obstáculos no caminho. Ela parou do lado de fora de sua casa, agora engolida pelo fogo.

O corpo de sua mãe estava perto da entrada. O de seu pai estava a apenas dez passos de distância, caído em uma poça de sangue.

Antes que ela pudesse absorver totalmente o horror daquilo, Gregor a alcançou. Ele a agarrou e jogou sobre o ombro, correndo para fora dos limites da vila antes de deixá-la cair desajeitadamente no chão. Ele jogou o arco e algumas flechas para ela.

— Eles estão mortos — ela sussurrou. Seu coração parecia uma pedra que havia caído sobre o estômago.

— Eu estava prestando atenção enquanto corria. Os guardas do rei estão reunindo todos os sobreviventes para obrigá-los a trabalhar na estrada. — A voz dele falhou. — Preciso voltar para ajudar os outros. Vá… Encontre os rebeldes. Faça o que puder para impedir que isso aconteça em outros lugares, Lys. Você entendeu?

Ela sacudiu a cabeça, os olhos queimando por causa da fumaça e das lágrimas de ódio.

— Não, eu não vou deixar você! Você é tudo o que me resta!

Gregor segurou o queixo dela com força.

— Venha comigo — ele resmungou — e eu mesmo cravo uma flecha no seu coração para livrá-la do destino dos nossos amigos e vizinhos.

E então se virou e correu de volta para a vila.

Tudo o que Lys podia fazer era vê-lo partir.

1

JONAS

AURANOS

Quando o Rei Sanguinário queria provar alguma coisa, fazia isso da maneira mais dura possível.

Era meio-dia. Com pancadas de tremer os ossos, o machado do carrasco desceu sobre o pescoço de três rebeldes acusados, separando a cabeça dos corpos. O sangue escorreu pelas toras de madeira e se espalhou pelo chão de pedra lisa diante de uma multidão que já somava mais de mil pessoas. E tudo o que Jonas podia fazer era observar horrorizado as cabeças serem enfiadas em estacas altas na praça do palácio, para todos verem.

Três garotos que mal haviam se tornado homens estavam mortos porque foram considerados perigosos e encrenqueiros. As cabeças decapitadas encaravam a multidão com olhos vazios e expressão inerte. Sangue escarlate escorria pelas estacas de madeira enquanto os corpos eram levados para serem queimados.

O rei que havia conquistado aquela terra de maneira rápida e brutal não concedia segundas chances — especialmente a quem

representasse qualquer oposição pública a ele. A rebelião seria combatida com rapidez, sem remorso — e abertamente.

A cada descida fatal da lâmina, uma agitação crescente avançava pelas massas, como uma névoa densa que não dava mais para ignorar. Auranos uma dia fora um reino livre, próspero e pacífico — mas agora alguém com gosto por sangue estava no trono.

A multidão estava ombro a ombro na grande praça. Ali perto, Jonas podia ver jovens nobres, bem-vestidos, com o maxilar tenso e expressão preocupada. Dois homens gordos e bêbados brindavam com cálices cheios de vinho, como se comemorassem um dia repleto de possibilidades. Uma velha senhora de cabelos grisalhos e rosto marcado por linhas de expressão, usando um vestido fino de seda, olhava para os lados desconfiada. Todos estavam empoleirados, procurando o melhor lugar para ver o rei quando ele aparecesse no terraço de mármore lá em cima. O ar estava tomado pelo odor da fumaça das chaminés e das cigarrilhas, pelos aromas de pão e carne sendo assados, e pelos óleos e perfumes florais de fragrância carregada usados largamente como substituição a banhos regulares. E o barulho — uma cacofonia de vozes, sussurros conspiratórios e gritos guturais — impossibilitava que se pensasse direito.

O palácio auraniano brilhava diante deles como uma enorme coroa de ouro, com torres elevando-se até o céu azul e límpido. Ele ficava no centro da Cidade de Ouro, uma cidade murada com mais de três quilômetros de largura e extensão. Até as paredes possuíam ranhuras cobertas de ouro, que refletiam a luz do sol como uma pilha de moedas de ouro no meio de uma vasta área verde. Lá dentro, vias pavimentadas com pedras levavam a quintas, comércios, tavernas e lojas. Apenas pessoas privilegiadas e importantes podiam fazer daquela cidade seu lar. Mas hoje os portões estavam abertos para quem quisesse ouvir o discurso do rei.

— Este lugar é impressionante. — Era difícil ouvir a voz de Brion no meio do falatório incessante da multidão.

— Você acha? — Jonas desviou sua atenção sombria das cabeças empaladas. Os olhos azul-escuros do amigo estavam fixos

no palácio reluzente, como se fosse possível roubá-lo e vendê-lo.

— Eu poderia me acostumar a viver aqui. Ter um teto sobre a cabeça; ladrilhos dourados sob os pés bem tratados. Toda a comida e bebida que eu pudesse engolir. Estou dentro. — Ele olhou para cima, viu os rebeldes executados e fez uma careta. — Isto é, considerando que eu continuasse com a cabeça intacta.

Os rebeldes executados naquele dia eram auranianos, portanto não faziam parte do grupo de Jonas e Brion — jovens rapazes com ideias afins que desejavam se revoltar contra o rei Gaius em nome de Paelsia. Desde o cerco ao castelo, três semanas antes, eles estavam vivendo no meio da floresta que separava Auranos de sua pobre terra natal. As Terras Selvagens — como a área era conhecida — tinham a terrível reputação de abrigar bandidos perigosos e animais ferozes. Alguns tolos supersticiosos também acreditavam que demônios e espíritos perversos viviam na sombra das árvores altas e espessas, que bloqueavam toda a claridade, deixando passar apenas um pequeno feixe de luz do sol.

Jonas era capaz de lidar com bandidos e feras. E, ao contrário da maioria esmagadora de seus conterrâneos, ele acreditava que tais lendas haviam sido criadas apenas para incitar o medo e a paranoia.

Quando ouviu a notícia das execuções marcadas para aquele dia, Jonas quis ver com os próprios olhos. Ele estava certo de que elas fortaleceriam sua determinação, sua convicção de fazer qualquer coisa, assumir qualquer risco, para ver os reinos tomados escaparem como areia das mãos do tirano que agora os governava.

Em vez disso, elas o encheram de terror. O rosto de cada garoto se transformou no de seu irmão morto, Tomas, quando o machado caiu e o sangue foi derramado.

Três garotos com a vida inteira pela frente — agora silenciados para sempre por dizer algo diferente do que era permitido.

Tais mortes seriam consideradas por muitos como obra do acaso. Destino. Os paelsianos, principalmente, acreditavam que o futuro já estava determinado e que era preciso aceitar o que lhes era oferecido — fosse bom ou ruim. Isso só servia para criar um reino de vítimas com medo de enfrentar a oposição. Um reino facilmente

tomado por alguém feliz em roubar o que ninguém lutaria para manter.

Ninguém, ao que parecia, exceto Jonas. Ele não acreditava em acaso, destino ou respostas mágicas. O destino não estava determinado. E se ele tivesse ajuda suficiente daqueles dispostos a lutar ao seu lado, sabia que era capaz de mudar o futuro.

A multidão ficou em silêncio por um instante, até que o burburinho começou a crescer novamente. O rei Gaius havia surgido no terraço — um homem alto e belo, com olhos escuros e penetrantes que analisavam a multidão como se memorizasse cada rosto.

Jonas sentiu uma necessidade repentina de se esconder, como se fosse possível identificá-lo no meio da multidão, mas se obrigou a permanecer calmo. Embora já tivesse encontrado o rei frente a frente, não seria descoberto ali. O manto cinza, similar ao usado por metade dos homens ali presentes, incluindo Brion, era suficiente para ocultar sua identidade.

Ao lado do rei no terraço estava Magnus, príncipe herdeiro do trono. Magnus era quase a imagem espelhada de seu pai, só que mais jovem, é claro, e com uma cicatriz que atravessava seu rosto, visível mesmo de longe.

Jonas havia encontrado rapidamente o príncipe limeriano no campo de batalha e não tinha esquecido que Magnus impedira que uma espada perfurasse seu coração. Mas agora não estavam mais lutando do mesmo lado. Eram inimigos.

A majestosa rainha Althea, com cabelos escuros e mechas grisalhas, juntou-se ao filho à esquerda do rei. Era a primeira vez que Jonas a via, mas era fácil reconhecer aquela mulher. Ela lançou um olhar soberbo para a multidão.

Brion segurou o braço de Jonas, que olhou para o amigo achando um pouco de graça.

— Você quer me dar a mão? Eu não acho que…

— Apenas fique calmo — Brion disse, sem sorrir. — Se perder a cabeça, pode acabar, hum, perdendo a cabeça. Entendeu?

Logo em seguida Jonas entendeu o motivo. Lorde Aron Lagaris e a princesa Cleiona Bellos, filha mais nova do antigo rei, juntaram-se aos demais no terraço. A multidão comemorou ao vê-los.

Os cabelos longos, claros e dourados da princesa Cleo refletiam a luz do sol. Jonas já havia odiado aqueles cabelos e sonhado em arrancá-los pela raiz. Para ele, simbolizavam a riqueza de Auranos, que se mantinha a uma curta distância da pobreza desesperada de Paelsia.

Agora sabia que nada era tão simples como ele pensava.

— Ela é prisioneira deles — Jonas sussurrou.

— Não me parece uma prisioneira — Brion disse. — Mas, claro, se você está dizendo…

— Os Damora mataram o pai dela, roubaram seu trono. Ela os odeia. Como poderia ser diferente?

— E agora lá está ela, obediente, ao lado de seu pretendente.

Seu pretendente. Jonas olhou fixo para Aron.

O assassino de seu irmão estava acima deles, em uma posição de honra, ao lado de sua futura esposa e do rei conquistador.

— Você está bem? — Brion perguntou com cautela.

Jonas não pôde responder. Estava ocupado visualizando a si mesmo escalando a parede, pulando no terraço e matando Aron com as próprias mãos. Ele já havia imaginado diferentes métodos para acabar com aquele presunçoso desperdício de vida, mas acreditava ter deixado seu desejo de vingança de lado em nome dos objetivos mais elevados de um rebelde.

Ele estava errado.

— Eu o quero morto — Jonas disse entredentes.

— Eu sei. — Brion estava lá quando Jonas ficou de luto por Tomas e, furioso, jurou vingança. — E esse dia vai chegar. Mas não será hoje.

Lentamente, bem lentamente, Jonas controlou sua cólera imprudente. Seus músculos relaxaram, e Brion finalmente soltou seu braço.

— Está melhor? — o amigo perguntou.

Jonas não havia desviado os olhos do rapaz odioso e arrogante no terraço.

— Só vou ficar bem quando o vir sangrar.

— É um de nossos objetivos — Brion afirmou. — Um objetivo válido. Mas, como eu já disse, não será hoje. Fique calmo.

Jonas respirou fundo.

— Desde quando você dá ordens?

— Como subcomandante do nosso pequeno grupo de rebeldes, se meu capitão enlouquecer de repente, eu assumo. São ossos do ofício.

— Bom saber que você está levando isso a sério.

— Existe uma primeira vez para tudo.

No terraço, Aron se aproximou mais de Cleo e estendeu o braço para segurar sua mão. Ela virou seu lindo rosto para olhar para ele, mas nenhum sorriso se formou em seus lábios.

— Ela merecia coisa melhor do que esse cretino — Jonas resmungou.

— O quê?

— Deixa pra lá.

A multidão cresceu ainda mais em questão de minutos, e o calor intenso do dia se abateu sobre eles. Suor escorria da testa de Jonas, e ele o secava com a manga do manto.

Finalmente, o rei Gaius deu um passo à frente e ergueu a mão. Fez-se silêncio.

— É uma grande honra — o rei disse, com a voz potente o bastante para se projetar com facilidade sobre a multidão — estar aqui diante de vocês como o rei não só de Limeros, mas agora também de Paelsia e Auranos. Houve um tempo em que os três reinos de Mítica eram um só, forte, próspero e pacífico. E agora, finalmente, teremos isso de novo.

As pessoas na multidão murmuravam em voz baixa umas com as outras, a maioria dos rostos mostrando traços de desconfiança, de medo, apesar das palavras suaves do rei. A reputação do Rei Sanguinário o precedia. Nas conversas sussurradas antes e depois das execuções, Jonas ouviu muitos dizerem que a partir daquele discurso decidiriam se o rei era amigo ou inimigo. Muita gente duvidava que os rebeldes mortos estivessem certos, qualquer que fosse a anarquia que haviam tentado estabelecer; talvez os rebeldes só piorassem as coisas para todos ao irritar o rei.

Tanta ignorância — tanta prontidão para pegar o caminho mais fácil, curvar-se diante do conquistador acreditando em quaisquer

palavras que saíssem de sua boca. Tudo isso indignava Jonas até o último fio de cabelo.

Mas até ele precisava admitir que o rei dominava a arte do discurso. Cada palavra parecia coberta por ouro, dando esperança aos desesperançados.

— Optei por viver com a minha família neste belo palácio por um tempo, pelo menos até a transição se completar. Embora seja muito diferente de nosso amado lar em Limeros, queremos conhecer todos vocês melhor, e sentimos que é nosso dever de acolhida ajudar a guiar todos os nossos cidadãos rumo a essa nova era.

— Também ajuda o fato de Limeros estar congelado como o coração de uma bruxa — Brion zombou, apesar de alguns murmúrios de aprovação à sua volta. — Ele faz parecer um sacrifício viver em um lugar que não está coberto de neve e gelo.

— Hoje tenho um anúncio importante a fazer, que beneficiará a todos — o rei afirmou. — Sob meu comando, já foi iniciada a construção de uma grande estrada que irá interligar nossos três reinos.

Jonas franziu a testa. Uma estrada?

— A Estrada Imperial partirá do Templo de Cleiona, a algumas horas desta cidade, cortará as Terras Selvagens até Paelsia, onde seguirá para o leste, atravessando as Montanhas Proibidas, e depois para o norte, cruzando a fronteira para Limeros, chegando ao Templo de Valoria, seu destino final. Várias equipes já estão posicionadas, trabalhando dia e noite para garantir que a construção da estrada termine o mais rápido possível.

— *Atravessando* as Montanhas Proibidas? — Jonas sussurrou. — Para que serve uma estrada que leva aonde ninguém quer ir?

O que o rei estava tramando?

Um brilho no céu chamou sua atenção, e ele viu dois falcões dourados sobrevoando a multidão.

Até os vigilantes estão interessados.

Pensamentos ridículos como esse ele guardava para si em vez de compartilhar com Brion. As histórias sobre imortais que assumiam a forma de falcões para visitar o mundo mortal não passavam disso:

histórias contadas para as crianças na hora de dormir. Sua própria mãe lhe contara essas histórias.

Os lábios do rei se abriram num sorriso que pareceria genuíno e caloroso a todos que não conhecessem a escuridão por trás dele.

— Espero que estejam tão satisfeitos quanto eu com essa nova estrada. Sei que está sendo um período difícil para todos, e não tenho prazer algum com o sangue derramado no processo.

Houve uma onda de murmúrios descontentes e inquietos na multidão, mas deveria haver muito mais.

Está funcionando, Jonas pensou. *Ele está enganando os que querem ser enganados.*

— Até parece — Brion exclamou. — Ele adora derramar sangue. Teria se banhado com ele se tivesse a oportunidade.

Jonas concordava plenamente.

O rei Gaius continuou:

— Como todos podem ver aqui hoje, a princesa Cleiona está muito bem. Ela não foi exilada nem aprisionada como filha de meu inimigo. Por que seria? Depois de toda a dor e sofrimento que enfrentou bravamente, eu a recebi em minha nova casa de braços abertos.

Ele falava como se ela tivesse tido alguma escolha, mas Jonas não acreditava nisso.

— Meu próximo anúncio de hoje diz respeito à sua princesa. — O rei Gaius estendeu a mão. — Venha cá, minha querida.

Cleo lançou um olhar desconfiado para Aron antes de se virar para o rei. Ela hesitou apenas um instante, e depois atravessou o terraço para se posicionar ao lado do rei. Sua expressão era indecifrável; os lábios estavam apertados, mas a cabeça erguida. Um colar de safiras brilhava em seu pescoço, e joias também enfeitavam seus cabelos, combinando com o vestido azul-escuro. Sua pele brilhava radiante sob o sol. Sussurros empolgados agora se elevavam da multidão, sobre a filha de seu antigo rei.

— A princesa Cleiona sofreu uma grande perda, e seu coração está partido. Ela é de fato uma das garotas mais corajosas que já conheci e entendo por que o povo de Auranos a ama tanto. — A voz e a expressão do rei pareciam repletas de afeição quando ele

olhava para a princesa. — Todos sabem que ela está comprometida com lorde Aron Lagaris, um belo rapaz que defendeu a princesa de um selvagem em Paelsia que pretendia fazer mal a ela.

Brion agarrou o braço de Jonas novamente e cravou a ponta dos dedos. Jonas não havia se dado conta de que tinha dado um passo à frente, com as mãos cerradas ao lado do corpo, incitado pelas mentiras a respeito de seu irmão.

— Fique calmo — Brion resmungou.

— Estou tentando.

— Se esforce mais.

O rei puxou Cleo para mais perto.

— Foi assim que lorde Aron provou seu valor ao finado rei Corvin e recebeu a mão da princesa e a promessa de um casamento que sei que os auranianos aguardam ansiosamente.

Aron estampou um sorriso no rosto e um olhar de triunfo nos olhos.

De repente, Jonas percebeu o que estava acontecendo. O rei estava prestes a anunciar a data do casamento de Aron e Cleo.

O rei Gaius apontou a cabeça na direção do rapaz.

— Não tenho dúvidas de que lorde Aron formaria um ótimo par com a princesa.

Jonas ardia de raiva em silêncio por aquele desgraçado se envaidecer e brilhar à luz de seus crimes — e ser recompensado por eles. O ódio de Jonas era palpável, um monstro horrível que ameaçava renovar sua obsessão de vingança e cegá-lo para todo o resto.

O rei continuou:

— Ontem cheguei a uma importante decisão.

A multidão ficou em silêncio absoluto, inclinando-se para a frente coletivamente na expectativa do que ele diria em seguida. Jonas não conseguia tirar os olhos de lorde Aron e de sua expressão alegre e desprezível.

— Eu, neste ato, encerro o compromisso firmado entre lorde Aron e a princesa Cleiona — o rei Gaius disse.

A multidão levou um susto, e a expressão alegre de Aron ficou paralisada.

— A princesa Cleiona representa a dourada Auranos de todas as formas — o rei disse. — Ela é filha de todos vocês, e sei que mora em seu coração. Vejo isso como uma oportunidade de unir Mítica ainda mais. Assim sendo, hoje tenho a satisfação de anunciar o noivado e iminente casamento, daqui a quarenta dias, de meu filho, príncipe Magnus Lukas Damora, e a adorada princesa Cleiona Aurora Bellos, de Auranos.

O rei Gaius pegou a mão de Cleo e a de Magnus e as uniu.

— Logo após o casamento haverá uma excursão dos recém-casados. Magnus e Cleiona viajarão por Mítica como símbolo da união e do brilhante futuro que todos compartilhamos.

Houve um momento de silêncio até que a maior parte da multidão começou a comemorar, em aprovação — alguns com nervosismo, outros aprovando totalmente a união e a excursão propostas.

— Hum — Brion disse. — Por essa eu não esperava.

Jonas encarou o terraço durante vários minutos, aturdido.

— Já ouvi o bastante. Precisamos sair daqui. Agora.

— Mostre o caminho.

Jonas desviou o olhar do rosto confuso de Cleo e começou a abrir caminho pela multidão. Ele estava mais preocupado com a notícia da Estrada Imperial — o que aquilo significava? Quais eram as verdadeiras intenções do rei? O destino da princesa, agora noiva de seu inimigo mortal, deveria ser a última de suas preocupações.

Ainda assim, o novo noivado de Cleo o perturbou profundamente.

2

CLEO

AURANOS

— Hoje tenho a satisfação de anunciar o noivado e iminente casamento, daqui a quarenta dias, de meu filho, príncipe Magnus Lukas Damora, e a adorada princesa Cleiona Aurora Bellos, de Auranos.

Cleo ficou sem ar.

O mundo virou um borrão diante de seus olhos, e seu ouvido começou a zumbir. Ela sentiu um puxão quando o rei a arrastou para perto, e em seguida algo quente e seco tocou sua mão. Ela olhou e viu Magnus ao seu lado, com o rosto impassível e indecifrável de sempre. Seus cabelos pretos caíam sobre a testa, emoldurando seus olhos castanho-escuros enquanto ele mirava a multidão — uma multidão que vibrava e gritava, como se aquele horror de embrulhar o estômago fosse uma boa notícia.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Magnus soltou a mão dela e se virou para a mãe, que havia segurado o braço dele.

Aron agarrou o pulso de Cleo e a arrastou pelo terraço de volta para o castelo, atrás dos demais. Seu hálito, como sempre, cheirava a vinho e fumaça cáustica de cigarrilha.

— O que acabou de acontecer lá fora? — ele murmurou.

— Eu… eu não sei.

O rosto de Aron estava vermelho como uma beterraba.

— Você sabia que isso ia acontecer? Que ele pretendia romper nosso noivado?

— Não, é claro que não! Eu não tinha ideia até… até… — Pela deusa, o que havia acabado de acontecer? Não podia ser verdade!

— Ele não pode mudar o que já está determinado — Aron estava tão furioso que chegava a cuspir. — Nós devemos ficar juntos, e ponto final! Já estava decidido!

— É claro que sim — ela conseguiu dizer, com muito mais reserva do que sentia. Ela não tinha nenhuma afeição profunda pelo belo porém insosso lorde Aron, mas preferia passar mil anos em sua companhia do que uma hora sozinha com Magnus.

O príncipe sombrio havia matado o primeiro rapaz que ela amara — o atacara pelas costas com uma espada enquanto Theon tentava protegê-la. A lembrança da morte de Theon fez uma nova onda de sofrimento crescer dentro dela, quente e densa o bastante para fazê-la engasgar.

Aprisionada havia semanas no palácio depois de ser capturada, Cleo conhecera as profundezas do desespero e do luto — por Theon; por seu pai; por sua irmã, Emilia. Tudo fora arrancado dela. Tanta tristeza abrira um buraco frio e sem fundo em seu peito, que nunca seria preenchido. Ela poderia se perder em tamanha escuridão se não tivesse cuidado.

— Vou dar um jeito nisso. — O cheiro de vinho no hálito de Aron estava ainda mais forte do que o normal. Ele olhou na direção do rei quando este saiu do terraço. — Vossa majestade, é fundamental que eu fale com o senhor imediatamente!

O rei tinha um sorriso reluzente no rosto, combinando com a coroa dourada incrustada de rubis que os dedos de Cleo coçavam para arrancar de sua cabeça. Aquela coroa e tudo o que ela representava pertenciam ao seu pai.

Pertenciam a *ela*.

— Certamente eu ficaria feliz em falar com você sobre qualquer assunto, lorde Aron.

— Em particular, vossa majestade.

O rei Gaius ergueu uma sobrancelha. Um humor sombrio iluminou seu rosto quando ele encarou o jovem lorde que esbravejava diante dele.

— Se você insiste.

Os dois saíram sem demora, deixando Cleo ali sozinha, apoiada na parede fria e lisa enquanto tentava retomar o fôlego e os pensamentos — ambos acelerados.

Magnus foi o próximo a sair do terraço. Ele olhou para ela, sem expressão.

— Parece que meu pai tinha uma surpresinha guardada para nós hoje, não é?

O príncipe era ao mesmo tempo friamente belo, como seu pai traiçoeiro, e imponentemente alto. Cleo tinha visto muitas meninas o observando nas últimas três semanas, os olhos brilhando de interesse. A única coisa que estragava sua beleza era uma cicatriz do lado direito do rosto, um arco que ia do alto da orelha até o canto da boca.

Um gosto amargo subiu até sua garganta ao vê-lo.

— Não tente me convencer de que não sabia nada sobre isso.

— Não estou tentando convencê-la de nada, princesa. Sinceramente, não estou muito interessado no que você pensa de mim ou de qualquer pessoa.

— Não vai acontecer. — A voz dela era baixa, mas firme. — Eu nunca vou me casar com você.

Ele deu de ombros preguiçosamente.

— Explique isso ao meu pai.

— Estou explicando a você.

— Meu pai toma as decisões, e ele gosta que sejam seguidas sem discussão. Sinta-se totalmente à vontade para brigar com ele sobre isso.

O ultraje que ela sentia rapidamente se dissipou, restando apenas a descrença.

— Isso só pode ser um sonho. Não, não um sonho: um pesadelo. Um pesadelo terrível.

Os lábios de Magnus se afinaram.

— Para nós dois, princesa. Não tenha dúvidas quanto a isso.

A rainha Althea se aproximou e segurou as mãos de Cleo. As dela eram secas e quentes, exatamente como as do filho. Parecia que ela estava tentando sorrir, mas a expressão era tão falsa em seu rosto de traços finos como seriam penas em uma cabra.

— Minha querida, é uma honra recebê-la em nossa família. Tenho certeza de que um dia você será uma rainha extraordinária.

Cleo mordeu a língua até quase tirar sangue para não dizer que ela *já era rainha*. Só que o Rei Sanguinário estava no caminho de seu título de direito.

— Teremos muito trabalho para planejar um casamento adequado para o meu filho — a rainha continuou, ignorando a falta de resposta de Cleo. — E precisamos fazer isso rápido, dada a proximidade da data. Ouvi falar de um estilista exemplar em Pico do Falcão que será perfeito para fazer seu vestido. Iremos até lá em breve. Será bom para o povo ver sua amada princesa dourada andando entre eles novamente. Elevará os espíritos em todo o reino.

Cleo não conseguia encontrar palavras, então nem tentou responder. Ela concordou com a cabeça e baixou os olhos para ocultar a raiva. Por entre os cílios, viu a rainha Althea olhar para Magnus, como se transmitisse algum tipo de mensagem através de seus olhos azul-claros. Depois ela acenou com a cabeça para os dois e seguiu pelo corredor.

— Minha mãe entende muito de moda e beleza — Magnus disse, displicente. — É a paixão dela, da qual ela sempre desejou que minha irmã compartilhasse.

A irmã dele — princesa Lucia. Já havia três semanas que a princesa limeriana estava em coma depois de ter sido ferida na explosão que escancarou a entrada do palácio e possibilitou ao rei Gaius e seu exército uma vitória violenta.

Cleo havia notado que a menção à irmã enferma era a única coisa que parecia suscitar um pingo de emoção no olhar grave de Magnus. Muitos curandeiros a haviam examinado, entre eles os

maiores e mais bem-sucedidos do reino. Ninguém conseguiu determinar o que havia de errado com ela ou descobrir qualquer ferimento que explicasse sua condição.

Cleo havia sugerido que sua querida amiga Mira Cassian, antiga dama de companhia de sua irmã, fosse designada criada de Lucia, na esperança de que o rei a considerasse útil demais para rebaixá-la a empregada da cozinha. Felizmente, havia dado certo. Mira contou a Cleo que a princesa levantava de seu repouso como se estivesse em transe, apenas o suficiente para consumir alimentos especialmente triturados para garantir sua sobrevivência, mas nunca ficava totalmente consciente. Era um verdadeiro mistério o que havia acontecido com a princesa de Limeros.

— Vou deixar uma coisa bem clara, príncipe Magnus — Cleo disse com firmeza, esforçando-se para expulsar o tremor de sua voz. — Eu nunca serei forçada a me casar com alguém que eu odeie. E eu odeio você.

Magnus a observou por um instante, como se ela fosse algo que ele pudesse esmagar facilmente sob a sola da bota.

— Muito cuidado com o jeito que fala comigo, princesa Cleiona.

Ela empinou o queixo.

— Ou você vai fazer o quê? Enfiar uma espada em mim quando eu virar as costas, como fez com Theon? Seu covarde fraco!

Em um segundo, ele agarrou o braço dela com força suficiente para fazê-la estremecer e a empurrou contra a parede de pedra. A raiva transpareceu em seu olhar, e também algo inesperado — algo como dor.

— Se você dá valor à sua vida, princesa, nunca, jamais me chame de covarde novamente. Estou avisando.

Sua expressão exaltada era tão diferente do olhar gélido de sempre que ela ficou confusa. Ele havia ficado furioso ou magoado com suas palavras? Talvez as duas coisas?

— Me solte — ela sussurrou.

Os olhos dele — frios como diamantes negros, desalmados, cruéis — a imobilizaram por mais um instante, até que a soltou de forma tão abrupta que Cleo desabou junto à parede.

Um guarda vestindo o familiar uniforme vermelho limeriano se aproximou.

— Príncipe Magnus, seu pai requisita a presença do senhor e da princesa na sala do trono imediatamente.

Magnus finalmente desviou o olhar dela e se virou para o guarda.

— Muito bem.

O estômago de Cleo ficou embrulhado. Será que Aron havia sido bem-sucedido em sua argumentação contra aquele novo noivado?

Na sala do trono, o rei Gaius havia se instalado na poltrona dourada do pai dela. Esparramados no chão, a seus pés, estavam dois de seus cães horríveis — lébreis enormes e babões que rosnavam sempre que ela se aproximava demais. Para Cleo, pareciam mais demônios das terras sombrias do que cães.

Uma lembrança repentina de sua infância surgiu diante de seus olhos — o pai dela sentado naquele mesmo trono, os braços estendidos para ela, que conseguira escapar da rígida ama para correr direto até ele e subir em seu colo.

Ela rezou para que seus olhos não revelassem o quanto queria vingar a morte de seu pai. Por fora, ela não passava de uma adolescente, de corpo esguio e estatura pequena, nascida e criada com uma vida privilegiada, repleta de excessos e luxo. À primeira vista, ninguém veria Cleo como uma ameaça.

Mas ela sabia que era. Seu coração agora batia por um propósito — a única coisa que ajudou a estancar a torrente de luto que se abatera sobre ela.

Vingança.

Cleo sabia que estava viva porque o rei Gaius via alguma vantagem em manter a princesa auraniana a salvo. Ele a usava como representante do que restara da linhagem real da família Bellos em todas as questões que diziam respeito às políticas do rei e seu poder sobre o povo auraniano. Ela era um pardal preso em uma gaiola dourada, levada para fora quando necessário, para mostrar a todos como era bela e bem-comportada.

Então ela seria bela e bem-comportada. Por enquanto.

Mas não para sempre.

— Minha querida — o rei disse quando ela e Magnus se aproximaram. — Você fica mais adorável a cada dia que passa. É impressionante.

E você fica cada vez mais odioso e repugnante.

— Obrigada, majestade — ela disse com o máximo de doçura possível. O rei era um lobo em pele de cordeiro, e ela nunca subestimaria a força de sua mordida.

— Ficou satisfeita com o anúncio-surpresa de hoje? — ele perguntou.

Ela se esforçou para que sua expressão controlada não desabasse.

— Fico muito grata por ter me concedido uma posição tão honrada em seu reino.

O sorriso dele se abriu, mas não condizia nem um pouco com seus olhos castanho-escuros — o mesmo tom dos de Magnus.

— E você, meu filho, certamente também foi pego de surpresa. Foi uma decisão de última hora, para dizer a verdade. Achei que o povo ficaria feliz, e eu estava certo. Todos ficaram.

— Como sempre — Magnus respondeu —, eu acato sua decisão.

O som da voz do príncipe, grave e firme, tão parecida com a do pai, deixou os nervos de Cleo mais à flor da pele do que já estavam.

— Lorde Aron quis falar comigo em particular — o rei disse.

Em particular? Meia dúzia de guardas estavam distribuídos pela sala, com dois do lado de fora da passagem arqueada que levava à sala do trono. Ao lado do rei, em um trono menor, estava a rainha Althea, olhando para a frente, com lábios comedidos que não revelavam emoção alguma. Ela podia muito bem estar dormindo com os olhos abertos.

Aron estava à direita, com os braços cruzados.

— Sim — ele afirmou, arrogante. — Expliquei ao rei que essa mudança é inaceitável. Que o povo espera ansiosamente por nosso casamento. Minha mãe já avançou muito no planejamento da cerimônia. Eu quis falar com o rei para que ele reconsiderasse a decisão de hoje. Existem muitas garotas nobres e bonitas em Auranos que seriam muito mais adequadas ao príncipe Magnus.

O rei Gaius inclinou a cabeça, observando Aron sem se preocupar em conter o riso, como se ele fosse um macaquinho treinado.

— Claro. E como você se sente em relação a essa mudança abrupta, princesa Cleiona?

A boca dela ficara seca depois de ouvir o breve discurso de Aron, que mais parecia a birra de uma criança quando os brinquedos eram recolhidos na hora de dormir. Aron estava tão acostumado a ter as coisas do seu jeito que seu bom senso fora totalmente prejudicado. No entanto, ela não podia culpá-lo totalmente por tentar salvar o pouco poder que ainda tinha no palácio. Mas, se fosse esperto — e ela sabia que a inteligência não era um dos fortes de Aron —, veria que Cleo não detinha mais nenhum poder por ali, não tinha influência alguma além de ser um fantoche para manter o povo auraniano na linha e ganhar sua confiança.

Ela forçou um sorriso.

— Eu certamente me curvo diante de qualquer decisão que o sábio rei tomar em meu nome. — A falsidade das palavras se contorcia em sua garganta. — É só que… o argumento de Aron pode ter um certo fundamento. O reino já estava empolgado com a ideia de nós dois juntos depois da atitude muito… bem, muito *corajosa* de Aron para me proteger naquele dia no mercado paelsiano.

Ela estremeceu por dentro ao se lembrar do assassinato de Tomas Agallon, uma atitude que não teve nada a ver com proteção e sim com uma reação exagerada de Aron a um insulto pessoal.

— Garanto que isso foi considerado. — A coroa roubada do rei refletia a luz das tochas e brilhava. — Lorde Aron é muito bem aceito pelo povo auraniano, sem sombra de dúvida. Essa foi uma das razões que me levaram a conceder a ele o título de vassalo do rei.

Aron fez uma profunda reverência.

— E eu fico muito satisfeito com essa honra, vossa majestade.

— *Vassalo do rei* — Magnus murmurou atrás de Cleo, alto o bastante para apenas ela escutar. — Um título imponente demais para quem nunca esteve em uma batalha. Ridículo.

O rei Gaius observou Cleo atentamente.

— Deseja permanecer noiva de lorde Aron?

Ela quis responder imediatamente que sim — Aron, apesar dos pesares, era mais palatável do que Magnus —, mas parou para refletir. Não era ingênua o bastante para acreditar que tais “desejos” seriam concedidos. Depois de anunciar a data do casamento aos cidadãos, não havia chance alguma de o rei voltar atrás em sua proclamação. Concordar com Aron só a faria ser vista como tola — uma tola ingrata e desrespeitosa.

Cleo baixou a cabeça e observou os cães aos pés do rei como se fosse tímida demais para olhar diretamente em seus olhos.

— Vossa majestade, desejo apenas agradá-lo.

Ele assentiu levemente com a cabeça, como se aquela fosse a resposta correta.

— Então fico satisfeito que você permita que eu tome essa decisão em seu nome.

Aron soltou um resmungo de desgosto.

— Ah, o que é isso, Cleo?!

Ela lhe lançou um olhar cauteloso, alertando-o silenciosamente a tomar cuidado com o que dizia.

— Aron, você precisa entender que o rei sabe o que é certo.

— Mas nós deveríamos ficar juntos — ele choramingou.

— Você encontrará outra noiva, Aron. Mas receio que não possa ser eu.

A raiva brilhou em seus olhos, e ele se virou para encarar o príncipe Magnus.

— É muito importante que uma noiva seja pura até a noite do casamento. Não é?

O rosto de Cleo começou a pegar fogo.

— Aron!

Ele apontou para ela com selvageria.

— Cleo já entregou sua castidade a mim. Ela não é pura!

Fez-se um silêncio mortal.

Cleo lutou para manter o controle, mas sentiu que ele escorregava por entre os dedos. Lá estava seu terrível segredo — até então escondido de todos — exposto como um peixe tirado da água, agitado e viscoso para todo mundo ver.

Ela tinha lembranças enevoadas de uma festa, vinho demais, uma princesa mimada que gostava de se esquecer de tudo e se divertir — e Aron, um lorde belo e popular desejado por todas as suas amigas, que queria estar com ela mais do que qualquer outra pessoa. Quando ficou sóbria, Cleo se deu conta de que havia cometido um erro terrível ao sacrificar sua virgindade com um garoto tão vaidoso e superficial.

Ser vista agora como uma princesa desgraçada em uma terra que valorizava a pureza como a virtude mais importante de uma noiva podia significar sua derradeira queda. Ela perderia o pouco poder que lhe restava no palácio.

Restava apenas uma opção para se salvar daquela situação.

— Aron — ela disse da maneira mais seca que conseguiu. — Quase sinto pena de você por precisar mentir a esse extremo. Não consegue simplesmente aceitar a derrota com elegância?

Os olhos dele se arregalaram tanto que ela conseguiu ver a parte branca em volta de suas íris.

— Não é mentira! Você me quis tanto quanto eu quis você! Precisa admitir que essa é a verdade e agradecer por eu ainda querê-la!

O rei Gaius se encostou no trono e olhou para eles, com as mãos unidas.

— Parece que temos um desentendimento aqui. A verdade é muito importante para mim; a coisa mais importante de todas. Mentiras não são toleradas. Princesa, está dizendo que este rapaz mentiria sobre algo tão importante?

— Sim — ela disse sem hesitação e lançou ao rei um olhar perspicaz. — Ele está mentindo.

— Cleo! —Aron vociferou, ultrajado.

— Então — o rei disse —, não tenho outra escolha além de acreditar em você. — Ele olhou rapidamente para Magnus. — Diga-me, meu filho, o que costumamos fazer em Limeros com quem mente para o rei?

O rosto de Magnus estava indecifrável como sempre, os braços cruzados diante do peito.

— A penalidade por mentir é ter a língua cortada.

O rei assentiu, depois fez um gesto para os guardas.

Dois guardas deram um passo à frente e agarraram os braços de Aron com força. Ele perdeu o ar e seu rosto encheu-se de medo.

— Vossa majestade não pode fazer isso! Não estou mentindo! Nunca mentiria para o senhor; obedeço suas ordens em todos os sentidos. O senhor é meu rei agora! Por favor, acredite em mim!

O rei não disse nada, mas fez um sinal com a cabeça para outro guarda, que se aproximou tirando uma adaga da bainha em sua cintura.

Aron foi obrigado a ficar de joelhos. Um quarto guarda segurou seu maxilar, agarrou um punhado de cabelo, e abriu a boca dele à força. O guarda usou uma pinça de metal para puxar sua língua para fora, e Aron soltou um grito sufocado de terror.

Cleo assistia a tudo isso completamente em choque.

Ela odiava Aron. Odiava ter compartilhado seu corpo com ele — consolando-se apenas com o fato de que estava bêbada demais para se lembrar de muita coisa do ato em si. Odiava-o por ter matado Tomas Agallon e não sentir um pingo de remorso. Odiava que Aron fosse tão insensível a ponto de não entender por que tudo aquilo era indigno para ela.

Ele merecia ser punido de muitas maneiras. *De verdade*.

Mas não por isso.

Ele havia dito a verdade ao rei.

No entanto… admitir que *ela* havia mentido…

Ó, deusa Cleiona… Cleo raramente rezava para a divindade auraniana de quem recebera o nome, mas certamente abriria uma exceção dessa vez. *Por favor, por favor, me ajude.*

Ela podia deixar aquilo acontecer sem protestar. Poderia ser seu segredo até o dia de sua morte. Ninguém nunca mais acreditaria em Aron depois daquela punição.

Seus punhos estavam tão apertados que as unhas cravavam dolorosamente na palma das mãos enquanto ela via a adaga se aproximar da boca de Aron. Ele soltou um guincho aterrorizado.

— Pare! — Cleo gritou, deixando a palavra escapar antes mesmo de se dar conta. Ela tremia dos pés à cabeça, o coração batendo tão forte que sacudia seu corpo todo. — Não faça isso! Por favor,

não! Ele não mentiu. Ele… estava dizendo a verdade! Ficamos juntos uma única vez. Eu entreguei minha castidade a ele conscientemente e sem reservas!

O guarda que segurava a adaga ficou paralisado, com a borda da lâmina pressionando a língua rosada e contorcida de Aron.

— Bem — o rei Gaius disse com suavidade, mas Cleo nunca tinha ouvido tanta ameaça na voz de alguém. — Isso certamente muda as coisas, não é?

3

MAGNUS

AURANOS

O rosto da princesa Cleo estava pálido e seu corpo literalmente tremia de medo diante da fúria do rei Gaius.

E pensar que Magnus acreditava que aquele reino dourado não teria entretenimento de valor.

Sua mãe permanecia em silêncio ao lado do rei, o rosto impassível em meio a todo o drama, como se não tivesse opinião nenhuma sobre línguas cortadas e virgindades perdidas. Em algum lugar por trás daquela expressão nula, ele sabia que a rainha certamente tinha uma opinião a respeito do que seu marido deveria fazer e com quem.

Mas aprendera havia muito tempo a não dizer o que pensava em voz alta.

O rei Gaius se inclinou para a frente para olhar a princesa maculada mais atentamente.

— Seu pai soube da sua perda de inocência vergonhosa antes de morrer?

— Não, vossa majestade — ela soluçou.

Era uma tortura para ela. Para uma princesa, mesmo de um reino derrotado, admitir que fora desonrada antes da noite de núpcias…

Bem, simplesmente não acontecia. Ou, pelo menos, não era algo que alguém já tivesse admitido tão abertamente.

O rei balançou a cabeça lentamente.

— O que vamos fazer com você agora?

Magnus notou que os punhos de Cleo estavam fechados ao lado do corpo. Durante todo o tempo, seus olhos permaneceram secos, e sua expressão, soberba apesar do medo óbvio. Ela não chorou, nem caiu de joelhos e implorou perdão.

O rei Gaius adorava quando as pessoas lhe imploravam misericórdia. Raramente adiantava alguma coisa, mas ele apreciava mesmo assim.

Esse orgulho será sua ruína, princesa.

— Magnus — o rei disse —, o que acha que devemos fazer agora que essa informação foi revelada? Parece que firmei um compromisso entre você e uma prostituta.

Magnus não conseguiu conter o riso. Cleo olhou feio para ele, um olhar afiado como vidro quebrado, mas sua intenção não fora rir dela.

— Uma *prostituta*? — ele repetiu. Bem, seu pai havia especificamente pedido sua opinião, o que de fato era algo raro. Por que desperdiçar a oportunidade? — A garota admite ter passado uma noite com lorde Aron, um rapaz com quem pretendia se casar. Talvez desde então tenham se dado conta de que agiram impulsivamente ao ceder a suas… paixões. Sinceramente, não vejo isso como um crime assim como você. Caso não saiba, também não mantive minha castidade.

Falar tão francamente poderia ter vários resultados diferentes — negativos ou positivos. Magnus ignorou o frio na barriga e manteve a expressão mais neutra possível enquanto esperava para descobrir o que aconteceria.

O rei recostou, olhando friamente para ele.

— E quanto à confissão dela de que mentiu para mim?

— Se eu estivesse na posição dela, teria feito a mesma coisa, numa tentativa de recuperar minha reputação.

— Acredita que devo perdoá-la por essa leviandade?

— Isso, é claro, fica a seu critério. — De canto de olho, ele podia ver Cleo o encarando, como se estivesse surpresa por ele sair em sua defesa.

Não era uma defesa. Era uma excelente chance de testar os limites da paciência do rei com seu filho e herdeiro, agora que havia chegado aos dezoito anos. Magnus agora era um homem, então não podia mais agir como um menino e se acovardar diante da possível fúria de seu pai.

— Não — o rei disse. — Quero que você me diga. Diga o que acha que devo fazer, Magnus. Estou curioso para saber.

Havia cautela no tom de voz do rei, como o chocalho de uma cobra momentos antes de dar o bote.

Magnus ignorou.

Durante o anúncio inesperado no terraço, ele se sentiu impulsivo, sem se preocupar com as consequências. Naquela hora, Magnus lançou um olhar estupefato na direção do pai e recebeu um olhar duro em resposta. Um olhar que deixava claro que se ele discutisse aquela decisão, ficaria muito, muito arrependido.

Magnus nunca subestimaria o pai. A cicatriz que marcava seu rosto era um lembrete constante do que havia acontecido quando o contrariou. O rei não via problema em machucar aqueles que mais alegava amar — mesmo que fossem meninos de sete anos de idade.

Seu pai insistia em fazer joguinhos, mas Magnus não era uma peça de xadrez, era o futuro rei de Limeros — e agora de toda a Mítica. Ele também podia entrar no jogo se houvesse chance de vitória.

— Acho que deve perdoar a princesa desta vez. E se desculpar com lorde Aron por assustá-lo. O pobre rapaz parece muito perturbado.

O trêmulo lorde Aron estava tão coberto de suor que parecia ter saído para nadar no lago.

O rei ficou olhando para Magnus, incrédulo, por vários longos e pesados minutos. Depois começou a rir, um som denso que vinha do fundo da garganta.

— Meu filho quer que eu perdoe, esqueça e peça *desculpas* — ele disse a última palavra como se não soubesse seu significado. Provavelmente não sabia. — O que acha, lorde Aron? Devo me desculpar a você?

Aron continuava ajoelhado no chão como se não tivesse energia para se levantar sem ajuda. Magnus notou uma região úmida na virilha da calça, onde ele havia se molhado.

— Não… não, é claro que não, vossa majestade. — Aron conseguiu usar a língua que por pouco não perdera. — Sou eu que tenho que me desculpar por tentar dissuadi-lo de seus planos. É claro que vossa majestade tem razão em todas as coisas.

É isso que o meu pai gosta de ouvir, Magnus pensou.

— Minha decisão — disse o rei. — Sim, minha decisão era unir meu filho e a jovem Cleiona. Mas isso foi antes de saber a verdade sobre ela. Magnus, diga-me, o que deve acontecer agora? Quer manchar sua honra comprometendo-se com um garota assim?

Ah, agora ele havia chegado à inevitável bifurcação na estrada. Muito apropriado, já que estradas andavam tão presentes na mente de seu pai ultimamente.

Uma palavra dele podia romper aquele noivado absurdo e livrá-lo de qualquer compromisso com a princesa, que nem tentava esconder seu ódio infinito por ele. Refletido nos olhos dela estava o momento brutal que havia mudado Magnus para sempre.

Não tanto por Theon Ranus ter sido a primeira pessoa que Magnus matou. O jovem guarda tinha que morrer, porque teria matado Magnus sem hesitar para defender a princesa que amava. Era o fato de Magnus ter assassinado o rapaz pelas costas que o assombraria para sempre. Havia sido o ato de um covarde, não de um príncipe.

— E então, meu filho? — o rei incitou. — Quer romper esse noivado? A decisão é sua.

Até então, seu pai considerava Cleo um símbolo de sua nova e frágil posse de Auranos. Apesar de sua reputação conhecida de rei

violento que distribuía punições sem misericórdia, o rei Gaius desejava ser respeitado e admirado por seus novos súditos, não temido, e os estava bajulando com belos discursos e promessas grandiosas de um futuro brilhante. Tais cidadãos seriam muito mais fáceis de controlar — principalmente com o exército limeriano agora disperso pelos três reinos —, e o rei acreditava que isso reprimiria qualquer anarquia, além de alguns poucos e escassos, porém problemáticos, rebeldes.

Apesar do que havia sido revelado sobre a princesa, Magnus acreditava que Cleo continuaria sendo um trunfo valioso durante aquele período delicado de transição. Um pouco de poder dourado para iluminar o caminho escuro à frente.

Poder importava para seu pai. E também importava para Magnus.

Qualquer poder que ele pudesse obter para si não era algo a ser descartado de maneira impensada. E embora ele desejasse voltar para Limeros tão rápido quanto um navio pudesse levá-lo, sabia que era impossível. Seu pai queria ficar naquele palácio dourado.

Enquanto estivesse ali, Magnus precisaria fazer escolhas que lhe servissem no presente e no futuro.

— É uma decisão difícil, pai — Magnus finalmente respondeu. — A princesa Cleiona certamente é uma garota complicada. — Mais do que ele jamais havia imaginado. Talvez ele não fosse o único que sentisse necessidade de usar máscaras todos os dias. — Ela admitiu ter sacrificado sua castidade com esse rapaz. Teve algum outro, princesa?

O rosto de Cleo corou, mas seu olhar brutal dava a entender que era mais por fúria do que constrangimento. Ainda assim, ele achava que era uma pergunta válida. Ela havia declarado que amava o guarda morto — uma declaração que nunca fez a respeito de lorde Aron. Quantos haviam aquecido a cama da princesa auraniana?

— Não houve mais ninguém. — Cada palavra era um rosnado. E graças ao olhar firme e afiado em seus olhos azuis, ele acreditou.

Ele não falou por um instante, deixando os segundos se tornarem longos e desconfortáveis.

— Assim sendo, não vejo nenhuma razão lógica para o noivado ser rompido.

— Você a aceita? — o rei perguntou.

— Sim. Mas espero que não haja mais nenhuma surpresa no que diz respeito a minha futura esposa.

Cleo ficou boquiaberta, em choque. Talvez ela não tivesse se dado conta de que aquela união desagradável dizia respeito apenas ao poder de *Magnus* e nada mais.

— A menos que precise de mim para mais alguma coisa, pai — Magnus disse com firmeza —, gostaria de visitar o leito de minha irmã.

— Sim, é claro. — O rei observou Magnus com olhos semicerrados, inquisidores, também parecendo surpreso pelo filho não ter aproveitado a oportunidade de acabar com o inesperado noivado. Magnus se virou e saiu rapidamente da sala do trono, esperando que não tivesse cometido um erro muito grave.

A criada deu um salto quando Magnus entrou pelas portas de madeira dos aposentos de Lucia. Ela olhou para o chão e ficou passando o dedo nervosamente pelos longos cabelos ruivos.

— Perdão, príncipe Magnus. O senhor me assustou.

Ignorando-a, ele entrou no quarto, com a atenção focada inteiramente na garota na cama com dossel. Tão diferentes de sua residência mais austera em Limeros, aqueles cômodos tinham piso de mármore e grossos tapetes de pele. Tapeçarias coloridas retratando belos prados e animais fantásticos — um parecia ser o cruzamento de um coelho com um leão — adornavam as paredes. O sol brilhante chegava em raios suaves pelas portas de vidro que davam para o terraço. As lareiras não estavam constantemente acesas para impedir que o frio entrasse no palácio, pois em Auranos o clima era quente e temperado comparado ao gelo e ao frio de Limeros. Os lençóis eram feitos de seda clara e luxuosa, o que só tornava os cabelos pretos de Lucia muito mais escuros, e seus lábios, muito mais vermelhos.

A beleza de sua irmã sempre o pegava de surpresa.

Sua irmã. Era como ele sempre vira Lucia. Apenas recentemente havia descoberto que ela era adotada — tinha sido roubada de seu

berço em Paelsia e levada para o castelo de seu pai para ser criada como a princesa limeriana. Tudo por causa de uma profecia. Uma profecia que dizia que Lucia se tornaria uma feiticeira capaz de utilizar as quatro partes dos *elementia*: magia do ar, do fogo, da água e da terra.

A confusão de descobrir que ela não era sua irmã de sangue, o alívio por seu desejo anormal por ela não ser um pecado realmente sombrio, e o olhar de desgosto dela quando ele não conseguiu conter sua necessidade de beijá-la — tudo voltou à tona naquele momento.

A esperança radiante havia sido marcada para sempre pela dor cruel.

Lucia o amava, mas era o amor de uma irmã pelo irmão mais velho — só isso. Mas não era suficiente. Nunca seria suficiente.

E agora, o pensamento de que ela havia se sacrificado para ajudar o pai e poderia nunca mais acordar…

Ela *tinha* que acordar.

Seu olhar se desviou para a criada, a garota auraniana que a princesa Cleiona havia insistido que seria perfeita para a tarefa. Suas curvas suaves mostravam que não havia passado por muitas dificuldades, apesar de agora usar o vestido simples de uma criada.

— Como se chama? — ele perguntou.

— Mira Cassian, vossa graça.

Ele apertou os olhos.

— Seu irmão é Nicolo Cassian?

— Sim, vossa graça.

— Em Paelsia, ele atirou uma pedra na minha cabeça e depois me deixou inconsciente com o cabo de uma espada. Ele podia ter me matado.

Um tremor passou pelo corpo dela.

— Estou muito feliz por meu irmão não ter lhe causado nenhum dano permanente, vossa graça. — Ela piscou, olhando nos olhos dele. — Eu não o vejo há semanas. Ele… ele ainda está vivo?

— Certamente merecia morrer pelo que fez, não acha?

Ele não havia compartilhado aquela história com muita gente. Nicolo Cassian havia atacado Magnus para fazê-lo soltar Cleo

depois que matara Theon. Era dever de Magnus capturar a princesa e levá-la a Limeros para que o rei pudesse usá-la como moeda de barganha contra seu pai. Ele havia falhado e acordado sozinho, cercado por cadáveres e pela amarga derrota.

Nic agora trabalhava nos estábulos, enterrado até o joelho na sujeira dos cavalos, sem permissão para entrar no castelo. O garoto deveria ser eternamente grato por Magnus não ter exigido que pagasse com a vida.

Ele virou as costas para Mira e se concentrou em Lucia. Não ouviu a porta se abrir, mas não demorou muito até a sombra de seu pai recair sobre ele.

— Ficou bravo comigo pelo anúncio que fiz hoje — o rei disse. Não era uma pergunta.

Magnus rangeu os dentes e ponderou a resposta antes de falar.

— Fiquei… surpreso. A garota me odeia, e eu só sinto apatia por ela.

— Não há necessidade de que o amor, ou mesmo a afeição, desempenhem qualquer papel em um casamento. É uma união apenas por necessidade, por estratégia política.

— Sei disso.

— Vamos encontrar uma amante que lhe proporcione todo o prazer que faltar em seu casamento. Uma cortesã, talvez.

— Talvez — Magnus consentiu.

— Ou talvez prefira uma criadinha bonita para satisfazer suas necessidades. — O rei olhou na direção de Mira, que astutamente permaneceu nos fundos do quarto, com os ouvidos fora de alcance. — Falando em criadinhas bonitas, lembra-se daquela criada da cozinha que nos causou algumas dificuldades em casa? Aquela com tendência para espionar. Qual era o nome dela? Amia?

Amia havia sido um flerte casual de Magnus, assim como um par de ouvidos atentos para as fofocas do palácio. Ela teria feito de tudo pelo príncipe. Tamanha lealdade lhe rendera tortura e chicotadas, mas ainda assim ela não revelou sua ligação com ele. Mas por que seu pai se daria o trabalho de lembrar o nome dela?

— Acho que lembro. O que tem ela?

— Ela fugiu do castelo. Deve ter achado que eu não notaria, mas notei.

Ela tinha fugido porque Magnus a havia mandado para longe, com moedas suficientes para iniciar uma nova vida em outro lugar.

— É mesmo?

O rei se abaixou para tirar os cabelos escuros do rosto de Lucia.

— Mandei uns homens atrás dela. Recebi a notícia de que a encontraram com facilidade, com um saco de ouro roubado de nós. Claro que a executaram imediatamente. — Ele voltou sua atenção para Magnus com um pequeno sorriso no rosto. — Achei que gostaria de saber.

Magnus ignorou a pontada de dor repentina em seu peito. Mediu as palavras antes de dizer:

— Foi… um fim merecido para uma ladra.

— Fico feliz por estarmos de acordo.

Amia havia sido ingênua e tola — uma menina que não tinha o coração duro o bastante para sobreviver à aspereza do palácio limeriano. Mas ela não merecia morrer. Magnus esperou o sofrimento surgir, mas sentiu apenas uma frieza escorregando pela pele. Parte dele esperava por aquilo desde que a carruagem de Amia partira do castelo, mas ele tinha esperanças. Devia ter imaginado. Seu pai nunca permitiria que alguém em posse de segredos comprometedores sobre ele fugisse.

O destino da garota havia sido selado no momento em que seu caminho cruzou com o dos Damora. Aquilo não passava de uma confirmação. Ainda assim, Magnus ficou irritado por seu pai dizer aquilo tão casualmente, quando a morte de Amia era tudo menos casual. O rei o estava testando, procurando fraquezas em seu herdeiro.

O rei o testava o tempo todo.

Eles ficaram em silêncio por um instante; Lucia era o ponto focal entre os dois.

— Preciso que ela acorde — o rei disse, com o maxilar tenso.

— Ela já não fez demais por você?

— A magia dela é a chave para encontrar a Tétrade.

— E quem disse isso? — Sua impaciência crescente com as decisões que o pai havia tomado naquele dia tornou suas palavras mais cortantes do que o normal. — Uma bruxa qualquer que precisava de prata? Ou talvez um falcão tenha pousado em seu ombro e sussurrado…

A força da mão do pai contra seu rosto marcado pela cicatriz o pegou totalmente de surpresa. Ele colocou a palma da mão sobre a bochecha e ficou olhando para o rei.

— Nunca zombe de mim, Magnus — o rei esbravejou. — E nunca mais me faça parecer um tolo na frente dos outros como fez hoje. Está me ouvindo?

— Estou — ele respondeu entredentes.

O pai não batia nele havia algum tempo, mas fora uma prática comum em sua juventude. Como a naja, emblema oficial de Limeros, o rei Gaius atacava com violência e malícia quando irritado ou desafiado.

Magnus lutou contra o ímpeto de sair daquele quarto pois sabia que isso o faria parecer fraco.

— Recebi essa informação de minha mais nova conselheira real — o rei disse finalmente. Ele foi para o lado oposto da cama de Lucia, com a atenção novamente fixa em seu rosto pacífico.

— Quem é?

— Não é da sua conta.

— Deixe-me adivinhar. Essa conselheira misteriosa também sugeriu que a construção da estrada passasse por dentro das Montanhas Proibidas?

Isso rendeu a Magnus um olhar que retomava certo respeito. Ele havia feito a pergunta certa.

— Sim, ela sugeriu.

Então a nova conselheira de seu pai era uma mulher. Não foi uma surpresa muito grande para Magnus. A última conselheira de confiança do rei havia sido sua amante de longa data — uma bruxa bela e traiçoeira que atendia pelo nome de Sabina.

— Realmente acredita que a Tétrade é real?

— Acredito.

A Tétrade era uma lenda — Magnus nunca achou que fosse mais do que isso. Quatro cristais contendo a essência dos *elementia*, perdidos milhares de anos atrás. Possuí-los conferiria ao detentor poder absoluto — o poder de um deus.

Magnus estava tentado a acreditar que seu pai estava louco, mas não havia nenhuma loucura em seu olhar firme. Estava claro e focado, se não obcecado. O rei realmente acreditava na Tétrade e na existência dos vigilantes. Até pouco tempo antes, Magnus não compartilhava dessa crença. Mas a prova da magia, dos *elementia*, estava deitada naquela cama. Ele havia visto com os próprios olhos. E se a profecia sobre uma feiticeira podia ser real, a Tétrade também.

— Vou deixá-lo tomando conta de sua irmã. Informe-me imediatamente se ela acordar. — O rei então saiu dos aposentos de Lucia, deixando Magnus sozinho com a princesa adormecida e seus próprios pensamentos atormentados.

A magia dela é a chave.

Ele ficou em silêncio por um tempo, com o olhar focado no terraço e na radiante tarde ensolarada. Oliveiras em vasos balançavam graciosamente na brisa quente. Ele podia ouvir o gorjear dos pássaros e sentir o cheiro doce das flores.

Magnus odiava aquele lugar.

Preferia mil vezes a neve e o gelo, as características mais conhecidas de Limeros. Ele gostava do frio. Era simples. Era perfeito e puro.

Mas era naquela terra dourada que seu pai acreditava ser possível iniciar a busca pela essência da magia elementar, e não em Limeros. E se aquela bela garota que dormia diante de seus olhos era a chave para encontrá-la, Magnus não podia ignorar a informação.

Com a Tétrade em mãos, ele e Lucia seriam verdadeiramente iguais, em todos os sentidos. Ele não ousava ter mais esperanças — de que talvez a posse da Tétrade fizesse Lucia olhar para ele de outra forma. Em vez disso, refletiu que se conseguisse encontrar aquele tesouro perdido, provaria seu valor ao rei e conquistaria o respeito de seu pai de uma vez por todas.

— Acorde, Lucia — ele pediu. — Encontraremos a Tétrade juntos, eu e você.

Seu olhar recaiu, alarmado, em Mira, que havia se aproximado para encher um cálice de água. Ela olhou para ele e pareceu chocada com o olhar frio que recebeu.

— Vossa alteza?

— Tenha muito cuidado — ele alertou em voz baixa. — Orelhas muito ávidas por escutar segredos correm o risco de serem cortadas.

Com o rosto muito vermelho, ela se virou e voltou rápido para o outro lado do quarto. Uma criada não tinha voz em seu próprio destino. Mas o filho de um rei… bem, era uma questão totalmente diferente.

O rei queria a Tétrade para obter seu poder eterno e absoluto. Esse podia ser o teste definitivo para seu filho e herdeiro.

Se realmente existisse, Magnus decidiu, agarrando os cobertores aveludados de Lucia, seria *ele* quem a encontraria.

4

LUCIA

O SANTUÁRIO

Lucia se lembrava da explosão — dos gritos, do choro. Os corpos ensanguentados e dilacerados ao seu redor. Olhos sem vida em cabeças deitadas sobre poças de sangue. Depois a escuridão durou tanto tempo que ela achou que estava morta e não tinha ido para o tranquilo além, mas para as terras sombrias, lugar para onde iam as pessoas más quando morriam — um lugar de tormento infinito e desespero.

Às vezes ela achava que tinha acordado, mas em seguida era empurrada de volta para as profundezas infinitas do sono. Sua mente estava enevoada e confusa.

Ela havia rezado desesperadamente para a deusa Valoria perdoá-la… para salvá-la… mas suas preces à deusa limeriana não haviam sido atendidas.

Mas então, finalmente, a alvorada. Raios de sol aqueceram sua pele com o calor de um dia de verão. E muito, muito devagar, ela abriu os olhos, piscando para clarear a visão. As cores eram tão

vivas e radiantes que ela precisou proteger os olhos até se acostumar com aquela intensidade inesperada.

Lucia percebeu que usava seda branca esvoaçante, um lindo vestido com bordado dourado no corpete, o mais belo que a melhor das costureiras poderia criar.

Um prado exuberante estendia-se por quilômetros à sua volta. Acima, um magnífico céu azul. O perfume de flores silvestres enchia o ar quente. Havia um aglomerado de árvores perfumadas, carregadas de frutas e flores à sua direita. Ela sentiu a grama e o musgo suaves sob a palma das mãos ao se levantar para absorver o entorno, cada vez mais chocada.

À primeira vista, o prado parecia igual a qualquer outro, mas não era. Várias árvores que pareciam salgueiros cintilavam como se fossem feitas de cristais, com galhos que tocavam o chão como delicadas penas de vidro. Outras árvores pareciam dar frutos dourados em galhos adornados com folhas que lembravam joias. A grama não era apenas verde-esmeralda, mas salpicada de prateado e dourado, como se cada lâmina tivesse sido mergulhada em metais preciosos.

Ao longe, à esquerda, havia colinas verdejantes — atrás das quais era possível ver uma cidade que parecia totalmente feita de cristal e luz. Mais perto do prado havia duas belas rodas esculpidas em pedra, afundadas na terra, uma de frente para a outra, cada uma da altura de três homens adultos, brilhando à luz do dia como se fossem recobertas de diamantes.

Era tudo tão estranho e belo que, por um longo momento, ela ficou sem fôlego e hipnotizada.

— Onde estou? — ela sussurrou.

— Bem-vinda ao Santuário, princesa.

Sua cabeça se virou rapidamente na direção das árvores, e ela viu um jovem se aproximando. Ela se esforçou para se levantar o mais rápido possível, afastando-se alguns passos dele.

— Não se aproxime! — Ele a havia assustado, e o coração dela batia como uma criatura selvagem aprisionada no peito. — Não chegue mais perto.

— Não vou lhe fazer mal.

Por que acreditaria nele? Ela cerrou o punho e invocou a magia do fogo. Sua mão irrompeu em chamas.

— Eu não conheço você. Pare aí mesmo ou juro que vou me defender!

Ele fez como ela pediu e se manteve a cinco passos de distância. Ele inclinou a cabeça e observou a mão dela, fascinado.

— A magia do fogo é a parte mais imprevisível dos *elementia*. Deve ter cautela ao utilizá-la.

— E você deveria ter cautela ao se aproximar de alguém sem avisar, se não quiser ser queimado.

Ela tentou parecer calma, mas havia sido pega de surpresa. Agora, tudo o que podia fazer era olhar fixamente para o garoto mais bonito que já tinha visto na vida. Alto e esguio, pele dourada, cabelos sedosos cor de bronze, olhos cor de prata escura. Ele usava uma camisa branca e larga, calças brancas e estava descalço sobre a grama macia e cintilante.

— Eu vi o que você fez com a bruxa quando seus poderes despertaram totalmente — ele disse, como se estivessem tendo uma conversa trivial. — A amante do rei tentou forçá-la a usar seus *elementia* na presença dela. Você a reduziu a cinzas.

Ela sentiu uma onda de enjoo com a menção da morte terrível de Sabina. O cheiro da carne queimando ainda a assombrava.

— Como você pode ter testemunhado uma coisa dessas?

— Ficaria surpresa com o que sei a seu respeito, princesa. — A voz dele era como ouro líquido, fazendo um arrepio percorrer o corpo dela. — Meu nome é Ioannes. Sou um daqueles que os mortais conhecem como vigilantes. Eu… a *vigio* desde que era criança.

— Vigilante. — A palavra parou em sua garganta, e ela olhou-o nos olhos. — Você é um *vigilante*?

— Sou.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não acredito nessas histórias.

— Não são histórias. — Ele franziu a testa. — Bem, *são* histórias, mas isso não significa que não sejam verdadeiras. Acredite em mim, princesa, eu sou bem real. Tão real quanto você.

Impossível. Ele era *irreal* demais, tanto quanto aquele prado. Ela nunca tinha visto nada parecido com ele antes.

Ela manteve o punho cerrado e em chamas.

— E este lugar? Você disse que é o Santuário?

Ele deu uma olhada ao redor antes de fixar os olhos nela novamente.

— Isto é apenas uma cópia do meu lar. Estou visitando você em seus sonhos. Eu precisava vê-la, precisava me apresentar e dizer que posso ajudá-la. Quis fazer isso por muito tempo, e finalmente estou muito feliz em conhecê-la pessoalmente.

Então ele sorriu — um sorriso tão sincero, aberto e belo —, e o coração de Lucia deu um salto.

Não. Ela não podia se distrair com essas coisas. Sua cabeça estava inundada com o que ele havia dito até então, e sua mera presença a desequilibrava.

Em Limeros, apenas livros que continham fatos e verdades sólidas eram permitidos pelo rei no palácio para educar seus filhos. Mas Lucia havia nascido com uma sede de conhecimentos de todos os tipos, que iam além do que lhe era permitido. Conseguira pôr as mãos em livros proibidos de histórias infantis, através dos quais descobriu as lendas dos vigilantes e do Santuário. Havia lido histórias sobre a capacidade que eles tinham de entrar nos sonhos dos mortais. Mas eram apenas isso — histórias.

Aquilo não podia ser real. Podia?

— Se me vigia há tanto tempo quanto diz… — Parecia totalmente impossível que fosse verdade. Ele não parecia muito mais velho do que ela. — Então por que só se apresentou agora?

— Antes não era o momento certo. — Seus lábios se contorceram. — Mas, acredite, não sou o mais paciente entre meus semelhantes. Foi difícil esperar, mas estou me apresentando agora. Eu posso ajudá-la, princesa. E você pode me ajudar.

Ele estava falando bobagem. Se realmente era um vigilante, um ser imortal que vivia em um mundo diferente daquele dos mortais, por que precisaria da ajuda de uma garota de dezesseis anos?

Mas então ela se deu conta de que não era uma garota de dezesseis anos qualquer, como havia ficado claro ao deixar o punho

em chamas com o poder do pensamento.

— Não acredito em nada que está dizendo. — Ela colocou o máximo de convicção que conseguiu em suas palavras, mesmo sentindo um desejo repentino de descobrir tudo o que pudesse sobre Ioannes. — Vigilantes não passam de lendas, e isto… *isto* não passa de um sonho bobo. Estou sonhando com você, só isso. Você não passa de um produto da minha imaginação.

Ela nunca tinha se dado conta de que sua imaginação era tão incrível.

Ioannes cruzou os braços, analisando-a com interesse e uma ponta de frustração, mas não tentou chegar mais perto. Olhou novamente para o punho dela, que continuava queimando como uma tocha. Não causava nenhum desconforto nela, apenas uma leve sensação de calor.

— Pensei que seria mais fácil.

Ela riu daquilo, e o som saiu áspero de sua garganta.

— Não tem nada de fácil nisso, Ioannes. Quero acordar. Quero sair deste sonho.

Mas como um sonho podia parecer tão real? Ela conseguia sentir o cheiro das flores, sentia o chão sob seus pés descalços, a porosidade úmida do musgo, as cócegas provocadas pela grama. Nenhum sonho jamais fora tão real. E o que era aquela cidade de cristal sobre a colina? Não havia nada como aquilo no mundo mortal — nem como o prado estranho e mágico. Ela teria ouvido falar de algo tão surpreendente. Mesmo nos livros que descreviam as lendas dos vigilantes, ela nunca tinha visto uma ilustração ou descrição daquela cidade.

Ele acompanhou o olhar dela.

— É lá onde moramos.

Lucia voltou a encará-lo e respirou fundo.

— Então por que não estou lá? Por que estou nesse prado?

Ioannes percorreu a área rapidamente com os olhos.

— Foi aqui que eu peguei no sono para poder encontrá-la em meus sonhos. Aqui é reservado e silencioso. Poucos sabem que gosto de vir aqui.

Lucia começou a andar de um lado para o outro, em linhas curtas e rápidas, as saias brancas arrastando no chão, tão longas que quase a faziam tropeçar. Ela estava totalmente atenta a Ioannes, meio esperando que ele avançasse e a atacasse a qualquer momento. Que ele arrancasse o lindo rosto e revelasse algo terrível e feio por baixo. Talvez ele fosse um demônio que a estivesse mantendo adormecida e aprisionada em pesadelos — ela já havia lido sobre algo assim, embora também tivesse sido em um livro de histórias infantis, que devorou rapidamente antes de esconder embaixo da cama para ninguém ver.

Certo. Se estava presa ali, precisava conversar. Precisava de respostas para as perguntas que borbulhavam em sua garganta — sobre o estranho e encantador Ioannes, sobre tudo.

— Quantos anos você tem?

Ele ergueu as sobrancelhas como se não esperasse essa pergunta.

— Sou velho.

— Você não parece velho.

— Nenhum de nós parece. — A expressão de divertimento no rosto dele tinha começado a irritá-la. Não havia nada de divertido. — Pode apagar o fogo, princesa. Não pretendo lhe fazer mal hoje, posso garantir.

Sua mão continuava a queimar. Concentrando-se, fez as chamas aumentarem e brilharem mais. Ela não aceitaria ordens de ninguém, principalmente de um garoto imaginário de seus sonhos.

Aquilo só fez o sorriso de Ioannes aumentar.

— Muito bem, faça como quiser. Talvez se vir por si mesma o que eu sou, ainda que nos confins deste sonho, talvez comece a acreditar. Este é apenas nosso primeiro encontro. Haverá outros.

Um tremor espontâneo de antecipação percorreu seu corpo.

— Não se eu puder fazer algo a respeito. Logo vou acordar, e você terá desaparecido.

— Talvez. Mas mortais precisam dormir todos os dias, não precisam? Não vai conseguir escapar de mim tão fácil, princesa.

Lucia olhou feio para ele, mas teve de admitir que era um bom argumento.

— Observe. — Ele deu um passo para trás e ergueu as mãos ao lado do corpo. Um redemoinho o envolveu, borrando sua imagem por um instante, o ar se transformando, brilhando, girando.

No momento seguinte, seus braços eram asas, sua pele estava coberta de penas douradas que cintilavam sob a luz do sol. Com um bater de asas, ele levantou voo.

Era um falcão, que planava no alto do nítido céu azul. Impressionada, Lucia protegeu os olhos da luz brilhante, incapaz de desviar o olhar — e notou que seu fogo havia se extinguido sem que se desse conta.

Finalmente, ele pousou no galho de uma árvore próxima, carregada de maçãs douradas. Ao mesmo tempo hesitante e fascinada, ela se aproximou e ficou olhando para ele, surpresa por seus olhos terem mantido o mesmo tom prateado-escuro.

— Isso não prova nada — ela disse ao falcão, mas seu coração batia forte e rápido. — Qualquer coisa pode acontecer em um sonho. Isso não o torna real.

Ele soltou as garras afiadas do galho, mas, antes de tocar o chão, transformou-se em homem de novo. Ele olhou para si mesmo.

— Normalmente, quando mudamos de forma, não permanecemos vestidos. Penas se transformam em pele, pele se transforma em penas. É a única diferença que notaria se estivesse acordada.

O calor tomou conta de seu rosto diante da mera sugestão de que ele estaria completamente nu se ela estivesse acordada.

— Então suponho que devo ser grata por não passar de um sonho.

— Você sabe que isso é real porque sabe quem você é, o que você é. Seu destino está ligado ao Santuário, princesa. Está ligado aos vigilantes, à Tétrade. — Ele ousou se aproximar, com o olhar mais intenso. — Seu destino está ligado a *mim*, e sempre esteve.

A proximidade dele a perturbou e, por um momento, tornou-se impossível se concentrar ou falar.

Ela percebeu que havia substância e verdade no que ele dizia. O corpo dela podia estar inconsciente em uma cama, mas sua mente, seu espírito… estavam ali.

— Você me vigiou por causa da profecia — ela disse.

Ele franziu a testa enquanto olhava atentamente para ela, como se memorizasse seus traços.

— Sim. Você é a feiticeira que eu espero há um milênio.

— Que *você* espera?

Ioannes assentiu.

— Muitos não acreditavam, mas eu, sim. E esperei até você descobrir sua magia para me aproximar. Para guiá-la. Para ajudá-la. — Ele ficou em silêncio até que ela, novamente, olhou para a frente e encontrou diretamente seus olhos prateados. — Sua magia é poderosa demais para você nesse momento, e está ficando mais forte a cada dia. Você nem se deu conta disso ainda.

— Ah, pode acreditar — ela disse em voz baixa. — Estou bem ciente do quanto é poderosa.

Seu pai, o rei Gaius, obrigou-a a usar sua recém-descoberta magia para romper a proteção da entrada do castelo auraniano, após uma batalha sangrenta do lado de fora das muralhas da Cidade de Ouro. O feitiço de proteção se elevou como um dragão feroz diante dela, e a combinação dele com seus próprios *elementia* havia causado a explosão que matou tanta gente.

— Algum dia vou acordar? — ela sussurrou. — Ou vou morrer dormindo como punição pelo que fiz?

— Você não vai morrer dormindo. Disso eu tenho certeza.

Ela ficou aliviada com essas palavras.

— Como você sabe?

— Porque precisamos de você. Sua magia fará a diferença para nós, para o Santuário.

— Como?

Ioannes desviou o olhar e se virou para o prado, e sua expressão ficou mais tensa.

— A magia elementar que existe aqui, que foi aprisionada no meu mundo como areia em uma ampulheta, tem escapado desde que a Tétrade foi roubada de nós e perdida. Desde que a última feiticeira deixou de existir. A feiticeira que tinha exatamente a mesma magia que você. Seu nome era Eva, e ela também era uma vigilante imortal.

— Eva é meu segundo nome — Lucia disse, surpresa.

— Sim, é. E foi ela que lançou a profecia como suas últimas palavras antes de morrer, dizendo que a próxima feiticeira nasceria em mil anos. Uma mortal que deteria o poder dos *elementia* como ela. Você. O rei Gaius sabia da profecia o tempo todo. Ele sabia no que você se transformaria. Foi por isso que a criou como sua própria filha.

A cabeça de Lucia se esforçou para acompanhar o que ele dizia.

— O que aconteceu com Eva? Como uma vigilante imortal pode morrer?

— Ela cometeu um erro que lhe custou a vida.

— Qual?

Um sorriso triste apareceu no canto da boca dele.

— Ela se apaixonou pelo rapaz errado; um caçador mortal que a desviou do caminho e a afastou daqueles que a protegiam. Ele a destruiu.

Lucia percebeu que havia se aproximado ainda mais de Ioannes sem se dar conta — estava tão perto que, quando ele se virou para ela novamente, sua manga roçou no braço dela. Apesar de estar em um sonho, ela podia jurar que sentiu o calor da pele dele na sua.

Ela deu um passo trêmulo para trás.

Lucia sempre absorveu livros e informações; sua mente era ávida por mais do que os tutores queriam ensinar. E ninguém parecia saber muito sobre os *elementia*, uma vez que a magia era considerada uma lenda pela maioria, exceto por algumas pessoas acusadas de bruxaria. Até mesmo Sabina, que se autoproclamava bruxa, não havia mostrado nenhum sinal real de magia a Lucia — pelo menos não o suficiente para se defender quando Lucia protegeu Magnus e a si mesma daquela mulher diabólica.

Você não precisava matá-la, uma vozinha disse dentro dela. A mesma voz que a torturava desde o ocorrido. A lembrança do corpo sem vida e carbonizado de Sabina no chão invadiu sua mente mais uma vez.

— Conte mais, Ioannes — Lucia sussurrou. — Conte tudo.

Ele passou a mão pelos cabelos cor de bronze, com a expressão cada vez mais incerta.

— Faz muito tempo que Eva viveu. Lembranças sobre ela foram ficando incertas, até mesmo para mim.

— Mas faz mil anos que ela fez da profecia suas últimas palavras. Você não disse isso?

— Sim. A mesma época em que a Tétrade se perdeu de nós.

Ela respirou fundo.

— Você tem lembranças incertas de uma feiticeira que viveu há mil anos. Quantos anos você tem?

— Eu já disse, princesa. Sou velho.

— Certo, mas exatamente *quão* velho?

Ele hesitou, mas apenas por um instante.

— Dois mil anos.

Ela ficou olhando para ele em choque.

— Você não é velho. Você é uma relíquia da antiguidade.

Ele ergueu uma sobrancelha, formando um sorriso nos lábios.

— E você tem dezesseis anos mortais. Apenas uma criança.

— Não sou criança!

— É, sim.

Lucia resmungou de frustração. Aquela discussão não a estava levando a lugar nenhum, assim como as tentativas de entender como um vigilante de dois mil anos podia ter uma aparência tão jovem e atraente — mais do que qualquer outro garoto que já havia conhecido. Ela precisava se concentrar em obter mais conhecimento, mais informações que pudessem ajudá-la. Ela apontou para a cidade.

— Quero ir até lá. Quero falar com alguém, alguém que não tenha lembranças tão incertas sobre o que aconteceu exatamente com a última feiticeira, quem era ela, o que fez… qualquer coisa!

— É impossível, princesa. Isto é um sonho e, como eu disse, apenas uma cópia do que é real. E mesmo que não fosse, mortais não entram no Santuário, assim como vigilantes não saem, a menos que assumam a forma de falcão.

Aquela podia ser uma conversa real, mas ainda assim se passava nos confins de um sonho. O que ela via diante de si tinha tanto peso na realidade quanto uma pintura ou um esboço. Ela pensou na forma de falcão de Ioannes e em como ele costumava viajar ao

mundo mortal para espioná-la. Era desconcertante pensar que ele a vigiava desde que era apenas um bebê.

— É um dom tão maravilhoso poder assumir a forma de algo que voa — ela finalmente disse.

— Um dom — ele disse calmamente, e algo agudo e doloroso em sua voz chegou ao coração dela. — Ou uma maldição. Acho que depende totalmente do ponto de vista.

Ela franziu a testa, sem saber ao certo o motivo dessa mudança de tom.

— Você me arrastou para esse sonho porque diz que pode me ajudar. Como? Ou isso também está incerto para você?

Ela não pretendia parecer tão petulante, mas não pôde evitar. Ele não lhe dissera nada de útil, apenas fragmentos interessantes de informação que não tinham utilidade prática. O rosto de Ioannes se virou para a esquerda, e ele franziu muito a testa.

— Tem alguém aqui.

Ela olhou em volta. Eles estavam sozinhos.

— Quem?

Finalmente sua expressão relaxou.

— É minha amiga, Phaedra. Ela não nos fará mal. Provavelmente quis saber para onde eu havia desaparecido.

— Outra vigilante?

— Sim, claro. Ela está ajudando com a busca de informações, parte do que temos que fazer para…

Em seguida, ele desapareceu. Em um instante estava lá, no outro tinha ido embora.

Lucia olhou à sua volta, alarmada.

— Ioannes?

E então o prado e o Santuário sumiram, se desfazendo como vidro quebrado, desaparecendo e deixando apenas a escuridão para trás.

5

JONAS

AURANOS

Pico do Falcão, a maior cidade de Auranos, era um lugar excelente para se observar o verdadeiro significado de ter o Rei Sanguinário no trono.

Era também um excelente local para dois rebeldes semearem um pouco de revolução antes de voltarem para o acampamento nas florestas acidentadas das Terras Selvagens.

— Olhe só para eles — Jonas disse a Brion enquanto caminhavam pela lateral da estrada no coração do vibrante distrito comercial, composto por tavernas reluzentes, pousadas luxuosas e lojas vendendo todo tipo de mercadoria, de flores a joias e roupas. — Agindo como se nada tivesse mudado.

— Os auranianos certamente são… — Brion parou para encontrar a palavra certa. — Adaptáveis?

— Acho que estão mais para ingênuos. É revoltante. — Um garoto mais ou menos da idade deles passou, e Jonas o chamou. — Você mora aqui?

O jovem tinha cabelos loiros. Vestia roupas da mais fina seda, uma túnica cor de esmeralda, com detalhes bordados em dourado.

— Moro — respondeu, franzindo a testa ao olhar para os mantos rasgados e empoeirados dos dois. — Vocês… não são da região, não é?

Jonas cruzou os braços.

— Viemos a Pico do Falcão em busca de informações sobre como o povo desta bela cidade está lidando com o novo rei.

O olhar do garoto passeou pelas pessoas que andavam por ali sem olhar duas vezes, e depois parou num ponto à direita, onde dois soldados uniformizados do rei patrulhavam as transversais.

— Vocês trabalham para o rei Gaius? — ele perguntou.

— Diríamos que somos pesquisadores independentes — Brion respondeu.

O garoto ficou mexendo os pés, com nervosismo.

— Só posso falar por mim mesmo, mas estou mais do que feliz em receber um novo governante em Auranos. Ouvi falar de seu discurso na semana passada e de todas as promessas maravilhosas que ele fez, sobre a construção da estrada e o noivado de seu filho com a princesa Cleiona. Todos estamos muito empolgados com o casamento real no mês que vem.

— Acredita que eles formam um bom par? — Jonas perguntou.

Ele ficou pensativo.

— Eu acho que sim. E, se quer saber, acho que a princesa deveria agradecer à deusa por um noivado tão imponente. Isso mostra que o rei Gaius está disposto a deixar os conflitos de lado em nome de uma transição suave para o seu reinado. Ele coloca seus novos cidadãos em primeiro lugar. E, na verdade, não mudou muita coisa, apesar da… — Novamente seu olhar moveu-se na direção dos soldados de vermelho.— Presença crescente de seus homens.

Não mudou muita coisa. Talvez para alguém que passava sua vida privilegiada com a cabeça enfiada no próprio traseiro. Jonas e Brion haviam conversado com vários moradores da cidade desde sua chegada, no dia anterior, e a maioria havia dado a mesma resposta que aquele tolo. A vida era fácil antes, e eles acreditavam

que, se o rei Gaius governasse sem causar problemas, a vida continuaria assim indefinidamente.

— Você está sabendo da crescente presença rebelde em Auranos? — Brion perguntou.

O garoto juntou as sobrancelhas.

— Rebeldes? Não queremos problemas desse tipo.

— Não perguntei se queriam problemas, mas se ouviu falar deles.

— Ouvi falar de alguns grupos rebeldes dispersos, tanto auranianos quanto paelsianos, que estão causando dificuldades. Destruindo propriedades, incitando levantes.

Incitando levantes? Brion e Jonas trocaram um olhar curioso.

Tais rumores soavam como se os rebeldes não tivessem objetivos definidos. Mas tinham. Tudo o que Jonas decidia fazer — fosse destruição de propriedades, caça ilegal para comer ou roubo de suprimentos de armas para prática e proteção — visava criar um grupo mais forte de rebeldes, preparado para sublevar-se totalmente contra o rei quando chegasse a hora. Ele também concentrava grande parte de sua atenção no recrutamento de novos integrantes para o grupo.

O principal motivo da viagem de Jonas a Pico do Falcão era conseguir novos recrutas. Por ser a maior cidade de Auranos e estar localizada a menos de meio dia de viagem da Cidade de Ouro, era uma região importante onde Jonas sabia que precisaria de apoio rebelde. Naquela mesma manhã, Jonas havia convencido uma jovem e bela senhorita de Pico do Falcão a se unir à causa, e a esperar futuras instruções. Os levantes a que aquele garoto se referiu, no entanto, deviam ser obra de outras facções — talvez até mesmo auranianos. Era um bom indício de que nem todos eram tão inúteis como ele.

O garoto continuou:

— Também ouvi dizer que todos os rebeldes capturados são mortos. Quem em sã consciência desejaria entrar para esses grupos? — Em seguida seu olhar moveu-se com grande alarme entre os dois garotos, como se finalmente tivesse se dado conta de quem eram eles. — Eu, hum, preciso mesmo ir. Espero que aproveitem o resto do dia.

— Ah, nós aproveitaremos — Jonas gritou para ele enquanto o garoto se apressava sem dizer mais nada. — Com certeza aproveitaremos.

— Definitivamente *não* serve para ser rebelde — Brion murmurou.

— Talvez um dia, mas hoje não. Ele não passou por dificuldades suficientes.

— Ele cheirava a jasmim e frutas cítricas. Quem cheira a jasmim e frutas cítricas?

— Você, com certeza, não — Jonas disse, gargalhando. — Quando foi a última vez que você… — Suas palavras foram desaparecendo quando ele viu um afresco na lateral de uma construção, retratando o belo rosto do rei Gaius. As palavras "FORÇA, FÉ E SABEDORIA", ideais limerianos, estavam no mosaico abaixo, juntamente com uma palavra em destaque: "JUNTOS".

— Ele está conseguindo — Jonas resmungou. — O cretino está enganando a todos e tornando-os submissos com discursos impecáveis e belas promessas. Eles não se dão conta de que o rei os destruiria alegremente apenas por um capricho.

— Ei, aonde vai? — Brion gritou enquanto Jonas marchava pela estrada na direção do mural. O artista devia ter acabado de terminar, pois a massa ainda estava úmida. Jonas começou a arrancá-la, borrando o que dava para borrar e destruindo as partes secas com as mãos.

— Jonas, nós precisamos ir — Brion o alertou.

— Eu não vou deixá-lo ganhar. Precisamos mostrar a todos o mentiroso que ele é. — Seus dedos rapidamente começaram a sangrar com o esforço.

— Nós vamos mostrar. Quer dizer, *já estamos* mostrando. Vamos fazer a diferença. — Brion olhou com nervosismo sobre o ombro, para as pessoas que se reuniam para assistir o vandalismo ao mural do rei. — Lembra aqueles rebeldes auranianos que perderam a cabeça semana passada?

As mãos de Jonas pararam. Ele tinha conseguido destruir completamente o rosto do rei. Era muito gratificante acabar com aquela expressão presunçosa. Ele esperava ansiosamente pelo momento de fazer isso na vida real.

— Lembro.

— Não vamos acabar como eles, certo? E, só para constar, é melhor começarmos a correr.

Jonas deu uma olhada rápida para a direita e viu que vários guardas se aproximavam, as espadas empunhadas.

— Parem! — um deles gritou. — Em nome do rei!

Correr certamente era uma boa sugestão.

— Seu novo rei mente para todos! — Jonas gritou para a multidão enquanto ele e Brion corriam. Uma garota com longos cabelos escuros e olhos castanho-claros olhava para ele com curiosidade, então ele dirigiu as próximas palavras a ela. — O Rei Sanguinário pagará por seus crimes contra Paelsia! Você está do lado de um tirano enganador ou está do meu lado e de meus rebeldes?

Se ele conseguisse convencer apenas uma pessoa naquele dia, teria valido a pena.

Os guardas continuaram atrás de Jonas e Brion enquanto os garotos desciam ruas de pedra, corriam por vielas estreitas, mal conseguindo desviar de carruagens e cavalos dos abastados residentes de Pico do Falcão. A cada curva fechada, Jonas achava que havia despistado os perseguidores, mas os guardas não perdiam o rastro tão fácil.

— Por aqui — Brion disse, agarrando o braço de Jonas e puxando-o por uma rua lateral perto de uma pequena taverna.

Mas não tinha saída. Os dois tiveram que parar abruptamente diante de um muro de pedra que bloqueava o caminho, se viraram e deram de cara com os três guardas armados. Um falcão sobre o telhado da taverna levantou voo.

— Bando de arruaceiros — um guarda rosnou. — Vamos usar vocês dois como exemplo.

— Vão nos prender? — Brion perguntou, esperançoso.

— E dar a vocês a chance de escapar? Não. Só suas cabeças viajarão conosco até o palácio. O resto pode ficar bem aqui para apodrecer. — Ele sorriu, revelando um dente quebrado. Seus conterrâneos riram.

— Espere — Brion começou a falar —, podemos pensar em algo…

— Matem os dois — o líder dos guardas instruiu, dando um passo para trás.

Jonas agarrou a adaga incrustada de joias que levava na cintura — a mesma adaga que lorde Aron havia usado para tirar a vida de seu irmão —, mas seria de pouco uso contra três espadas afiadas. Ainda assim, se ele fosse morrer naquele dia, levaria pelo menos um daqueles três brutamontes junto. Ele agarrou a adaga com força. Brion segurou outra lâmina na mão enquanto os dois guardas se aproximavam, os corpos volumosos bloqueando a luz do sol.

Então os guardas cambalearam para a frente, com expressões de dor e confusão no rosto. Eles caíram, batendo com força no chão. Nas costas de cada um havia uma flecha profundamente fincada. O terceiro guarda se virou, espada em riste. Ouviu-se um som repugnante, e ele também caiu no chão, com uma flecha saliente na garganta.

Uma garota estava na entrada da viela. Quando ela abaixou o arco, Jonas se deu conta de que era a mesma menina que havia visto antes, no meio da multidão, mas notou que ela usava túnica e calças masculinas. Seu cabelo escuro estava preso em uma grossa trança nas costas.

— Vocês disseram que são rebeldes. É verdade?

Jonas apenas a encarou, embasbacado.

— Quem é você?

— Responda minha pergunta primeiro e talvez eu lhe diga.

Ele trocou um olhar com Brion, cujos olhos estavam arregalados feito dois pires.

— Sim. Somos rebeldes.

— E você mencionou Paelsia. São paelsianos? — Ela passou os olhos por eles. — Bem, isso é óbvio pela maneira como se vestem. Nem juntando os dois há seda suficiente para se passarem por auranianos. Mas me digam uma coisa… vocês são quase mortos todos os dias?

— Nem *todos* os dias — Brion respondeu.

A menina olhou para trás.

— Precisamos ir. Há muitos guardas na cidade, e eles logo vão se perguntar o que aconteceu com seus amigos, especialmente

quando descobrirem que fim levou o mural do Rei Sanguinário. — Ela olhou para Jonas. — Bom trabalho. Meio bagunçado, mas eficiente.

— Fico feliz que tenha aprovado. Agora, quem é você?

Ela prendeu o arco na aljava amarrada às costas e puxou o manto para cobrir os trajes de garoto.

— Meu nome é Lysandra Barbas, e também sou paelsiana. Viajei por Paelsia e Auranos procurando os rebeldes. Parece que finalmente encontrei alguns.

— Precisa de nossa ajuda? — Jonas perguntou.

Ela olhou para ele como se fosse burro.

— Pelo visto *vocês* precisam da minha ajuda. Vou me juntar ao grupo. Agora vamos, não podemos ficar aqui.

Lysandra deu meia-volta e começou a sair rápido da viela, abandonando os corpos dos guardas sem olhar para trás.

Antes que Jonas se desse conta do que estava fazendo, foi atrás dela, com Brion correndo para acompanhar o ritmo acelerado dos dois.

— Lysandra — Jonas disse. — Tem certeza de que sabe o que está falando? A vida de um rebelde é perigosa e incerta. Você é muito boa com arco e flecha. *Incrível, na verdade*. Mas estamos acampados nas Terras Selvagens, onde não é seguro nem tranquilo. É um lugar perigoso, mesmo para nós.

Ela se virou para ele com os olhos faiscando.

— Está dizendo isso porque sou menina? Não tem nenhuma garota no grupo?

— Tem algumas — Jonas admitiu.

— Então vou me adaptar.

— Não me entenda mal, somos gratos pela sua interferência lá atrás…

— Interferência? — Ela o interrompeu antes que pudesse completar a frase. — Eu salvei a vida de vocês.

Ela não estava exagerando. Aqueles guardas teriam executado os dois na hora se ela não tivesse aparecido. Ele havia ido a Pico do Falcão em busca de novos recrutas, e Lysandra parecia ter muito potencial. Ainda assim, algo nela o fazia hesitar.

Aquele fogo em seus olhos e em suas palavras não era uma característica de todo paelsiano. A própria irmã de Jonas, Felicia, era uma lutadora, uma guerreira quando necessário, mas a paixão e a disposição de Lysandra para lutar eram raras como diamantes.

Seus instintos lhe diziam — em voz alta, inclusive — que Lysandra Barbas traria problemas.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou.

— Dezessete.

A mesma idade que ele e Brion.

— E onde está sua família? Eles sabem que você está atrás de uma vida perigosa?

— Minha família está morta.

As palavras foram ditas bruscamente e sem emoção, mas, mesmo assim, fizeram Jonas se contorcer.

— Os homens do rei Gaius foram à minha vila recrutar todos para trabalhar em uma estrada que ele começou a construir — ela explicou. — Quando nos recusamos, eles voltaram e queimaram a vila inteira. Mataram quase todos que tentaram fugir. Os que sobreviveram foram escravizados e transportados para um dos campos de trabalho. Até onde sei, só eu consegui escapar.

A estrada do rei Gaius — aquela que ele havia anunciado durante o discurso na semana anterior.

— Quando foi isso?

— Há duas semanas. Mal dormi desde então. Tentei continuar caminhando, procurando. A maioria das pessoas em Paelsia está aceitando sua sorte, seu destino. Eu acho um absurdo. E aqui em Auranos o povo está iludido, achando que o rei Gaius não é tão mau quanto diz sua reputação. Estão errados. Todos eles. Agora que encontrei vocês, posso me juntar ao grupo e ajudar a libertar nossos conterrâneos.

Jonas engoliu em seco, com o peito apertado. Seus pés martelavam o chão enquanto eles continuavam a ganhar distância dos guardas mortos.

— Sinto muito pela sua perda.

— Não sinta. Estou aqui e pronta para lutar contra o Rei Sanguinário. Quero vê-lo sofrer. Quero vê-lo perder sua preciosa

coroa e ter seu mundo incendiado enquanto morre gritando. É isso que eu quero.

— É o que todos queremos. Meus rebeldes estão prontos para fazer a diferença, e nós…

— *Seus* rebeldes? —Lysandra indagou bruscamente. — Está me dizendo que é o líder?

— Do nosso grupo, sim.

— Como você se chama?

— Jonas Agallon.

Ela arregalou os olhos.

— Já ouvi falar de você. Todo mundo em Paelsia sabe o seu nome.

Sim, o assassinato de seu irmão Tomas — o incidente que levou o rei Gaius a declarar guerra contra os auranianos, com os ingênuos paelsianos lutando ao seu lado — tornou o nome deles conhecido na região. Seus dedos roçaram na adaga incrustada de joias que ele guardava apenas para, um dia, usá-la para acabar com a vida do lorde Aron.

Lysandra olhou para Brion.

— E quem é você?

Ele sorriu imediatamente.

— Brion Radenos.

Ela franziu a testa.

— Nunca ouvi falar de você.

O rosto de Brion se fechou.

— Bem, ainda não. Mas também serei famoso um dia.

— Não tenho dúvidas. — Sua atenção se voltou novamente para Jonas. — Qual é o objetivo dos seus rebeldes?

Ele deu uma olhada numa viela, depois passou correndo, mas não havia guardas esperando por eles.

— Estamos recrutando por toda a Paelsia e Auranos. Já somos quase cinquenta. Estamos causando problemas onde podemos, para que o rei saiba da nossa presença e que representamos uma ameaça crescente. Aqui em Auranos, estamos avisando os cidadãos que o rei é um mentiroso e que eles não deviam acreditar tão facilmente em suas promessas.

— Seu grupo não fez nenhum ataque ao próprio rei?

— Ainda não. — A lembrança das cabeças dos três rebeldes sobre lanças o assombrava, fazia seu estômago ficar embrulhado. Ele queria fazer o que fosse preciso para derrotar o rei, mas perder alguém… fazê-los sofrer e morrer sob seu comando…

Seria como ver o assassinato de Tomas se repetindo várias vezes, e ser pessoalmente responsável dessa vez.

— Destruir murais e recrutar rebeldes em potencial não derrotará o rei Gaius. — Ela finalmente diminuiu a velocidade e mordeu o lábio inferior, como se estivesse imersa em seus pensamentos. — Ele está escravizando nosso povo para construir a estrada. Nossos irmãos e irmãs paelsianos estão sendo forçados a trabalhar para ele, ou sendo mortos por tentar resistir.

— Eu não sabia disso. — Pensar em tamanha atrocidade o deixava irado. — O rei falou da Estrada Imperial em seu discurso como se fosse transformar toda a Mítica em um único povo, e os auranianos estão lambendo a ideia como se fosse leite oferecido a um gato.

— Os auranianos são idiotas. — Ela olhou ao redor. Eles haviam chegado à lateral de uma rua agitada, longe da multidão. Um mercado de frutas movimentado ficava a cinquenta passos de distância. — Eles merecem um rei como esse, mas os paelsianos não. O que mais ele disse no discurso? — Ela olhou para Brion em busca de informação.

— Ele anunciou o noivado do príncipe Magnus com a princesa Cleiona — Brion contou.

Os olhos dela se arregalaram.

— Então a princesa dourada vai se unir ao inimigo para não correr o risco de perder um único dia de sua vida luxuosa?

— Não — Jonas disse em voz baixa.

— Não o quê?

— A princesa não vai se unir ao inimigo. O noivado não foi… não pode ter sido ideia dela. A família Damora destruiu sua vida, matou seu pai e roubou seu trono.

— E agora ela está sendo recebida nessa nova família, com um telhado dourado sobre a cabeça e criadas para lhe servir café da

manhã na cama e atender a todas as suas necessidades.

— Eu discordo.

— Pode discordar, mas isso não muda nada. Eu não dou a mínima para a princesa Cleiona. Eu me preocupo com o meu povo: meu irmão, as pessoas da minha vila, e todos os paelsianos que foram escravizados. Precisamos arquitetar um ataque à estrada imediatamente! Se querem mostrar ao rei que somos uma ameaça, como disse, que somos uma força com a qual ele deve se preocupar, esse é o caminho. Nós vamos libertar os escravos e destruir todo o progresso que já foi feito.

— Nós? — Jonas repetiu.

As bochechas dela coraram por sua veemência.

— Sim, *nós*.

— Você faria o favor de me dar um instante para discutir algumas coisas com Brion? — Ele apontou a cabeça para uma fileira de bancas de frutas. — Encontramos você ali em um minuto.

— Você vai me levar para o acampamento rebelde? — ela insistiu.

Ele não falou por um momento, apenas analisou aquela gata selvagem que havia salvado sua vida e demonstrado habilidades notáveis como arqueira. Queria pedir para ela ir embora e não lhe causar mais problemas — já que estava claro que era uma pessoa difícil de lidar. Mas não podia. Precisava de rebeldes apaixonados pela causa, não importava quem fossem.

— Sim, vou.

Ela finalmente sorriu, uma expressão brilhante e atraente que iluminou todo seu rosto.

— Fico feliz em saber. Vamos fazer a diferença. Espere e verá.

Sem mais nenhum comentário, Lysandra se virou e caminhou rápido até o mercado. Quando ela se afastou o suficiente, Jonas se virou para Brion.

Brion o olhou nos olhos.

— Aquela garota…

— Eu sei. Ela é complicada.

O amigo abriu um grande sorriso.

— Acho que estou apaixonado!

Jonas não conseguiu conter o riso.

— Ah, não. Não faça isso, Brion. Não se apaixone por ela. Ela só vai trazer problemas.

— Espero que sim. Gosto de problemas quando têm aquela carinha. — Brion ficou sério. — O que acha do plano de atacar a estrada?

Jonas sacudiu a cabeça, pensando nos rebeldes mortos, sangue escorrendo pelas estacas de madeira na praça do palácio.

— Agora é muito perigoso. Não posso correr o risco de perder nenhum de nós até sabermos que temos chance de lutar. O que ela está propondo significaria muitas mortes.

O maxilar de Brion ficou tenso.

— Você tem razão.

— Mas eu realmente preciso de mais informações. Sobre a estrada, sobre os planos do rei… Quanto mais soubermos, mais poderemos fazer para impedi-lo. E quando encontrarmos essa fraqueza, vamos explorá-la. — Um fogo novo havia se acendido sob sua pele ao pensar nos paelsianos escravizados. — Juro que vou derrubá-lo, Brion. Mas, no momento, estamos completamente cegos e surdos em relação a seus planos, a menos que ele anuncie tudo em um discurso. Preciso de olhos e ouvidos naquele palácio.

— Alguns espiões seriam cruciais. Concordo. Mas o que os impediria de serem descobertos e terem a cabeça enfiada em uma estaca?

— Um bom espião teria que ser indetectável. Um guarda ou alguém fingindo ser um guarda limeriano.

Brion sacudiu a cabeça.

— Mais uma vez, cabeça na estaca. Seria uma missão suicida com a vitória do rei Gaius tão recente. Sinto muito.

Jonas ficou refletindo sobre aquilo. Uma ideia que esteve em gestação desde o dia da derrocada de Auranos se estabeleceu.

— Então teria que ser alguém que já está no palácio. Alguém próximo do rei e do príncipe…

6

CLEO

AURANOS

Quanto mais a data de seu terrível casamento se aproximava, mais crescia a ansiedade de Cleo. Ela sonhava em fugir — em criar asas como um pássaro e sair voando do palácio, para nunca mais voltar.

Mas, infelizmente, ela era um pássaro preso firme na gaiola. Então em vez de ficar pensando no que a esperava nas semanas seguintes, ela se concentrou no que podia controlar. Conhecimento. Estudos. Rezando para encontrar as respostas de que precisava antes que fosse tarde demais. Ela se viu a caminho da biblioteca do palácio pela segunda vez naquele dia, mas dessa vez encontrou Mira chorando no corredor, em frente às portas altas da biblioteca.

— Mira! — Cleo correu até ela e puxou a menina para seus braços. — O que foi?

Levou um tempo, mas a amiga de Cleo finalmente conseguiu formar palavras.

— Não consigo encontrar meu irmão em lugar nenhum! Eles o mataram, Cleo. Eu sei!

Cleo a levou para mais longe dos guardas limerianos que pareciam se esconder em todas as sombras — instruídos, ela sabia, a ficar de olho na princesa para que não saísse do castelo.

— Nic não está morto — Cleo garantiu a ela, tirando as mãos de Mira de seu rosto molhado de lágrimas.

— Como você sabe?

— Porque se estivesse, Magnus certamente usaria essa informação para me provocar. Para que eu soubesse que Nic foi executado pelo que fez em Paelsia… — Pensar naquilo era como ter uma pá de brasas quentes jogadas sobre o coração. — Ele sabe que eu ficaria arrasada. E não hesitaria em usar isso contra mim. Sei que ainda não conseguimos encontrar Nic, mas ele está vivo, Mira. — *Ele precisa estar*, ela pensou.

As palavras dela aos poucos foram processadas. Lentamente, Mira retomou o controle e parou de chorar. Ela esfregou os olhos com cansaço, um rastro de raiva agora os iluminando.

— Você está certa. O príncipe celebraria sua dor. Eu o odeio, Cleo. Odeio quando ele vai visitar a princesa Lucia. Ele é um animal.

Cleo mal havia visto o príncipe durante a semana, desde que ele havia decidido manter o terrível noivado. Parecia que ele desejava se relacionar o mínimo possível com Cleo, o que para ela estava ótimo.

— Concordo plenamente. Só tente ficar fora do caminho dele, tudo bem? Como escapou do quarto de Lucia? Parece que não vejo você há séculos.

— A rainha está visitando a filha. Ela me disse para sair e voltar depois. Claro, eu não discuti. Esperava encontrar um rosto amigável neste ninho de cobras. O seu é o primeiro que vejo hoje.

Cleo conteve um sorriso. Era mesmo um ninho de cobras.

— Bem, fico feliz pela oportunidade de vê-la. É a única coisa boa que me aconteceu o dia todo.

Ela ficou com a amiga na extremidade do corredor, passando os olhos pelos grandes retratos de cada membro da família Bellos, que cobriam as paredes de fora da biblioteca. Não conseguia desviar o olhar dos olhos pintados de seu pai. Sua última lembrança dele era de quando morrera em seus braços devido a um ferimento sofrido

durante o ataque ao castelo. Em seus momentos finais, ele havia lhe dado um anel passado de geração em geração na família, um anel que, segundo ele, ajudaria de alguma forma a guiar o caminho até a Tétrade. Ele esperava que, de posse da magia, Cleo seria capaz de destruir o rei Gaius e retomar o trono. Mas morreu antes de conseguir dizer qualquer outra coisa.

Cleo acreditava que aquele era o anel que, segundo os rumores, teria pertencido à feiticeira Eva, o anel que lhe permitia tocar a Tétrade sem ser corrompida pelo poder elementar infinito dos cristais perdidos. Cleo havia escondido o anel em seus aposentos, atrás de uma pedra solta na parede, e desde então ia todos os dias à biblioteca, procurar mais informações que pudessem ajudá-la a elaborar o próximo passo. Seu pai havia depositado tanta fé nela, mais do que ela mesma. Cleo não podia decepcioná-lo agora.

Mira tocou o braço dela, agora com os olhos secos.

— Você está tentando ser tão forte, mas *eu sei*, Cleo. Eu sei o quanto você sente a falta dele. Sei o quanto sente a falta de Emilia. Eu também sinto. Não tem problema se você quiser chorar. Estou aqui para apoiá-la.

Cleo engoliu em seco, seu coração se expandindo por saber que tinha uma amiga que entendia sua dor.

— Tento não olhar muito para o rosto deles quando venho aqui. Quando os vejo, eu… — Ela suspirou, trêmula. — É tão estranho. Às vezes não consigo ver nada além da escuridão do meu sofrimento. Outras estou com raiva, *tanta* raiva por eles terem me deixado para lidar com tudo isso sozinha. Eu sei que parece egoísta, mas não consigo deixar de me sentir assim. Então, está vendo? Não posso me permitir chorar. Se eu chorar novamente, talvez não consiga parar nunca mais.

— Você precisa saber, princesa… — A voz de Aron cortou a conversa das duas com a eficiência de uma faca. — Que o rei deu ordens para que todos esses retratos, exceto o seu, é claro, fossem retirados e substituídos pelos da família Damora.

Cleo se virou e viu mais uma sombra à espreita. Era o que Aron fazia desde que o noivado dos dois havia sido cancelado. *Espreitava*.

Ela esperava que ele fosse embora, voltasse para a quinta dos pais na Cidade de Ouro, mas parecia que ele havia se mudado definitivamente para o palácio.

— E você fará isso em pessoa? — ela perguntou, distorcendo as palavras dele. — Sei que, como novo cachorrinho do rei, você fará tudo o que ele pedir pela mera promessa de um agrado.

Ele abriu um sorriso duro.

— Não, por que deveria? Sou totalmente capaz de dar ordens. E por que esperar? — Ele fez um sinal para os dois guardas uniformizados que o acompanhavam. Eles foram imediatamente até a parede e começaram a remover os retratos. Mira segurou o braço de Cleo para impedir que ela avançasse sobre eles. Uma onda de fúria cresceu dentro dela.

Cleo olhou feio para ele.

— Como pode fazer isso, Aron?

— *Lorde* Aron, Cleo. Já que agora sou vassalo do rei e não estamos mais comprometidos, seria mais respeitoso começar a usar meu título correto.

É claro. Vassalo do rei. Gaius havia mantido a promessa de conceder esse imponente — porém inútil, na opinião de Cleo — título a Aron. Ele ainda era um "lorde", só que agora era um título que Aron sentia que merecia, e não algo herdado pela linhagem da família. Todas as pessoas com alguma importância no palácio haviam sido chamadas a se reunir na sala do trono para a cerimônia no dia anterior. Agora Aron usava seu novo título como uma armadura brilhante e protetora contra qualquer coisa que tentasse feri-lo.

Era repugnante. Ele agia como se tivesse nascido com sangue limeriano correndo nas veias. Antes, Cleo teria desconsiderado aquilo como uma mera tática de sobrevivência, necessária contra o inimigo que estava no poder. Mas Aron fazia tudo o que lhe pediam com um sorriso no rosto, como se gostasse de ser um dos cães treinados do Rei Sanguinário.

— Ele o considera um divertimento, sabia? — Ela não conseguia conter seus pensamentos. — Reze para a deusa para se tornar indispensável antes que o divertimento acabe.

— Posso lhe dizer o mesmo, princesa — Aron disse, firme.

— O que vai fazer com os quadros, *lorde* Aron? — Mira perguntou com uma pitada de sarcasmo. — Vai pendurá-los em seus aposentos?

Houve um tempo em que Mira sentia algo pelo belo lorde, mas não mais. Ela também o via como realmente era. Um oportunista que venderia a alma da própria mãe para um demônio das terras sombrias se isso significasse cair nas graças do rei.

— Eles serão queimados — ele disse simplesmente, e o coração de Cleo se contorceu. Ele deu um sorriso falso. — Ordens do rei.

De certa forma, a ideia horrível de que os retratos de sua família seriam destruídos trouxe uma frieza a ela, uma calma poderosa. Seu ódio agora queimava como gelo, não como fogo.

— Vou me lembrar disso, Aron.

— *Lorde* Aron. — Quando os guardas finalmente arrancaram o retrato de Emilia da parede, Aron fez um sinal de aprovação para eles. — Muito bem. Levem os quadros para fora e deixem perto do estábulo por enquanto. Eles também podem ficar cobertos de sujeira, como aquele amigo idiota de vocês.

— Amigo idiota? — Cleo perguntou em voz baixa. Com cautela.

— Estou muito surpreso por ele ainda estar respirando. Mas ficar com estrume de cavalo até os joelhos é uma punição justa para…

Mas Cleo já estava se afastando pelo longo corredor, levando Mira consigo.

— Cleo? — Mira perguntou, confusa. — Aonde estamos indo?

— Acho que sei onde Nic está.

Os olhos de Mira se arregalaram.

— Então precisamos andar rápido!

Ignorando os guardas que mais pareciam sombras e Aron, que agora as seguiam, Cleo e Mira seguiram rápido pelo castelo. Talvez ela não passasse de uma prisioneira de luxo dentro daquelas paredes, mas era o lar de Cleo, e ela conhecia os corredores labirínticos melhor do que ninguém. Quando crianças, ela e Emilia brincavam de esconde-esconde com as amas — embora as criadas nunca tivessem se divertido muito com as brincadeiras improvisadas.

Elas acabaram no pátio, um espaço murado, porém aberto, no centro do palácio, repleto de jardins de ervas, macieiras e pessegueiros, e arbustos de lilases cheios de flores que perfumavam o ar quente da noite com sua fragrância. A lua estava cheia e brilhante, iluminando o caminho delas pela trilha sinuosa de pedra.

Ninguém tentou impedir Cleo quando ela abriu o portão do pátio, seguiu por um longo corredor e saiu pela lateral leste do castelo, na direção dos estábulos. Mira foi atrás dela. Depois dos estábulos ficava o resto da cidade murada, lar de milhares de cidadãos auranianos. Ali, Cleo estava mais perto da liberdade do que jamais estivera desde que o rei Gaius destruíra seu mundo e tomara o trono de seu pai. Ela não tinha dúvida de que se tentasse atravessar as muralhas externas, seria impedida e arrastada de volta para dentro.

Mas fugir não era seu objetivo naquele momento.

Ao se aproximarem dos estábulos, o fedor de estrume começou a pesar no ar. E então ela o viu.

— Cleo… — Mira sussurrou, depois falou mais alto: — Cleo! Você tem razão. Ele está aqui!

Com o coração na garganta, Cleo acelerou o passo enquanto corriam na direção de Nic. Alguns outros peões do estábulo observavam com interesse. Com os olhos arregalados, Nic viu as duas se aproximarem, depois largou os dois baldes que carregava. O conteúdo se espalhou pelo chão. No entanto, antes que Cleo ou Mira conseguissem chegar mais perto, os guardas agarraram o braço de cada uma para detê-las.

— Tire as mãos de mim! — Cleo lutava contra seu captor. — Nic… Nic! Você está bem?

Nic confirmou enfaticamente com a cabeça.

— Estou bem. Não sabem como estou feliz em ver vocês duas.

— Me solte! — Mira resmungou, lutando contra o guarda que a segurava.

Aron as havia seguido tranquilamente e agora se aproximava, com os braços cruzados diante do peito, uma cigarrilha acesa em uma mão.

— Bem, parece que revelei um segredinho, não é? Acho que não importa. Não vai mudar nada.

— Você acha que não? — Cleo retrucou. — Agora que sei onde Nic está, vou garantir que ele seja dispensado desse trabalho tão baixo!

— Você se confunde com alguém que ainda tem grandes poderes por aqui, princesa.

— E você se confunde com alguém que tem *algum* poder.

— Trabalhar enterrado até os joelhos em bosta de cavalo é a punição dele. Embora, se me perguntar, acho que ele deveria ser morto pelo que fez com o príncipe Magnus.

A lembrança invadiu sua mente antes que pudesse impedir. O corpo dilacerado de Theon, seus olhos virados para cima, sem enxergar nada. Magnus com sangue no rosto por causa da unhada que Cleo dera nele quando tentou levantá-la. Nic atirando uma pedra para impedi-lo e acertando. Cleo pegando a espada pesada e quase a cravando no peito do príncipe desorientado, mas Nic, temendo as repercussões daquele ato, a detendo. Como havia deixado Magnus desacordado, ele não conseguiria segui-la.

Sinto muito, Theon. Sinto muito… muito mesmo. Eu o levei para a morte e não consegui vingá-lo.

Seus olhos arderam, mas ela não chorou. Precisava da lembrança de Theon, da recordação de sua força, da confiança que tinha nela, para ajudá-la naquele momento. Lágrimas não ajudariam. Ordens não ajudariam. Aron estava certo, ela não tinha mais nenhum poder. Nenhuma influência.

No entanto…

Ela se virou para Aron — dessa vez com um sorriso.

— Vamos, Aron — ela quase ronronou. — Você já foi nosso amigo. Um *bom* amigo. Não pode encontrar essa amizade aí dentro novamente? Nem tudo mudou, não é? Mira pensou que o irmão estava morto. Não deixe os dois separados. Por favor.

Aron poderia esperar raiva da parte dela, mas claramente não sabia o que fazer com cordialidade. Ele hesitou por um instante, confuso, e finalmente fez um sinal para o guarda que segurava Mira. Ele a soltou, e ela correu direto para os braços de Nic.

— Nós não conseguíamos encontrar você em lugar nenhum — ela disse, soluçando. — Eu estava tão preocupada com você!

— Ah, Mira. — Nic abraçou a irmã com força, inspirando suavemente o perfume de seus longos cabelos. — Sinceramente? Eu também estava preocupado comigo.

Ela se afastou um pouco do irmão e franziu o nariz.

— Você está fedendo!

Ele riu alto e passou a mão pelo cabelo ruivo e opaco.

— Também estou feliz em ver você, irmã querida.

Dessa vez, Cleo sorriu para Aron com sinceridade.

— Obrigada.

Ele observou os irmãos com um olhar ácido.

— Lembre-se desse favor, Cleo. Você me deve.

Ela se esforçou para manter a expressão agradável.

— É claro, *lorde* Aron.

Aron sorriu, satisfeito.

Era bom saber que ela podia manipular facilmente aquele tolo quando necessário.

Os guardas acompanharam Cleo de volta a seus aposentos e fecharam a porta. Ela sabia que um deles ficaria posicionado do lado de fora até amanhecer, caso ela pensasse em fugir. Houve ocasiões em que ela descera pela hera no terraço do quarto da irmã para sair do castelo, mas em seu próprio quarto era uma queda direta da janela até o chão, dez metros abaixo.

O rei podia chamá-la de “convidada de honra” em público, mas, naquele momento, ela se sentia totalmente uma prisioneira de guerra. Ela pensou que deveria se considerar sortuda por ter mantido seus próprios aposentos. Durante vários dias após a batalha, eles haviam sido dados a Lucia até que outras acomodações foram encontradas para a princesa enferma.

Ver Nic e Mira reunidos, no entanto, havia dado a Cleo uma ponta de esperança de que as coisas poderiam mudar. Ela repetia para si mesma que estava certa, que Nic estava vivo. Precisava de um bom banho, mas estava vivo.

Se ela ousasse admitir, estava *realmente* surpresa que Magnus não tivesse exigido a cabeça de Nic. Ele realmente achava que trabalhar nos estábulos era a melhor punição?

— Ele continua sendo uma pessoa horrível — ela sussurrou. — Mas Nic ainda respira. Devo ser grata por isso.

Seus aposentos estavam escuros. A atenção dela se voltou para a parede de pedra perto da penteadeira, o local onde havia escondido o anel de ametista. Suas mãos coçavam para pegá-lo e colocá-lo no dedo. Sentir a frieza do ouro em contato com a pele, o peso da pedra. Ter algo tangível capaz de ajudá-la. Algo ligado à sua família. À história. Aos próprios *elementia*.

Ela voltaria a procurar informações no dia seguinte. Tinha de haver algo na biblioteca que falasse sobre o anel, ensinasse a usá-lo da maneira correta. Emilia sempre passava horas e horas na biblioteca, lendo tanto por prazer quanto por estudo. E Cleo sempre havia evitado o lugar. Até agora. Ela esperava que entre os milhares de livros que ocupavam as prateleiras da biblioteca estivessem as respostas que buscava.

Ela foi até a janela observar o pátio iluminado pelo luar. Uma brisa quente roçou sua pele.

Foi então que sentiu a presença de mais alguém em seu quarto.

Cleo se virou, examinando as sombras.

— Quem está aí? Apareça!

— Teve uma boa noite, vossa alteza? — A voz grave ecoava pelo quarto, envolvendo-a e paralisando-a com um medo instantâneo familiar.

Cleo correu para a porta, mas ele a agarrou antes, segurando seu braço e a pressionando contra a parede.

— Eu vou gritar — ela o alertou.

— Gritar não seria a coisa certa a fazer. — Ele cobriu a boca dela com uma mão e com a outra prendeu seus dois pulsos, impedindo-a de se mexer.

Jonas Agallon tinha o cheiro da floresta — folhas e terra morna.

Ela tentou dar uma joelhada no meio das pernas dele, mas ele conteve o ataque sem esforço.

— Vamos lá, princesa. Não precisa ser assim. Só vim aqui para conversar… A menos que me cause problemas. — Na superfície as palavras dele eram amigáveis, mas as más intenções por trás delas eram inconfundíveis. — Vou tirar a mão agora. Se sua voz for mais alta que um sussurro, juro que vai se arrepender. Entendeu?

Ela fez que sim com a cabeça, desejando manter a calma.

Ele tirou a mão de sua boca, mas não a soltou.

— O que você quer? — Ela manteve a voz baixa e controlada. Por enquanto.

— Só passei para ver como você está.

Ela não conseguiu conter um riso seco.

— Sei.

O rosto de Jonas estava nas sombras; seus olhos escuros a percorreram dos pés à cabeça.

— Da última vez que a vi, você vestia um manto e estava armada com uma adaga.

— Sim, pouco antes de você alertar o príncipe Magnus sobre a minha presença na multidão.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu não fiz nada disso.

— E devo acreditar em você? Você já trabalhou com ele antes. Com o próprio rei! Você me sequestrou, me deixou sem comida e água por uma semana, esperando para me entregar ao inimigo.

— Foram três dias, princesa. E você recebeu comida e água. De qualquer forma, meus acordos com o Rei Sanguinário e sua laia chegaram ao fim quando ele enganou meu povo.

— Qualquer pessoa minimamente inteligente teria percebido que ele foi dissimulado desde o início.

Ele olhou feio para ela.

— É fácil dizer isso agora.

Ela havia tocado em um assunto delicado. Talvez ele tenha se sentido um tolo por ajudar o rei Gaius.

— Me solte.

— Não confio em você. Vai tentar fugir e alertar os guardas.

Estimulada pelo sucesso anterior em manipular Aron, ela decidiu tentar a mesma tática com Jonas. Raiva e exigências não

funcionariam, isso era certo. Ela encarou os olhos escuros dele e tratou de colocar alguma dor nos seus.

— Você está me machucando.

Jonas riu baixo, com a voz rouca.

— Falando em dissimulação… Acredite em mim, princesa, eu também não subestimo você.

O olhar dela passou freneticamente pelo quarto, procurando qualquer coisa que pudesse ajudá-la.

— O que devo esperar com você aqui? Houve um tempo em que você tentou me matar.

— Acredite: se eu estivesse aqui para acabar com a sua vida, você já estaria morta. Queria ver com meus próprios olhos o quanto havia sido acolhida por eles agora que está comprometida com o príncipe. Testemunhei o anúncio. Apesar do início conturbado, parece que você foi aceita na família do rei de braços abertos. Que bom para você.

Cleo sentiu náuseas por ele pensar isso; por *qualquer pessoa* poder pensar isso.

— Você acha que eu celebraria a inclusão em uma família tão cruel?

— Não sei. — Ele a analisou com cuidado. — Talvez.

Jonas acreditava que ela havia se aliado às víboras. A ideia era tão absurda que ela mal conseguia processá-la. O ódio tomou conta de suas palavras seguintes.

— Eu não deveria ter que me defender para alguém como você. O que me importa o que você pensa?

Jonas a pressionou com mais força contra a parede, fazendo-a perder o fôlego.

— Sei que pensa que não passo de um paelsiano selvagem.

Ela se recusou a desviar dos olhos dele.

— Está negando que seja?

— Não sou selvagem, vossa alteza. Sou um rebelde — ele disse como se tivesse orgulho. Como se aquilo fosse impressioná-la.

— Se for verdade, então é apenas uma questão de tempo até sua cabeça ir parar numa estaca, assim como aquelas de seus amigos.

Ele se encolheu com a menção das execuções.

— Pode ser. Mas pelo menos estou tentando mudar as coisas.

— Entrando escondido nos meus aposentos e tentando me intimidar? Acho que já aturo minha cota de intimidadores no próprio palácio. Vou dizer mais uma vez: me solte.

Finalmente, Jonas fez o que ela pediu e se afastou. Ele a observou com cuidado, como se esperasse que Cleo corresse imediatamente para a porta e gritasse pelo guarda. Parte dela estava tentada a fazer exatamente isso.

Mas em vez disso, ela o observou com o mesmo cuidado. Não podia negar que, considerando apenas a aparência, Jonas Agallon era muito atraente. Cabelos pretos, olhos escuros, pele bem bronzeada por trabalhar ao ar livre como a maioria dos paelsianos. Corpo alto e musculoso, ombros largos e quadril estreito. Por baixo do manto cinza-escuro que usava, suas roupas simples estavam sujas e rasgadas, mas ele não se portava como nenhum camponês que ela já tivesse visto.

Havia uma arrogância naquele garoto similar à do príncipe Magnus — apesar da criação totalmente diferente. Os olhos de Jonas não eram tão frios e dissimulados quanto os do príncipe, mas ainda assim eram sagazes e perigosos. Parecia que eram capazes de perfurá-la e prendê-la à parede com a mesma facilidade que seu corpo.

Houve um tempo, não muito distante, em que Jonas olhava para ela como se fosse uma criatura odiosa e mimada que precisava morrer. Agora ainda havia muita suspeita em seu olhar, mas também uma ponta de interesse, como se estivesse curioso a respeito de seus planos, agora que ela estava noiva do filho de seu maior inimigo.

— Você se aliou ao rei Gaius? — Jonas perguntou novamente, com palavras ásperas.

Ele era a pessoa mais rude que ela já tinha conhecido. Possivelmente até mais do que o próprio príncipe Magnus.

— Como ousa entrar nos meus aposentos e exigir respostas como essas? Não vou dizer nada.

Os punhos dele se fecharam ao lado do corpo, e seu olhar se intensificou.

— Princesa, você poderia facilitar para mim.

— Ah, sim, é exatamente isso que eu quero fazer. Porque você sempre foi um amigo tão bom para mim.

Seu tom sarcástico arrancou um leve sorriso dos lábios dele.

— Eu *poderia* ser um bom amigo.

Ela ficou completamente em silêncio por um instante.

— Como?

— Isso depende totalmente de você, vossa alteza.

Jonas usava o título como um insulto, sem nenhum respeito implícito, assim como quando a havia capturado em Paelsia. Isso não havia mudado.

— Fale rápido, ou logo ficará preso no palácio sem chance de escapar. Os guardas começarão a patrulha do pátio em breve, agora que a noite caiu.

Jonas passou os olhos pelo pequeno quarto, parando na cama com dossel.

— Então eu teria que passar a noite aqui, não é? Você ajudaria a me esconder embaixo das suas cobertas?

Ela ignorou o calor que sentiu no rosto diante da sugestão.

— Continue falando bobagens, e seu tempo continuará a se esvair. Fale. *Agora*.

— Sempre dando ordens. É isso que uma princesa que perdeu seu reino ainda faz, ou a futura esposa do príncipe Magnus? Mandar em mim a faz se sentir poderosa?

— Já chega. — Ela se virou para a porta e abriu a boca como se fosse gritar.

Em um instante, Jonas estava atrás dela, com a mão cobrindo sua boca, o braço atravessado em seu peito para puxá-la com força junto a seu corpo.

— Chame os guardas e eu digo que sou seu amante secreto. O que o príncipe Magnus acharia disso? Ele ficaria com ciúmes?

Ela mordeu a mão dele com tanta força que pôde sentir o gosto de sangue. Ele se afastou, os olhos arregalados de dor mesmo que um sorriso começasse a se formar no canto da boca.

Cleo limpou a boca com o dorso da mão.

— Saiba de uma coisa: eu não me importo com o que o príncipe Magnus pensa, e nunca me importarei. Eu o odeio e odeio seu pai. Não importa o que aconteça comigo, isso nunca vai mudar.

— Você quer destruí-los.

Não era uma pergunta. Cleo ficou apenas olhando para ele, sem piscar. Sem falar. Admitir qualquer coisa para aquele rapaz parecia muito perigoso.

Mas ele não parecia precisar de nenhuma confirmação. Ele assentiu com a cabeça.

— Naquele dia, no meio da multidão, eu disse para você se preparar. Chegou a hora, princesa. Preciso da sua ajuda.

A ideia parecia absurda.

— Você precisa da *minha* ajuda?

— Os rebeldes precisam de informações sobre os Damora. Seus planos, seus esquemas. E essa estrada, a que o rei anunciou no discurso. Sabia que ele está massacrando vilas inteiras e escravizando paelsianos para construí-la o mais rápido possível? Significa algo para ele, essa estrada. Algo importante. Algo além do que qualquer um acredite que possa significar.

Massacrando vilas? Ela sentiu o sangue se esvair de seu rosto.

— O quê?

— É o que quero que descubra. Quero que seja minha espiã.

Por um momento, ela não conseguiu formar palavras.

— O que está pedindo pode custar minha vida.

— O simples ato de *respirar* pode custar sua vida. E isso vale para todo mundo. Pode ter sido aprisionada aqui, mas recebeu um grande privilégio. O rei subestima a profundidade de seu ódio por ele. Ele não sabe do que você é capaz.

Para retomar seu trono, Cleo de fato pretendia destruir o rei e todos que haviam se aliado a ele. Ela não ficaria parada vendo seu povo — ou *qualquer* povo de *qualquer* terra — sendo explorado e escravizado por aquele homem.

Mas será que podia ser espiã de Jonas? Podia passar a ele as informações que buscava, para ajudar a causa rebelde?

Talvez pudesse.

Ela teria que pensar um pouco mais. E não conseguia fazer isso com o rebelde ali em sua presença.

— Preciso considerar minhas opções — ela disse calmamente. Não que tivesse muitas a considerar.

Jonas inclinou a cabeça como se não tivesse escutado direito.

— Princesa, você precisa…

— Eu não preciso fazer nada, não quando se trata de alguma coisa envolvendo *você.* Você planejou invadir meus aposentos, esperar por mim no escuro, e acha que vou ficar babando com a ideia de trabalharmos juntos para derrotar o rei? Você pode não me subestimar, mas se superestima demais. — Ela não queria dizer não a ele, mas também não podia dizer sim. Ainda não. — Eu não confio em você. Eu *nunca* confiarei em você, Jonas Agallon.

Ele ficou boquiaberto.

— Está me negando ajuda?

A reação dele foi quase cômica.

— Devo presumir que não é algo a que está acostumado quando pede um favor a uma garota.

Ele franziu a testa.

— Na verdade… não é mesmo.

Ela ouviu um barulho do lado de fora. A qualquer momento a porta poderia se abrir, e um guarda poderia entrar e capturar Jonas.

— Você precisa ir.

Cleo prendeu o ar quando ele agarrou o queixo dela e a puxou para mais perto.

— Você vai me ajudar quando perceber que é o único jeito de ter alguma chance de se tornar rainha.

— Eu serei rainha, não importa o que precise fazer para conseguir. Estou noiva de um príncipe, lembra? Que um dia assumirá o trono.

Ele chegou a rir, mas o som não carregava nenhum humor.

— Não pode acreditar sinceramente que o rei Gaius algum dia irá deixar isso acontecer. Abra os olhos, princesa. Seu casamento é apenas mais uma distração para tentar manter os cidadãos satisfeitos e olhando para outra coisa que não as verdadeiras mentiras gananciosas do rei. E para que ninguém perceba como o

exército dele está desfalcado agora que foi distribuído por toda a Mítica. Além disso, você é um risco para a coroa, para o poder do rei e para o direito do príncipe ao trono. Talvez você tenha muito valor para eles, mas esse valor terá vida curta, assim como você, se optar ficar aqui.

Ela mesma já tinha pensado naquilo, mas era chocante ouvir palavras tão frias e duras. Assim que não tivesse mais serventia ao rei como símbolo para o povo auraniano, não havia dúvida de que ele mandaria matá-la discretamente e a descartaria. Ela se manteve em silêncio.

— Entrarei em contato novamente, em breve, vossa alteza. Assim que tiver tido tempo de considerar o que eu disse.

Jonas a soltou e se virou para a janela. O calor de seu toque permaneceu por alguns instantes enquanto ela o observava sair e descer pela parede como se fosse uma das criaturas que, de acordo com as lendas, viviam nos penhascos das Montanhas Proibidas. Ele saltou sem esforço os últimos três metros até o chão e em segundos desapareceu nas sombras.

7

MAGNUS

AURANOS

Mais um dia. Mais um discurso.

Magnus tentou ignorar o calor incessante daquele reino verde e ensolarado que deixava um rastro de suor escorrendo por suas costas, por baixo da roupa escura. Um olhar para a fileira de guardas do palácio mostrou graus variados de desconforto em todos os rostos. Os uniformes vermelhos de tecido grosso eram feitos para o frio limeriano. Até mesmo a testa da rainha brilhava sob a luz ofuscante do dia quente.

— Hoje oficialmente damos início aos trabalhos aqui no ponto inicial da Estrada Imperial. — O rei Gaius se dirigiu a algumas centenas de pessoas reunidas no Templo de Cleiona, a três horas de carruagem do palácio. — É um prazer compartilhar este momento com todos vocês.

O rei acenou para Magnus, que entendeu a deixa e enfiou no solo a pá que lhe havia sido entregue. A multidão vibrou, e ele passou os olhos pelas pessoas mais próximas.

Nem todos estavam vibrando. Alguns observavam com os olhos apertados e expressões desconfiadas. Muitos sabiam muito bem que a estrada já estava em construção em vários pontos por toda a Mítica. Aquilo era apenas pelo espetáculo.

— Muito bem, vossa graça — Aron disse.

Magnus fez uma careta ao ouvir aquela voz esganiçada. Realmente teria sido muito mais fácil se a língua do rapaz tivesse sido cortada. Assim ele não estaria sempre tentando puxar conversas amigáveis com Magnus como se fossem iguais.

— Você acha?

— Você perfurou a terra com confiança e certeza, o que condiz com sua posição.

— Fico feliz que você pense assim. — Ele olhou diretamente para a fuinha falante. — Por que está aqui mesmo?

Aron pareceu ofendido por um instante, mas se recuperou rapidamente.

— Por vontade do rei. Ele tem sido muito gentil e generoso comigo e, é claro, eu me coloco à disposição para o que ele quiser.

— Certo. Bem, você deveria se colocar à disposição… — Magnus disse, apontando com a cabeça para o rei, cercado de nobres importantes e outros dignitários que haviam comparecido ao evento. — Bem ali.

— Sim, é claro, eu vou. Mas primeiro gostaria de…

Uma voz embriagada gritou na multidão, alto o bastante para se sobrepor à de todos os outros.

— Tolos! Todos vocês! Vocês acreditam nas promessas vazias e aceitam os presentes do Rei Sanguinário sem questionamento? Acham que ele pretende nos unir em um único reino feliz? Mentira! Ele é movido apenas por ganância e sede de poder! Ele precisa ser detido, ou estaremos todos condenados!

Todos ficaram em silêncio.

Magnus olhou na direção do pai para ver se ele tinha escutado.

Ele tinha. Com um gesto do rei, quatro guardas marcharam na direção da multidão, localizaram o homem e o arrastaram para a frente com tanta brutalidade que ele caiu de joelhos à esquerda de onde Magnus havia cavado a terra macia e gramada. Quando

tentou se levantar, um guarda o empurrou de volta para o chão. A garrafa vazia que trazia na mão direita caiu.

O rei Gaius se aproximou, acenando para que Magnus e Aron também o fizessem.

O homem usava o que pareciam roupas de corte impecável que haviam se reduzido a farrapos. Um anel cravejado de joias, cheio de sujeira, envolvia seu indicador esquerdo. Seu rosto revelava uma barba escura de algumas semanas, e o cheiro era de alguém que não tomava banho pelo mesmo período. Seus olhos estavam vidrados pela quantidade de vinho que havia consumido, mas fora isso estavam fixados ferozmente naqueles que agora o encaravam.

O rei olhou para o homem.

— Como se chama?

Ele respondeu de maneira provocativa:

— Darius Larides, senhor desta terra, ex-noivo de Emilia, finada princesa herdeira de Auranos. Decidi lutar na batalha contra você. E agora minha família está morta por ter se oposto a você, e minha casa está destruída. Não há nada além de dor em meu futuro, mas garanto que o seu lhe reserva a mesma coisa! O povo daqui não vai acreditar em suas mentiras para sempre. Não vai permitir que governe incontestado. Cada vez mais forças rebeldes se reúnem enquanto conversamos. Nós auranianos não somos tão estúpidos e ensimesmados como você pensa.

A expressão do rei era indecifrável. Ele elevou a voz o bastante para ser ouvido por todos que estavam reunidos ali perto.

— O lorde Darius acredita que eu considero todos vocês estúpidos e ensimesmados. Não é verdade. São os mais sábios entre todos os seus conterrâneos por terem vindo até aqui celebrar comigo hoje. Esse lorde bebeu demais e está cheio de uma coragem insensata. Talvez outro dia ele não seria tão destemido a ponto de insultar um rei que só deseja o melhor para o seu reino.

Houve uma pausa tensa.

— Tenho certeza de que posso encontrar um bom lugar para ele no calabouço — Magnus disse, desviando o olhar como se estivesse entediado. — Ele ainda pode ter valor. Deve vir de uma

família importante, se era comprometido com a mais velha das irmãs Bellos.

— Você concorda, lorde Aron — o rei perguntou —, com o que meu filho sugere?

Aron franziu a testa, como se estivesse decidindo qual era a resposta certa.

— Eu não sei, vossa graça.

Magnus olhou feio para o garoto inútil. Por que seu pai se dava o trabalho de pedir a opinião dele?

— É difícil — o rei disse, balançando a cabeça. — Mas momentos como este exigem uma afirmação resoluta. Levante-se, lorde Darius.

Puxado com brutalidade pelos guardas, o lorde se levantou. Ele voltou seu olhar de ódio para os três que o encaravam, os braços presos com força atrás do corpo.

— Você retiraria suas palavras? — o rei perguntou calmamente. — E faria um pedido púbico de desculpas pelo que disse aqui, estragando minha cerimônia com suas mentiras e seus insultos?

Magnus olhou para a faca na mão do rei, que refletia a luz do sol.

Lorde Darius também viu. Ele engoliu em seco, mas não baixou os olhos.

— Levem-me para seu calabouço fedorento. Acusem-me de traição. Eu não me importo.

O rei Gaius sorriu devagar.

— É claro que não. Mas lembre-se de uma coisa, lorde Darius, se possível…

— O quê?

— Um rei não aceita ordens de um verme.

O movimento da faca foi tão rápido que Magnus só viu um brilho de metal. No instante seguinte, sangue jorrava da garganta do lorde embriagado, e ele caía no chão.

O rei levantou a arma sobre a cabeça para mostrar à multidão.

— Um sacrifício de sangue adequado à minha estrada, para que vocês vejam com os próprios olhos. Lorde Darius era um inimigo de todos, tanto quanto qualquer rebelde comum. Desejo muito ser um

rei benevolente a todos os cidadãos da recém-unificada Mítica, mas não vou tolerar aqueles que se levantarem contra mim.

Magnus observou o sangue escorrer do ferimento aberto na garganta do lorde, empapando o solo. Os olhos de Darius estavam no próprio Magnus, repleto de ódio mesmo quando o último suspiro de vida desaparecia de seu rosto.

— Excelente, vossa majestade — Aron murmurou. — É claro que estava certo. Ele não merecia misericórdia.

É claro que estava certo. Palavras que o próprio príncipe deveria dizer, mas que não chegavam prontamente à sua língua. Apesar do calor do dia, a morte do lorde havia provocado um frio violento dentro dele. Aquilo era errado. Desnecessário. Intolerante. Mas ele certamente nunca admitiria isso em voz alta.

A multidão ficou em silêncio, observando o rumo dos acontecimentos com confusão, medo ou repulsa. Muitos — mais do que Magnus poderia esperar — olhavam as ações de seu novo rei com respeito. Depois se viraram uns para os outros alarmados quando um tremor retumbou sob seus pés. Magnus sentiu as vibrações através da pá que ainda segurava. A garrafa de vinho vazia de lorde Darius rolou até bater em uma árvore, com força suficiente para quebrar o vidro.

— Pela deusa, o que está acontecendo? — a rainha sussurrou, empalidecendo. Ela se aproximou e agarrou a manga da camisa de Magnus.

Tudo terminou com a mesma rapidez que começou.

O rei ficou olhando para a multidão, com a testa franzida como se estivesse muito concentrado.

— Era disso que ela estava falando, então? — ele murmurou.

— O que você disse, Gaius? — a rainha perguntou, com a voz trêmula.

— Nada de seu interesse. — Ele entregou a faca ensanguentada para um guarda e limpou o sangue que havia espirrado em seu rosto com um pano oferecido por outro. — Venham comigo. Vamos visitar o interior do templo. Decidi que o casamento será realizado aqui.

— Aqui? — Magnus finalmente desviou o olhar do lorde morto, cujos olhos ainda o encaravam levemente com reprovação. — No templo dedicado à arqui-inimiga da deusa Valoria?

— Eu não tinha ideia de que era tão devoto à nossa deusa a ponto de ficar ofendido.

Ele não era, é claro. A maioria dos limerianos era muito devota à sua fé, dedicando dois dias da semana ao silêncio e à oração, mas Magnus achava difícil acreditar com verdadeira paixão em qualquer coisa em sua vida. Ainda assim, o local pareceu uma escolha incomum.

Quanto mais refletia, no entanto, mais se dava conta de que era estratégico. Onde mais a princesa se casaria, se não no lugar que seu povo — até mesmo aqueles que recentemente haviam se distanciado da forte adesão à fé coletiva — considerava o mais sagrado? Os limerianos já estavam sob domínio do rei. Os paelsianos eram muito pobres e oprimidos para serem considerados uma ameaça à coroa, principalmente agora que estavam sendo agrupados para construir a estrada. Mas os auranianos — que começavam a sair de seu repouso coletivo e hedonista — ainda eram uma surpresa.

Trinta degraus de mármore esculpido levavam ao enorme templo. A construção inteira parecia esculpida nesse material, também onipresente no palácio. Fazia Magnus se lembrar do gelo que se estendia diante do castelo limeriano. Pálido, frio, imaculado.

No interior, havia fileiras de pilares de mármore enormes, que iam até o teto. O santuário principal tinha uma estátua de seis metros de altura da deusa Cleiona na entrada, de braços abertos. Esculpidos na palma de suas mãos estavam o símbolo triangular do fogo e o símbolo espiral do ar, elementos que ela incorporava. Seus cabelos eram longos e ondulados; sua expressão, soberba, mas estranhamente cativante. Por um instante, a deusa fez Magnus se lembrar daquela que levava o seu nome, a própria princesa.

A fragrância estonteante de incenso e velas perfumadas pairava no ar. No altar, uma fogueira queimava, representando a eterna magia do fogo de Cleiona. Não havia nada assim em Limeros. O

Templo de Valoria era escuro e prático, e estava sempre cheio de fiéis.

Aquele lugar, no entanto… parecia mágico.

Os olhos de Magnus encontraram os de Aron. Havia algo ácido no olhar do lorde.

— Estou muito feliz por você — Aron disse, com a voz tensa. — Que você e a princesa Cleo tenham muitos anos maravilhosos juntos.

— Só posso rezar para ser capaz de fazê-la tão feliz quanto você faria — Magnus respondeu com ironia.

— É claro. — Havia algo na voz de Aron, como se ele desejasse dizer muito mais do que isso. Sabiamente, não disse.

O rei se aproximou.

— Ora, ora. Fico feliz em ver que vocês dois estão se tornando bons amigos.

— Como seria diferente? — Magnus disse. — Temos tanto em comum.

— Vá procurar Cronus — o rei pediu a Aron, referindo-se ao capitão da guarda do palácio —, e peça a ele que prepare as carruagens para nos levar de volta à cidade.

— Pois não, vossa majestade. — Aron se curvou e logo se virou para sair correndo do templo.

Magnus não conseguiu conter a curiosidade:

— Por que você o tolera?

— Ele me diverte.

— Certamente uma qualidade digna à indicação de vassalo do rei. Divertimento.

— Ele faz tudo o que eu peço. Talvez possa aprender muita coisa com ele. — Aquilo foi dito com leveza, mas pesava mais como chumbo do que como uma pena.

— Não tenho muita vocação para lamber as botas dos outros.

— Nem para execuções públicas, ao que parece. Não aprovou o que fiz lá fora, não é?

Magnus mediu as palavras que diria a seguir:

— Ele falou mal de você em público. É claro que merecia morrer.

— Fico feliz por concordarmos. Eu realmente acho que era o destino. Um jorro de sangue no ponto inicial da minha estrada é simbólico. Um sacrifício adequado pela oportunidade de encontrar o tesouro supremo.

Finalmente um assunto mais digno de discussão.

— Teve alguma sorte em sua busca?

— Ainda não. Estamos apenas começando, meu filho. A paciência nos fará muito bem em muitas áreas.

Paciência? Não era exatamente algo que seu pai possuía em grande quantidade.

— É claro — Magnus disse em vez disso, caminhando até a parede branca e lisa e passando o dedo sobre a gravação do símbolo do fogo, motivo recorrente em todo o templo. — Está falando de minha impaciência com a recuperação de Lucia também, não está?

— Estou.

— A criada disse que Lucia estava agitada durante o sono ontem, e achou que ela fosse acordar. Mas não acordou, é claro. Mãe, você sabia disso?

A rainha Althea se aproximou.

— Sim, eu estava lá. Já tinha acontecido antes. De tempos em tempos ela se mexe, resmunga como se estivesse sonhando. Depois volta a ficar em silêncio.

— Você a visita com regularidade — o rei disse. Não era uma pergunta, já que ele sabia a resposta. O rei sabia de tudo o que acontecia entre as paredes do palácio.

— Todos os dias. — Ela confirmou com a cabeça. — Eu leio para ela. Lucia parece tão em paz que às vezes me engano e acho que está apenas dormindo. Ainda tenho fé de que ela voltará para nós em breve, de que não está perdida para sempre.

O rei zombou:

— Você soa como se não ressentisse a existência dela desde que foi levada para Limeros.

— Eu não me ressinto dela. — A rainha arrumou os cabelos grisalhos, como se pudesse soltá-los do coque apertado que

repuxava sua pele na altura das têmporas. — Eu amo nossa filha como se ela tivesse saído de meu próprio ventre.

O rei Gaius olhou para a esquerda, para um afresco de um grande sol brilhando sobre a Cidade de Ouro e seus habitantes.

— É interessante que tenha sido necessária essa tragédia para trazer à tona seus instintos maternais. Durante dezesseis anos você ignorou Lucia ou a tratou como uma boneca de pano que podia vestir e exibir. Agradeço à deusa por ela ter uma beleza natural, caso contrário você a teria rebaixado ao posto de criada há muito tempo.

De repente, Magnus viu sua mãe se encolher, o que mostrava que as palavras do rei a haviam magoado profundamente. Mas ele não podia discordar totalmente delas.

— Quando acordar, serei diferente com ela — a rainha disse com suavidade. — Reconheço meus erros e desejo consertá-los. Eu me preocupo com Lucia, de verdade. E juro pela deusa que vou provar.

— Esse é o espírito — o rei disse, embora suas palavras tenham sido frias. — Mandei vir um novo curandeiro amanhã. Quero que ela esteja presente no casamento, se for possível.

— E se não puder, eu ficarei ao lado de seu leito.

O rei permaneceu em silêncio por um instante.

— Não. Você vai ao casamento de qualquer jeito.

A rainha ficou remexendo a manga de seu manto verde-escuro. Ela franziu tanto a testa que linhas profundas apareceram entre as sobrancelhas.

— Não confio na garota Bellos, Gaius. Tem alguma coisa nos olhos daquela menina, algo obscuro e astuto. Tenho medo do que ela pretende fazer conosco. Do que pode fazer com Lucia ou com Magnus.

Aquilo fez Magnus rir.

— Mãe, não se preocupe comigo. Posso lidar com a princesa, mesmo se houver uma sombra de vingança dentro dela. Não passa de uma menina.

— Ela nos odeia.

— É claro que odeia — o rei disse gentilmente. — Eu tomei seu trono, o trono de seu pai, o trono de sua irmã. Tomei pela força e

pelo sangue. E não me desculpo por nada.

— Encontre outra noiva para Magnus — a rainha pediu. — Posso pensar em várias que seriam mais adequadas a ele. Por quem nosso filho poderia se apaixonar com o tempo.

— Apaixonar? Se Magnus quer amor, pode encontrá-lo em uma amante, como eu fiz. Não em uma esposa rabugenta.

A rainha empalideceu ao ouvir aquilo.

— Tudo o que falo é de coração.

— Guarde minhas palavras, Althea… — Uma frieza tomou conta do tom de voz do rei. — Tudo o que acontecer de hoje em diante, para o bem ou para o mal, deve acontecer por decisão minha. Porque é adequado a mim. E estou avisando, não passe por cima de mim, ou…

— Ou o quê? — Ela ergueu a cabeça e olhou diretamente nos olhos dele. — Vai passar uma lâmina pelo meu pescoço também? É assim que silencia todas as vozes que se opõem a você?

A fúria invadiu o olhar do rei, e ele deu um passo ameaçador na direção dela, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Magnus entrou no meio dos dois e forçou um sorriso.

— Os humores estão se agitando com o calor do dia. Talvez seja hora de irmos embora.

Os olhos irados do rei se fixaram nele e lentamente esfriaram. Ainda havia uma mancha de sangue em seu rosto, bem debaixo do olho esquerdo.

— Sim. Está na hora. Encontrem-me do lado de fora quando estiverem prontos.

Ele deu as costas para os dois e, com um guarda de cada lado, saiu do templo cavernoso e voltou para a luz radiante do dia.

— Temos que ir — a voz da rainha ficou tensa enquanto seguia na mesma direção.

Magnus colocou a mão sobre o ombro dela antes que desse mais do que alguns passos. Virou-a para si e levantou seu queixo para que seus olhos cheios de lágrimas encontrassem os seus. A dor que ele viu chegou ao seu peito e apertou seu coração.

— Não me lembro da última vez que a vi chorar.

Ela empurrou a mão dele.

— E não deveria estar vendo agora.

— Ele não lida bem com discussões. Você sabe disso.

— Ele lida com discussões como sempre lidou. Com um punho de aço e um coração esculpido em gelo. — Ela analisou o rosto dele. — Você não quer esse casamento, não é, meu filho?

— O que eu quero é irrelevante, mãe.

Sempre é.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Sabe que amo você, não sabe?

Magnus desejava permanecer impassível diante desse sentimentalismo inesperado. A mulher que estava à sua frente havia sido fria e distante por tanto tempo que ele havia esquecido que podia ser diferente.

— De onde veio isso, mãe? Está mesmo tão preocupada com o fato de que estou sendo obrigado a aceitar um casamento sem amor para fortalecer o poder de meu pai neste reino instável? Ou tem a ver com alguma outra coisa? A situação de Lucia, talvez?

A expressão da rainha se fechou quando ela deu um longo e trêmulo suspiro.

— Foi um ano difícil para todos nós. Tantas perdas. Tanta morte.

— É, sei que está de coração partido porque a amante do rei foi incinerada.

Um músculo de seu rosto se contorceu.

— Não sofro pela morte de Sabina, nem passo muito tempo perturbada pela maneira como morreu. Só me preocupo neste mundo com você e com Lucia. Vocês são tudo o que me importa.

Suas raras palavras de afeição o deixaram confuso.

— Não sei o que espera que eu diga, mãe. Meu pai quer que eu me case com a garota Bellos e, se realmente chegar a isso, eu o farei sem discutir. Irá fortalecer minha posição no reino. — E o faria ganhar a confiança total de seu pai no que dizia respeito à estrada e à busca secreta pela Tétrade.

A rainha Althea observou o rosto de Magnus.

— É isso que passou a desejar, meu filho? Poder?

— É o que sempre desejei.

Ela apertou os lábios.

— Mentiroso.

A palavra foi como um tapa.

— Sou o príncipe herdeiro, mãe, caso tenha esquecido. Herdeiro do trono de Limeros, e agora de toda Mítica. Por que eu não desejaria isso, e ainda mais?

— Seu pai é um homem cruel que procura um tesouro que nem existe. A obsessão dele beira a loucura.

— Ele é movido pelo que mais deseja e está focado nisso. E eu a aconselharia a não chamar o rei de louco. Ele não lidaria bem com essa declaração.

Agora que o rei havia saído, ela não parecia preocupada. Parecia mais confiante em suas palavras.

— Você vai contar a ele?

O maxilar de Magnus ficou tenso.

— Não. Mas quando insulta o rei, está me insultando também. Meu pai e eu… nós somos muitos parecidos. Faremos o que for preciso para conseguir o que desejamos, e acabaremos com quem entrar em nosso caminho, seja quem for. Sem consciência nem remorso.

Essa afirmação ousada finalmente colocou um leve sorriso no rosto dela, o que imediatamente fez dez anos desaparecerem num passe de mágica.

Magnus a observou com cuidado.

— Falei algo engraçado?

O olhar dela estava suave, mais suave do que ele jamais tinha visto nos últimos anos.

— Na aparência, sim, você é tão belo quanto Gaius, sem sombra de dúvida. Mas é aí que terminam as semelhanças. Ah, Magnus, meu filho, você não é como ele. E nunca será.

Ele recuou como se ela o tivesse golpeado.

— Você está errada.

— Acha que estou falando isso para insultá-lo? Pelo contrário.

— Eu matei, mãe. Muitos homens. E os vi sofrer e sangrar e morrer diante dos meus olhos no campo de batalha para tomar o palácio auraniano. E até massacrei alguém que não merecia minha lâmina, que agiu com coragem e bravura. Eu o feri com o medo de

um covarde. — As palavras pareciam vidro quebrado em sua garganta. — Fiquei parado enquanto meu pai mandava torturar uma garota inocente e não disse uma palavra para salvá-la. Agora ela está morta, e a culpa é minha. — Ele desviou o olhar, escondendo sua fraqueza. — Meu coração é esculpido em gelo, assim como disse que é o do rei.

A rainha se aproximou e levou a mão à lateral de seu rosto, o lado com a cicatriz. Ela o acariciou como fazia quando ele era um menino, e seu peito começou a doer.

— Você *não é* como Gaius. Ele é um monstro de coração frio e alma obscura. Você cometeu erros, sim. E eu não tenho dúvidas de que, assim como qualquer outra pessoa que viva e respire, ainda cometerá muitos outros na vida. Mas isso não muda quem você é lá no fundo. Você tem um coração bom, Magnus. E não pode fazer nada para mudar isso.

Os olhos dele ardiam quando ela afastou a mão.

— Precisamos nos juntar ao meu pai lá fora. Esta conversa acabou.

8

LYSANDRA

PAELSIA

Lysandra deixou o acampamento rebelde ao anoitecer, levando uma tocha da pilha de suprimentos para impedir que as sombras das Terras Selvagens a envolvessem como um nó. Nas semanas que se passaram desde que sua vila fora atacada, desde a última vez que vira seus pais vivos e falara com Gregor, ela tentara fortalecer sua mente e espírito. E havia funcionado. Mesmo naquela densa floresta que enchia todos — exceto os de alma mais sombria — de terror, ela se sentia ousada e destemida.

Ela se assustou quando ouviu o uivo de alguma fera nas redondezas. Um tremor percorreu seu corpo, e ela segurou a tocha com mais força.

Sim, muito ousada e destemida.

Pelo menos era o que tentava convencer a si mesma.

Ela passou por uma clareira iluminada por uma fogueira, numa área que havia ficado mais escura com o cair do dia. Um trio de

garotos arrastava a carcaça de um cervo que acabara de ser abatido.

O acampamento era composto por abrigos desorganizados e redes amarradas às árvores como ninhos de pássaros. Muitos garotos e algumas garotas determinadas agora chamavam aquilo de lar. Um refúgio longe do pulso de ferro do rei Gaius. Durante o dia, os rebeldes saíam em pequenos grupos — caçando, explorando, roubando — para beneficiar os demais, mas à noite ficavam juntos. Era mais seguro ficar em grupos grandes quando se escolhia um lugar tão perigoso e selvagem como lar. E ali eles treinavam em combates corpo a corpo, assim como com espada, adaga e arco, para que pudessem sair e instaurar o caos em Auranos, tentando espalhar notícias sobre as mentiras do rei e influenciar todos os que cruzassem seu caminho a passar para o lado dos rebeldes.

Infelizmente, houve poucas vitórias.

E pior: Jonas se recusava a organizar um ataque rebelde aos campos de trabalho na estrada, temendo a derrota e as perdas. Lysandra já estava cansada de pedir. Mas não tão cansada como estava de sentir a falta de seu irmão, um sentimento tão violento que chegava a doer. Será que Gregor ainda estava vivo?

Se ninguém ia lhe ajudar a fazer o que era certo, ela precisava cuidar do assunto com as próprias mãos.

No entanto, não demorou muito até ela se dar conta de que dois rebeldes muito específicos a haviam seguido para fora do acampamento.

Brion estava ofegante quando a alcançou.

— Você anda rápido.

— Não rápido o bastante, aparentemente — ela resmungou.

— Para onde está indo?

— Embora.

— Vai nos deixar?

— Vou.

O rosto dele desabou.

— Lys, não vá. Eu preciso… Hum, quer dizer, *nós* precisamos de você aqui.

Ela suspirou. O garoto era como um cachorro amigável, sempre ávido por qualquer palavra gentil que ela pudesse dizer. Se tivesse rabo, certamente o abanaria se ela simplesmente olhasse em sua direção. Ela não queria, mas não podia evitar gostar de Brion Radenos.

Mas também havia o *outro*.

— Está fugindo? — Ela fez uma careta ao ouvir a voz familiar de Jonas. — Sem nem dizer adeus?

Durante uma semana ela havia vivido com os rebeldes, comido com eles em volta da fogueira, caçado com eles, treinado com eles. Jonas praticamente não lhe dirigia a palavra quando podia evitar, porque ela sempre queria falar de suas ideias e planos sobre o que deveria ser o foco da atenção dos rebeldes.

— Adeus — ela disse, olhando para trás e abrindo um sorriso curto e falso ao líder rebelde.

Ela voltou a prestar atenção no caminho à sua frente. Seria uma trilha longa e traiçoeira pelas Terras Selvagens até alcançar seu destino. Assim que chegasse à primeira vila em Paelsia, decidira, encontraria um cavalo.

— Você vai explorar o campo de trabalho da estrada sozinha?

Ela continuou andando.

— Sim, Jonas, é exatamente para onde estou indo, já que se recusa a fazer qualquer coisa para ajudar nosso povo.

Ele podia ter se recusado a organizar um ataque imediato, mas pelo menos tinha obtido mais informações sobre a localização exata dos pontos de construção da estrada em Paelsia. Muitos que não desejavam se juntar totalmente aos rebeldes às vezes estavam dispostos a sussurrar segredos se não houvesse chance de serem descobertos.

Lysandra pretendia investigar o campo localizado perto do complexo abandonado do chefe Basilius, o local mais próximo de sua vila destruída. Era onde esperava encontrar pessoas conhecidas — aqueles que haviam sobrevivido. Se conseguisse libertar qualquer um deles, ajudar qualquer um deles, precisava tentar. E talvez Gregor estivesse lá. Mas a dolorosa esperança apertava demais seu peito, então afastou o pensamento.

— Não vá, Lysandra — Jonas disse. — Precisamos de você no acampamento.

Isso a fez parar e olhar para ele com desconfiança, afastando um galho de árvore para enxergá-lo melhor em meio à escuridão.

— Você *precisa* de mim, Jonas?

— Você provou seu valor como rebelde, assim como suas habilidades com o arco e flecha. Não podemos perdê-la.

As palavras dele a surpreenderam, pois tinha a impressão de que ele não dava a mínima para ela.

— Eu vou voltar. — Ela não tinha certeza de que voltaria, mas o pedido inesperado de Jonas arrancou as palavras de seus lábios. — Mas preciso ver com meus próprios olhos o que aconteceu com o povo da minha vila. Não posso esperar nem mais um dia.

— Não posso proteger você se fugir e agir por conta própria.

— Não preciso da sua proteção. — Ela tentou manter a voz firme e controlada, mas a sugestão de que ela era uma menina frágil que precisava de um garoto forte para protegê-la era irritante. — Não se preocupe comigo, Agallon. Gaste seu precioso tempo se preocupando com a princesa Cleo. Talvez ela decida participar do seu próximo esquema que não colocará ninguém em risco de derramar sequer uma gota de sangue.

Ela distorceu as palavras como se fossem uma arma e conseguiu fazer Jonas recuar. Para Lysandra, as decisões dele eram ridículas. Afinal, cada rebelde sabia da possibilidade de perigo ao entrar para o grupo!

Jonas lançou a Brion um olhar fulminante. Lysandra havia aprendido rápido que algumas palavras gentis, um simples toque no braço ou um sorriso fariam Brion comer na mão dela e lhe contar informações secretas. Como a visita clandestina de Jonas à princesa, que só resultou em fracasso.

— Devíamos ir com ela — Brion disse com firmeza, ignorando o olhar feio de Jonas. — Precisamos ver de perto como o rei está tratando nosso povo.

O coração de Lysandra inflou.

— Obrigada, Brion.

Ele a olhou nos olhos e lhe ofereceu um leve sorriso.

— Faço qualquer coisa por você, Lys.

Jonas ficou em silêncio, com uma expressão dura ao encarar os dois.

— Está bem — ele disse finalmente. — Você e Brion esperem aqui enquanto volto ao acampamento e deixo Ivan no comando enquanto estivermos fora. Nós iremos juntos e voltaremos juntos.

Lysandra não sabia ao certo por que a decisão daquele líder rebelde teimoso lhe pareceu uma enorme vitória. Mas foi o que sentiu.

Durante a viagem de dois dias, o trio encontrou um enorme urso negro que apareceu diante deles como um demônio, barrando seu caminho. Brion conseguiu escapar por pouco de suas garras afiadas como navalhas, e Lysandra sentiu o calor de seu bafo no pescoço ao tirar o rapaz do caminho do animal bem a tempo. Depois, também encontraram um pequeno acampamento de foras da lei que, diante da oferta de se juntarem aos rebeldes, desembainharam as adagas e ameaçaram cortar os três em pedacinhos e comê-los no jantar.

Eles encararam aquilo como um não convicto.

Finalmente saíram da floresta e seguiram para o leste de Paelsia — os picos irregulares das Montanhas Proibidas já eram visíveis no horizonte, subindo altos e ameaçadores entre as nuvens cinzentas no céu.

O complexo do chefe Basilius era uma área murada com cabanas de barro ou pedra e casebres. Todos que viviam ali haviam se dispersado após o assassinato do chefe, deixando o local deserto. Havia sido transformado então em um ajuntamento temporário de barracas para os guardas e soldados que inspecionavam a área.

Ali, o solo ainda tinha alguma vegetação e restavam algumas folhas nas árvores. Ao sul, a fronteira com as Terras Selvagens ficava a meio dia de viagem. A oeste, na direção do Mar Prateado, ficavam pequenas vilas, incluindo o que sobrara da vila de Lysandra.

Repleta de trabalhadores paelsianos, a estrada do rei cortava o solo como uma ferida aberta. Lysandra achava incrível a rapidez com que estava sendo construída, como se o rei tivesse passado o dedo sobre a paisagem paelsiana empoeirada e o contorno da estrada tivesse aparecido como mágica.

Mas não havia magia ali. Apenas suor. Apenas dor e sangue.

Os três olharam com ódio para o que acontecia diante de si, agachados e escondidos em uma floresta cheia de plantas perenes perto do complexo e do campo de trabalho.

Um rio débil corria pela terra empoeirada paralela à estrada, a única fonte de água potável que a região tinha para oferecer. Depois dele, literalmente milhares de paelsianos formavam uma fila ao longo de um trecho de mais de três quilômetros para trabalhar. Gente de todas as idades — de jovens a velhos. Dois garotos paelsianos trabalhavam com ardor a uns trinta passos de distância dos rebeldes escondidos, serrando um grande tronco de árvore. Outros carregavam pedras pesadas, que haviam sido cuidadosamente esculpidas até ficarem planas, para a frente da estrada, fora do campo de visão de Lysandra, que se espremia junto a uma árvore, cuja seiva na casca deixava um rastro grudento em sua pele. Sempre que alguém diminuía o passo, ouvia-se o estalar do chicote dos guardas, ferindo brutalmente as costas desnudas.

— Estão vendo? — Lysandra sussurrou. — Eu não estava mentindo. É assim que são as coisas por aqui. É assim que nosso povo está sendo tratado.

— Por que estão sendo maltratados desse jeito? — A voz de Brion estava rouca. — Ninguém consegue trabalhar nesse ritmo sem descansar.

— Para esses guardas, eles não são pessoas. São animais que servem a um propósito. — Lysandra vasculhou a área até ter que contrair os olhos, procurando rostos conhecidos, e principalmente procurando Gregor. Seu olhar finalmente voltou-se para a expressão tensa de Jonas. Ele olhava para a cena à sua frente com repulsa. Sua mão estava sobre a adaga cravejada de joias em sua cintura, como se estivesse louco para usá-la.

— Precisamos de informações — Jonas finalmente disse. — Mas como vamos chegar perto o bastante para falar com alguém sem que os guardas nos vejam?

— Eles mantêm os escravos na linha por intimidação e ameaça. — Brion franziu a testa. — Mas não há correntes, não há muros.

Lysandra não estava mais ouvindo. Ela havia localizado um rosto conhecido, e seu coração começou a bater forte e rápido. Ela esperou até um guarda a cavalo virar as costas, para não vê-la se aproximar, e então saiu da proteção das árvores e se juntou aos trabalhadores paelsianos.

— Vara! — Lysandra correu até a garota, que olhou para ela com os olhos arregalados e assustados. — Você está viva!

— O que você está fazendo aqui? — Vara sussurrou.

A área estava tão cheia quanto uma pequena cidade e em plena atividade. Para todos os lugares que Lysandra olhava, havia pilhas de madeira e pedra altas como casas. Ladeando a estrada havia grandes barracas onde os guardas limerianos podiam fazer intervalos e fugir do sol forte.

Lysandra puxou Vara para trás de uma das barracas para se protegerem de um guarda próximo.

— Onde está Gregor? — Quando a menina não respondeu, ela a sacudiu. — Onde ele está?

— Eu… eu não sei. Não o vi.

O coração de Lysandra se contorceu.

— Quando o viu pela última vez?

— Na vila, quando nos atacaram. — Sua voz falhou, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Lysandra, tanta gente morreu!

Era apenas a confirmação do que ela já sabia ser verdade.

— Quantos ainda estão vivos?

— Não sei. Você não devia estar aqui! Eles podem capturar você também! — Ela mordeu o lábio inferior, franzindo a testa. — Mas… você é uma boa guerreira. Eu sei disso. Você pode nos ajudar.

— Ajudar vocês? Em quê?

— Na nossa fuga. — Vara assentiu firmemente com a cabeça, mas Lysandra notou um olhar estranho, transtornado em seus olhos.

— Já era para ter acontecido. Só estou esperando o sinal. Você é o sinal. Você *precisa* ser. Está na hora de nos libertarmos.

— Do que você está falando? Existe mesmo um plano de fuga? — O coração de Lysandra ficou aliviado de pensar que seu povo estaria planejando uma revolta ali, mesmo contra tanta oposição armada. Jonas estava certo sobre uma coisa: atacar um lugar com tantos guardas resultaria em muitas, muitas mortes, tanto de rebeldes quanto de escravos. E certamente não havia nenhuma garantia de vitória.

A maioria dos paelsianos aceitava a vida como lhes era apresentada, acreditando que a sorte e o destino eram imutáveis. Jonas era um dos poucos que ela conhecia que tinha algo dentro de si — algo que ia contra essa crença. Aquela certeza reluzia na pele dele, e Lysandra sabia que era aquilo que o destacava como líder. Jonas *era* um líder. Ele acreditava que o destino não era algo a ser aceito de cabeça baixa, mas desafiado a todo instante.

O fato de Vara também querer se libertar era um sinal de que havia uma chance de os outros fazerem o mesmo.

— Sonhei que seria eu — Vara sussurrou. — Que mataria todos eles.

Ela se virou, e Lysandra se contorceu ao ver os ferimentos vermelhos de chicote nas costas da menina. O que restava de seu vestido estava em farrapos.

Ainda assim, havia algo muito errado no modo como Vara falava.

— É claro que vai. Eles vão morrer pelo que fizeram, isso eu prometo.

Vara olhou por cima do ombro e abriu um grande sorriso para Lysandra, o que lançou um calafrio pelo seu corpo.

— Observe.

— Observe? Observe o quê? Vara, do que está falando?

Pegando uma pedra mediana e irregular do chão, Vara começou a andar na direção de um guarda. O coração de Lysandra passou a bater descontroladamente. O que ela estava fazendo?

— Senhor… — Vara disse.

— O que foi? — O guarda olhou para ela.

Sem pensar duas vezes, ela atirou a pedra no rosto do guarda. Ele soltou um urro de dor, e seu nariz e seus dentes foram esmagados com a força do golpe. Ela se abaixou sobre o homem quando ele caiu no chão e continuou a golpeá-lo com a pedra, repetidas vezes, até seu rosto se reduzir a uma massa vermelha.

Lysandra observou de trás da barraca, horrorizada, enquanto outros guardas davam o alarme. Eles correram na direção do ataque, empurrando outros trabalhadores para passar, espadas em punho.

Não houve hesitação quando um guarda atravessou o corpo de Vara com a espada. Ela deu um grito agudo, soltando a pedra ensanguentada ao cair de lado no chão. Morta instantaneamente.

Lysandra cobriu a boca com a mão para não emitir nenhum som, mas um grito sufocado escapou de sua garganta. Outros escravos não fizeram tanto silêncio. Muitos começaram a gemer e gritar ao verem o sangue, o guarda morto, a menina morta.

Um homem mais velho, musculoso e barbudo, rugiu de fúria. Lysandra levou apenas um instante para reconhecê-lo como o pai de Vara. Ele correu na direção dos guardas e arrancou a espada da mão de um deles. Seu golpe foi rápido e brutal, cortando a cabeça do guarda bem ali onde ele estava.

Em poucos instantes, mais de trinta paelsianos se juntaram à briga em uma tentativa de matar a maior quantidade de guardas possível — com pedras, cinzéis, com as próprias mãos e os dentes. Outros escravos ficaram de fora, observando com medo e choque estampados no rosto.

Um enxame de novos guardas se aproximou correndo. Um deles ergueu o braço para dar uma chicotada em um menino, mas logo cambaleou para trás. Com os olhos arregalados, ele olhou para a flecha que perfurara seu peito, logo abaixo do ombro. Seu olhar voltou-se para Lysandra.

Quando ele abriu a boca para gritar, para apontá-la para os outros guardas como alvo, outra flecha empalou seu olho direito. Ele caiu no chão sem emitir nenhum som.

A primeira flecha havia saído do arco de Lysandra. Seus dedos já calejados ficaram esfolados pela velocidade com que pegou a flecha

e a lançou.

Mas a segunda…

Brion e Jonas seguiram rapidamente na direção dela. Jonas atirou outra flecha apontada para um guarda que se aproximava, atingindo-o na garganta.

— Pegue-a — Jonas gritou.

Brion não discutiu. Pegou Lysandra e a jogou sobre o ombro. Ela estava tremendo muito e não conseguia pensar direito. Não conseguia ver direito.

Ela tentou se soltar, fincando as unhas em suas costas.

— Me solte! Eu preciso ajudar!

— E deixá-la morrer? — Brion retrucou. — De jeito nenhum.

Vara havia dado início àquilo sem pensar. Não havia nenhum plano organizado ou revolta. A garota estava louca. As mortes que havia presenciado na vila e todos os maus-tratos que tinha sofrido ali… a fizeram enlouquecer.

Jonas abriu o caminho, usando sua adaga cravejada de joias, desbravando a passagem por entre os guardas que apareciam em seu caminho, para que os três pudessem voltar para a região coberta de árvores. Uma vez escondidos pelos galhos, Brion finalmente colocou Lysandra de volta no chão.

Ela ficou olhando para o campo, horrorizada. Era impossível contar os corpos que caíam sangrando, dilacerados, cercados por massas de escravos revoltos desordenados e guardas tentando restaurar a ordem. Trinta, quarenta… talvez mais tenham sido massacrados em poucos minutos. O sangue tanto de paelsianos quanto de limerianos era absorvido pelo solo árido.

Era um massacre.

— Você está bem? — Brion estava gritando com ela, mas sua voz parecia a quilômetros de distância. — Lys, escute! *Você está bem?*

Finalmente, ela olhou para ele, para seus olhos azuis repletos de preocupação.

— Eu estava tentando ajudar — ela disse com a voz fraca.

Alívio passou pelos olhos dele, seguido de raiva.

— Você me deixou preocupado. Não faça mais isso comigo, está ouvindo?

Uma brisa soprou em seu rosto, mas até então o ar estava calmo. Brion também sentiu e olhou para a frente. Uma espécie de rugido se aproximava, tornando-se cada vez mais alto.

— O que é isso? — ele perguntou.

Algo estranho e inesperado se movimentava pela terra, juntando poeira e escombros, madeira e pedras, enquanto ganhava força. Algo que havia surgido do nada, tão de repente que ninguém notou até que se formou completamente.

Um tornado. Uma massa cilíndrica que girava na direção do campo de trabalho. O vento foi ficando mais forte, jogando os cabelos de Lysandra para trás, tornando impossível até falar. De todo jeito, o barulho era tão alto que eles não seriam capazes de ouvir um ao outro. Nuvens escuras de tempestade rapidamente se formaram, bloqueando a luz do sol em segundos.

Tanto escravos quanto guardas correram para fugir, mas alguns foram tragados pelo tornado, desaparecendo por um tempo até serem jogados para fora, atingindo o solo como bonecos quebrados.

— Está se aproximando! — Jonas gritou. Brion pegou a mão de Lysandra e eles começaram a correr, mas não foram muito longe antes que a força do vento os derrubasse. Árvores foram arrancadas pela raiz e arremessadas no ar como flechas.

O rugido do tornado era como um trovão — porém mais ensurdecedor. Mais aterrorizante. Lysandra não conseguia recuperar o fôlego, não conseguia pensar. Alguma coisa a chicoteou no rosto, cortando sua bochecha, e ela sentiu o calor de seu sangue. Percebeu que estava agarrada a Brion e Jonas por medo de ser arrastada e levada pelo vento. Por um instante, teve certeza de que isso aconteceria.

Ali perto, uma árvore de quase dez metros foi arrancada da terra e desabou no chão da floresta, errando-os por pouco. Ela ficou encarando a árvore por cima do ombro de Brion, consciente de que poderia tê-los matado esmagados.

Parecia durar uma eternidade, mas finalmente o tornado foi desacelerando cada vez mais até desaparecer completamente pouco antes de alcançá-los. O barulho estrondoso se reduziu a nada. Mais alguns momentos de uma estranha quietude se

passaram até que os pássaros recomeçaram a gorjear, e os insetos, a zumbir. Gritos podiam ser ouvidos no campo, a uns cem passos de distância, onde todos cambaleavam após o desastre.

Dois guardas os viram em meio às árvores caídas e saíram em disparada do resto do pandemônio. Eles correram para a floresta, espadas na mão.

— Precisamos ir — Jonas resmungou. — Agora.

Segurando o arco com firmeza, Lysandra se levantou, trêmula, e adentrou a floresta atrás de Brion e Jonas, botas afundando na terra solta e nas raízes emaranhadas.

— Parem em nome do rei! — um guarda gritou.

Um galho atingiu o rosto de Lysandra e ela sentiu o gosto férrico de seu próprio sangue enquanto o atirava de lado. Eles não podiam diminuir o passo. Depois do que havia acontecido na estrada, os guardas cortariam a garganta dos três imediatamente, deduzindo que eram escravos que haviam escapado durante o desastre.

Os gritos dos guardas se extinguiram, mas os três continuaram correndo o quanto puderam até finalmente diminuírem a velocidade.

— O que aconteceu? — Brion disse com a expressão tensa. — O que acabou de acontecer lá atrás?

Lysandra notou que estava tremendo.

— Qual parte?

— Tudo. Aquele tornado…

— Uma coincidência — Jonas disse. Ele estava sem fôlego, mas continuou andando rápido.

— É muito estranho para ser coincidência. — Brion coçou a parte de trás da cabeça. — Baldes de sangue derramado resultam em algo assim? Do nada? Minha avó costumava contar umas histórias… sobre bruxas, sobre magia de sangue…

Lysandra o encarou com os olhos arregalados.

— Eu vi uma bruxa assim pouco antes de minha vila ser atacada. Ela estava usando magia de sangue para tentar ver o futuro, eu acho. Meu irmão disse que ela era uma Vetusta, alguém que cultuava os elementos. Ela… ela está morta agora. Assim como muitos outros.

— Não acredito em magia — Jonas disse, com firmeza. — A crença na magia foi o que manteve nosso povo inerte durante séculos, o que os impede de contra-atacar como deveriam. Eu só acredito no que posso ver com meus próprios olhos. O clima paelsiano nunca foi previsível. E isso explica tudo. Mas quanto ao campo de trabalho… agora vi o que o rei fez. Você estava certa, Lysandra.

Depois do que ela vivenciou, a confirmação de Jonas não era de grande consolo.

— Enquanto o rei viver, a estrada continuará a ser construída, e nosso povo morrerá todos os dias.

— Precisamos de algo para usar contra o rei. — Jonas franziu a testa. — Algo que tenha valor para ele e que possa ajudar a transferir algum poder para os nossos rebeldes. Algo que nos dê a chance de atingi-lo, retardá-lo, para que tenhamos a chance de detê-lo completamente. — Ele ficou em silêncio por um instante, mas logo seus olhos castanhos encontraram os dela. — Eu sei o quê.

Ela o encarou por um instante.

— O quê?

— Não o quê. Quem. A princesa Cleiona.

— Ela de novo? O que tem ela dessa vez?

— Não, escute. Não acho que ela sempre será um trunfo para o rei, mas no momento ela é, principalmente no que diz respeito a seu novo domínio sobre Auranos. Se ela não tivesse valor para ele, se não representasse algo muito importante, já estaria morta. Isso a torna valiosa para nós. — Ele apertou os lábios. — Depois do que vi hoje, estou disposto a fazer o que for preciso para libertar nosso povo dessa tirania.

— Você pretende assassinar a princesa para mandar uma mensagem ao rei — Lysandra disse, quase sem fôlego.

— Jonas… — Brion parecia desconfortável com a proposta. — Tem certeza de que quer fazer uma coisa dessas?

— Não estou planejando assassiná-la. — Jonas alternou o olhar entre os dois. — Estou planejando sequestrá-la.

9

REI GAIUS

O SANTUÁRIO

O rei sentiu sua presença antes que ela se revelasse na sala simples e sem janelas que já havia se tornado um território familiar para ele.

— Você me deixou esperando muito tempo.

Ele nem tentou disfarçar o tom de impaciência em sua voz.

— Peço desculpas, vossa majestade — ela disse com delicadeza. — Por favor, diga-me que fui digna da espera.

Ele deu meia-volta e a examinou dos pés à cabeça. Ela usava um vestido que parecia feito de puro ouro. Pele impecável, longos cabelos dourados, olhos que pareciam safiras perfeitas. Era a mulher mais deslumbrante que ele já havia visto, sem exceção.

Sua última amante fora uma bruxa mortal. Essa era uma deusa imortal. Ou o mais próximo disso que ele já tinha visto.

— Bela Melenia — ele falou. — Eu poderia esperar uma eternidade para ser agraciado com apenas mais um sonho com você.

Parecia impróprio mentir para uma quase-deusa, mas as mulheres sempre reagiam bem a palavras lisonjeiras.

— Mas isso é mais do que apenas um sonho. Muito mais. — Um sorriso surgiu em sua boca exuberante, e o olhar dele demorou-se ali por um instante. Naquela noite, no entanto, sua necessidade de informação estava acima de qualquer outra coisa que pudesse desejar daquela etérea criatura.

— Eu sei que você é real. Que o que me diz é real. Se não soubesse, não teria considerado fazer o que você me pediu.

— É claro que não. — Melenia subiu lentamente a mão pelo braço dele, depois pelo peito. — E você tem feito tudo direitinho com a minha estrada, meu rei. Mas… há um problema.

— Problema?

— O tempo está acabando. Deve agir rápido para terminá-la.

Uma onda de frustração se formou dentro dele, mas o rei não deixou transparecer em seu rosto.

— A estrada está sendo construída pelas mãos de mortais, o máximo deles que consegui reunir. Está sendo feita o mais rápido possível.

Algo brilhou nos olhos azuis dela, algo desagradável, mas logo desapareceu, e um sorriso tomou seus lábios novamente.

— É claro que sim. Recebi de Xanthus alguns relatórios do progresso também. Mas o homem quase não dorme, então às vezes é difícil entrar em contato. O bom é que confio nele cegamente.

Xanthus. O engenheiro responsável por mapear a estrada e liderar a construção. Ele era essencial ao processo, habilidoso, esperto e dedicado.

Dedicado a Melenia.

Xanthus era um vigilante exilado que aquela bela imortal tinha sob seu comando. A magia da terra que ele ainda possuía depois de duas décadas vivendo no mundo mortal era fundamental para a construção da Estrada Imperial em aspectos que Melenia ainda não havia revelado.

— Peço desculpas pela minha impaciência — Melenia disse com calma —, mas já esperei tanto… E agora que tudo está começando

a se alinhar e estou vendo provas de nossas ações, sei que há apenas uma pequena janela de oportunidade para conseguirmos o que queremos.

— Provas? Que provas você tem?

— Sinais, meu rei. Sinais incríveis de que tudo está se alinhando como deveria. Peças se encaixando exatamente como era para ser. Palavras ditas na hora certa; conexões feitas; sussurros escutados por ouvidos ávidos. — Seu sorriso se abriu para compensar as palavras enigmáticas. — O que pode parecer uma série de coincidências para um imortal não passa do momento perfeito. Um sinal de que tudo está correndo como deveria.

Seu belo sorriso não foi suficiente para abrandar a frustração dele.

— Preciso de mais, Melenia. Conte mais.

Ela passou por ele.

— Farei melhor que isso. Eu vou mostrar, meu rei, o que precisa ver para ser incentivado a acelerar o processo.

Ele se virou e viu uma mesa redonda aparecer sobre o chão de mármore preto no centro da grande sala. Foi até ela e viu o mapa de Mítica na superfície. Era uma imagem familiar, já que havia um mapa idêntico no palácio limeriano.

Melena passou o fino indicador sensualmente ao longo da costa oeste, como se estivesse acariciando um amante.

— É tudo seu. Cada quilômetro. Cada mortal. Mítica pertence a você agora, mesmo sem mais magia do que já tem à sua disposição.

A menção à magia trouxe a atenção dele de volta a seu rosto impecável.

— Quando ela vai acordar?

Ele havia usado a magia de Lucia para derrotar o rei Corvin antes de Melenia se revelar a ele. Antes de atraí-lo para um sonho como esse e explicar quem era e o que queria dele. Precisava da assistência de um mortal poderoso, e entre todos do mundo ela o havia escolhido.

— A jovem feiticeira acordará quando for a hora — Melenia respondeu.

Gaius desceu o punho sobre o mapa.

— Não é bom o bastante. Preciso que ela acorde agora. Uma promessa de magia futura não me convém quando a magia que já tenho em meu poder é inútil.

Muitos se acovardariam diante de sua ira — quer dizer, aqueles que possuíam inteligência e senso de autopreservação.

Melenia era diferente. Ela não temia nada.

— Acha que vou me curvar diante de você e implorar o seu perdão, vossa majestade? — Ela continuou sorrindo, como se ele a divertisse. O rei ficou ao mesmo tempo furioso e intrigado. Nem Sabina havia sido tão ousada. — Eu não me curvo diante de ninguém.

— Os que não se curvam diante de mim acabam mortos.

— Sou imortal; a primeira de minha espécie. Vivo há mais de quatro mil anos. Vi este mundo mudar e evoluir desde seu início. Vi o nascimento de reis mortais e suas inevitáveis mortes tantas vezes que já se tornou tedioso. Mas isso foi antes de você. Posso contar um segredo, o motivo de ter recorrido a você em primeiro lugar com meus planos? Não foi apenas uma agradável coincidência, meu rei.

— Você disse que a estrada levaria à Tétrade, que sua localização me seria revelada nas Montanhas Proibidas e que Xanthus me manteria informado sobre tudo. — A frustração se acumulou dentro dele, vertiginosa como lava. — Mas não recebi notícias de nada que tenha sido encontrado nas montanhas até agora. Nenhuma pista, nenhum sinal. Onde devemos procurar? Preciso de mais provas de que está me dizendo a verdade, Melenia.

— E eu preciso que você confie em mim.

— Não confio em ninguém.

— Ninguém? Nem mesmo em seu filho, que acredita ser tão parecido com você?

— Ele ainda é jovem. Tem muito mais a me provar antes de conquistar totalmente minha confiança.

— E ainda assim contou a ele sobre mim.

— Contei apenas que tenho uma nova conselheira. Ele não está pronto para acreditar em mais nada. Ainda não. Mas se existe alguém para quem eu contaria sobre você, sobre tudo, seria ele.

Aquela bela imortal devia ter espiões escutando as conversas particulares dele. Sua espécie podia assumir a forma de falcão para observar os mortais. Mas não a própria Melenia. Ela estava aprisionada no santuário, como todos os vigilantes mais velhos. Ela não tinha como sair, não tinha nenhum contato com o mundo mortal, exceto em sonhos como aqueles.

— Sua filha adotiva vai acordar, mas não agora. Ela é essencial para o meu plano, para o seu futuro. Para a sua… profecia.

Ele ficou imóvel.

— *Minha* profecia?

Melenia assentiu, com um toque frio e suave na linha do maxilar dele.

— Sim. Eu vi com meus próprios olhos, então sei que é verdade.

— Que profecia?

Quando ela respondeu apenas com um sorriso dissimulado, ele a pegou pelos braços com força suficiente para fazer qualquer mulher normal se acovardar.

— Diga-me — ele esbravejou.

— Solte-me e eu direi, meu rei.

O desejo de machucá-la, de lhe causar dor e forçá-la a falar a verdade era forte, mas ele sabia que não ajudaria em nada. Ela parecia tão delicada em estatura, como se seus ossos fossem se quebrar como galhos secos com a mínima pressão. Mas ela não era delicada — muito pelo contrário. Ele precisava se lembrar disso. Se a maltratasse, com insultos ou ações, ela poderia nunca mais falar com ele.

Ele não estava disposto a correr esse risco. Ainda não.

Então a soltou.

— A profecia diz que um dia haverá um rei mortal que governará todo este reino. — Ela passou a mão sobre o mapa de Mítica novamente. — Um rei que descobrirá uma magia tão grande que o transformará em um deus imortal. E que ele governará este reino tendo uma deusa como sua rainha. E que eles, por sua vez, dominarão tudo, este mundo e tudo o que existe além dele, e todos, mortais ou imortais, irão se curvar diante deles. É você, meu rei. E eu serei sua rainha.

As linhas brilhantes do mapa de Mítica se alastraram, descendo pela mesa e correndo pelo piso de mármore negro como linhas de fogo, iluminando as bordas de outras terras, outros reinos e impérios além do mar e depois dele. Gaius seguiu a trilha até ela desaparecer na escuridão que os cercava.

— Tudo isso — ele sussurrou.

— Você está destinado a ser um deus imortal. Ninguém jamais teve tanto poder quanto você terá. O próprio universo se encolherá de medo diante de você.

Ele assentiu lentamente. As palavras dela eram mel, tão doces e tão verdadeiras. Elas alimentavam algo em seu íntimo, que estava faminto havia muito tempo.

— Eu sabia. Sabia que estava destinado à grandeza.

— Sim. Então agora entende que deve aumentar a velocidade da construção da estrada para podermos encontrar essa magia. O sangue derramado em Auranos, em Paelsia, o efeito que teve sobre os elementos… é o primeiro sinal pelo qual eu esperava.

— De quê?

— De que está funcionando. — Seus olhos praticamente brilhavam, assim como o mapa infinito que os cercava naquele mar de sombras. — Vamos encontrá-la, juntos.

— A Tétrade. — Ele sentiu a boca seca. Poderia mesmo estar tão perto? — Você sabe onde os cristais estão escondidos.

— A localização esteve protegida esse tempo todo dos outros de minha espécie. Mas chegou a hora. Aqui, agora. E estou certa de que é você quem trará tudo à vida.

A respiração dele estava acelerada, o coração batia mais forte do que jamais batera. Ele queria aquilo mais que tudo.

— Estou preparado para fazer o que for preciso.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sangue é essencial para tudo isso. Ele deve continuar sendo derramado. Muitos vão morrer, muitos *terão* que morrer para nosso sucesso.

— Então muitos morrerão… minha rainha. Quantos forem necessários.

— Espero que esteja falando sério.

— Estou.

Melenia havia contado tudo o que ele precisava saber, tudo que ele já sabia em certa medida. Ele havia nascido para uma grandeza ainda maior do que a que já havia conquistado. Havia nascido para ser um deus imortal, o rei mais poderoso que o universo já conheceu. Tudo e todos se curvariam diante dele.

Para sempre.

10

CLEO

AURANOS

Cleo apertou o anel de ouro e ametista com tanta força na mão que teve certeza de que ele deixaria uma marca permanente em sua pele. Fechando bem os olhos, tentou sentir algo vindo dele. *Qualquer coisa*.

Finalmente, abriu a mão para observar a pequena joia. *Pertenceu à sua mãe*, o pai dela havia dito segundos antes de morrer. *Ela sempre acreditou que tinha o poder de ajudar a encontrar a Tétrade. Se puder encontrá-la, terá poder suficiente para retomar este reino daqueles que querem destruir todos nós.*

— Estou tentando, pai — ela sussurrou. Lágrimas de frustração e sofrimento fizeram seus olhos arderem. — Mas não sei como. Queria que estivesse aqui. Sinto tanta falta de você e Emilia.

As semanas de pesquisa na biblioteca do palácio não tinham levado a nada.

Talvez ele estivesse errado.

Houve uma pancada forte na porta, e ela rapidamente se virou para esconder o anel atrás da pedra solta na parede. Um instante depois, a porta se abriu e duas jovens criadas entraram, uma de cabelos bem claros, outra de cabelos escuros. Ambas limerianas. Cleo não tinha mais permissão para ter criadas de seu próprio reino.

— Fomos enviadas para ajudá-la a se preparar para a viagem — disse Helena, a de cabelos claros.

— Viagem? — Cleo repetiu. — Para onde estou indo?

— Para Pico do Falcão — a outra, Dora, disse com uma inveja sem tamanho brilhando em seus olhos escuros. — A rainha em pessoa vai acompanhá-la até lá. Você tem uma hora marcada com Lorenzo hoje.

Era um nome que Cleo conhecia bem desde uma época em que as coisas eram mais simples. Um homem famoso, conhecido em Auranos por seu gosto impecável e estilo exemplar, um homem que vestia Cleo e sua irmã desde que eram adolescentes.

A realidade da situação começou a ganhar forma. A rainha Althea iria acompanhar Cleo para a prova de seu vestido de noiva.

Ela sentiu um peso no estômago. A sensação de estar encurralada, de ser obrigada a fazer o que não queria, a dominou. Mas depois se deu conta de que seria a primeira vez que deixaria o palácio desde que fora capturada.

Havia uma chance de Lorenzo ajudá-la em segredo, e seus pensamentos se voltaram novamente para o anel. Pico do Falcão era o lar de muitos intelectuais e artistas — cidadãos bem versados em história e lendas. E se ela pudesse falar com o estilista a sós e recrutá-lo para sua causa…

— Está bem — ela disse, erguendo a cabeça. — Então não vamos deixar a rainha esperando.

— Fiquei sabendo que vai a Pico do Falcão hoje, Cleo.

As palavras escorregadias a fizeram diminuir o passo enquanto caminhava pelo corredor depois de dispensar Helena e Dora assim que as criadas a vestiram em trajes de viagem.

— Lorde Aron… — Cleo se virou e o viu vagando por ali.

Cleo lembrou que já fazia quase um ano desde a última vez que estivera em Pico do Falcão. Ela e alguns amigos passaram uns dias na grande cidade auraniana, aninhada ao longo da costa, sem uma única preocupação além de se divertir. Aron também estivera presente. Na época, ela achou que estivesse apaixonada por ele.

Como os tempos haviam mudado.

— Sei que ainda está brava comigo por ter revelado seu segredo. — Os olhos dele brilhavam com o reflexo da tocha fixada à parede de pedras lisas ao lado.

Ela forçou um sorriso gracioso. Foi preciso fazer um esforço.

— Esses aborrecimentos agora estão no passado. Vamos deixá-los para lá.

Aron a agarrou pelos braços quando ela tentou passar por ele.

— Acha mesmo que desisti tão fácil?

Havia um cheiro forte de vinho em seu hálito. Ele só bebia vinho paelsiano, o que causava uma embriaguez profunda sem chance de ressaca depois. Isso, é claro, tornava mais difícil saber a hora de parar.

— Fácil? Que parte disso tem sido fácil?

— Apesar de tudo, ainda quero você.

Ela se desvencilhou dele, empurrando-o para trás.

— Não seja tão ridículo, Aron. Você nunca me quis. Você queria a posição que ganharia ao se casar comigo. Seria uma decisão muito sábia deixar isso de lado agora. Você perdeu.

Todos perdemos… por enquanto.

Aron estreitou os olhos.

— Se é assim, talvez minha atenção se volte para sua amiguinha, Mira. Ela não irá me recusar; não se souber o que é bom para ela. Você ficaria com ciúmes se eu a tivesse como amante?

Ela se esforçou para manter a calma.

— Deixe Mira em paz, seu bêbado cretino.

— Ou o quê?

— Ou, acredite, vou cortar mais do que a sua língua.

Ela não tinha tempo para essas bobagens, por mais perturbadoras que fossem. Cleo se virou e começou a se afastar, mas os passos dele a seguiram. Ela passou rapidamente pela

biblioteca, evitando olhar para os retratos dos Damora pendurados no lugar dos de sua família.

Com os olhos focados no caminho, ela quase trombou com Magnus quando ele saiu da biblioteca com livros nos braços. Ele passou os olhos por Cleo desinteressado, depois olhou por cima de seu ombro. Ao ver Magnus, Aron quase tropeçou. Ele acenou com a cabeça para o príncipe e continuou andando, passando por eles, até desaparecer no corredor seguinte.

— Parece que está sendo seguida, princesa. O novo vassalo de meu pai não desiste facilmente do amor verdadeiro, não é?

Amor verdadeiro. A ideia era risível.

— Ele vai desistir. Mais cedo ou mais tarde.

Ela olhou para os livros que o príncipe carregava. Ficou surpresa ao ver que todos tinham a ver com magia e lendas — livros que ela mesma já havia folheado e descoberto que não continham respostas úteis.

Ele notou que sua seleção havia atraído a atenção dela.

— É só uma leitura leve para passar os dias tediosos.

Ela olhou dentro de seus olhos castanho-escuros.

— Você acredita em magia?

— Claro que não. Só um tolo acreditaria nessas bobagens. — Ele deu um sorriso desagradável. — Você se importa com o que eu acredito ou deixo de acreditar?

— Achei que você só se importasse com poder e prestígio a qualquer custo. O que mais eu deveria saber?

— Nada. — Ele manteve o sorriso forçado, mas seus olhos eram frios. — Parece que seu outro admirador também está por aqui. Tantos rapazes parecem estar apaixonados por você que vou precisar de um livro para manter o registro de todos.

— Princesa — a voz de Nic a chamou pela esquerda. — Fui enviado para encontrá-la.

Ela desviou a atenção do príncipe odioso. Nic se aproximou dela com calma, mas seu olhar atento estava focado em Magnus.

Ver Nic era sempre um alívio e melhorava seu humor — mesmo na presença do inimigo. Mas hoje sua alegria foi arruinada ao ver as roupas que ele vestia. Roupas não. *Uniforme*.

Vermelho. Familiar. Odioso. Mas necessário.

Depois de encontrar Nic limpando os estábulos, e na manhã seguinte à visita chocante e indesejável de Jonas Agallon na escuridão de seus aposentos, Cleo havia ido falar diretamente com o rei. Ela não mencionou o rebelde, mas pediu — ou melhor, implorou — para Nic ser transferido para outra parte do palácio. Magnus estava presente e argumentou que Nic deveria permanecer exatamente onde estava por tempo indefinido.

— Você mandou o ex-escudeiro do rei trabalhar nos estábulos e nem me contou? — o rei perguntara, perplexo. — Esse rapaz teria mais valor para mim em qualquer outro lugar.

Cleo ficara surpresa ao saber que Magnus não havia comentado nada com o pai sobre o que Nic havia feito para receber tamanha punição. Assim como optou por não revelar esses detalhes durante aquela conversa. Talvez estivesse envergonhado e constrangido pelo que havia acontecido em Paelsia no dia em que matou Theon.

E deveria estar.

— Há motivos para tudo o que eu faço — foi tudo o que Magnus disse. — Nicolo Cassian merece ficar indefinidamente no meio da sujeira dos cavalos.

— A menos que possa me dar um motivo pertinente, terei que discordar de você.

Magnus ficou de boca fechada, mas lançou um olhar sinistro para Cleo, que estava radiante por dentro com aquela pequena vitória.

Cleo havia ganhado aquela batalha. Contudo, em vez de remover lama e sujeira de cavalo, Nic havia sido transferido para a guarda do palácio e agora era obrigado a vestir o uniforme do inimigo. A mandíbula de Nic estava tensa, e seu foco não se desviava de Magnus.

— Princesa, está tudo bem?

— Claro que sim — ela disse em voz baixa. — Tanto quanto possível.

Magnus chegou a bufar, achando graça.

— Não se preocupe. Não cometi nenhum insulto à sua bela princesa hoje. Se bem que ainda é cedo.

O olhar de Nic se encheu de ódio.

— Se algum dia sequer pensar em fazer mal a ela, você vai ver só.

— E você deveria ter mais cuidado com o jeito que fala com seus superiores. Isso soou muito próximo de uma ameaça.

— Não se engane, príncipe Magnus. Não importa o quanto você tente me prejudicar, nunca mais deixarei algo desagradável acontecer a Cleo.

A expressão de Magnus permaneceu irônica.

— Você me diverte, Cassian. Acho que estou contente por não ter pedido sua cabeça.

— Por que não pediu? — Cleo perguntou com curiosidade. — E por que não contou ao rei o que aconteceu naquele dia?

Magnus apertou os lábios.

— Eu achei… desnecessário. Agora, se me dão licença, preciso fazer uma visita à minha irmã. Que sua viagem com a minha mãe seja proveitosa, princesa.

Cleo ficou observando enquanto o príncipe se afastava. O rapaz era um enigma completo para ela.

E ela preferia que continuasse desse jeito.

— Odeio ele — Nic disse entredentes.

— Sério? — Cleo se virou para ele, agora irritada. — Você disfarça tão bem.

— Você espera que eu…

— Não pode dizer essas coisas para ele, não importa o que sinta! Diga para mim em confidência, mas *não* para ele. Ele ainda pode pedir sua execução pelo mínimo insulto, e você sabe disso!

Nic fez cara feia e olhou para o chão.

— Tem razão. Desculpe, Cleo.

— Não precisa se desculpar. Só estou pedindo para ter mais cuidado. — Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Eu me recuso a perder você. *Jamais*. Entendeu?

— O sentimento é mútuo. — Ele agora estava sorrindo.

— O que foi? — ela perguntou, confusa. Não via graça nenhuma na conversa dos dois.

— Você está diferente. Mais obstinada. Mais… incisiva. — Seu sorriso desapareceu. — Mas essa força surgiu através da dor e da

perda. Gostaria de poder levar tudo embora para que você não precisasse mais sofrer.

Cleo sentiu um ímpeto de contar a ele sobre o anel, mas conteve a língua por medo de colocá-lo em risco com tal informação. Continuaria sendo seu segredo… pelo menos até ela descobrir todos os segredos *do anel*.

— Vamos — ela disse então. — Rumo a Pico do Falcão. Devo insistir que seja meu guarda particular; ficará ao meu lado pelo tempo que estivermos fora.

Isso suscitou mais um sorriso.

— Precisa de tanta proteção para uma simples prova de vestido?

— Acho que sim — ela disse, finalmente encontrando seu próprio sorriso. — Não esqueça que serei obrigada a passar um dia inteiro na companhia da rainha.

— Não conheço muita coisa de Auranos — a rainha disse algumas horas mais tarde, sentada na frente de Cleo em uma carruagem fechada. Havia meia dúzia de guardas montados na frente e atrás delas. Nic estava sentado com o cocheiro, deixando Cleo por conta própria lá dentro.

— É mesmo? — ela se forçou a responder. Dizer que a viagem estava sendo constrangedora, com as duas confinadas e obrigadas a jogar conversa fora sobre o calor da primavera e a envolvente paisagem verde que surgia diante delas, seria amenizar os fatos.

— É claro que Gaius e eu incluímos Auranos em nossa excursão por Mítica depois que nos casamos. O pai de Gaius achou que seria uma ideia excelente para fortalecer as relações entre os reinos. Infelizmente, não durou muito. Exceto por uma curta viagem há dez anos para conhecer sua família, permaneci em Limeros desde então.

E eu mal posso esperar para mandá-la de volta com força total, Cleo pensou.

— Como conheceu o rei Gaius? — ela perguntou, sentindo que devia fazer a sua parte e contribuir com a conversa tensa, como se

tivesse algum interesse em saber mais sobre a rainha Althea ou sua família horrível.

— Fui escolhida para ser sua noiva. Meu pai era amigo do rei Davidus, pai de Gaius. Meu pai era rico. Eu era… linda. Parecia a combinação perfeita. — A rainha cruzou as mãos sobre o colo, com a expressão serena. — Casamentos arranjados são uma necessidade da realeza, minha querida.

— Sei disso. — Afinal, havia sido martelado em sua cabeça desde criança.

— Também deve saber que amo muito meu filho. Quero que ele seja feliz, independente da mulher com quem se casar. O fato de Gaius ter decidido que será você, devo admitir, levanta algumas reservas da minha parte.

— Ah, é? — Então elas eram duas, mas o fato de a rainha ter admitido em voz alta era muito interessante.

— Houve momentos… *críticos*… em meu casamento. — O rosto pálido da rainha ficou tenso. — Mas sempre fiz o certo para manter minha posição de esposa dedicada. Durante quase vinte anos, fiquei ao lado do meu marido tanto em momentos sombrios quanto iluminados. Mesmo quando discordo de suas decisões, de suas ações, nunca disse nada contra ele publicamente. Esse é o comportamento adequado de uma rainha.

— É claro — Cleo concordou, mas as palavras grudavam em sua garganta. Não era como *ela* se comportaria, se e quando recuperasse seu reino.

— Não sou cega, princesa. Vejo como está sendo difícil para você e, acredite, sou solidária por tudo o que perdeu devido à ânsia de poder do meu marido. Mas preciso que saiba de uma coisa muito importante… e estou falando do fundo do coração e da alma. De uma mulher forçada a um casamento arranjado para outra.

Suas palavras suaves, quase gentis, foram uma grande surpresa.

— O que é?

A rainha Althea se aproximou e segurou as mãos de Cleo.

— Se fizer meu filho sofrer, você está morta. Entendeu, minha querida?

A mulher disse tudo com muita calma, mas era impossível não perceber o peso de tal alerta. Cleo sentiu um calafrio.

— Entendi, vossa alteza.

— Muito bem. — A rainha assentiu e soltou as mãos de Cleo. Ela olhou pela janela. — Ah, que ótimo, chegamos a Pico do Falcão.

Com o coração acelerado por causa da ameaça inesperada, Cleo olhou pela pequena janela e viu a cidade de que se lembrava tão bem, lar de quarenta mil auranianos.

Cleo sempre gostou muito daquele lugar. A cor. A vista. Os cidadãos exuberantes e a música no ar, aonde quer que fossem. A carruagem seguiu pelas ruas de pedras polidas e encaixadas que brilhavam sob o sol forte. As lojas e tavernas que surgiam lado a lado refletiam prata e bronze, com belos telhados de cobre. Grandes árvores, carregadas de flores da estação cor-de-rosa e roxas pontuavam as vias, criando arcos naturais de beleza colorida e perfumada.

Com o rei Gaius no trono, ela esperava que tudo estivesse diferente. Talvez a música fosse silenciada. As cores, atenuadas. Ela esperava ver cortinas fechadas quando a carruagem passasse por pequenas casas ou grandes quintas.

Mas não foi nada disso. A cidade parecia praticamente a mesma desde sua última visita, com uma única diferença. Guardas com uniformes vermelhos tomavam conta da paisagem, como gotas de sangue, misturando-se aos auranianos como se fosse algo normal.

O rei desejava dominar as pessoas, enganá-las fazendo-as acreditar que ele era um bom rei com uma reputação infelizmente injusta. Era mais fácil controlar cidadãos crédulos com medo de perder seu status ou estilo de vida do que os oprimidos, maltratados e motivados a se revoltar contra ele. Então, exceto pela segurança fortalecida, Pico do Falcão parecia exatamente a mesma de sua última visita.

Ela deveria ser grata por isso, por seu povo não estar sofrendo tão terrivelmente quanto esperava, agora que um rei ganancioso ocupava o trono de Auranos.

Em vez disso, um medo frio tomou conta de suas entranhas.

Isso não vai durar.

Quanto tempo demoraria até que tudo mudasse, e o povo dali, inocente e frágil devido a gerações de vida luxuosa, sentisse a dor causada pelo domínio do Rei Sanguinário? Ou até que aqueles que não aceitavam o novo rei tão fácil causassem efervescência suficiente para desencadear a fúria dele contra os inocentes, e não apenas contra os rebeldes? Era um pensamento perturbador.

A carruagem parou em frente à loja de vestidos de que Cleo se lembrava tão bem. Havia uma multidão de centenas de cidadãos reunidos, uma explosão de cores de boas-vindas e saudações amigáveis.

— Princesa Cleo! — Um grupo de garotas a chamou. — Amamos você!

As vozes em uníssono causaram um nó em sua garganta. Ela acenou da janela na direção delas e tentou abrir um sorriso.

Nic saltou da frente da carruagem para abrir a porta e ajudar a rainha, e depois a própria Cleo, a descer.

— Aqui estamos — ele disse, com meio sorriso no rosto.

— Aqui estamos.

Ele baixou a voz para a rainha não escutar.

— Está pronta?

— Acho que devo agir como se estivesse.

— Um alerta: não olhe para a esquerda se não quiser botar o café da manhã para fora.

É claro que, com um aviso desses, ela teve que olhar para a esquerda. Lá, dois artistas trabalhavam ardorosamente em um mural na lateral de uma taverna popular: um afresco que se parecia muito com um retrato de Magnus. Ela estremeceu.

— Como eles podem aceitar isso tão fácil? — ela sussurrou. — São mesmo tão ingênuos?

— Nem todos — Nic respondeu, com o maxilar tenso. — Mas acho que a maioria tem medo demais para enxergar a verdade.

Um homem conhecido saiu da loja diante delas e correu com entusiasmo na direção de Cleo e da rainha. A túnica que usava era do tom de roxo mais intenso que Cleo já tinha visto. Lembrava-a de uvas sendo esmagadas no dia de sol mais brilhante do verão. Ele

era completamente careca, e suas grandes orelhas cintilavam com brincos de argolas douradas.

Ele se curvou tanto que parecia doloroso.

— Rainha Althea, vossa encantadora majestade. Sou Lorenzo Tavera. Estou profundamente honrado em recebê-la em minha humilde loja.

A loja à qual ele se referia nunca poderia ser descrita sinceramente como humilde. Era praticamente do tamanho da enorme quinta da família de Aron na cidade do palácio, tinha três andares e era recoberta de vitrais cintilantes contornados com prata e ouro.

— Fico feliz em estar aqui — ela respondeu. — Disseram-me que você é o melhor estilista deste e de qualquer outro reino.

— Modéstia à parte, disseram a verdade, vossa alteza.

A rainha estendeu a mão, e Lorenzo beijou seu anel com um estalo.

— E, princesa Cleiona, fico feliz em vê-la novamente. — Lorenzo apertou sua mão. Apesar da jovialidade em seu tom de voz, seu olhar tinha uma pitada de luto e solidariedade.

Ela engoliu em seco.

— Eu também, Lorenzo.

— É um privilégio enorme fazer seu vestido de noiva.

— Assim como será um enorme privilégio vesti-lo.

Ele acenou com a cabeça de leve, depois desviou o olhar dela e se voltou para a rainha, abrindo um grande sorriso.

— Vamos entrar, vossa majestade. Tenho algo muito especial para lhe mostrar.

A rainha levantou uma sobrancelha, intrigada.

— Para *me* mostrar? É mesmo?

— Sim. Por favor, venham comigo.

Lá dentro, dezenas de criadas e costureiras, alinhadas, seis de cada lado, aguardavam obedientemente de cabeça baixa. A enorme loja estava repleta de rolos de seda, cetim, jacquard e renda até onde a vista alcançava.

— Estive trabalhando muito em um vestido adequado a uma rainha de vossa alta estima. — Lorenzo foi até um manequim que

estava envolvido em um magnífico vestido azul-violeta. Era bordado com fios de ouro e contas de pedras brilhantes. — Acredito que tenha sido bem-sucedido. O que acha, vossa majestade?

— É divino — a rainha disse. Seu rosto normalmente sem expressão ficou levemente rosado, e as palavras saíram abafadas. — Lindo. Essa é minha cor preferida. Sabia disso?

Lorenzo sorriu.

— Talvez.

Aquele tom vibrante era o preferido da rainha? Cleo nunca a viu vestindo nada que não fosse preto, cinza ou um tom sutil de verde-escuro. Como Magnus e o pai não usavam nada além de preto, ela havia imaginado que era algum estranho costume limeriano, em contraste com os uniformes vermelhos como sangue.

Os olhos da rainha se estreitaram com desconfiança.

— Com quem andou falando sobre mim para obter uma informação tão pessoal?

A cautela brilhou nos olhos de Lorenzo.

— Soube por meio de minhas correspondências com o rei. Eu perguntei. Ele respondeu.

— Que estranho — ela murmurou. — Eu não tinha ideia de que Gaius sabia qual é a minha cor preferida. — Ela se virou novamente para o vestido. — Eu gostaria de experimentá-lo.

— É claro, vossa majestade. Eu mesmo cuidarei disso. — Havia uma camada fina de suor na testa de Lorenzo depois de chegar tão perto de ofender uma mulher tão poderosa. — Princesa, se não se importar, pode ir com minha costureira até o provador. Estarei lá assim que puder.

Uma bela jovem se aproximou, fazendo uma reverência diante dela.

— Eu sou Nerissa — ela disse. — Por favor, vossa graça, siga-me.

Cleo olhou para a rainha, mas a atenção da mulher estava totalmente fixa no lindo vestido e nada mais. Nic ficou ao seu lado quando Cleo começou a seguir a criada.

— Eu vou com você — ele disse quando ela o olhou com curiosidade. — Pediu para eu ser seu guarda pessoal hoje, lembra?

— É a prova de um vestido — Cleo disse. — O que significa que terei de me despir.

— Será um sacrifício para mim, concordo. — Novamente aquele agradável sorriso surgiu em seus lábios. — Mas tentarei manter o foco.

Ela abafou uma gargalhada.

— Você vai esperar do lado de fora até eu terminar.

— Mas, princesa…

— Nic, por favor. Faça o que estou pedindo. Não crie confusão.

Ele parou de andar e baixou a cabeça.

— Como quiser, vossa alteza.

Cleo precisava do menor número de pessoas possível na sala. Quando Lorenzo entrasse, ela mandaria a criada sair para poder falar com ele em particular e pedir ajuda em segredo.

Nerissa a levou até o grande provador, e fechou a porta, deixando Nic do lado de fora. Lá dentro havia uma confusão de rolos de tecido e vestidos em andamento. Em um manequim no centro da sala estava o vestido de noiva de Cleo. Era feito de seda e renda, em tons de dourado e marfim. Tinha pequenas pérolas, safiras e diamantes bordados em espirais de flores no corpete. As mangas translúcidas e esvoaçantes pareciam leves como o ar.

O vestido era tão lindo que ela perdeu o fôlego.

— Nerissa… Lorenzo se superou completamente.

Não houve resposta.

Ela se virou.

— Nerissa?

A menina não estava lá. Só então Cleo notou como estava escuro. A luz do sol entrava pela janela e iluminava o vestido, mas não os cantos da sala cavernosa.

— Seduzida por vestidos bonitos, vossa alteza? — uma voz disse das sombras. — Por que não estou surpreso?

O coração dela começou a bater com força.

— Você.

— Eu avisei que nos veríamos logo.

Jonas Agallon permaneceu nas sombras no canto da sala, onde devia estar desde a chegada dela. Cleo não havia notado. O que

era uma surpresa, já que agora não via mais nada *além* dele. Jonas usava calças de couro bege, botas de couro preto e uma túnica marrom simples com um pequeno rasgo na manga. Quando ele chegou preocupantemente perto dela, seu cheiro não era de terra e suor, como ela esperava, mas um odor nítido de floresta, o mesmo que tinha quando invadiu seus aposentos.

Ela passou os olhos pela sala novamente, o mais rápido que pôde.

— O que você fez com Nerissa?

— Nerissa deu uma ajudinha para mim e meus rebeldes. É uma daquelas meninas que você mencionou antes, que diz sim para tudo o que peço em vez de dificultar as coisas. Pode aprender muito com ela.

— Estou surpresa por colocá-la em risco. Tem mais de dez guardas na sala ao lado, alertas para qualquer atividade rebelde.

Era um exagero, mas ele não precisava saber. O rei levava a sério a ameaça de um ataque externo, mas mesmo assim havia mandado poucos guardas para acompanhar essa viagem.

Jonas não pareceu alarmado com a ameaça dos guardas. Ele tocou a manga do vestido de noiva, roçando o fino tecido entre os dedos.

— Chegou a pensar na minha proposta?

Ela estreitou os olhos.

— É disso que se trata? Outra tentativa de me cortejar para que eu colabore com a causa rebelde?

— Acredite, princesa, eu nunca a cortejaria. É muito trabalho para pouca recompensa. — Um sorriso se esboçou em seus lábios. — Então aqui está você, pronta para experimentar o vestido que usará em seu casamento com o príncipe Magnus. Logo será um deles de verdade.

— Um vestido não me transforma em noiva, assim como algumas ameaças vazias não me tornam uma rebelde.

Seu sorriso se desfez.

— A língua de uma cobra. É, acho que vai se encaixar bem entre os Damora.

— O que você quer, de uma vez por todas? Fale logo e vá embora. Não tenho paciência para jogos inúteis.

— Estou perguntando mais uma vez. Vai me ajudar a destruir o rei?

Sem se dar conta, ela havia se aproximado do rebelde — mais perto do que era confortável. Ela não podia gritar, não podia elevar a voz para além de um sussurro ríspido. Eles estavam quase se tocando. Ela se obrigou a não dar um passo trêmulo para trás e revelar que aquela proximidade a perturbava.

Ela havia pensado muito desde a última vez que o vira. Talvez *fosse* uma oportunidade que lhe servisse bem. Ela havia colocado muita esperança na ideia de que o anel a conduziria a respostas que podiam nunca chegar.

Seu estômago se revirou de nervoso.

— Se eu ajudar você, como posso saber que terei algum benefício?

Jonas juntou as sobrancelhas.

— Se me ajudar, acredito que teremos mais chances de derrotar o rei que atualmente ocupa o seu trono. Me parece um benefício e tanto.

Ela torceu as mãos.

— Não sei.

— Não é uma resposta útil para nenhum de nós dois.

— Quais são os planos dos rebeldes para derrubar o rei Gaius?

— Não posso dizer.

Alguém bateu na porta, depois tentou virar a maçaneta. A porta estava trancada.

— Princesa? — Era Nic. — Está tudo bem aí dentro?

Jonas praguejou em voz baixa.

— Acho que posso contar parte de meu plano, de meu plano imediato. Se você tivesse sido mais cordata da última vez que conversamos, não teríamos chegado a esse ponto.

Ela desviou os olhos da porta de madeira.

— O quê? Fale logo. Eles vão entrar a qualquer momento.

— Preocupada com minha segurança?

— Não, com a minha. Se me encontrarem sozinha em uma sala com um rebelde…

— Isso estragaria seu compromisso com o príncipe, não é?

— E nos custaria a vida. Você precisa ir enquanto ainda há tempo.

— Você vem comigo.

Ele devia estar louco.

— Não farei nada disso.

Jonas balançou a cabeça.

— Sinto muito, vossa alteza, mas realmente devia ter dito sim da última vez que conversamos. Teria ajudado a evitar isto.

Um medo cresceu em seu peito com o olhar sinistro que acompanhou a expressão dele. Ela se virou para a porta e abriu a boca para gritar por ajuda. Nic golpeava a porta, tentando arrombá-la.

Jonas estava atrás dela, apertando suas costas contra o peito. Uma mão cobria sua boca — ele segurava um pano com um cheiro estranho. Um cheiro forte de ervas.

— Você pode não acreditar — ele disse no ouvido dela —, mas não pretendo lhe fazer mal.

Ela já tinha sentido aquele cheiro — um curandeiro havia usado aquilo para induzir seu sono quando ela quebrou o tornozelo na infância. Para evitar a dor, e para ele conseguir colocar o osso quebrado no lugar, havia administrado aquele poderoso preparado.

Ela tentou gritar, mas se deu conta de que não tinha voz. A escuridão recaiu sobre ela.

11

MAGNUS

AURANOS

O palácio estava em alvoroço havia horas, desde que a carruagem retornara de Pico do Falcão sem a princesa Cleiona. Ela havia sido levada de uma sala privada no estabelecimento do estilista, e um bilhete havia sido deixado em seu lugar, endereçado ao próprio rei, enfiado nas dobras do vestido de noiva que ela estava lá para provar.

Estou com a princesa. Se quer que ela retorne ilesa, interromperá imediatamente a construção de sua estrada e libertará todos aqueles que escravizou para trabalhar na obra.

— Você fará o que os rebeldes exigem? — Magnus perguntou ao rei. Ele e o pai estavam nos aposentos de Lucia, cada um de um lado da cama, com a princesa adormecida entre os dois.

— Não, preciso que minha estrada fique pronta, e logo. Não pretendo parar por nada, muito menos por exigência de um rebelde.

Magnus olhou para o rei.

— Então ele vai matá-la.

O rei fez que sim com a cabeça.

— É provável.

Mesmo para o rei, aquela profunda falta de emoção era surpreendente, pelo menos até Magnus se dar conta de que aquilo seria ótimo para os planos de seu pai. Se Cleo tivesse esse fim, ele se tornaria merecedor da compaixão dos cidadãos auranianos. E os rebeldes seriam pintados como vilões abomináveis capazes de fazer mal a uma jovem inocente amada por milhares de súditos.

Ainda assim, aquilo o perturbava.

— Não havia necessidade de uma viagem até outra cidade para uma coisa tão trivial — ele disse. — A prova do vestido deveria ter acontecido aqui.

— Sim, deveria.

Magnus franziu a testa.

— Você sabia que isso iria acontecer?

O rei ficou pensativo.

— Achei que havia uma possibilidade de os rebeldes atacarem.

— Então a colocou em perigo sabendo que poderia haver um ataque? — A raiva, ainda controlada, efervescia sob sua pele só de pensar naquilo. — Minha mãe também estava nessa viagem!

— E sua mãe está bem, apenas um pouco abalada. Magnus, acha que eu seria tão frio a ponto de colocar minha esposa e a princesa em risco sem nem pensar na segurança delas?

Magnus conseguiu conter a língua.

— E agora? Esperamos a próxima carta listando mais exigências que não serão cumpridas?

— Não. Já mandei uma equipe de busca. Há rumores de que um grupo de rebeldes paelsianos montou acampamento nas Terras Selvagens, a poucas horas de viagem daqui. Se eles a encontrarem, seu casamento será um grande evento que continuará a distrair as massas. Mas se não conseguirem… — Ele se abaixou para tirar distraidamente um cacho do cabelo escuro de Lucia de sua testa pálida. — Então é o destino. Os rebeldes serão vistos como assassinos da princesa dourada de Auranos. Serão párias

odiados por todos neste reino e fora dele. De qualquer modo, nós ganhamos. Eles perdem.

Magnus olhou rapidamente para a criada, Mira, do lado oposto do quarto. Ela limpava a grade do terraço, passando um pano ao longo de sua extensão. Seu vestido simples e cinzento, traje inócuo de uma empregada, permitia que circulasse em cômodos pouco iluminados sem ser notada, escondida nas sombras, disponível quando necessária mas, caso contrário, invisível.

Mas Magnus não conseguiu deixar de notar que o rosto da menina mostrava ao mesmo tempo preocupação e ultraje. Ela sabia do sequestro de Cleo. Seu irmão, Magnus lembrou, havia ido junto com a carruagem como proteção adicional.

Bela proteção. Magnus teria aproveitado pessoalmente a oportunidade de punir Nic por tamanho fracasso se o rapaz já não estivesse totalmente arrasado quando voltou com os outros guardas.

— Mate-me agora — Nic havia dito para ele, com a voz falhando. — Eu mereço por ter deixado isso acontecer.

— E acabar com seu sofrimento? — Magnus havia analisado sua expressão torturada por um instante e virado as costas. — Hoje não.

Magnus não admitiria a ninguém, mas a ideia de rebeldes capturando a princesa o perturbava demais. Ele não queria se preocupar com os horrores pelos quais ela estaria passando naquele exato momento. Além disso, a morte da princesa colocaria um fim naquele noivado ridículo em que seu pai insistia. Seria melhor assim.

Mas, ainda assim… o perturbava.

Irrelevante.

Havia apenas uma bela garota com que ele se preocupava, e ela estava deitada naquela cama.

— Conhece alguém chamado Ioannes? — O rei perguntou depois que o silêncio recaiu sobre eles por um tempo.

— Não. Quem é esse?

— Vim visitar Lucia ontem por uns instantes depois que sua mãe saiu. Ela murmurou esse nome enquanto dormia.

Os ombros de Magnus se enrijeceram. Lucia havia falado enquanto dormia?

— Ela disse mais alguma coisa?

— Não, apenas o nome.

Ele vasculhou a mente, mas não conseguiu lembrar de nada.

— Não conheço ninguém chamado Ioannes.

— Talvez seja um garoto por quem ela havia se apaixonado em Limeros.

— Talvez. — A boca dele de repente ficou seca. Alcançou o jarro quase vazio na mesa de cabeceira e se serviu do que restava de água. Ele nunca tinha ouvido falar de nenhum Ioannes. E agora esse garoto habitava os sonhos de Lucia? Uma onda de ciúmes se retorceu dentro dele.

— Ela vai acordar logo — o rei afirmou.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque o destino dela é me ajudar a conquistar o *meu* destino.

Havia algo estranho na maneira como o rei havia dito isso, uma confiança absoluta que ressoava como um eco em um desfiladeiro.

— Quem falou isso?

O olhar sombrio do rei se voltou para Magnus, observando-o dos pés à cabeça como se analisasse o valor de seu filho.

— O nome dela é Melenia.

— Deixe-me adivinhar. Sua nova conselheira misteriosa.

— Isso mesmo.

— Diga-me, pai, algum dia vou conhecer essa Melenia?

— Talvez um dia. Por enquanto, é impossível.

— Por quê?

O rei hesitou mais uma vez antes de responder.

— Porque eu só a vejo em meus sonhos.

Magnus piscou, confuso. Certamente havia escutado mal.

— Não estou entendendo.

— Melenia é uma vigilante com grande conhecimento sobre a Tétrade e sobre como encontrá-la. Ela tem mais de quatro mil anos, mas foi agraciada com a juventude eterna e uma beleza incrível.

— Sua nova conselheira é uma bela vigilante de quatro mil anos de idade que o visita em seus sonhos. — As palavras pesavam em

sua boca.

— Sim. — O rei sorriu, como se reconhecesse o absurdo do que estava afirmando. — Melenia me confirmou que Lucia é a chave para encontrar a Tétrade e controlar o seu poder. Disse que, antes disso, antes de ela existir, era simplesmente impossível encontrar a Tétrade. Por isso ninguém nunca teve sucesso na busca.

Era um daqueles momentos que Magnus havia aprendido a reconhecer. Um teste. O rei estava lhe dando um teste. A resposta que ele desse a algo tão fantástico estabeleceria o tom de seu futuro imediato.

Ele diria que o pai estava louco por fazer tais afirmações? Por acreditar em tais coisas? Ele seria incapaz de conter o riso?

Antes teria feito isso, e receberia a fúria do rei e talvez outra cicatriz.

Não mais.

Durante toda sua vida, ele havia negado a existência da magia, mas Lucia havia provado a ele que era verdade. Era real. Os *elementia*, segundo os livros que havia lido recentemente na biblioteca do palácio auraniano, remetiam aos vigilantes imortais. E os vigilantes, segundo a lenda, às vezes podiam visitar mortais em seus sonhos.

Magnus sabia que o pai era perigoso, vingativo e desumano. No entanto, havia uma coisa que o rei não era.

Ele não era tolo o suficiente para acreditar em fantasias que não serviam a nenhum propósito real.

Se seu pai havia dito aquilo, se havia admitido uma coisa daquelas em voz alta, tinha que ser verdade. E Magnus precisava saber mais.

— Como Lucia é a chave? — ele perguntou calmamente.

— Isso eu ainda não sei. — As sobrancelhas do rei se uniram um pouco. — A única certeza que tenho é de que ela *vai* acordar.

— Então eu acredito em você.

Os olhos do rei se iluminaram em aprovação, e ele estendeu o braço sobre a cama para afagar o rosto de Magnus onde havia a cicatriz.

— Muito bem, meu filho. Muito bem. Juntos encontraremos a Tétrade.

— Com Lucia.

— Sim. — Ele assentiu. — Com Lucia.

Quatro cristais com a essência dos *elementia*. Magnus enxergava o valor deles assim como seu pai. Poder e força incríveis e infinitos. Se os possuísse, ou pelo menos a um deles, seria igual a Lucia de mais maneiras do que era agora. Ele seria mais do que apenas um príncipe, mais do que apenas um irmão. Eles teriam a magia em comum, e ela veria e apreciaria isso. Ela *o* apreciaria. E tamanha força mostraria ao rei que Magnus não era mais um menino, ele era um homem que ia atrás do que mais desejava, não importava o que custasse.

Era tudo o que ele sempre quis.

Mira havia se aproximado para encher o jarro de água, sem fazer contato visual com Magnus nem com o rei. Ela se movimentou em silêncio, como se quisesse manter-se imperceptível.

— Qual é mesmo o seu nome? — o rei perguntou a ela com a voz suave.

Os ombros de Mira se enrijeceram quando ela endireitou as costas, e seu olhar passou do chão próximo à cama diretamente para o rei.

— Mira, vossa majestade.

— Você por acaso não estava escutando nada do que meu filho e eu discutíamos, não é, Mira?

— Não, vossa majestade — ela respondeu imediatamente. Suas sobrancelhas se uniram, como se estivesse surpresa com a pergunta. — Eu me concentro no quarto. Limpo, arrumo e cuido da princesa. Só isso. Eu não escuto.

O rei fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Fico muito feliz em ouvir isso. Com os rebeldes tão ativos agora, precisamos tomar muito cuidado com o que dizemos e para quem dizemos. Pode haver espiões em qualquer lugar, não é?

— É claro, entendo completamente. — Ela relaxou os ombros, embora apenas um pouco. — Precisa de mais alguma coisa, vossa majestade?

O rei coçou o queixo, como se refletisse.

— Estou curioso para saber se meu filho acredita em você.

Magnus ficou tenso.

Seu pai usava com facilidade a máscara da indiferença com que Magnus atualmente lutava.

— Sei que está acostumado com criadas que desenvolvem o péssimo hábito de escutar informações por acidente — o rei continuou —, então gostaria de sua opinião sobre essa questão.

Magnus se lembrou das paredes frias da torre em que Amia havia sido presa, espancada e interrogada sobre o crime de espionagem — que havia cometido sob suas ordens. Ele havia mandado a menina embora para que tivesse a chance de uma vida melhor — ou de simplesmente *ter* uma vida —, mas seu pai a havia perseguido e matado mesmo assim. Magnus escolheu as palavras com muito cuidado.

— Estávamos falando baixo, e a garota estava do outro lado do quarto. Acredito que não tenha ouvido nada que possa causar problemas. Além disso, mesmo que tenha ouvido alguma coisa, não dirá nada se souber o que é bom para ela. Estou certo, Mira?

A menina olhou para ele, sem acreditar que ele poderia dizer alguma coisa em sua defesa.

— Sim, vossa graça.

O rei soltou um longo suspiro.

— É claro que está certo. Escute. Eu me tornei um velho convencido de que os inimigos estão escondidos em todas as sombras. — Ele riu enquanto se movimentava para o outro lado da cama para poder acariciar afetuosamente o rosto dela, assim como havia feito com Magnus. — Mira, minha cara, por favor aceite minhas sinceras desculpas por assustá-la.

Um leve sorriso apareceu no belo rosto dela.

— Não é preciso se desculpar, vossa majestade.

O rei continuou olhando para ela.

— No entanto, eu acredito em tomar certas precauções.

Com uma rapidez inesperada, ele agarrou a cabeça dela com as duas mãos e a torceu com severidade. O pescoço da menina se

quebrou com um estalo. Ela caiu no chão, com os grandes olhos agora vazios, vidrados e sem vida.

Tudo aconteceu em um instante.

Magnus ficou olhando para o pai, sem conseguir esconder que estava chocado e horrorizado.

— Você não precisava ter feito isso!

O rei limpou as mãos na frente da túnica preta.

— Criados insignificantes podem ser substituídos. Ela não era nada especial. Encontrarei outra para cuidar de sua irmã.

Nada especial. Apenas amiga da princesa Cleo. Apenas irmã de Nicolo Cassian. Apenas mais uma que teve a vida destruída pelo rei enquanto Magnus ficava parado sem fazer nada.

Ele queria desesperadamente não se importar com isso — não se importar com *nada* além de encontrar a Tétrade para si e para Lucia —, ser tão frio e cruel como seu pai era com tanta facilidade.

Se ao menos fosse possível.

Depois que o rei deixou os aposentos de Lucia, Cronus entrou. Sem dizer uma palavra, o guarda grande e bruto pegou o corpo sem vida de Mira nos braços e saiu do quarto.

Um raio de luz do sol entrou pela janela do terraço, iluminando uma pequena área do chão. Para além disso, o quarto estava nas sombras. Algumas velas perto da cama emprestavam sua luz tremeluzente ao rosto tranquilo da princesa.

Magnus segurou a ponta dos lençóis de seda, apertando com força e tentando se concentrar apenas na sensação suave do tecido. Seu coração ainda estava acelerado pelo que havia acontecido. A garota não pretendia prejudicá-los, ele tinha certeza disso.

Ainda assim, estava morta.

Suas pernas fraquejaram, e ele caiu de joelhos ao lado de Lucia. Ele fechou bem os olhos e pressionou a testa no canto da cama.

Então ouviu alguma coisa. Um leve gemido. Depois uma respiração profunda.

Ele abriu os olhos. As pálpebras de Lucia se moviam, como se estivesse tendo outro sonho — talvez sobre Ioannes. Quem quer que ele fosse.

Então ele vislumbrou seus olhos muito azuis sob os grossos cílios pretos. Lentamente, Lucia virou a cabeça para ele.

— Magnus? — ela sussurrou com a voz rouca.

Ele perdeu o ar. Certamente era ele quem estava sonhando agora.

— Lucia… é verdade? Você está mesmo acordada?

Ela apertou os olhos para ele, como se a quantidade mínima de luz do quarto fosse demais para suportar.

— Quanto tempo eu dormi?

— Tempo demais — ele conseguiu responder.

Ela franziu a testa.

— E Hana? Hana está bem?

Ele demorou alguns segundos para entender o que ela queria dizer. Hana era a coelha de estimação de Lucia, um presente que Magnus havia levado para ela no castelo limeriano depois de uma caçada.

— Hana está bem. Na verdade, nossa mãe a trouxe para você quando veio para cá ficar conosco. Ela chegou alguns dias depois que tomamos o palácio.

A preocupação que havia nos olhos dela diminuiu.

— Que bom.

— Isso é incrível. — Ele se levantou, querendo se beliscar para provar que não estava dormindo. — Pensei que você nunca mais fosse abrir os olhos, mas está aqui. Está de volta!

Lucia tentou levantar a cabeça do travesseiro, mas não conseguiu. Seu olhar percorreu o quarto como se procurasse alguma coisa. *Alguém*.

— Você não me respondeu antes — ela disse. — Quanto tempo eu fiquei dormindo?

— Uma eternidade. Foi o que pareceu para mim. Faz quase um mês e meio desde o cerco ao castelo. — A alegria que o momento deveria trazer foi abalada quando Magnus se lembrou da garota que havia acabado de perder a vida e de como ela cuidara de Lucia

respeitosamente durante grande parte de seu coma. Lucia nunca a conheceria, nunca poderia agradecê-la.

Os olhos de Lucia se arregalaram.

— Todo esse tempo?

— Nosso pai insiste em permanecer aqui em Auranos como um lembrete concreto a todos de que reivindicou este reino e o trono. Toda a Mítica é dele depois… depois que sua aliança com o chefe paelsiano fracassou. — Na verdade o rei havia assassinado o chefe Basilius durante o jantar de comemoração. Tudo parte do plano do rei Gaius.

Magnus sentou na beirada da cama e olhou nos olhos de Lucia. Ele queria puxá-la para si e abraçá-la com força, mas resistiu ao ímpeto. Dada a tensão entre os dois desde que ele a beijara, sabia que não seria uma atitude sábia.

Ele não acreditava que seu coração se recuperaria daquela rejeição, mas lá estava ele, e seu coração batia forte e rápido agora que ela finalmente estava de volta. Mais uma chance de provar seu valor a ela. Ele não agiria de maneira tão impulsiva novamente.

— Você está acordada agora, e tudo está bem — ele disse. — Como está se sentindo?

— Fraca. E… horrível. — Ela respirou fundo, trêmula. — Eu matei gente com minha magia, Magnus.

Mais de duzentas pessoas haviam morrido na explosão ou em decorrência dela, mas ele preferiu não compartilhar números tão perturbadores com ela.

— Ninguém culpa você por nada do que aconteceu. Tinha que ser feito. E se não tivesse acontecido, não teríamos vencido. Nós é que teríamos morrido. Não é sua culpa.

— Foi o que ele me disse também… que não era minha culpa.

Ele olhou para ela, sério.

— Quem disse?

Ela apertou os lábios e desviou o olhar.

— Ninguém.

— Quem é Ioannes, Lucia?

Seus olhos, agora arregalados, voltaram a encarar os dele.

— Onde escutou esse nome?

— Disseram que você sussurrou enquanto dormia. — Algo obscuro e extremamente desagradável se retorcia dentro dele.

— Ioannes, ele é… — Lucia sacudiu a cabeça. — Ninguém. Só um sonho. Nada além disso.

Antes que Magnus pudesse fazer outra pergunta, a porta se abriu, e a rainha entrou, sozinha.

Ela cumprimentou Magnus com um sorriso.

— Eu quis dar uma passada, ver se Lucia… — Ela quase perdeu o fôlego e atravessou a distância até a cama em alguns poucos passos. — Lucia, minha querida! Você voltou para nós. Graças à deusa!

A expressão aflita de Lucia ficou paralisada.

— Minha nossa. Que recepção. Eu devia estar à beira da morte para despertar tamanha devoção da sua parte.

A rainha hesitou.

— Acho que mereço isso.

O rosto de Lucia empalideceu.

— Peço desculpas, mãe. Eu… eu não pretendia dizer palavras tão duras. Sinto muito. É como se eu não conseguisse contê-las.

— Nem deveria, minha querida. Sempre deve dar voz aos seus sentimentos. Não guarde tudo. — A rainha rapidamente se recompôs e se sentou no canto da cama. — Você se lembra da última vez que levantou de seu repouso? Já aconteceu antes.

Magnus rapidamente olhou para ela.

— Já?

Ela confirmou.

— Duas vezes quando eu estava aqui. Infelizmente, nunca dura mais do que alguns minutos, e ela cai no sono novamente.

Ele cerrou os punhos ao lado do corpo.

— Por que não me contou?

Sua mãe virou a cabeça e encarou seu tom severo e irritado com paciência.

— Porque eu sabia que só serviria para desapontá-lo. Sei como ama profundamente sua irmã.

Havia algo no modo como ela falava. Será que a rainha sabia o segredo obscuro de Magnus, assim como Lucia?

Ele desejava poder apagar tudo. Voltar para quando tudo era mais simples entre eles. Começar de novo.

Impossível.

— Não me lembro de ter acordado antes — Lucia disse, confusa, enquanto tentava se sentar.

— Ainda assim você deveria ter me contado, mãe — Magnus resmungou. — E ao meu pai também.

— E arriscar um dos ataques de fúria dele quando ela caísse no sono novamente? Não, meu filho. Certamente foi melhor não dizer. Vamos ver o que acontece, se ela fica conosco desta vez, antes de dizermos alguma palavra sobre isso a ele.

— Eu *vou* ficar acordada — Lucia insistiu.

— Agora vá — a rainha disse, levantando-se e apertando as mãos de Magnus. — Vou cuidar da minha filha.

— Mas, mãe…

— Vá — ela disse com a voz firme. — E não diga nada ao rei até eu mandar.

A raiva que havia crescido dentro dele ao pensar que sua mãe escondia segredos assim ainda não havia diminuído, mas ele entendia os motivos. Afinal, teria feito exatamente o mesmo para proteger Lucia.

— Está bem — Magnus disse entredentes. — Mas vou voltar.

— É claro que vai. Você nunca conseguiu ficar muito tempo longe dela. É a única pessoa com quem você realmente já se importou, não é?

Um músculo no lado do rosto em que ele tinha a cicatriz se contraiu.

— Está errada, mãe. Eu me importava com você. E poderia me importar de novo, se me deixasse.

Aquelas palavras conseguiram colocar um brilho nos olhos da rainha, mas sua única resposta foi um leve aceno de cabeça. Ele voltou a olhar para Lucia.

— Eu volto logo. Prometo. Por favor… não caia no sono de novo.

Então ele as deixou a sós exatamente como a rainha havia ordenado.

12

LUCIA

AURANOS

A magnificência do quarto à sua volta fez Lucia perder o fôlego. Comparado aos seus aposentos austeros no palácio limeriano, aquilo era a própria definição do luxo. O piso e as paredes brilhavam como se fossem metais preciosos. A brisa que vinha da janela aberta do terraço era quente, não fria. A cama com dossel era macia, forrada com tecidos importados coloridos e sedosos, com cobertas de pele bem brancas e tão macias e quentes quanto o pelo de Hana.

Tão estranho — parecia que ela ainda estava sonhando.

Sonhando.

Ioannes…

À primeira vista, Lucia pensou que era ele sentado ao lado de sua cama quando acordou. Mas os cabelos de Ioannes eram cor de bronze, não pretos. Seus olhos eram dourados e cheios de alegria, não castanho-escuros e sofridos. Ela esperava que Magnus não

tivesse visto a decepção em seus olhos por tê-lo encontrado, em vez do garoto de seus sonhos.

A rainha se sentou na beirada da cama e colocou a mão fria na testa de Lucia.

— Como está se sentindo, minha querida? Com sede?

Lucia fez que sim com a cabeça.

— Eu não me lembro de ter acordado antes. Mas você disse que eu acordei, não é?

— Sim. Duas vezes. Mas foi só por um instante.

— Só por um instante… não assim?

— Não. — A rainha sorriu. — Não assim. Depois você caiu no sono de novo.

O olhar de Lucia se desviou para o terraço, para o céu azul que ela podia ver além dele.

— Quero ver meu pai.

— É claro. Em breve.

A rainha foi pegar um pouco de água para a filha e voltou, levando o cálice prateado aos lábios de Lucia. A água estava deliciosamente fria quando escorreu por sua garganta.

— Obrigada — ela sussurrou.

— Ouvi falar do que você fez. De como usou seus *elementia* para ajudar Gaius a tomar este lugar. Tomar este reino. — A rainha voltou a se sentar ao lado de Lucia. — Muitas pessoas morreram naquele dia, mas seu pai conseguiu a vitória que desejava.

Lucia engoliu em seco.

— Quantos morreram?

— Inúmeras vidas inocentes foram perdidas. Eu cheguei o mais rápido que pude. Queria estar aqui com minha família, independente do resultado da guerra. Gaius não sabia que eu viria tão rápido. Na verdade, ele ficou bravo por eu ter chegado sem avisar. Mas estou aqui. E cuidei de você todos os dias desde então.

Inúmeras vidas inocentes.

Ela não podia se culpar por isso, dizia a si mesma freneticamente. Seu pai e Magnus estavam em perigo — Limeros inteiro estava em perigo. Ela fez o que era preciso por sua família, por seu reino. Magnus quase tinha morrido diante dela por causa de ferimentos

sofridos na batalha. Apenas sua magia da terra o havia curado a tempo. Sem isso, ele estaria morto.

E ela faria novamente — sem pestanejar — se fosse necessário para salvar aqueles que amava.

Não faria?

Seus olhos estavam muito pesados. Ela estava esgotada apesar de estar acordada havia tão pouco tempo. Estava preocupada que pudesse dormir novamente, como sua mãe havia dito.

— Seus *elementia* são destrutivos, Lucia — a rainha disse suavemente. — Você já provou isso, tanto com o assassinato de Sabina quanto com o horror do que fez aqui.

O estômago de Lucia se revirou.

— Eu não pretendia matar todas aquelas pessoas. E Sabina… — A lembrança das chamas, da amante de seu pai queimando, gritando, fez seu corpo estremecer. — Ela havia colocado uma lâmina no pescoço de Magnus. Eu… não pensei. Eu não queria matá-la, apenas detê-la.

A rainha retirou com cuidado os cabelos longos e pretos do rosto de Lucia.

— Eu sei, minha querida. O que torna tudo ainda pior. Gaius celebra tudo o que você pode fazer, mas há um preço alto a ser pago por um poder tão sombrio. E ele não será forçado a pagar por isso. *Você* será. E ainda nem se dá conta.

As palavras de sua mãe a confundiam.

— Você chama de poder sombrio? Os *elementia* são magia natural… dos elementos que criaram o próprio universo. Não é sombrio.

— É, sim, quando esse poder é usado para destruir. Para matar. E é para isso que Gaius quer você; é *tudo* o que ele quer de você. — A expressão dela endureceu. — A busca infinita dele pelo poder supremo. Mas a que custo?

— Ele é o rei. Todo rei busca poder. — Lucia umedeceu os lábios secos com a língua. — Você não precisa ter medo de mim, mãe. Apesar das nossas diferenças no passado, juro pela deusa que nunca lhe faria mal.

A rainha sorriu sem achar graça e levou o cálice aos lábios de Lucia para que bebesse mais um pouco de água fria e reconfortante.

— Logo chegará um tempo em que você não perceberá quem está machucando com a sua magia, Lucia. Em que não terá mais nenhum controle sobre ela. Quando o mal tomar conta de você completamente.

— Eu não sou má! — Mesmo que quase sempre só tivesse ouvido palavras severas daquela mulher em seus dezesseis anos de vida, raramente havia sido ferida por elas como estava sendo naquele momento.

A rainha colocou o cálice vazio sobre a mesa de cabeceira de ébano esculpido e se virou para segurar as mãos de Lucia.

— Eu procurei respostas para as perguntas que ninguém fez. Você não sabe o que virá, o que esperar. Você tem tantos *elementia* dentro de si que, agora que foram despertados, só vão aumentar, como um vulcão efervescente, pronto para entrar em erupção. E quando essa erupção acontecer…

Lucia tentou controlar seus pensamentos desenfreados.

— O quê? O que vai acontecer?

A rainha tinha olheiras escuras sob os olhos, dando a entender que não dormia havia algum tempo.

— Eu não vou deixá-lo destruir você em benefício próprio.

— Mãe, por favor…

O maxilar dela ficou tenso, e ela soltou as mãos de Lucia.

— Ele acha que sou fraca, que fico parada vendo-o tramar suas obscuridades sem opinar nem julgar. Que não passo de uma esposa dedicada e sem importância. Mas está errado. Eu vejo meu propósito agora, Lucia. É impedi-lo de todas as maneiras que puder. Ele não se dá conta do que deseja fazer com o mundo. Ele acha que pode controlar o incontrolável.

Lucia percebeu que estava tremendo.

— Preciso levantar. — Alarmada, mas ainda muito cansada, ela se esforçou para sair da cama, mas a rainha segurou seu ombro para mantê-la deitada.

— Preciso matá-la — a rainha sussurrou. — Para salvá-la do que temo que vá acontecer no futuro. Para acabar com isso enquanto ainda está no início. Mas não posso. Ainda não. Quando olho para você, vejo o bebê pequeno e lindo que me foi entregue dezesseis anos atrás. Eu odiava você, e amava você.

Lucia ficou olhando para a rainha, horrorizada com suas palavras.

— Agora — a rainha continuou —, apenas o amor permanece. O amor é a única coisa que importa no final. O que eu fiz foi por amor, Lucia.

Uma onda de tontura tomou conta dela, e Lucia olhou diretamente para o cálice de prata.

— A água…

— É uma poção muito poderosa. — A rainha tocou o recipiente, passando o dedo pela borda cintilante. — Indetectável pelo sabor. Durma, minha querida. A escuridão não vai tocá-la em seus sonhos. Durma em paz. E quando eu finalmente encontrar forças para acabar com sua vida, prometo ser gentil.

Uma poção. Uma poção para dormir…

— Durma agora, minha querida. — A voz da rainha era calma.

Lucia olhou para o terraço e viu a ponta dourada da asa de um falcão.

— Ioannes — ela sussurrou, enquanto os luxuosos aposentos ao seu redor desapareciam.

13

Ioannes

O SANTUÁRIO

Phaedra o chamou até o palácio de cristal, e Ioannes não teve escolha exceto ir imediatamente até ela. Ele a encontrou com a preocupação gravada em seu lindo rosto.

— É Stephanos — ela disse.

O nome do adorado mentor de Phaedra o fez se aproximar um pouco mais. Depois que o próprio irmão dela fora exilado do Santuário, vinte anos antes, ela havia se voltado a Stephanos e Ioannes como seus amigos mais próximos naquele mundo.

— O que aconteceu com ele?

— Ele está morrendo. — O manto longo e fluido que ela usava tinha um tom de platina, quase igual ao de seus cabelos.

— Morrendo? — A palavra era tão estranha que parecia falsa em sua língua.

Morrer era coisa de mortais, não daqueles que viviam no Santuário.

Ela agarrou na camisa dele e o puxou para mais perto.

— Não querem que muitos saibam, mas preciso de você aqui, para que possa ver com seus próprios olhos. Não há muito tempo.

Ela estava transtornada, e Ioannes sabia que nada que dissesse poderia aliviar sua dor.

— O que pode ser feito? — ele perguntou.

Ela apenas sacudiu a cabeça.

— Nada. Não temos como salvá-lo.

Ele sentiu o coração apertado.

— Leve-me até lá.

Phaedra o levou até o último andar do palácio, para um enorme quarto cercado por uma parede circular de vidro. De resto, ficava a céu aberto — sempre azul e sempre dia, nunca noite. Não havia nada no quarto além de uma plataforma dourada no centro. Nessa plataforma estava Stephanos. Ele estava cercado pelos Três — imortais que formavam o conselho de anciãos que governava aquele mundo. Eram os mais velhos e mais poderosos dos imortais.

— Por que *ele* está aqui? — o ancião chamado Danaus perguntou em um tom de voz tão desagradável quanto a própria pergunta. Ele era o membro dos Três em quem Ioannes menos confiava, e para quem ele nunca contaria nada a respeito dos sonhos compartilhados com a princesa Lucia, ou da descoberta de que ela era a feiticeira da profecia. Danaus estava sempre se metendo em seus assuntos e tentando saber mais sobre o que Ioannes fazia em suas viagens ao mundo da princesa e sobre a busca interminável pela Tétrade.

O ancião tinha inveja de sua capacidade de se transformar em falcão e entrar no mundo mortal. Desde que a Tétrade fora perdida, os três anciãos não podiam mais assumir a forma de falcão. Apesar de todo o seu poder e sua influência entre os imortais, estavam aprisionados ali havia um milênio.

— Eu quis que ele viesse — Phaedra disse, com o queixo erguido. Ela não se sentia intimidada por nenhum dos anciãos, nem nunca se sentira.

Mas Phaedra não estava ciente de alguns dos segredos que Ioannes conhecia. Se estivesse, talvez sua coragem vacilasse.

— É um assunto particular — Danaus vociferou. — E deve continuar assim.

— Está tudo bem — Stephanos disse com uma voz tão frágil quanto sua aparência. — Não me importo com mais uma testemunha. Pode ficar, Ioannes.

— Obrigado, Stephanos.

O peito de Stephanos se movimentava rapidamente, se esforçando para respirar. Desde a última vez em que Ioannes o vira, seus cabelos escuros haviam se tornado brancos e quebradiços; sua perfeita pele dourada agora estava pálida e profundamente enrugada, como a de um velho.

Um rosto que nunca havia aparentado mais do que vinte e cinco anos mortais agora parecia ter quatro vezes isso.

Ver uma decadência tão repentina e inesperada fez o estômago de Ioannes arder, e tanto pena quanto repulsa faziam uma espiral dentro dele.

Timotheus, uma visão mais agradável, era membro do conselho e mentor do próprio Ioannes. Em aparência, podia ser seu irmão mais velho, mesmo tendo o dobro de sua idade. A ideia de perder um amigo tão sábio, como estava prestes a acontecer com Phaedra, causava-lhe uma dor profunda. Mas Timotheus parecia jovem e forte como sempre. A única coisa que revelava a idade do ancião eram seus olhos dourados, agora tomados por preocupação e sofrimento.

Timotheus acenou com a cabeça na direção dele e sorriu com o canto da boca para mostrar que não compartilhava da postura desagradável de Danaus em relação à sua presença.

E lá também estava o terceiro membro do conselho.

Ioannes sentiu o peso do olhar dela antes de arriscar virar os olhos em sua direção.

A beleza de Melenia, mesmo entre as belas imortais, era lendária. A anciã parecia esculpida em ouro, tinha cabelos claros que caíam até os joelhos em ondas suaves, uma visão da perfeição em todos os sentidos — fisicamente, era a imortal mais magnífica que já existira. Embora parecesse tão jovem quanto os outros membros do conselho, Melenia era a mais velha entre os seus — sua idade era incontável. Infinita.

— Sim, você pode ficar — ela disse com suavidade. — A menos que prefira sair, Ioannes.

Phaedra apertou a mão dele com mais força. Ela o queria ali, para apoiá-la naquele momento difícil. Se não quisesse, não teria gastado sua magia chamando-o.

— Por que isso está acontecendo? — Ioannes perguntou com um nó na garganta.

Melenia arqueou as sobrancelhas.

— É trágico, mas o que está acontecendo é muito simples. Nossa magia está se esvaindo a ponto de não ser mais capaz de sustentar todos de nossa espécie. Este é o resultado.

— O tornado em Paelsia foi fruto de magia, magia do *ar* — Phaedra disse. — Eu mesma vi. Estava lá na forma de falcão. Ele drenou poder do Santuário, e isso… tenho certeza de que foi isso que desencadeou a condição de Stephanos. Mas como? Como o que acontece no mundo mortal nos afeta? Achei que não houvesse nenhuma conexão. Acham que tem alguma coisa a ver com a estrada que o rei mortal está construindo em suas terras?

Todos os olhares se voltaram para Phaedra.

— Você está enganada — Melenia disse. — O que está acontecendo com Stephanos é resultado de uma drenagem lenta de nossa magia que vem acontecendo ao longo do tempo. Um desastre natural ocorrido no mundo mortal não tem nada a ver com isso.

Phaedra sacudiu a cabeça.

— Talvez o rei Gaius esteja sendo guiado por alguém que sabe sobre nós, sobre como usar nossa magia em benefício próprio.

— Bobagem — Danaus disse, desdenhando dela. — Nenhum mortal tem qualquer efeito sobre nós, não importa quem seja.

— Tem certeza disso? — Timotheus perguntou.

A expressão de Danaus ficou tensa.

— Tenho.

Timotheus sorriu, mas seus olhos permaneceram sérios.

— Deve ser bom estar sempre certo sobre tudo.

— Não tenha tanta certeza do que diz, Danaus — Melenia falou. — Talvez haja alguma validade na suspeita de Phaedra. Ela sempre

foi muito esperta. Precisamos observar com atenção o rei Gaius e suas ações futuras. Ele pode ser uma ameaça.

— Uma ameaça? — Danaus ridicularizou. — Se for verdade, ele será o primeiro mortal que já nos ameaçou.

— De qualquer forma, aqui estamos. — Melenia lançou um olhar na direção de Stephanos, que fechou os olhos enrugados como se estivesse sofrendo uma dor profunda e incomensurável.

— Tudo isso significa — Danaus disse, de mau humor — que nossos patrulheiros devem encontrar a Tétrade para restaurar completamente nossa magia e impedir que todos nós definhemos até a morte.

— Estamos tentando — Ioannes resmungou. Embora, na verdade, ele tenha parado de procurar pelos cristais quando uma princesa de olhos da cor do céu e cabelos negros como o ébano cativou toda a sua atenção.

— Não me parece que estejam tentando com muito afinco.

— Estamos. A busca nunca foi interrompida, nem mesmo muito depois de quando deveria ter sido. A Tétrade não pode ser encontrada.

— Está desistindo? Com tanta coisa em jogo? Quem será o próximo afetado depois de Stephanos? Talvez seja você!

— Silêncio, Danaus. — Um músculo do rosto de Timotheus se contraiu. — Discutirmos entre nós não vai resolver nada.

Ioannes sabia que Timotheus não gostava dos outros membros do conselho; na verdade, mal tolerava os dois. O Santuário era um pequeno enclave, com poucas centenas de imortais obrigados a viver juntos indefinidamente. Apesar de toda sua beleza, era uma prisão, evitável apenas através da renúncia à magia e à imortalidade. E nem todos os residentes se davam bem.

— No mínimo — Timotheus começou a falar —, essa é uma prova absoluta de que nosso mundo está decaindo lentamente para a escuridão, como o sol desaparecendo no horizonte no mundo mortal. Mesmo se a Tétrade voltar para cá amanhã, pode ser tarde demais.

— Sempre pessimista — Melenia disse, seca.

— Realista — Timotheus corrigiu.

Stephanos gritava de dor.

— Chegou a hora — Melenia sussurrou. Ela caminhou na direção de Stephanos, olhando para o seu rosto. — Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para salvá-lo, meu caro amigo.

Apesar de suas palavras gentis, ele não a olhava com afeição. Na verdade, era como se ele a estivesse vendo pela primeira vez. Seus olhos se apertaram.

— Acha que seus segredos vão morrer comigo, Melenia?

Mas antes que pudesse dizer outra palavra, Stephanos deu mais um grito, e seu corpo frágil se arqueou para cima, estremecendo violentamente. Em seguida uma luz branca e brilhante explodiu a partir dele. Ioannes cambaleou para trás e protegeu os olhos para não ser cegado. O grito de um falcão cortou o ar, e a parede de vidro ao redor deles se estilhaçou em um milhão de cacos de cristal.

Tudo diante dele ficou completamente branco enquanto o grito continuava. Parecia que eles nunca sobreviveriam a um massacre tão violento de imagem e som.

O medo tomou conta de Ioannes, e ele caiu de joelhos com força, levando as mãos aos ouvidos, com um grito se formando dentro de seu peito.

Mas logo tudo ficou em silêncio. A luz sumiu, o som desapareceu. A plataforma dourada ficou vazia. O corpo de Stephanos tinha partido. Havia retornado à essência da magia pura de onde nascera, a magia que sustentava o seu mundo.

Phaedra cambaleou na direção de Ioannes enquanto ele se levantava. Ele estendeu os braços para ela, que desabou junto a ele, tremendo.

— Achei que teríamos mais tempo! — ela chorou.

— Está terminado — Danaus disse a Melenia.

— Sim — ela respondeu com solenidade. — Sentiremos a falta dele.

Timotheus olhou para a bela imortal com curiosidade.

— O que ele quis dizer, Melenia? De que segredos estava falando?

Ela lhe ofereceu um sorriso cansado.

— Sua mente estava se deteriorando mais rápido do que o corpo. Muito triste testemunhar um fim desses para um dos melhores e mais brilhantes entre todos nós.

— Quem será o próximo? — A expressão de Danaus era tensa. — Quem de nós morrerá em seguida?

— A Tétrade ainda existe — Melenia afirmou calmamente. — Se nós existimos, ela também existe. E pode ser encontrada antes que tudo esteja perdido.

— Tem certeza disso?

— Nunca tive tanta certeza. — Ela andou na direção de Ioannes e Phaedra e pegou a mão dos dois. — A perda de Stephanos nos uniu. Seguiremos mais fortes, com confiança e amizade. Certo?

— Claro — Ioannes concordou. Phaedra ficou em silêncio.

— Podem ir agora. E não falem sobre isso com mais ninguém.

Não era preciso dizer duas vezes. Ioannes e Phaedra partiram sem dizer uma palavra. Não voltaram a falar até saírem do palácio, deixarem a cidade e chegarem ao prado preferido de Ioannes. Ele esperava que sua amiga atormentada desmoronasse de sofrimento. Em vez disso, quando se virou para Phaedra, ela o empurrou com muita força. Ele quase caiu para trás, esfregando o peito e olhando para ela, confuso.

— Por que fez isso?

— Por engolir todas as mentiras que saem dos lábios dela.

— De quem?

— Melenia, é claro. De quem mais? A bela aranha em sua teia prateada, contando histórias para enroscar a todos nós. Você ouviu o que ele disse no final! Stephanos queria expor as mentiras dela.

— Ele estava morrendo. Não sabia o que estava dizendo.

— Está tão cego assim pela beleza dela que não consegue enxergar a verdade? Ela é má, Ioannes!

— Devia ter cuidado com o que diz sobre Melenia.

Ela levantou a cabeça.

— Não tenho medo dela.

— Phaedra…

— Ela sabe sobre sua pequena feiticeira? Mais alguém sabe além de mim?

Ioannes ficou paralisado.

— O quê?

— Aquela que você visita em seus sonhos. — Um sorriso tenso apareceu em seus lábios. — Acha que não sei o que você faz quando está aqui sozinho? Você fala dormindo: Lucia… *Lucia*. Um hábito terrível para alguém que guarda segredos. Está se apaixonando por uma mortal, Ioannes? Outros já seguiram por esse caminho e acabaram perdidos e incapazes de encontrar o caminho de volta para casa.

Ele *sabia* que Phaedra o estivera observando. Essas perguntas, essas acusações o faziam se sentir exposto, acuado.

— Você não vai contar isso a ninguém.

Ela balançou a cabeça com repulsa.

— Vou embora. Tenho lugares aonde ir, mortais para vigiar. Sonhos para visitar. Você não é único que está vigiando mortais específicos, Ioannes.

— Phaedra, não. Precisamos conversar sobre isso.

Os olhos de Phaedra brilharam.

— Cansei de conversar. Só posso lhe dizer uma coisa: cuidado com Melenia. Nunca confiei nela, mas ultimamente… Desconfio que ela esteja tramando alguma coisa, e acho que sei o que é. E, acredite, se não for esperto, ela irá destruí-lo.

Sem dizer mais nada, ela se virou e começou a correr. Sua figura tremeluziu e se transformou, tomando a forma de um falcão dourado que voou bem alto no límpido céu azul.

14

JONAS

TERRAS SELVAGENS

Quando a princesa Cleo acordou, estava na traseira de uma carroça puxada por um cavalo, sacolejando em alta velocidade pelo campo, com os pulsos amarrados.

Jonas achou melhor imobilizá-la. Ele sabia que ela não ficaria muito feliz com ele quando acordasse. Isso para dizer o mínimo.

— Bem-vinda de volta — Jonas a cumprimentou quando ela abriu os olhos verde-azulados.

Cleo ficou olhando para ele meio sonolenta enquanto o efeito do remédio para dormir passava.

Então a clareza tomou conta de seu olhar.

— Seu animal! — Ela bufou, avançando na direção dele, mesmo amarrada. — Odeio você!

Ele gentilmente a fez sentar de novo.

— Poupe seu fôlego, vossa alteza. Vai acabar se machucando.

Ela olhou freneticamente ao redor.

— Para onde está me levando?

— Lar, doce lar.

— Por que fez isso?

— Foi uma medida desesperada, princesa.

— Você está superestimando meu valor para o príncipe Magnus e o pai dele. Qualquer coisa que tenha pedido será negada!

— Eu pedi para ele interromper a construção da estrada.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Foi um pedido estúpido! Há um milhão de coisas mais importantes para um rebelde exigir de um rei. Você não é muito bom nisso, não é?

Jonas lançou um olhar sombrio para ela. Às vezes esquecia como a língua de Cleo podia ser afiada.

— Por acaso você sabe o que aquela estrada está causando? Quanto sangue paelsiano já encharcou o solo dos campos de trabalho? Quantos morreram no último mês?

Ela ficou boquiaberta.

— Não. Se esses horrores forem verdade… eu sinto muito.

Não era a primeira vez que ela ouvia falar dessas atrocidades — ele as havia mencionado antes, embora não em detalhes, quando a visitara em seus aposentos. Mas ela não tinha visto nenhuma prova. Apesar de seu imponente noivado com o príncipe, Jonas ainda acreditava que ela era uma prisioneira de guerra que pouco sabia sobre o que acontecia do lado de fora dos muros do palácio.

— O Rei Sanguinário não tem a mão leve para lidar com trabalho escravo. Ele pode ter acalmado a maioria dos auranianos com uma falsa sensação de segurança, mas eu garanto que o mesmo não pode ser dito pelo meu povo. Eu vi com meus próprios olhos o que os guardas do rei têm total permissão para fazer, sem qualquer penalidade ou oposição. E isso deve ser detido a qualquer custo.

A cor de face dela se esvaiu.

— É claro que deve ser detido.

Suas palavras foram inesperadas e repletas de sinceridade. Ele levou um tempo para conseguir falar de novo.

— Parece que concordamos em alguma coisa, no final das contas. Estou chocado.

— Você quer me colocar na mesma categoria que os Damora. Eu não sou como eles. Mas se queria sequestrar alguém com influência naquela família, não devia ter sido eu. Minha morte pelas mãos dos rebeldes seria um verdadeiro presente para o rei, não um problema.

Na loja de vestidos, Jonas havia dito que não pretendia fazer mal a ela, mas não podia culpá-la por pensar o pior. Era a segunda vez que ele a sequestrava. Devia parecer realmente selvagem aos olhos da garota. Ele se aproximou, ignorando o recuo involuntário dela, e começou a soltar as amarras para que suas mãos ficassem livres.

— Acho que teremos que esperar para ver o que acontece, não é, princesa?

Assim que chegaram à borda das Terras Selvagens, a quase cinquenta quilômetros de Pico do Falcão, Jonas agradeceu ao condutor da carroça — um auraniano simpatizante da causa rebelde que ele havia conhecido em sua visita anterior à cidade, no mesmo dia em que recrutou Nerissa como ajudante —, e guiou Cleo pela escuridão da densa floresta.

Ela não correu dele nem lutou. Foi preciso muito pouca pressão em seu braço para mantê-la ao seu lado enquanto seguiam pelo terreno intrincado.

— Ladrões sanguinários vivem aqui. — Ela não conseguiu conter o tremor em sua voz.

— Com certeza — Jonas respondeu.

— Animais perigosos também.

— Sem dúvida.

Ela lançou um olhar na direção dele.

— É o lugar perfeito para você.

Ele reprimiu uma gargalhada.

— Ah, quantos elogios, vossa alteza. Vai me fazer corar.

— Se considerou isso um elogio, é ainda mais idiota do que eu pensava.

Dessa vez ele não conseguiu conter o sorriso.

— Já fui chamado de coisa muito pior do que idiota.

Alguém da realeza como ela normalmente não passava do limite das árvores para ver como a floresta podia ficar escura, especialmente tão perto do anoitecer. As folhas grossas das árvores altas e imponentes bloqueavam qualquer luz do sol, lançando uma escuridão desalmada ao redor deles, como se estivessem no meio da noite. Cleo tropeçou nas raízes retorcidas, quase caindo. Jonas apertou seu braço com mais força.

— Não temos tempo para parar, princesa. Não falta muito.

Nem mesmo ele gostaria de se demorar muito naquele lugar sem a proteção de um grupo maior.

Ela puxou as saias para que não arrastassem na lama e nas ervas daninhas e olhou para ele com hostilidade.

Finalmente, chegaram a uma clareira. Havia uma fogueira, emprestando sua luz à escuridão crescente. O cheiro forte de cervo cozido revelou a Jonas que a caçada havia ido bem. Os rebeldes não ficariam com fome naquela noite.

A princesa deu alguns passos em falso novamente quando sombras se aproximaram. Pelo menos três dúzias de rebeldes com roupas rasgadas e cara de poucos amigos se aproximavam. Alguns começaram a escalar as árvores. Cleo olhou para cima e arregalou os olhos quando viu os abrigos improvisados, amarrados com cordas, varetas e pedaços finos de madeira a seis metros de altura, no meio dos galhos grossos.

— É aqui que você vive? — ela perguntou, surpresa.

— Por enquanto.

Cleo cruzou os braços e deu uma olhada no acampamento. Apenas alguns rebeldes olhavam diretamente para ela — alguns com curiosidade, mas a maioria com desconfiança ou desprezo. Não era o lugar mais amigável do mundo para uma princesa, sem dúvida.

Tarus passou correndo na frente deles, sorrindo para Jonas enquanto perseguia um coelho. Aos catorze anos, era um dos rebeldes mais jovens e seu entusiasmo não tinha fim, embora ainda não tivesse habilidades para combate. Jonas o havia levado junto em várias missões de recrutamento. O corpo esguio e o rosto

amigável do garoto ajudavam a acalmar qualquer cidadão desconfiado com quem Jonas desejasse falar.

O som das conversas, do zumbido dos insetos e do grito dos pássaros no alto das árvores dava vida à floresta em volta deles.

Não era tão ruim. Pelo menos *ele* não achava.

Cleo coçou o braço onde havia sido picada por um mosquito, parecendo mais irritada do que temerosa com esse ultraje sofrido. Uma pena. Não era o mais fino dos palácios dourados, nem mesmo uma pousada razoavelmente decente, mas teria que servir. Brion se aproximou.

— Precisa de ajuda por aqui? — ele perguntou, olhando rapidamente para Jonas.

— Não — Jonas respondeu. — Está tudo bem. Vá procurar sua namorada e a deixe fora do meu caminho. Não preciso de mais problemas hoje à noite.

— Você quer dizer a namorada que, dependendo do dia, me odeia tão profundamente quanto odeia você?

— Essa mesmo.

Brion passou pela fogueira, dando um tapa nas costas de um garoto chamado Phineas. Eles riram de alguma coisa enquanto olhavam na direção de Cleo.

— Aquele é o Brion — Jonas disse. — É um amigo muito próximo. Forte, leal, corajoso.

— Bom para ele. — Cleo estreitou os olhos. — Você é o líder deles, não é?

Jonas deu de ombros.

— Faço o meu melhor.

— E sob as suas ordens eles irão me matar, até mesmo seu amigo Brion. Ou você prefere fazer com as suas próprias mãos? — Quando ele não respondeu de imediato, ela se virou para olhar diretamente nos olhos dele. — E então?

Ele se aproximou e envolveu o braço dela com os dedos. A garota falava o que bem entendesse, abertamente. Era pior que Lysandra.

— Acho que seria mais inteligente não fazer essas sugestões em voz alta, alteza. Pode dar ideias aos meus rebeldes. Nem todo mundo concorda com a minha decisão de trazer você para cá.

Ela tentou se soltar, mas ele a segurou firme.

— Tire as mãos de mim — ela bufou.

— Isso é apenas uma questão política, princesa. O que fiz hoje e o que farei nos próximos dias é pelo meu povo. Só por ele. — Jonas olhou para a esquerda e xingou baixinho quando viu quem se aproximava rápido.

O cabelo de Lysandra estava solto. Sem a trança, era um emaranhado de cachos escuros. Seus olhos castanhos se fixaram em Cleo.

— Então essa é ela? Sua *alteza real*?

— É — Jonas disse, já esgotado. Lidar com a teimosa e insistente Lysandra era exaustivo, mesmo nos melhores dias. — Lysandra Barbas, conheça a princesa Cleiona Bellos.

Cleo ficou em silêncio, cautelosa, enquanto a garota a observava dos pés à cabeça.

— Ela ainda está respirando — Lysandra observou.

— Sim, está — Jonas confirmou.

Lysandra deu uma volta ao redor de Cleo, olhando para o seu vestido, suas joias, a ponta de suas sandálias douradas aparecendo sob as saias.

— Será que devemos mandar um dos dedos reais dela para o rei como prova de que está conosco?

— Lysandra — Jonas bufou, cada vez mais bravo. — Cale a boca.

— Isso é um sim?

— Deixe-me adivinhar — Cleo disse, enrugando o rosto. — Esta é uma das rebeldes que não aprovou seu plano de me sequestrar.

— Lysandra tem suas próprias ideias sobre as decisões que eu deveria tomar.

A rebelde olhou novamente para Cleo com reprovação.

— Não entendo direito o propósito de sequestrar uma garota que não serve para nada além de ficar bonita.

— Você nem me conhece — Cleo retrucou —, e já decidiu que me odeia. Seria tão justo quanto eu odiar você sem nunca tê-la visto.

Lysandra revirou os olhos.

— Digamos apenas que odeio toda a realeza da mesma forma. E você é da realeza. Portanto, odeio você. Nada pessoal.

— O que não faz o menor sentido. Nada pessoal? Ódio é uma coisa que eu levo bastante para o lado pessoal. Se eu mereci, é uma coisa. Se não mereci… É uma decisão idiota você disseminar um sentimento tão forte sem pensar.

As sobrancelhas de Lysandra se uniram.

— O rei Gaius incendiou minha vila e escravizou meu povo. Ele matou minha mãe e meu pai. E meu irmão, Gregor, eu não sei onde está. Posso nunca mais vê-lo. — Ela continuou ainda mais furiosa: — Você, por outro lado, não conhece a dor. Você não conhece a luta e o sacrifício. Nasceu em berço de ouro, com um teto dourado sobre a cabeça. Está noiva de um príncipe!

Novamente, Jonas abriu a boca para falar. Aquilo não os estava levando a lugar nenhum e havia atraído a atenção de mais uma dúzia de rebeldes que ouvia a discussão das garotas.

Mas a princesa falou antes. Os olhos de Cleo flamejavam.

— Você acha que não conheço a dor? Talvez seja diferente dos horrores que você presenciou, mas posso garantir que conheço muito bem. Perdi minha irmã adorada para uma doença que nenhum curandeiro conseguiu identificar. Eu mesma encontrei o corpo, inerte na cama, apenas algumas horas antes de o rei Gaius invadir minha casa. Meu pai foi assassinado tentando defender seu reino do inimigo. Ele lutou lado a lado com seus homens em vez de se esconder onde pudesse ficar em segurança. Minha mãe morreu no parto e eu nunca a conheci, mas soube que minha irmã me odiou durante anos por causa disso. Perdi um guarda de confiança, um… um garoto a quem entreguei meu coração, quando ele me defendeu do mesmo príncipe de quem estou noiva contra a vontade. Perdi quase todo mundo que amava neste mundo em tão pouco tempo que mal consigo ficar em pé e conter minha dor. — Ela se esforçou para respirar fundo. — Pense o que quiser de mim. Mas eu juro pela deusa que retomarei meu trono, e o rei Gaius pagará por seus crimes.

Lysandra a encarou por mais um instante, agora com os olhos cheios de lágrimas.

— Pode ter certeza que vai. — Sem mais uma palavra, ela saiu correndo e desapareceu na escuridão da floresta, seguida por Brion

pouco depois.

Cleo havia convencido a menina ou estivera falando sozinha? Jonas não sabia. E também não sabia quanto da bravata de Lysandra era real e quanto era fabricada para fazê-la parecer durona na frente dos outros. Mas a dor em seus olhos sempre que falava de sua vila, de seus pais e de seu irmão perdido… aquilo era real. Ele entendia sua dor, assim como entendia a de Cleo. Para duas garotas tão diferentes, elas tinham muito em comum.

Jonas percebeu que Cleo olhava feio para ele.

— Pois não? — ele perguntou.

Cleo ergueu a cabeça.

— Se decidir me matar quando o rei Gaius se recusar a cumprir suas exigências, saiba que lutarei pela minha vida até meu último suspiro.

— Não duvido disso nem por um instante. — Jonas inclinou a cabeça. — Mas acho que há um certo mal-entendido aqui. Não pretendo matar você. Nem agora, nem mais tarde. Mas se vou usá-la contra os Damora o máximo que puder? Pode apostar que sim.

Ela uniu as sobrancelhas.

— Como?

— Ele a tem como um símbolo de esperança e união para o povo auraniano. Os rebeldes devem fazer o mesmo. Se ele se recusar a cumprir minhas exigências para garantir seu retorno em segurança, você ficará aqui conosco, como uma rebelde. Se a própria princesa dourada preferir ficar conosco diante das mentiras do rei, isso será visto como um sinal muito forte.

Ela ficou boquiaberta e estava prestes a protestar, mas Jonas levantou a mão.

— Eu acredito que ele a quer viva. Mas, é claro, não sou idiota. Ele presume que vamos escolher o caminho da violência se ele não colaborar, e isso também lhe seria útil. Mas qualquer estima que os rebeldes tenham ganhado aos olhos da população seria perdida se você fosse ferida. Mas não pretendo feri-la de modo algum. Você vale mais viva do que morta, tanto para mim quanto para o rei. Então eu sugiro que você se instale, se acomode, e aguarde. Nós vamos alimentá-la e lhe dar um lugar para dormir. Esta floresta tem

uma péssima reputação, então é raro alguém em sã consciência se aventurar por aqui.

Cleo o olhou de cima a baixo.

— Isso está óbvio.

Ele sorriu com o canto da boca.

— Sei que meus meios de trazê-la pra cá não foram nada gentis. Mas juro que ninguém irá maltratá-la agora que está aqui. Você está em segurança. E saiba de uma coisa: eu mesmo pretendo enfiar minha lâmina no coração do rei e libertar meu povo de sua tirania. Quando tiver essa chance, você pode ter seu trono de volta. Mas minha preocupação não é com Auranos, e sim Paelsia.

Ele deixou as palavras serem processadas.

Cleo assentiu.

— E eu estou preocupada com o futuro de Auranos e de seus cidadãos.

— Outra coisa que temos em comum: o amor por nossas terras. Isso é bom. Então me diga, princesa, você vai continuar a contestar tudo o que faço? Ou vai ser gentil e cooperar?

Cleo não disse nada por um longo momento. Mas depois olhou bem nos olhos de Jonas, e seu olhar era tão feroz quanto o dele.

— Tudo bem. Vou cooperar. Mas não garanto que serei tão gentil assim.

Ele não conseguiu conter o riso.

— Posso viver com isso.

15

CLEO

TERRAS SELVAGENS

Já fazia sete dias que estava cercada por um enxame de rebeldes. Com as roupas elegantes com que chegara, ela se destacava no acampamento como um pavão. Um dia depois, ela havia pedido uma muda de roupas e recebido alguns trapos para vestir. Jonas lhe deu uma túnica a mais e calças largas, presas na cintura apenas por um cordão bem apertado.

Dentre os rebeldes, Cleo havia se aproximado mais daqueles que não olhavam para ela com desprezo simplesmente pelo simples fato de ser da realeza. Entre esses poucos e raros estava Brion, subcomandante de Jonas, e um garoto jovem e magricelo chamado Tarus, que tinha cabelos bem ruivos que a faziam lembrar de Nic.

Nic.

A preocupação a consumia o tempo todo, todos os dias desde que havia sido levada da loja de vestidos. Será que ele estava bem? O que o rei faria com ele? E Mira… ela devia achar que a essa

altura Cleo estava morta. Se ao menos conseguisse mandar uma mensagem para ela…

Ela havia perguntado a Jonas se podia mandar uma mensagem. Ele respondeu com um simples “não”. E depois se afastou dela, ignorando seu ultraje.

Naquele momento, Cleo estava com Brion, Tarus e uma das poucas rebeldes do sexo feminino, Onoria, ao redor da fogueira. Os dias em Auranos eram quentes, agradáveis e muito iluminados, mas ali nas Terras Selvagens, a brisa durante a noite parecia tão gelada quanto imaginava que fosse em Limeros.

— Todos os falcões que vemos são vigilantes nos observando — Tarus disse. — Foi o que meu pai me disse.

— *Todos* os falcões? — Brion zombou. — Não são todos. A maioria são apenas aves, e não há nada mágico nisso.

— Você acredita em magia? — Cleo perguntou, curiosa.

Brion empurrou um longo graveto para a fogueira.

— Depende do dia. Hoje, não muito. Amanhã… quem sabe.

Cleo olhou para cima.

— E *aquele* falcão? É um vigilante?

Um falcão dourado estava empoleirado em uma das poucas árvores que não tinham uma barraca pendurada nos galhos. Ele parecia muito contente de estar ali em cima, olhando para eles.

Onoria olhou para o alto, tirando longas mechas escuras dos olhos.

— Já reparei nessa ave antes. Ela nunca caça, só fica nos vigiando. Ou melhor: na minha opinião, ela vigia o Jonas.

— Sério? — Cleo disse, agora intrigada.

— Estão vendo? Com certeza é um vigilante, se tem interesse pessoal em nosso líder. — Tarus ficou olhando para cima, admirando o pássaro. — Suas asas são feitas de puro ouro, sabiam disso? Foi o que minha mãe me falou.

Cleo se lembrou de suas horas de pesquisa, assim como das lendas que tinha ouvido a vida toda.

— Ouvi dizer que eles também podem parecer com mortais se quiserem, com a pele dourada e uma beleza jamais vista em nosso mundo.

— Isso eu já não sei. Já vi algumas beldades maravilhosas ao longo da vida. — Brion sorriu. — Você mesma não é tão ruim, princesa. Nem você, Onoria, é claro.

Onoria revirou os olhos.

— Guarde seu charme para alguém que se importe.

Cleo não conseguiu conter o sorriso.

— Posso garantir que não sou uma vigilante. Se fosse, teria fugido de volta para a segurança do Santuário assim que possível.

— É preciso encontrar uma roda para isso — Tarus disse.

Cleo olhou para ele.

— O que você disse?

— Uma roda de pedra. — Ele deu de ombros. — Não sei se é verdade, é só o que minha avó contava.

A família do garoto parecia repleta de contadores de história.

— O que quer dizer com uma roda de pedra? — perguntou Onoria. — Nunca ouvi falar disso.

— É como eles atravessam do mundo mortal para o Santuário, e vice-versa, na forma de falcões. Eles têm essas rodas mágicas de pedra esculpida escondidas aqui e ali. Para nós podem não passar de ruínas, mas, sem as rodas, eles ficam presos aqui.

— Não deixe Jonas ouvir você falando assim — Brion alertou. — Ele não dá ouvidos a nenhuma bobagem sobre magia ou vigilantes. Acha que os paelsianos são fracos porque se apegam às lendas em vez de encarar os fatos como são.

Rodas de pedra mágicas. Certamente era uma história fascinante. Boba, mas fascinante.

Quantas dessas lendas passadas de geração em geração podiam ser verdade? Jonas era ingênuo em desconsiderar aquelas conversas sem um mínimo de reflexão. Cleo havia conhecido uma vigilante exilada sem saber. Ela tinha magia na palma da mão. Às vezes estava mais perto do que qualquer um poderia acreditar.

Como ela desejava estar com seu anel… Havia sido um erro terrível escondê-lo. Era precioso demais para ficar longe dela.

Cleo estava prestes a perguntar a Tarus se ele sabia alguma coisa sobre um objeto assim, ou se sua família havia contado alguma história sobre a Tétrade, quando sentiu algo praticamente

queimar a lateral de seu rosto. Ela se virou e viu que Lysandra a encarava do outro lado do acampamento.

— Ela ainda me odeia, não é? — Era um pensamento desanimador. Depois da primeira conversa entre elas, Cleo esperava ter conquistado a menina, pelo menos um pouco. As duas haviam passado por experiências envolvendo perda e dor. Aquilo as unia, mesmo que Lysandra não quisesse reconhecer.

Sendo totalmente sincera, Cleo invejava a atual liberdade da garota. Estar no meio de todos aqueles rebeldes e parecer tão livre e completamente destemida… era bastante incrível.

— Eu acho que a Lys odeia todo mundo — Brion disse, roendo um osso já praticamente limpo que havia sobrado de sua refeição. Onoria riu baixinho do comentário. — Até a mim, se é que dá para acreditar. Mas acho que aos poucos a estou conquistando. Vocês vão ver, logo ela estará loucamente apaixonada por mim. De qualquer forma… não leve para o lado pessoal, princesa.

Ela tentaria ao máximo. Respirou fundo e perguntou o que estava em sua cabeça de verdade.

— Alguma novidade sobre a estrada? O rei interrompeu a construção? O que sabemos sobre os escravos?

Brion se virou para a fogueira.

— A noite está linda, não está?

— Jonas vai mandar outra carta?

— As estrelas, a lua. Realmente incrível.

— É bonito — Tarus concordou. — A única coisa chata são os insetos querendo comer um pedaço da gente. — Para enfatizar, ele deu um tapa no braço para matar um mosquito sedento por sangue.

Cleo ficou gelada.

— Nada aconteceu, não é?

Onoria permaneceu em silêncio e desviou os olhos.

Brion enfiou o graveto de volta na fogueira, remexendo a madeira queimada.

— Não. E, sinceramente, duvido que aconteça.

Ela ficou olhando para ele sem palavras por um instante.

— Eu *falei* ao Jonas que não ia dar em nada. O rei não quer que eu volte viva. Pelo menos não o suficiente para cumprir as

exigências de um rebelde. O casamento é irrelevante para ele, assim como eu.

— Ah, não se preocupe, você não é irrelevante — Tarus disse, o que suscitou um olhar severo de Brion e Onoria. — O quê? Ela não tem o direito de saber?

Cleo sentiu um aperto no peito.

— Saber o quê?

Brion deu de ombros, com a expressão rígida.

— Jonas não quer que eu diga nada a você.

Ela agarrou a manga da túnica dele até o rapaz finalmente olhar para ela.

— Mais um motivo para você me contar.

Ele hesitou apenas mais um instante.

— O rei Gaius enviou equipes de busca atrás de você. Estão percorrendo Auranos e Paelsia de ponta a ponta.

— E?

— E está deixando um rastro de corpos massacrados pelo caminho, de todos que se recusam a responder perguntas. Todos mortos para que os outros saibam que o rei está falando sério, que ele quer que você seja encontrada o mais rápido possível. Então ele realmente quer você de volta para se casar com o filho na data marcada, dentro de dez dias? Sim. Ele está disposto a libertar os escravos de sua Estrada de Sangue para isso? Receio que não. — Brion ficou em silêncio e começou a apagar o fogo, chutando terra sobre a fogueira. — Acho que você vai ficar de vez conosco, princesa. Bem-vinda ao seu novo lar.

Cleo ficava mais gelada a cada palavra que ele dizia.

— Não, você está errado. Jonas está errado. Eu não posso ficar aqui.

— Quanto mais males o rei causar por aí, mais os auranianos verão que ele não é tão benevolente e generoso como faz parecer em seus discursos. Finalmente irão perceber que ele é inimigo do reino, e não um rei verdadeiro que deve ser obedecido e respeitado.

Os pensamentos dela se agitaram.

— Talvez. Mas o rei vai despedaçar o reino e matar todo mundo que cruzar seu caminho até me encontrar. Ele quer que todos vejam

que sou valiosa para ele, que ele se importa com a princesa de Auranos. Mesmo não dando a mínima para a minha vida, ela serve para fazer as pessoas se comportarem e não causarem problemas para ele. Estou errada?

A expressão de Brion havia perdido todo o humor de antes. Onoria e Tarus observavam, desanimados.

— Infelizmente, não acho que esteja nem um pouco errada.

Com a fogueira apagada e o acampamento na escuridão, Cleo olhou para o alto e viu o brilho das estrelas e uma lua cheia e brilhante atrás da folhagem. Do outro lado do acampamento, em meio às sombras, ela viu Jonas, que falava com Lysandra, com os músculos das costas tensos.

— Jonas! — ela o chamou.

Ele se virou, o luar destacando seu belo rosto — no exato momento em que uma flecha cortou o ar e perfurou seu ombro.

Ele agarrou a flecha e a arrancou, seu olhar de dor agitado enquanto voltava a procurar o dela.

— Corra, Cleo. Corra agora!

Dezenas de guardas com uniformes vermelhos se espalharam pelo acampamento. Cleo olhou em volta procurando uma arma — uma faca, um machado, qualquer coisa que lhe desse alguma proteção e a chance de reagir ao ataque. Mas não havia nada.

Um guarda foi diretamente em sua direção, a espada em punho.

Ela olhou rápido por cima do ombro e viu seus novos amigos rebeldes se espalhando em todas as direções. Então começou a correr, desviando de árvores e arbustos na tentativa de escapar do guarda. Seus sapatos palacianos nada práticos, contrastando nitidamente com as roupas simples, afundavam na terra macia a cada passo.

Mas o guarda era rápido demais. Ele a alcançou com facilidade, a segurou, virou-a de frente para ele, e jogou seu corpo no tronco de uma árvore com tanta força que ela perdeu o fôlego e ficou zonza.

— Me diga, garotinha, onde está a princesa Cleiona?

Quando ela não conseguiu encontrar ar para falar, para responder àquelas perguntas rudes, ele chegou mais perto, encostando a ponta da espada em seu pescoço. Por um instante, Cleo teve muito

medo de que ele cortasse sua garganta e a deixasse lá, sangrando até a morte, antes que pudesse revelar sua identidade.

Mas então houve um vislumbre de reconhecimento em seus olhos cruéis e estreitos. Mesmo com os cabelos bem presos em um coque, o rosto sujo e as roupas de uma rebelde paelsiana, será que ele a reconhecera como a princesa que estava procurando?

Uma flecha passou tão perto de seu rosto que ela sentiu o vento antes que ela atingisse o pescoço do guarda. Ele cambaleou para trás, levando as mãos à garganta enquanto o sangue jorrava a cada batida de seu coração. Ele caiu no chão, debatendo-se sobre o musgo e as folhas por mais um tempo, depois ficou imóvel. Antes que Cleo conseguisse raciocinar e retomar o fôlego, Jonas apareceu. O coração dela saltou ao vê-lo.

Ele pegou o braço dela.

— Precisamos ir.

— O acampamento…

Qualquer expressão no rosto dele ficou perdida nas sombras, mas seu tom era firme.

— Está perdido. Temos um local secundário para o caso de emboscadas. Encontraremos os outros lá amanhã. — Ele a segurou, e os dois começaram a correr.

— Por que você não me contou que havia equipes de busca procurando por mim, matando todo mundo pelo caminho?

— Por que eu contaria? — A camisa dele estava ensopada de sangue, mas o ferimento em seu ombro não parecia atrasá-lo nem um pouco.

— Porque eu tenho o direito de saber!

— Você tem o direito de saber — ele resmungou em tom zombeteiro. — Por quê? Poderia ter feito alguma coisa para impedir?

— Eu poderia ter voltado para o palácio.

— Isso não faz parte do meu plano.

— Eu não me importo! Não posso deixar mais gente inocente morrer.

Jonas parou, apertando o braço dela com força suficiente para causar dor. Ele parecia tão frustrado que por um instante ela pensou

que fosse sacudi-la, mas então pareceu se acalmar.

— Muita gente vai morrer, independente do que aconteça, e sejam elas inocentes ou não. O rei Gaius pode já ter roubado seu reino, mas a guerra continua. E vai continuar enquanto ele mantiver sua bunda real sentada naquele trono. Está entendendo?

Cleo ficou com o maxilar tenso quando olhou para ele, agora irritada.

— Não sou nenhuma idiota. Eu entendo.

O olhar dele queimava.

— Ótimo. Agora cale a boca para que eu possa levá-la a um lugar seguro.

Jonas suavizou o aperto no braço dela apenas um pouco enquanto corriam pela floresta.

— Podemos nos esconder aqui. Encontrei essa caverna ontem mesmo.

Cleo foi pega de surpresa quando Jonas a puxou bruscamente para a direita, através de uma cortina de musgos e trepadeiras e do buraco oco de um enorme carvalho. Incrivelmente, ele dava direto em uma caverna de cerca de quatro metros de diâmetro. Era formada pela densidade de galhos e folhas que se arqueava sobre a cabeça dos dois e os protegia tanto dos guardas quanto de qualquer luz que tentasse se esgueirar pela folhagem verde exuberante que os cobria.

Cleo abriu a boca para falar, mas Jonas pressionou as costas dela contra uma parede daquela barreira natural.

— Shhh — Jonas alertou.

Cleo se concentrou em tentar não tremer de frio ou por causa do medo crescente.

Ela podia ver os guardas de onde estavam e prendeu a respiração — o mero som do ar entrando e saindo poderia revelar sua localização. Com as tochas que os guardas carregavam, dava para ver a entrada da caverna claramente através do buraco oco da grande árvore. Uniformes vermelhos passavam pela entrada, e guardas cutucavam plantas e arbustos com suas espadas. Os cavalos bufavam e batiam os cascos no chão.

Eles seriam descobertos a qualquer momento. Jonas a apertou com mais força, revelando sua própria apreensão.

A ponta afiada de uma espada empurrou as trepadeiras e parou a poucos centímetros do rosto de Cleo, e ela abafou um grito com a mão.

— Por aqui — um guarda gritou para os outros, e a espada foi recolhida. — Rápido, eles estão escapando!

Ela soltou um suspiro trêmulo de alívio quando o barulho de seus perseguidores desapareceu ao longe.

Momentos depois, ela levou um susto quando viu uma chama surgir na escuridão. Jonas havia pego uma pederneira no bolso e acendido uma vela que tirara de um saco de pano escondido na caverna.

— Deixe-me ver seu pescoço. — Ele aproximou a vela de Cleo, esfregando o polegar sobre a pele onde o guarda havia encostado a lâmina. — Ótimo. É só um arranhão.

— Apague isso — ela alertou. — Eles vão ver.

— Ninguém vai ver. Eles já foram.

— Está bem. Então me dê a vela. — Ela estendeu a mão. — Preciso ver como está seu ombro.

Jonas se contraiu como se tivesse esquecido que havia sido atingido por uma flecha.

— Preciso estancar o sangramento. — Ele entregou a vela a Cleo, depois puxou a camisa até a metade do peito e do braço. Ela aproximou a chama para enxergar o ferimento e fez cara feia ao ver tanto sangue.

— Muito grave? — ele perguntou, quando viu a reação dela.

— Não o suficiente para matar, obviamente.

Com um movimento rápido, Jonas tirou a camisa de uma vez. O ombro estava coberto de sangue em volta do ferimento. De resto, a luz tremeluzente mostrava uma pele bronzeada e impecável, tão musculosa quanto ela esperava, se fosse capaz de admitir a si mesma.

Cleo imediatamente voltou a olhar para o rosto dele.

— Segure a vela firme, vossa alteza — Jonas disse. — Preciso dar um jeito no buraco no meu ombro, senão continuarei sangrando.

Os olhos dela se arregalaram quando ele puxou a adaga da cintura — prata polida decorada com ouro, uma lâmina curva e afilada, e um cabo incrustado de joias. Ela reconheceu imediatamente a adaga de Aron, a mesma que ele usou para matar o irmão de Jonas.

— O que vai fazer com isso?

— O que precisa ser feito.

— Por que guardou essa arma horrível esse tempo todo?

— Tenho planos para ela. — Ele a segurou sobre a chama, aquecendo a lâmina.

— Você ainda quer matar Aron.

Jonas não respondeu, mas um pouco da dureza em seu olhar desapareceu.

— Meu irmão me ensinou a fazer isso, sabia? Tomas me ensinou tanta coisa… A caçar, a brigar, a colocar um osso quebrado no lugar ou fechar um ferimento. Você não tem ideia de como sinto falta dele.

A dor nos olhos escuros de Jonas passou para os dela. Não importava quem fosse — uma princesa, um camponês, um rebelde ou simplesmente um menino ou uma menina. Todos sofriam quando entes queridos morriam.

O passado era doloroso demais e invocava lembranças daqueles que ela também havia perdido. Cleo queria mudar de assunto.

— Para que esquentar a lâmina?

— Preciso cauterizar a ferida para fechá-la. É meio rudimentar, mas funciona. Ensinei meus rebeldes a fazerem o mesmo quando necessário.

Jonas tirou a faca coberta de joias da chama. Depois de hesitar apenas um instante, ele pressionou o metal quente e vermelho contra o ombro.

O chiado terrível e o odor cáustico de carne queimando reviraram o estômago dela e quase a fizeram derrubar a vela. Cleo se esforçou para segurá-la firme.

Jonas estava com a testa coberta de suor, mas não emitiu nenhum som. Ele afastou a adaga do corpo.

— Pronto.

— Isso é primitivo!

Ele olhou para ela, pensativo.

— Você não passou por muitas adversidades na vida, não é?

Imediatamente ela abriu a boca para protestar, mas percebeu que, se fosse ser honesta, não poderia.

— Sinceramente, não. Até pouco tempo atrás, minha vida era um sonho. As preocupações que eu achava que tinha agora parecem incrivelmente insignificantes. Nunca havia parado para pensar naqueles que viviam numa situação pior do que a minha. Sabia que existiam, mas isso não me afetava.

— E agora?

Agora ela via com muito mais clareza do que em toda sua vida. Não podia ficar parada e ver as pessoas sofrendo sem tentar fazer alguma coisa para ajudar.

— No final, meu pai me disse que quando eu me tornasse rainha, teria que fazer um trabalho melhor do que o dele. — A imagem do pai morrendo em seus braços voltou à sua cabeça com uma nitidez agonizante. — Todos esses anos, e Paelsia tão perto… nós podíamos ter amenizado seu sofrimento. Mas não fizemos nada.

Jonas a observava calmamente, em silêncio, seu rosto iluminado pela luz escassa da vela.

— O chefe Basilius não teria aceitado ajuda do rei Corvin. Vi com meus próprios olhos que nosso líder vivia tão bem quanto qualquer rei enquanto deixava seu povo sofrer.

Cleo desviou os olhos.

— Não está certo.

— Não, você tem toda a razão, não está. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Mas você acha que vai mudar as coisas, não acha?

Ela não hesitou nem um instante para responder.

— Eu sei que vou.

— Você é muito jovem, e um tanto ingênua. Talvez ingênua demais para ser rainha.

Ela estreitou os olhos.

— Está me insultando, rebelde?

Ele riu.

— Quando nos encontramos pela primeira vez você me chamou de selvagem. Agora ganhei o título levemente mais respeitável de

rebelde.

Em um momento ele zombava dela, no outro parecia tão sincero e verdadeiro.

— Quando nos encontramos pela primeira vez você *era* um selvagem.

— Isso é completamente discutível.

— O fato de você ter guardado essa arma por tanto tempo me faz imaginar o quanto realmente mudou.

— Parece que teremos que concordar em discordar. — Ele vestiu a camisa de novo, mas não amarrou os cordões que ficavam sobre o peito nu.

— Acho que sim.

— Vamos ter que passar a noite aqui. — Jonas olhou através da camuflagem que cobria a entrada da caverna, o maxilar tenso. — Espero que meus amigos tenham conseguido escapar.

— Também espero. — Cleo não queria que nenhum deles morresse, nem mesmo a nada amigável Lysandra. A menina só agia daquele jeito por causa de sua dor. Havia perdido tanta coisa. Como todos eles.

Jonas se virou.

— Você precisa do seu sono de beleza, princesa. Ficarei vigiando.

— Jonas, espere.

Quando ele olhou de volta, ela tirou o cordão que prendia seus longos cabelos e os deixou cair em cascata sobre os ombros. Os olhos escuros dele acompanharam a queda dos cabelos dourados até a sua cintura como se estivesse hipnotizado.

— Eu preciso voltar.

Jonas rapidamente voltou a olhá-la nos olhos.

— Voltar para onde? Para o acampamento? Não será possível, vossa alteza. Os soldados ficarão vigiando por dias. Nós vamos para o outro lugar assim que amanhecer.

— Não… Não foi isso que eu quis dizer. Preciso voltar para o palácio.

Ele lhe lançou um olhar incrédulo.

— Não pode estar falando sério.

— Estou.

— Então vou deixar uma coisa bem clara, princesa. Você *não vai* voltar para o palácio. Sem chance. Entendeu?

Cleo começou a andar de um lado para o outro naquele espaço limitado, com o coração acelerado.

— O rei não vai concordar com nenhuma exigência que os rebeldes fizerem para me libertar, mas ele ainda me quer de volta para o casamento com seu filho. A estrada continuará a ser construída, e me manter aqui não terá nenhum efeito. Quanto mais tempo me mantiver como refém, mais gente vai morrer!

— Achei que já tivesse explicado, princesa, que durante a guerra as pessoas morrem. É assim que as coisas são.

— Mas seu plano não está funcionando. Não está vendo? Me manter em seu acampamento não serve para nada além de dar ao rei Gaius permissão total para matar. Minha ausência no palácio não resolveu nada para mim nem para vocês, só está criando mais problemas. É melhor eu encontrar a equipe de busca e… — Ela tentou imaginar o que poderia fazer para acabar com aquilo sem mais derramamento de sangue. — Eu direi que fugi durante o ataque. Foi por isso que soltei o cabelo; eles vão me reconhecer imediatamente, mesmo com essas roupas. Vão me levar de volta.

— E depois o quê? — Seu tom de voz ficou mais severo. — Nada mudou.

— Nada *vai* mudar se continuarmos neste caminho.

Jonas ficou olhando para Cleo como se, sinceramente, não conseguisse entender por que ela insistia em discutir sobre isso.

— Viver na floresta é muito duro para você? É muito assustador morar no meio das Terras Selvagens com todos nós? Você precisa voltar para sua vida luxuosa? Para seu amado noivo, príncipe Magnus?

O rosto dela corou.

— Eu o desprezo tanto quanto desprezo o pai dele.

— Palavras, princesa. Como posso acreditar nelas? Talvez você esteja tão comprometida com seu iminente casamento real que está repensando a derrota do rei Gaius se isso significar se juntar a mim e viver longe dos luxos. Afinal, sua estrada para se tornar rainha se bifurcou em dois caminhos, não é? Um é sozinha, como herdeira do

trono de Auranos; o outro é nos braços do Príncipe Sanguinário, quando ele assumir o lugar do pai.

O garoto parecia viver para discutir com ela.

— Você não se lembra, Jonas? Você mesmo me disse que isso nunca aconteceria. Eles me matariam antes que eu me tornasse rainha, de qualquer jeito. Acha que isso mudou de repente?

Ele hesitou.

— Não sei.

— Exatamente. Você não sabe. Além dos que estão sendo massacrados pelos homens do rei, tenho amigos no castelo que correm perigo sem minha presença lá. E… tenho outra coisa muito valiosa para a qual não posso simplesmente virar as costas.

— O que é?

— Não posso dizer. — O anel era um segredo que ela se recusava a compartilhar com qualquer um. De repente desejou estar com ele naquele momento.

Jonas olhou feio para ela.

— Princesa, você é uma…

Mas então ele ficou paralisado, pegou a vela para apagar a chama, e a empurrou contra a parede.

Foi quando ela ouviu o que ele havia ouvido — vozes do lado de fora da segurança da caverna. Os guardas haviam voltado para dar mais uma olhada na área. Seu coração batia tão alto que ela estava certa de que acabaria revelando a localização deles. Os dois ficaram assim pelo que pareceram horas, quietos e imóveis como estátuas de mármore. Encostada ao corpo dele, Cleo sentiu seu cheiro novamente, folhas e ar fresco.

— Acho que eles foram embora — ele finalmente disse.

— Talvez eu devesse ter gritado. Eles poderiam ter me resgatado de você.

Jonas abafou o riso.

— Eu sou bom, mas não tenho certeza de que conseguiria enfrentar uma dúzia de guardas para salvar não só o meu pescoço, mas o seu também.

Ele era tão incrivelmente irritante!

— Às vezes eu realmente odeio você.

Finalmente, Jonas se afastou dela um pouco.

— O sentimento é totalmente mútuo, vossa alteza.

Ele ainda estava perto demais; a princesa sentia seu hálito quente junto ao rosto. Ela não conseguia organizar os pensamentos.

— Jonas, por favor, você poderia ao menos considerar…

Mas antes que pudesse dizer outra palavra, a boca dele tomou a dela.

Foi tão inesperado que ela nem teve a chance de pensar em empurrá-lo. O corpo dele a pressionava com firmeza junto à parede áspera da caverna. As mãos escorregavam por sua cintura para puxá-la para mais perto.

E de uma hora para a outra, com sua proximidade, com seu beijo, ele conseguiu tomar todos os sentidos de Cleo. Ele era a fumaça da fogueira, era as folhas e o musgo e a própria noite.

Não havia nada suave no beijo do rebelde, nada doce ou gentil. Era diferente de tudo o que ela já tinha experimentado, e tão perigoso — tão fatal quanto o beijo de uma flecha.

Finalmente ele se afastou, apenas um pouco, os olhos escuros vidrados como se estivesse meio embriagado.

— Princesa… — Ele segurou o rosto dela entre as mãos, ofegante.

Ela sentia os lábios machucados.

— Pelo jeito é assim que os paelsianos demonstram raiva e frustração?

Ele riu, o som desconfortável.

— Normalmente, não. Nem é a resposta típica para alguém que acaba de dizer que odeia você.

— Eu… eu não odeio você.

Seus olhos escuros encararam os dela.

— Eu também não odeio você.

Ela poderia se perder facilmente naqueles olhos, mas não podia. Não agora. Não com tanta coisa em risco.

— Eu *preciso* voltar, Jonas. E você precisa encontrar seus amigos e garantir que estão bem.

— Então ele ganha? — ele resmungou. — O rei derrama mais sangue e consegue exatamente o que quer?

— Desta vez, sim. — Ela esfregou distraidamente a mão, desejando poder sentir o anel. Ele poderia lhe dar a força de que precisava para enfrentar o que viria.

— E você se casa com o príncipe para que o Rei Sanguinário possa distrair as massas com uma cerimônia reluzente. Não gosto nada disso.

Distração. Cerimônia reluzente.

Cleo pegou o braço dele e olhou em seus olhos. Aquelas palavras faiscavam outro plano em sua mente, como o atrito entre duas pedras.

— O casamento.

— O que tem ele?

— O Templo de Cleiona. É lá que vai ser. Meu pai me levou até lá quando eu era criança e me deixou explorar tudo. Eu costumava olhar para a estátua da deusa, maravilhada por ter o nome de um ser tão incrível e mágico. Eu e minha irmã… nós brincávamos de esconde-esconde, assim como no palácio. Mas havia ainda mais lugares para se esconder no templo. Poderia ser a oportunidade perfeita para a causa rebelde, uma chance de chegar perto do rei. Mais perto do que qualquer um poderia chegar em um dia normal. Ele pretende usar meu casamento como distração, mas também estará distraído nesse dia!

Jonas não disse nada por um longo tempo.

— O que está sugerindo, princesa… pode funcionar.

— Será perigoso.

O princípio de um sorriso apareceu em seus lábios.

— Eu não faria nada que não fosse.

— Espere… não. Não! — Que sugestão horrível ela havia acabado de fazer! O que estava pensando? — Vai haver muitos guardas… é arriscado demais. Não vale a pena.

— Você não pode retirar o que disse com tanta facilidade. É… é uma ideia *incrível*. Eu mesmo deveria ter pensado nisso. É claro, o casamento! O Templo de Cleiona… A multidão do lado de fora, distraindo os guardas. Lá dentro… é a oportunidade perfeita para assassinar o rei e o príncipe. Acabando com o rei e seu herdeiro,

assumimos o controle. Paelsia fica livre da opressão. E você teria seu trono de volta ao cair da noite.

Ela mal conseguia respirar.

Assassinar o rei e o príncipe.

Bem, é claro, Magnus também teria que morrer. Ele era o próximo na linha de sucessão ao trono.

— Acha mesmo que pode dar certo?

Seu sorriso se abriu.

— Sim, eu acho.

— Você é louco.

— Ei, a sugestão foi sua, vossa alteza. Talvez nós dois sejamos loucos. — Ele olhou para ela dos pés à cabeça. — Tanta impiedade em uma embalagem tão pequena. Quem poderia adivinhar?

Era um plano realmente louco. Mas que outra opção eles tinham? Às vezes, para recobrar a sanidade, era preciso reconhecer e aceitar a loucura.

— Farei o que for preciso para ter meu trono de volta — ela disse.

Naquele momento, cada palavra era sincera.

— Então estamos de acordo. É hora de meus rebeldes tomarem uma ação decisiva, mesmo que envolva muito risco. Eu estarei em seu casamento, com ou sem convite. E o rei e o príncipe cairão sob minha lâmina. — Ele ergueu uma sobrancelha. — A única questão é: posso confiar que não contará nada sobre esse plano?

O coração dela disparou como uma criatura selvagem.

— Juro pela alma do meu pai e da minha irmã que não direi nada.

Ele assentiu com a cabeça.

— Então acho que é hora de você voltar para o palácio.

Em silêncio, eles saíram da caverna e caminharam pela floresta escura até encontrar o acampamento dos guardas. Eles haviam acendido uma grande fogueira — a luz e o cheiro eram perceptíveis à distância. Não havia motivo para se esconder de predadores quando aqueles homens eram as piores e mais perigosas criaturas da floresta no momento.

Pelo canto do olho, ela viu um falcão — seria o mesmo de antes? — pousar sobre uma árvore próxima.

Jonas fez Cleo parar.

— Continuo não gostando disso.

— Eu também não gosto. Mas preciso ir.

Quando os olhos deles se encontraram, Cleo se lembrou nitidamente do beijo. Seus lábios ainda formigavam por causa dele. Eles ficaram parados por um instante, sem dizer nada.

— Esteja pronta no dia de seu casamento — ele disse. — Dentro de dez dias, tudo mudará para sempre. Entende o que estou dizendo?

Ela confirmou.

— Entendo.

Jonas acariciou a mão dela e finalmente a deixou ir. Com um último olhar, ela se virou e caminhou decidida até o acampamento dos guardas.

16

RAINHA ALTHEA

AURANOS

Pouco antes do amanhecer, a rainha Althea deixou a segurança do palácio e saiu no ar quente da noite. Ela usava um manto para ocultar sua identidade, como já havia feito algumas vezes. Ninguém adivinharia quem ela era.

A bruxa também usava um manto e a esperava no lugar de sempre. Althea se aproximou, o coração disparado.

Um mal necessário. Só estou fazendo o que devo fazer.

Diziam que as bruxas eram descendentes dos vigilantes exilados. Quando os imortais entravam no mundo mortal, também se tornavam mortais. Podiam procriar com outros mortais e ter filhos, e alguns deles poderiam canalizar pequenas quantidades de magia — pelo menos era o que dizia a lenda.

Aquela bruxa, colocada no calabouço de Limeros por ordem de Sabina, antiga amante do rei, era capaz de mais do que isso. Sabina a considerava uma ameaça desde que sua própria magia havia começado a desaparecer com o passar dos anos.

Mesmo antes de sua família partir para montar o cerco ao palácio auraniano, Althea agira rapidamente e em segredo para libertar aquela bruxa da prisão. Ela encontrou uma mulher fraca e muito magra, que mal conseguia falar, e a escondeu no castelo, deu comida, banho e roupas a ela, e depois ofereceu-lhe a liberdade — por um preço.

Ela deveria ajudar a rainha a descobrir mais sobre os *elementia* de Lucia.

A bruxa concordou, e Althea descobriu a verdadeira profecia sobre Lucia, que Gaius nunca havia lhe contado. Ela ouviu histórias sobre os vigilantes, sobre a Tétrade, sobre Eva, a feiticeira original. Sobre Cleiona e Valoria, que invejavam tanto o poder da irmã, Eva, que a ganância as levou a roubar a Tétrade para si mesmas — ato que resultou em sua total corrupção por um poder tão amplo que não tiveram como controlar. No final, ninguém venceu. Elas destruíram uma à outra.

Como devota da deusa Valoria, Althea ficara surpresa e indignada com tudo aquilo. Ela queria negar que fosse verdade, mas descobriu que, quanto mais aprendia, menos era capaz de negar. A bruxa era uma Vetusta, que havia guardado essas histórias passadas de geração em geração; alguém que adorava os elementos como se eles também fossem deuses e deusas.

Se a bruxa quisesse recuperar seu poder enfraquecido, a magia de sangue era a única opção, e ela teria que sacrificar mais do que um animal.

E a rainha precisava de sua magia.

Nenhum mortal comum seria bom o bastante, a bruxa havia dito. Teria de ser alguém com sangue forte, coração puro e um futuro brilhante. Althea havia encontrado um menino chamado Michol, um dos pretendentes de Lucia. Ele havia visitado o castelo um dia procurando pela princesa, pouco antes de partir com Gaius e Magnus para Auranos. Era tão jovem, tão cheio de vida. A rainha o atraiu para seus aposentos com a promessa de um compromisso com sua bela filha.

Lá, a bruxa estava esperando com sua adaga. O sangue do menino escorreu vermelho e genuíno.

Em vez de suscitar pena, os gritos da morte de Michol só energizaram a rainha e a fortaleceram. O menino precisava ser sacrificado para que Lucia pudesse ser salva das trevas de sua magia. E Lucia precisava ser salva — mesmo que isso acabasse significando sua própria morte.

Qualquer boa mãe teria feito o mesmo.

Althea se lembrava muito bem daquela noite.

A magia cintilava no ar, fazendo a rainha perder o fôlego enquanto os pelos finos de seu braço se eriçavam.

Michol caiu no chão, morto, com o rosto molhado por lágrimas. As mãos da bruxa estavam cobertas com o sangue dele, e ela as pressionou sobre o rosto. Seus olhos brilhavam tanto… como o próprio sol.

— Está funcionando? — a rainha perguntou, protegendo os olhos. — Precisa de mais um? Posso encontrar uma criada.

— Consigo ver — a bruxa disse, com um sorriso de alegria nos lábios. — Consigo ver tudo.

— Então me diga o que preciso saber sobre minha filha.

O quarto brilhava como se estrelas tivessem caído do céu e pairassem no ar, em volta da bruxa e do menino morto.

— Ela não é sua filha — a bruxa sussurrou. — Não, não de sangue.

— Ela é minha filha do coração.

— Ela é muito perigosa. Muitos morrerão por causa de sua magia.

A rainha já sabia que Gaius decidira que Lucia participaria da guerra — que esse fora o único motivo pelo qual a trouxera para o castelo, dezesseis anos antes. Ele queria usar os elementia *dela em benefício próprio.*

— Conte mais — Althea pediu.

— A feiticeira morrerá — a bruxa disse. — Depois que muitos outros tiverem caído diante dela. Mas isso é muito importante: seu sangue não pode ser derramado na morte. Se isso acontecer, uma enorme dor recairá sobre a própria terra. Dor maior do que esse mundo pode suportar. Sua morte sem sangue é o único jeito de impedir isso.

A rainha sentiu um calafrio pelo corpo.

— Quando ela vai morrer?

— Só posso tocar o futuro agora, não consigo vê-lo com clareza. Mas ela morrerá jovem.

— Ela será corrompida pela magia. — As palavras feriam a garganta da rainha. — E não há nada que possa ser feito para salvá-la. — A verdade era muito mais dura do que ela esperava. Mas, em vez de ter medo, o coração de Althea doía pela menina que considerara sua filha durante dezesseis anos.

— Dizem que a feiticeira Eva usava um anel que controlava a batalha de poderes dentro dela. Sem ele, acontece um dilaceramento, trevas contra luz, um equilíbrio que não pode ser contido para sempre. Um lado sempre tentará dominar o outro. As trevas sempre tentarão extinguir a luz. A luz sempre tentará reprimir as trevas. Não existe esperança de controlar isso sem a magia equilibrada do anel.

Finalmente, uma semente de otimismo foi plantada no coração da rainha, trazendo esperança de que aquilo não precisava terminar com mais mortes.

— Onde posso encontrar esse anel?

— Ele foi perdido junto com a Tétrade. — A bruxa sacudiu a cabeça. — Não sei onde encontrá-lo, mas sei que ainda existe.

— Como sabe?

— Eu não sabia antes, mas… — Os olhos dela brilharam. — Eu sei agora. Posso vê-lo, mas não sei onde está. Infelizmente, não há muito tempo para encontrá-lo antes que a menina se perca em seus poderes.

Althea retorceu as mãos.

— Se não pudermos encontrar o anel a tempo, como Lucia pode controlar sua magia?

— Ela deve ser impedida de usar seus elementia*. Quanto mais usá-los, mais será consumida por eles.*

— Como posso impedi-la?

A bruxa havia sugerido a poção para dormir, e cada lote exigia magia de sangue obtida com três sacrifícios. Ela colocava os mortais em um sono profundo, a bruxa prometeu, um sono que não

pode ser explicado. Que não pode ser detectado nem por outra bruxa.

Assim que a poção foi feita, Althea e a bruxa partiram de navio para Auranos e, quando chegaram, descobriram que Lucia havia sido ferida na explosão. A rainha correu para a cama de sua filha e a encontrou cercada por três médicos. Eles haviam coberto os braços pálidos da menina com sanguessugas para drenar qualquer veneno de seu sangue.

Lucia estava tão fraca e confusa que mal conseguia falar, e os curandeiros disseram que ela tinha recuperado a consciência havia poucos instantes.

Althea havia chegado bem a tempo. A rainha expulsou os médicos, marcando cada um dos rostos para se lembrar de quem havia testemunhado aquilo. Todos teriam que morrer.

Sem demora, ela colocou a poção em um copo de água e levou aos lábios de Lucia. A menina bebeu. E então caiu em um sono profundo.

Desde então, todos os dias, a rainha visitava o quarto da filha, procurando sinais de que pudesse acordar em breve. A cada sete dias, ela se encontrava em segredo com a bruxa, protegida pela escuridão, para receber outra dose da poção — sabendo muito bem que mais três teriam que dar a vida para pagar por mais uma semana.

Althea havia mentido para Magnus e Lucia. A menina não havia acordado nenhuma vez. Mas quando ela o viu com Lucia, soube que precisava plantar uma semente na cabeça do filho. Magnus não tinha aceitado bem a notícia de que sua irmã voltara a ficar inconsciente, mas não podia alegar que estava surpreso.

O sofrimento gravado no rosto de seu filho assustou até a rainha. O garoto era normalmente tão controlado, tão contido. A condição de Lucia havia acabado com isso. Althea supôs que deveria sentir culpa, mas não sentiu. Tudo o que sentia era a certeza de que o que estava fazendo era legítimo. Era essencial. Mais importante do que tudo.

A rainha havia designado à bruxa a tarefa de encontrar o anel da feiticeira, mas a mulher não havia tido sorte em localizá-lo.

Se elas não o encontrassem logo…

Não haveria outra opção além de acabar discretamente com a vida de Lucia. Isso efetivamente colocaria um fim aos planos de Gaius. Deteria um monstro. E provaria a Althea que ela finalmente havia manifestado uma força de vontade verdadeira contra um marido que acreditava que ela não possuía nenhuma.

Isso acrescentava um fio de doçura a uma decisão amarga.

A bruxa se levantou do banco nos jardins públicos, seu manto cinza mascarando perfeitamente sua identidade. As sombras da noite as envolveram como uma segunda pele. A rainha passou os olhos pela área para ver se não havia nenhuma testemunha, nenhum guarda patrulhando o local.

Não havia ninguém. Ela deu um lento suspiro de alívio.

— A poção está perdendo o efeito — Althea disse, com a voz abafada. — Precisarei usá-la com mais frequência. Mas ela está dormindo novamente, e por enquanto isso é o que importa.

A bruxa enfiou a mão nas dobras do manto.

A rainha se aproximou.

— Você será recompensada, eu prometo. Sou muito grata por tudo o que fez até agora. Saiba que passei a considerá-la uma amiga valiosa.

À direita, ela vislumbrou o contorno de um corpo no chão.

Seu olhar voltou para a figura envolta no manto diante dela.

— Quem é… — ela começou a perguntar, mas não pôde ir em frente.

A ponta afiada de uma adaga afundou em seu peito. Ela arquejou de dor quando seu algoz girou a faca. Um grito morreu em sua garganta, e ela caiu no chão.

O gosto era de fracasso e de morte. Ambos muito amargos. Sem o amor de sua mãe, o destino de Lucia agora estava traçado.

— Sinto muito, minha filha — ela sussurrou em seu último sopro de vida.

Acima dela, a figura envolta pelo manto se virou e seguiu rapidamente na direção do palácio.

17

MAGNUS

AURANOS

Magnus se revirou na cama a noite toda. Seus sonhos eram atormentados por imagens de Lucia chorando e implorando que ele a salvasse das sombras que avançavam como garras sobre ela. Ele finalmente a alcançava e a puxava para seus braços.

— Eu amo você — ele sussurrou. — Nunca vou deixar nada lhe fazer mal.

Ele passava os dedos por cabelos longos e sedosos, que inesperadamente passavam de escuros a loiro-claros.

Ele acordou, sentando-se na cama, coberto de suor. Já havia amanhecido.

— Chega — ele resmungou. Estava cheio dos pesadelos. Eles eram tão constantes ultimamente que ele já devia ter se acostumado. Cada sonho terrível parecia girar em torno da perda de Lucia. Sua obsessão contínua pela irmã adotiva o estava enlouquecendo.

Ele precisava sair do palácio, esfriar a cabeça. Nas últimas semanas, o lugar havia se tornado uma prisão para ele. Magnus se levantou e rapidamente vestiu roupas de montaria antes de seguir para o estábulo. Lá, selou um garanhão preto que o tratador alertara ter reputação de selvagem e indomado. Mas ele queria um cavalo que lhe proporcionasse algum desafio — qualquer coisa que tirasse seus problemas da cabeça. Ele montou e saiu sozinho.

Magnus cavalgou arduamente durante horas pelo interior verde de Auranos. Por volta do meio-dia, havia chegado a um trecho isolado das colinas conhecido como Vale Lesturne. Ele continuou rumo a oeste até chegar à costa, ao sul de Pico do Falcão, e apeou para poder andar na beira da praia e olhar o Mar Prateado. O mar estava calmo e azul, as ondas batiam suavemente em seus pés. Era o mesmo mar, mas muito diferente das águas cinzentas e revoltas que ele via do castelo de Limeros no alto do penhasco.

Por quanto tempo ele seria obrigado a permanecer naquela terra? Se Cleo estivesse morta… certamente seria o fim do noivado, e então talvez ele pudesse retornar a Limeros. Ainda assim, não conseguia ficar alegre ao pensar na morte da princesa. Ela não havia pedido aquele destino, assim como Amia e Mira.

Irrelevante. Por que ele gastava seu tempo pensando em coisas que não podia controlar?

E ficar ali parado, olhando para a água, também era uma grande perda de tempo. Além disso, suas botas estavam ficando molhadas.

Sem mais delongas, Magnus montou no cavalo e seguiu em direção ao castelo.

Mais ou menos no meio da tarde, ainda estava algumas horas a sudoeste da Cidade de Ouro quando passou por uma vila e se deu conta de que estava com fome — faminto, na verdade. Depois de hesitar por apenas um instante, entrou na vila. Havia optado por usar um simples manto negro que não revelava facilmente sua identidade. Ele manteve o capuz na cabeça, protegendo totalmente o rosto. E pareceu funcionar. Por baixo do manto, ele via os aldeões andando de um lado para o outro na cidadezinha agitada; ninguém parecia reconhecê-lo. Poucos chegavam a sequer olhar em sua direção.

Ele não estava surpreso. Apenas um punhado de pessoas daquele reino já havia visto o príncipe de perto, ou longe de seu pai infame.

Ele podia lidar com isso.

Magnus amarrou o cavalo a um poste em frente a uma taverna cheia, entrou no local escuro e logo se aproximou do atendente do bar. Pediu sidra e um prato de carne e queijos, passando três moedas de prata sobre o balcão como pagamento. O atendente, um homem de barba cheia e sobrancelhas grossas, foi preparar seu pedido. Enquanto esperava, Magnus olhou em volta. Havia mais duas dúzias de pessoas na taverna, comendo e bebendo, rindo e conversando.

Ele tentou se lembrar da última vez em que estivera entre homens comuns sem ser reconhecido. Havia sido… nunca.

Aquilo era novidade.

Quando seu prato chegou, ele começou a comer. A comida não era intragável, e, para ser sincero, era melhor do que aquilo que estava acostumado a comer no castelo de Limeros.

Ou talvez ele simplesmente estivesse com fome.

Quando estava na metade, um som se sobressaiu no burburinho das conversas na taverna. Era uma mulher chorando baixinho. Ele parou de comer e olhou para trás. Em uma mesa próxima, um homem olhava para ela, segurando seus braços e falando em voz baixa, como se a confortasse.

Uma palavra daquela conversa emotiva se destacou do resto.

— … bruxa…

Ele ficou paralisado, depois se virou para a frente. O atendente do bar passou e Magnus segurou seu braço.

— Quem é a mulher na mesa atrás de mim?

O atendente olhou para onde Magnus apontava.

— Ah, ela? É Basha.

— Por que ela está chorando? Você sabe?

— Sei. Provavelmente não deveria, mas sei.

Magnus passou uma moeda de ouro sobre o balcão.

— Ela é uma bruxa?

O homem ficou tenso, mas seu foco estava na moeda de ouro.

— Não é da minha conta. Nem da sua.

Outra moeda se juntou à primeira. Duas moedas de ouro estavam sobre o balcão, ao lado do prato de comida de Magnus pela metade.

— Considere da sua conta.

O atendente ficou em silêncio por apenas um instante, mas logo pegou as moedas do balcão com um movimento suave.

— A filha de Basha foi levada para o calabouço do rei Gaius alguns dias atrás, acusada de bruxaria.

Magnus se esforçou para manter o rosto inexpressivo, mas a notícia de que seu pai havia começado a prender bruxas em Auranos… Ele não tinha ideia daquilo.

— Ela foi acusada. Mas a mulher realmente é capaz de acessar os *elementia*?

— Isso eu não sei. Você deveria falar com a própria Basha se está tão interessado. — Ele abriu uma garrafa do claro vinho paelsiano. — Acredite, vai facilitar sua apresentação. É o mínimo que posso fazer pelo meu amigo abastado.

— Muito grato pela sua assistência.

Talvez o dia não tivesse sido uma total perda de tempo, afinal. Uma bruxa versada poderia ser mais capaz de ajudar Lucia do que qualquer curandeiro. Magnus pegou o vinho e se aproximou da velha senhora sentada próxima a uma lareira acesa apesar do calor do dia. O companheiro estava com os braços em volta dela. A mulher estava aos prantos, olhos vermelhos tanto de tristeza quanto da bebida.

Magnus colocou a garrafa de vinho diante dela.

— Sinto muito, Basha. O atendente me contou sobre os problemas recentes com sua filha.

Ela voltou os olhos cinzentos rapidamente para ele, desconfiada por uma fração de segundo, antes de puxar a garrafa para mais perto, virá-la em seu copo vazio e beber com vontade. Ela secou as lágrimas com o dorso da mão.

— Um cavalheiro entre nós. Que providencial. Por favor, sente-se. Este é Nestor, meu irmão.

Nestor também estava visivelmente embriagado, e deu um sorriso torto para Magnus quando o príncipe se sentou em um banco de

madeira bambo.

— Basha quer marcar uma audiência com o rei para pedir a libertação de Domitia. É uma ideia excelente.

— Ah é? — disse Magnus, incapaz de disfarçar a surpresa. — Acha mesmo?

— Damora é um rei cruel só porque precisa. Mas eu ouvi o discurso dele. Gostei do que ele falou sobre a estrada que está construindo para todos nós. Ele é um homem com quem se pode argumentar. Alguém que quer o melhor para todos, não importa que parte da Mítica cada um chame de lar.

Seu pai ficaria tão satisfeito.

— Ela tem habilidades de bruxa ou foi falsamente acusada? — Magnus perguntou.

Basha estreitou os olhos por um instante, depois respondeu:

— Domitia é agraciada pela deusa com dons que vão além deste mundo mortal. Mas é inofensiva. É boa e doce. Não há motivos para ser considerada perigosa.

— Você também é agraciada pela deusa dessa maneira? — Magnus perguntou, com esperança. Ele poderia dar um jeito de soltar a filha de Basha do calabouço se ela se provasse útil, mas ter duas bruxas para ajudar Lucia seria ainda melhor.

— Não, eu não. Não disponho de nada assim.

Ele ficou decepcionado.

— Se sabe que as bruxas são reais, já ouviu falar sobre a lenda da Tétrade?

— Só sei que é uma história que contava para minha filha dormir quando ela era criança. — Basha deu outro grande gole no vinho, depois franziu a testa para ele. — Por que está tão interessado em magia e bruxas? Quem é você?

Magnus foi poupado de responder por uma agitação na porta. Dois homens entraram na taverna, rindo e fazendo barulho.

— Vinho para todos — um deles anunciou ao seguirem na direção do atendente. — Fui indicado como florista oficial do casamento real e quero comemorar minha boa sorte!

Uma saudação animada ressoou pela taverna, e o homem foi recebido com tapinhas nas costas e parabéns — exceto por um

homem grisalho sentado no bar.

— Humpf — ele resmungou. Rugas se espalhavam pelo canto dos olhos e por seu rosto inexpressivo. — Vocês são todos tolos de acreditar nessas bobagens românticas. O príncipe de Limeros e a princesa de Auranos são uma combinação feita nas terras sombrias pelo próprio demônio das trevas.

Magnus disfarçou as sobrancelhas erguidas com um grande gole de sidra.

— Eu discordo — o florista disse, sem conter o entusiasmo. — Acho que o rei Gaius está certo. Essa união vai estreitar as relações entre nossos reinos e ajudar a forjar um futuro próspero e brilhante para todos.

— Sim, relações entre reinos… Reinos que atualmente ele controla quase sem resistência, exceto por alguns poucos grupos rebeldes que mal levantaram seus traseiros do chão para se rebelar contra o Rei Sanguinário.

O florista empalideceu.

— Eu lhe aconselho a não falar tão abertamente em público.

O velho bufou.

— Mas se somos governados por um rei tão maravilhoso como vocês acreditam, por que não é permitido falar o que for, onde e quando quiser? Talvez eu já tenha vivido mais e vivenciado mais problemas do que a maioria de vocês, jovens. Reconheço mentiras quando as escuto, e o rei as diz sempre que mexe os lábios. Em uma dúzia de anos, ele reduziu os cidadãos de Limeros a uma massa amedrontada, que não se coloca contra ele nem quebra nenhuma de suas regras por medo de morrer. Acham que ele mudou em questão de meses? — Ele virou o copo com nervosismo. — Não, ele vê que somos numerosos em comparação à sua legião de guardas. Vê que teríamos uma força considerável se algum dia resolvêssemos nos unir contra ele. Então precisa nos manter felizes e quietos. A ignorância é uma característica compartilhada por muitos auranianos; sempre foi. Me enoja até a alma.

O sorriso do florista havia se contraído.

— Sinto muito por não compartilhar da alegria que o resto de nós sente. Sou um dos que nutre grandes expectativas pelo casamento

do príncipe Magnus com a princesa Cleiona, e pela futura excursão pelo reino. E sei que a maioria dos auranianos sente o mesmo.

— A princesa atualmente é prisioneira dos rebeldes. Acha mesmo que haverá casamento?

Os olhos do florista ficaram brilhantes, e um silêncio recaiu sobre a taverna.

— Tenho a esperança de que ela será resgatada ilesa.

O velho bufou.

— Esperança. Esperança é para os tolos. Um dia verão como estou certo e vocês estão errados. Quando seus dias dourados desbotarem e o Rei Sanguinário mostrar seu verdadeiro rosto, que se esconde atrás da máscara que usa para apaziguar as massas maleáveis e ignorantes desta terra que costumava ser grandiosa.

O clima na taverna se tornava mais sombrio conforme o homem falava. Magnus tirou os olhos da discussão e se deu conta de que Basha o estava encarando com a testa franzida.

— Já sei quem você me lembra, meu jovem. Parece muito com o príncipe Magnus, filho do rei.

Ela falou alto o bastante para chamar a atenção de outras mesas próximas. Uma dúzia de pares de olhos agora recaíam sobre ele.

— Já me disseram isso antes, mas posso garantir que não sou. — Ele levantou de seu assento à mesa. — Muito obrigado pelas informações que me deu, Basha. — Embora não tenha sido nada de valor. Apenas mais decepção. — Tenha um bom dia.

Ele saiu da taverna sem olhar para os lados, puxando mais o capuz sobre o rosto.

A cabeça de Magnus doía quando ele chegou ao palácio. Já era o fim do dia e o sol estava se pondo. A caminho dos estábulos, ele cruzou com Aron Lagaris.

— Príncipe Magnus — Aron disse. Sua voz parecia diferente, mais forte. Talvez o rapaz estivesse levando seu novo cargo a sério e tivesse parado de beber um balde de vinho por dia. — Por onde andou?

Magnus o encarou.

— Meu pai estranhamente parece gostar de você como seu mais novo vassalo, mas por um acaso ele o designou como meu auxiliar?

— Não.

— Meu guarda pessoal?

— Hum… não.

— Então não é da sua conta onde eu estava.

— Claro que não. — Aron limpou a garganta. — No entanto, devo lhe informar que seu pai queria vê-lo imediatamente, assim que retornasse de… de onde quer que estivesse.

— Ele quer falar comigo agora? Então não devo deixar o rei esperando nem mais um minuto.

Aron fez uma reverência estranha, que Magnus ignorou ao passar por ele. O dia que havia começado com pesadelos e decepções não parecia estar melhorando.

O rei esperava fora da sala do trono, ao lado de seu cão favorito. Ele conversava em voz baixa com Cronus. Assim que viu Magnus, mandou o guarda embora com um gesto.

— O que foi? — Magnus perguntou, franzindo a testa.

O rei cumprimentou o filho com um aceno de cabeça.

— Saiba que a princesa Cleiona foi devolvida para nós.

Era a última coisa que ele esperava ouvir.

— Foi? Como é possível?

— Ela escapou dos rebeldes depois de um ataque ao acampamento deles ontem à noite. Correu para a floresta, escondeu-se de seus raptores, e encontrou meu destacamento de guardas. Está abalada, mas sã e salva.

A notícia o fez sentir um estranho alívio.

— Um milagre.

— É? — O rei apertou os lábios. — Não estou muito certo disso.

— Eu tinha certeza de que a matariam.

— Eu também. Mas mesmo assim não a mataram. Isso me causa certa desconfiança. Uma garota de dezesseis anos, sem nenhum treinamento de sobrevivência, estava nas mãos de rebeldes violentos que vivem nas profundezas das Terras Selvagens. E, ainda assim, escapa com facilidade? Sem nenhum machucado ou

arranhão? Agora que sei o nome do líder desse grupo específico de selvagens, fiquei com muitas dúvidas.

— Quem é o líder?

— Jonas Agallon.

Magnus levou um tempo para se lembrar do nome.

— O filho do comerciante de vinho de Paelsia. O que teve o irmão assassinado. Ele era um dos principais homens do chefe Basilius.

— Isso mesmo.

— Quem lhe contou isso? A princesa?

— Não. Na verdade, ela alega que foi mantida isolada durante o cativeiro, sem ver o rosto de nenhum rebelde. Meus guardas não conseguiram encontrar a princesa diretamente, mas durante suas buscas descobriram algumas informações sobre os rebeldes. Essa foi uma delas.

Magnus considerou tudo aquilo.

— Está dizendo que acredita que ela tenha se aliado aos rebeldes?

— Digamos apenas que pretendo ficar de olho nela nos próximos dias, e você deveria fazer o mesmo. Principalmente com a proximidade do casamento.

Um músculo do rosto de Magnus se contorceu.

— Claro. O casamento.

— Algum problema com isso?

— Nenhum. — Ele se virou para observar a insígnia limeriana que agora adornava a parede, composta pela imagem de uma naja e um par de espadas cruzadas. — O fato de ter voltado a tempo para o casamento me leva a acreditar que ela não esteja aliada a esses rebeldes. Acho que ela teria adorado evitar a cerimônia se pudesse, mesmo que isso significasse ficar no meio deles.

— Talvez você tenha razão. Mas ela está de volta. E saiba que estamos esperando um convidado muito importante para o casamento. Hoje de manhã chegou a mensagem de que o príncipe Ashur Cortas, do Império Kraeshiano, estará presente.

O nome era bem conhecido de Magnus.

— Que enorme honra.

— De fato. Fiquei muito surpreso e satisfeito que o príncipe tenha aceitado nosso convite em nome do pai. — O rei disse aquilo com uma rigidez na voz que dava a entender que não era sincero. O Império Kraeshiano ficava do outro lado do Mar Prateado e tinha dez vezes o tamanho de Mítica. O pai do príncipe Ashur, o imperador, era o homem mais importante do mundo.

Não que Magnus fosse dizer isso em voz alta na frente do rei Gaius.

Seu pai ficou em silêncio por um instante.

— Tenho outro assunto muito importante para discutir com você. Por favor, entre. — O rei se virou para a sala do trono e entrou pelas grandes portas de madeira. As garras do cachorro arranhavam o piso de mármore enquanto acompanhava o mestre.

Por favor. Era uma palavra tão pouco usada por seu pai que soava como uma língua estrangeira. Lentamente, ele acompanhou o rei até a sala.

— O que foi? É a Lucia? — Magnus perguntou, com tensão na voz.

— Não. Essa questão infeliz não tem nada a ver com ela.

O medo que havia em seu peito se apaziguou.

— Se não é sobre Lucia, então o que precisa me contar?

O rei olhou para a esquerda e Magnus seguiu a direção de seu olhar. Sobre uma placa de mármore estava a rainha, braços cruzados sobre a barriga. Ela estava totalmente imóvel, em silêncio.

Magnus franziu a testa. Por que ela estaria dormindo na sala do trono?

Ele levou um momento para entender.

— Mãe… — ele tentou dizer, com a respiração cada vez mais ofegante conforme se aproximava.

— Isso é obra dos rebeldes — o rei disse, com a voz baixa e firme. — Eles ficaram irritados por termos nos recusado a atender suas exigências e interromper a construção da Estrada Imperial. Essa é a minha punição.

O rosto da rainha estava pálido, e Magnus podia jurar que ela estava apenas dormindo. Ele estendeu o braço na direção dela, mas cerrou o punho e o trouxe de volta para a lateral do corpo. Havia

sangue em seu vestido cinza-claro. Muito. Seu próprio sangue congelou ao ver aquilo.

— Rebeldes — Magnus disse, as palavras vazias em sua garganta. — Como você sabe?

— Esta foi a arma usada. O assassino deixou para trás. — O rei segurava uma adaga com joias incrustadas no cabo e ondulações na lâmina prateada. — Tal evidência nos ajudou a descobrir sua identidade.

O olhar de Magnus passou da arma ornamentada para o rosto do pai.

— Quem é?

— Esta mesma adaga já pertenceu ao lorde Aron. Foi a que ele usou para matar o filho do comerciante de vinho no mercado de Paelsia. O irmão de Jonas Agallon. Foi a última vez que lorde Aron viu a arma.

— Está dizendo que Jonas Agallon é responsável por isso.

— Acredito que sim. E também acho que, ao deixar a adaga para trás, queria que soubéssemos que foi ele.

Magnus se esforçou para que sua voz não falhasse.

— Vou matá-lo.

— Sem dúvidas o garoto pagará caro por seu crime. — O rei suspirou. — Eu subestimei os rebeldes. Ser tão ousado a ponto de assassinar a rainha… É um crime pelo qual Jonas Agallon pagará muito caro. Ele implorará pela morte muito antes de eu concedê-la.

A mulher que havia dado Magnus à luz dezoito anos antes, que lia histórias para ele e dançava com ele quando era criança. Aquela que secava suas lágrimas… que demonstrara um afeto guardado havia muito tempo naquele dia no templo…

Ela havia partido para sempre.

— Aconteceu uma coisa estranha, no entanto — o rei disse, interrompendo o pesado silêncio. — Outro corpo foi encontrado por perto, também esfaqueado. Era uma mulher acusada de bruxaria que mantínhamos no calabouço de Limeros, da qual eu havia me esquecido há muito tempo.

Com dor no coração, Magnus observou as mechas grisalhas que contrastavam imensamente com o tom escuro dos cabelos de sua

mãe. Ela não gostava daquilo. Não gostava de parecer mais velha, especialmente quando comparada à amante do rei, que conservava sua beleza por meio da magia.

— Não entendo. A bruxa tinha alguma coisa a ver com os rebeldes?

— Receio que seja um mistério.

— Devo começar a procurar Agallon. — Magnus forçou as palavras a sair. Falar era a última coisa que ele queria fazer naquele momento. — Imediatamente.

— Você poderá se juntar à perseguição assim que voltar da excursão de casamento.

Ele se virou para o pai com fúria nos olhos.

— Minha mãe foi assassinada por um rebelde, e você quer que eu faça uma excursão pelo reino com uma garota que me odeia.

— Isso mesmo. É *exatamente* o que eu quero. E o que você fará. — O rei observou Magnus com paciência nos olhos escuros. — Sei que amava sua mãe. A perda dela será sentida por muito tempo; toda a Mítica ficará de luto por ela. Mas esse casamento é importante para mim. Ele vai selar meu controle sobre as pessoas deste reino sem mais oposição do que o necessário, enquanto chego mais perto de ter a Tétrade nas mãos. Você entende?

Magnus soltou um suspiro trêmulo.

— Entendo.

— Então vá. E guarde a informação sobre a bruxa para você. Não queremos que surja nenhum rumor sobre a associação da rainha com uma mulher tão baixa.

Magnus franziu a testa diante daquela ideia ridícula. Ele imaginou que os rebeldes teriam alguma ligação com a bruxa, não sua mãe.

— Acha que ela a conhecia?

— Sinceramente, não sei o que pensar nesse momento, nem o que levaria Althea a sair do palácio antes do amanhecer. — O rei olhou para o rosto daquela que fora sua esposa por vinte anos. — Só sei que minha rainha está morta.

Magnus deixou a sala do trono, onde jazia sua mãe, dando passos em falso ao virar no corredor seguinte e entrar em uma alcova vazia — sem guardas ou criados. De repente, ele não

conseguia respirar. Não conseguia raciocinar. Cambaleou até a parede e se apoiou com a mão. Uma vontade de chorar subiu por sua garganta, mas ele lutou com todas as forças para se controlar.

Momentos depois, uma voz fria e familiar interrompeu seu luto.

— Príncipe Magnus, suponho que ficará feliz em saber que retornei em segurança. Espero que não tenha sentido muito a minha falta.

Ele não respondeu. Tudo o que queria era um pouco de privacidade.

A princesa Cleo ficou olhando para ele de braços cruzados. Seus cabelos claros estavam soltos, ondulados, caindo sobre ombros até a cintura.

— Eu sou raptada por rebeldes, mantida prisioneira por uma semana inteira, escapo apenas graças à minha esperteza, e você não tem nem uma única saudação para me receber?

— Estou avisando, princesa, não estou no clima para bobagens no momento.

— Nem eu, então acho que temos alguma coisa em comum. E eu que pensava que não havia nada. — O olhar dela não tinha nenhum toque de cordialidade, mas um pequeno sorriso moveu os cantos de sua boca.

— Sorrindo? — ele conseguiu dizer. — O que fiz para merecer isso? Ou talvez já tenha ficado sabendo da novidade para ajudar a iluminar seu dia.

— Novidade?

Ele se sentia extremamente cansado.

— A notícia da morte da rainha.

Ela franziu a testa.

— O quê?

— Ela foi assassinada por rebeldes. — Ele observou seu olhar sincero de choque. — Então é isso. Um motivo para você celebrar.

Magnus deu as costas para ela, pronto para encontrar consolo em seus aposentos, mas a princesa agarrou seu braço e o deteve. Ele lançou um olhar sombrio por cima do ombro.

— Eu nunca celebraria a morte, não importa de quem seja — ela disse, com o olhar cheio de raiva e mais alguma coisa. Algo que

parecia vagamente compaixão.

— Ah, seja franca, tenho certeza de que você jamais ficaria de luto por nenhum Damora.

— Sei muito bem o que é perder alguém próximo em circunstâncias trágicas.

— Ah, é, temos tanta coisa em comum. Talvez devêssemos nos casar.

Ela o soltou, com amargura no rosto.

— Eu estava tentando ser gentil.

— Não tente, princesa. Não combina com você. Além disso, não preciso e nem quero sua gentileza ou solidariedade. Ambas parecem extremamente falsas vindo de você.

Algo quente e molhado escorreu pelo rosto dele. Ele limpou a lágrima espontânea e virou o rosto, chocado por ela ter visto.

— Eu nunca teria imaginado que você se importava tanto com alguém — ela disse com suavidade.

— Me deixe em paz.

— Com prazer. — Mas agora ela parecia indecisa, como se vê-lo chorando pela mãe morta a tivesse deixado profundamente confusa. — Mas, espere, antes de ir… sinto por incomodá-lo, mas não sei para quem perguntar. Preciso falar com minha amiga. Com Mira. Não consigo encontrá-la em lugar nenhum. Disseram-me que ela não é mais a criada da princesa Lucia. Sabe a quem ela foi designada?

Ele deu cinco passos pelo corredor até que ela o chamou.

— Príncipe Magnus, por favor!

Ele se virou. Naquele momento, não havia nada na expressão de Cleo além da necessidade de uma pequena ajuda. Ela acreditava que ele poderia fazer isso.

— Sinto muito, princesa — ele disse, os olhos fixos nos dela —, mas enquanto você esteve fora, meu pai tirou a vida de sua amiga Mira por escutar uma conversa particular. Eu lamento que ele tenha tomado essa decisão, mas posso garantir que a morte dela foi rápida e indolor.

O horror tomou conta do rosto de Cleo.

— *O quê?*

— Ela foi levada, seu corpo, queimado, e os ossos enterrados no cemitério dos criados. Novamente, sinto muito pela sua perda. Não há nada que possa ser feito para consertar isso.

O som do choro cheio de sofrimento de Cleo o perseguiu até seus aposentos.

18

JONAS

TERRAS SELVAGENS

O mesmo falcão estava de volta, empoleirado nas árvores. A ave não tirava os olhos de Jonas durante a maior parte do dia. Talvez ele estivesse paranoico, principalmente porque não acreditar em lendas… mas, ainda assim.

Se fosse uma vigilante, então Jonas esperava que ela aprovasse o plano que ele havia acabado de expor a seus rebeldes, explicando como assassinariam o rei Gaius e o príncipe Magnus no casamento da princesa.

— Vamos ver se entendi — Lysandra foi a primeira a falar quando ele terminou. — Você não vai atacar a Estrada de Sangue, como eu quero, mas acha que pode entrar no casamento real no Templo de Cleiona e matar tanto o rei quanto o príncipe lá dentro.

— Foi o que eu disse, não foi?

— Achei que talvez pudesse ter ouvido mal.

— Algum problema com meu plano?

— Vários problemas, na verdade. — A menina parecia impressionada, como se ele tivesse conseguido surpreendê-la. Ela estava ao lado de Brion, que olhava para Jonas estupefato.

— Mais alguém com problemas? — Jonas olhou em volta para o resto do grupo. Os rebeldes falavam em voz baixa uns com os outros, olhando para ele com expressões que variavam de interesse a surpresa e cautela. — Ou Lysandra é a única que sempre quer se opor a mim em cada decisão que tomo?

— Já fomos quase massacrados pelo rei uma vez. Você quer que ele tenha outra chance de fazer isso? — um garoto chamado Ivan disse. Originalmente, Jonas havia pensado que ele tinha vocação para a liderança, mas Ivan raramente aceitava ordens sem debater e reclamar. Tudo era uma briga com ele. E a coragem que demonstrava com seu tamanho e seus músculos não parecia ir muito além da superfície.

O argumento de Ivan era bom, mas não muito. Nenhum rebelde havia sido morto pelos guardas limerianos na noite em que invadiram o acampamento, o que era ao mesmo tempo um milagre e um alívio. O plano de se espalharem e depois se reencontrarem num local secundário havia dado certo. Jonas vira isso como um sinal de que deveriam continuar lutando.

Sim. No dia do casamento de Cleo.

— Vai funcionar — Jonas disse alto o suficiente para que todos os seus cinquenta rebeldes reunidos à sua volta pudessem escutar. — O rei Gaius vai cair.

— Mostre a ele — Lysandra disse.

Jonas franziu a testa.

— Mostrar o quê?

Brion deu um passo à frente. Ele tinha um pergaminho nas mãos, que desenrolou e segurou para Jonas ver.

Nele, havia o esboço do retrato de um garoto de cabelos escuros e uma proclamação.

JONAS AGALLON
PROCURADO POR SEQUESTRO E ASSASSINATO
LÍDER DOS REBELDES PAELSIANOS QUE SE OPÕEM AO REINADO
JUSTO DO GRANDE E NOBRE REI GAIUS SOBRE TODA A MÍTICA

RECOMPENSA DE 10.000 CÊNTIMOS
VIVO OU MORTO

Ele ficou com a boca seca e devolveu o papel casualmente.

— Não se parece em nada comigo.

Lysandra resmungou com repulsa.

— Está vendo com o que estamos lidando aqui? Você está famoso.

— Isso não significa nada. Não impede nada. Além disso, posso ser culpado de sequestro, mas não matei ninguém. — Ainda não, pelo menos.

— Acha que mentiras deterão o rei? Ele quer acabar com você, e ofereceu uma recompensa aos gananciosos auranianos para ajudarem a localizá-lo.

— Por dez mil cêntimos, estou tentado a entregá-lo eu mesmo — Brion disse.

Jonas riu com nervosismo.

— Por dez mil cêntimos, estou tentado a *me* entregar.

— Não tem graça. — Lysandra olhou feio para os dois.

Ele tinha que concordar, não era. Mas não estava surpreso com a atitude do rei. Na verdade, era um bom sinal de que havia começado a considerar os rebeldes uma ameaça séria. Se Jonas tivesse que ser o rosto — embora mal desenhado — da resistência rebelde, ele assumiria o papel com orgulho.

— Eu achei que você iria gostar de uma proposta como essa, Lys — Jonas disse, tentando apaziguar a raiva que via surgir no rosto dela. — Desde que se juntou a nós, você tem insistido para atacarmos os campos de trabalho da estrada.

— E vi com meus próprios olhos como estamos despreparados para um ataque dessa magnitude. Agora sei que não podemos nos lançar em ataques aleatórios com tão poucas pessoas. Seremos massacrados se não tivermos um plano. Então estou bolando esse plano. Estou tentando descobrir qual ponto da estrada é o mais fraco, onde poderíamos fazer mais diferença.

— Você não pode dizer que é má ideia derrubar o rei, pode? Se ele estiver morto, a construção da estrada será interrompida. Certo?

Ela olhou feio para ele.

— Até aí eu concordo.

— Então não tem problema nenhum.

— Tem, sim. Ele precisa morrer, eu concordo. Mas esse será seu primeiro ato de verdadeira rebelião, além de destruir afrescos com a imagem dele? De repente, acha que se tornou um assassino furtivo, capaz de se esconder em um templo repleto de guardas e chegar perto o bastante para cravar uma lâmina tanto no rei quanto no príncipe, sem ninguém impedir. Mesmo com uma oferta de recompensa por sua captura espalhada por Auranos inteiro?

— Está preocupada com a minha segurança. — Ele forçou um sorriso nada sincero. — Que gentil de sua parte.

— Sei por que está fazendo isso — Lysandra levantou a voz para todos ouvirem. — Nosso líder quer que entremos em um casamento cheio de guardas só para poder salvar sua adorada donzela em perigo.

— Não é nada disso. — As palavras saíram por entre os dentes cerrados de Jonas. — É para livrar Paelsia da tirania do Rei Sanguinário. Para libertar nosso povo. Achei que você desejava isso assim como todos nós, mas agora está tentando dizer qualquer coisa para me dissuadir?

— Não estou dizendo que não seria a melhor coisa do universo ver o rei morrer e pagar por suas atrocidades. Sua morte seria a solução para todos os nossos problemas.

— Então o que está dizendo?

— Estou dizendo que acho que não vai dar certo — ela declarou sem rodeios. — Que infelizmente você está querendo dar um passo maior do que a perna. E não consegue enxergar isso sozinho porque foi cegado por cabelos dourados e olhos azul-esverdeados.

Jonas não havia contado a ninguém sobre o beijo na caverna — nem a Brion. Ainda não tinha certeza do que aquilo significava, se é que significava alguma coisa. Só sabia que ver Cleo ir embora para o acampamento dos guardas foi uma das coisas mais difíceis que já teve que suportar.

Os outros rebeldes murmuravam uns com os outros. Jonas não conseguia ouvir o que estavam dizendo, mas não parecia favorável

a ele. Lysandra era como a ponta de uma lâmina que podia dividir aqueles rebeldes justo quando ele precisava que ficassem unidos.

— Chega de briga, vocês dois — Brion resmungou. — Não está ajudando em nada. Nunca ajuda. — Ele enrolou o pergaminho e o jogou na fogueira.

— Isso não tem nada a ver com a princesa — Jonas bufou, mas sabia que, pelo menos em parte, era mentira. Afinal, a ideia havia sido de Cleo, e ele ainda acreditava que era muito boa. — E eu não vou agir às cegas. A informação de Nerissa foi muito útil. Ela ouviu de pelo menos dois guardas que a maior parte da segurança do casamento ficará do lado de fora, para controlar a multidão. Do lado de dentro, estarão os convidados, os criados do templo, o sacerdote. Um punhado de guardas, no máximo. Posso nos colocar lá dentro para fazermos o que é preciso.

Lysandra cruzou os braços diante do peito.

— Como Nerissa conseguiu essa informação? Ah, espere, deixe-me adivinhar. Ela seduziu os guardas? Aquela menina tem alguma outra habilidade?

Sedução era a especialidade de Nerissa. E agora que nunca mais poderia colocar os pés em Pico do Falcão novamente, depois de ter auxiliado Jonas com o sequestro de Cleo, estava ávida para provar que podia ajudar os rebeldes. Na verdade, Nerissa havia manifestado grande interesse em seduzir o próprio Jonas. Embora ele tivesse recusado suas atenções, ficava muito feliz em poder utilizar a habilidade dela de outras formas.

— Brion — Jonas sussurrou. — Que tal me ajudar aqui?

— Nerissa não me seduziu — Brion disse. — Bem, pelo menos ainda não. Acho que vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Tenho a impressão de que ela tem uma lista.

— *Brion*.

O amigo soltou um grande suspiro.

— Veja, Jonas, sei que você quer fazer isso. Que depois de tanto tempo sem nenhuma ação mais ousada, está louco para explorar qualquer oportunidade. Mas… não sei. Acho que Lys pode estar certa desta vez. É muito arriscado fazer isso agora. Você enxerga isso, não é?

Jonas ficou olhando para o amigo como se o visse pela primeira vez.

— É claro que é arriscado. Mas se der certo, valerá por tudo.

— E se não der… não valerá nada. E você estará morto.

— Está tomando partido dela.

A paciência estava se esgotando no olhar de Brion.

— Não é uma questão de tomar partido. É uma tentativa de ver a situação com clareza.

— Você costumava ser o primeiro a comprar uma briga. O que aconteceu? — O mau humor e a frustração aumentavam cada vez mais e, com eles, a falta de tato. — Ah, espere. Eu sei o que aconteceu. Lysandra aconteceu.

Qualquer cordialidade restante desapareceu do rosto de Brion.

— Isso é golpe baixo.

— Você não pensa direito quando se trata dela. Desculpe dizer, mas tomar o partido dela não vai fazê-la se apaixonar por você. Então devia parar de segui-la como um cachorrinho.

Ele finalmente olhou diretamente para o amigo, justo quando o punho de Brion o acertou bem no meio do rosto. Jonas cambaleou para trás.

— Se eu quisesse sua opinião — Brion vociferou. — Bateria em você até arrancá-la.

Jonas passou a mão sob o nariz.

— Me bata de novo e teremos um problema.

Dessa vez, Brion empurrou Jonas com tanta força que ele bateu no tronco de uma árvore.

Agora os rebeldes se manifestavam muito mais do que antes.

— Vamos, Jonas! Não deixe ele fazer isso.

— Acabe com ele, Brion!

— Vá para cima dele! Quero ver mais sangue!

Os paelsianos sempre gostaram de uma boa briga.

— Pare com isso — Jonas resmungou enquanto Brion se aproximava com os punhos cerrados.

— Ou o quê?

— Ou eu faço você parar.

Brion tinha a tendência de começar uma briga por qualquer coisa, mas nunca havia lutado contra Jonas. Apesar do alerta, Brion continuou se aproximando, mas Jonas estava pronto dessa vez. Ele deu um soco no estômago de Brion, depois no queixo, jogando o amigo para trás e o derrubando no chão. Lysandra correu para o lado do garoto, olhando feio para Jonas.

— Continuo achando que ela está certa e você está errado — Brion conseguiu resmungar. — Fique à vontade para ir atrás do rei no casamento, mas será por sua conta e risco.

Jonas se virou para os outros rebeldes, furioso por seu melhor amigo — alguém que ele considerava um irmão — ter se recusado a ficar ao seu lado naquela decisão.

— Vocês conhecem meu plano. Com ou sem ajuda, estarei no casamento real em quatro dias. Eu mesmo irei assassinar o rei Gaius. Recebo de braços abertos qualquer voluntário que queira se juntar a mim. Depois disso, não seremos colocados em pergaminhos como procurados; seremos considerados heróis. Pensem nisso.

Então ele virou as costas para todos e adentrou a escuridão da floresta densa para esfriar a cabeça.

19

LUCIA

AURANOS

A escuridão tornou-se o mundo de Lucia, e dois pensamentos terríveis ecoavam em sua cabeça, chocando-se um contra o outro repetidas vezes.

Minha mãe acha que sou má.

Minha mãe me quer morta.

Finalmente, depois de muito tempo esperando no vazio sufocante, veio um amanhecer, e ela se viu novamente no familiar prado verde e exuberante, de grama brilhante e árvores cristalinas.

O Santuário.

Ou ao menos uma versão onírica do Santuário. Mas parecia tão real — desde a brisa quente, passando pela grama esmeralda sob seus pés descalços, até a visão da cidade cintilante ao longe, sob o aparentemente infinito céu azul e límpido. Tão real que era difícil saber a diferença.

Lucia sentiu a presença de Ioannes atrás dela, mas não se virou.

— Você me deixou por muito tempo — ela disse em voz baixa.

— Peço desculpas, princesa.

Antes daquele, eles haviam compartilhado quatro sonhos. Sonhos em que caminhavam pelo prado até as rodas de pedra incrustadas de diamantes, conversando sobre tudo. Sobre a infância de Lucia, sobre seu relacionamento com Magnus e as complicações recentes, sobre sua mãe, sobre seu pai, sobre sua magia. Talvez ela tenha falado demais, mas com Ioannes se sentia… à vontade. O que era surpreendente, considerando quem e o que ele era. Um vigilante imortal de dois mil anos de idade.

Ela nunca tinha se sentido daquele jeito antes. Em relação a ninguém.

Ele fazia perguntas sobre ela, tantas perguntas. E ela respondia. Mas ele era muito hábil em se esquivar das perguntas que ela fazia sobre ele. Lucia ainda não sabia por que ele a levara para lá, e sua mente ficava enevoada sempre que ia para aquele prado. Apesar de suas melhores intenções, a gravidade do que havia acontecido em sua vida real parecia desaparecer quando ela estava ali.

Morte. Destruição. Profecia. Magia.

Ela precisava de respostas. Talvez ele a estivesse evitando de propósito desde o último sonho — deixando-a à deriva no sono durante todo esse tempo.

Aquela, então, era sua chance de descobrir mais coisas, e ela não se deixaria distrair pela criatura dourada que fazia qualquer outro pensamento escapar de sua mente. Lucia se virou para encará-lo diretamente.

— O que você quer de mim?

O belo rapaz sorriu para ela como se não pudesse conter a expressão em seu rosto.

— É bom ver você também, princesa.

Que sorriso… O olhar dela passou pelos lábios dele antes de voltar para os olhos prateados.

— Minha mãe quer me matar por causa de meus *elementia*.

O sorriso dele desapareceu.

— Garanto que ela não fará nada disso.

Lucia olhou para a mão e invocou o fogo. A chama se acendeu imediatamente.

— O poder que tenho vai me corromper? Vai me tornar uma pessoa má?

— Os *elementia* não são bons nem maus. Simplesmente são. O mundo foi criado a partir dos elementos. *Eu* fui criado a partir dos elementos.

— E você não é mau. — Apesar das chamas, ela sentiu um calafrio quando Ioannes se aproximou.

Outro sorriso.

— O mal é uma escolha que se faz, não um estado natural do ser.

— Sempre?

Ele franziu a sobrancelha.

— Isso preocupa você.

— É claro que sim. — Ela esfregou as mãos, extinguindo o fogo. — Como eu me livro disso?

— Como se livra do quê?

— Da minha magia. E se eu não a quiser? E se eu quiser ser normal?

Ioannes ficou olhando para ela como se não entendesse.

— Você não pode mudar o que você é. Os *elementia* fazem parte de você.

— Como pode afirmar isso se eu não os tinha até os dezesseis anos? Minha vida era… bem, era monótona e às vezes melancólica, mas não era assim. Eu não era capaz de matar só de pensar em atear fogo a alguém. Eu não era vista com medo e ódio. Não precisava me preocupar em dominar algo sombrio e desagradável que se infiltra pela minha pele como um veneno.

— Não deve pensar em sua magia desse jeito, princesa. Não é uma maldição, é um dom. Um dom que muitos dariam tudo para ter, inclusive muitos imortais.

Ela balançou a cabeça.

— Vigilantes são feitos de magia.

— Feitos a partir dela, sim. Mas não podemos utilizá-la com tanta facilidade quanto você.

Lucia caminhou até a borda do prado, os braços cruzados firme diante do peito.

— Para que precisa da minha magia, Ioannes?

Ela precisava saber. Não conseguia pensar em outro motivo para aquele garoto continuar a visitá-la se não quisesse usá-la de alguma maneira.

Garoto, não, ela lembrou a si mesma. *Nem perto disso.*

— Não há tempo suficiente para explicar. — Ele passou a mão pelos cabelos cor de bronze e voltou a olhar na direção da cidade.

— Não há tempo suficiente antes de quê?

— Não está sentindo? Você está prestes a acordar. E dessa vez vai ficar acordada. Sei disso porque estou usando muita energia para continuar neste sonho com você.

O coração dela acelerou. Ela estava acordando? Finalmente?

Era tudo o que queria. Mas agora… havia muito mais que precisava ser dito. Ela não estava pronta para dizer adeus a Ioannes. Ainda não. Só de pensar, seu coração doía.

— Como verei você de novo? Vai visitar meus sonhos comuns?

— Sim. — Ioannes se aproximou e pegou as mãos dela, tenso. — Tem tanta coisa que quero contar a você. Que eu… *preciso* contar a você, mesmo que eu tenha jurado segredo.

Tão real… ele parecia tão real. Pele quente, mãos fortes. Ele tinha cheiro de especiarias — exótico e completamente inesquecível.

— Então conte agora, rápido. Diga o precisa dizer. Não me deixe esperando.

— Você confia em mim, princesa?

— Não consigo pensar em nenhum motivo para confiar — ela sussurrou, os olhos presos nos dele.

Ele levantou a sobrancelha.

— Nenhum motivo?

Ela quase sorriu.

— Esses segredos… são segredos sobre mim, não é?

Ele confirmou com a cabeça.

— Preciso saber tudo o que a profecia revelava sobre mim. Só sei que ela dizia que eu me tornaria uma feiticeira capaz de canalizar as quatro partes dos *elementia*.

— Sim, dizia isso. E você pode.

Ela sentiu uma onda de frustração.

— Mas para que propósito? Eu *posso* usar a magia, mas não *quero*.

Ele apertou as mãos dela com mais força.

— Existem mais coisas na profecia de Eva; uma parte mais importante. Mais bem guardada.

— Conte.

— Segundo ela, é você quem nos libertará dessa prisão e nos reunirá com a Tétrade. — Ele olhou na direção da cidade de cristal com preocupação em seu belo rosto. — É você quem vai nos salvar da destruição.

Ela procurou o olhar dele.

— O que quer dizer com destruição?

Ele balançou a cabeça.

— Sem a posse da Tétrade, a magia que existia aqui mil anos atrás está desaparecendo pouco a pouco. Quando acabar, os *elementia* não existirão mais. Não só no Santuário, mas em todo o mundo. Toda vida é criada pela magia dos elementos. E, sem a magia, não sobra nada. Entende, princesa? Você é a chave para o nosso futuro. Para o futuro de todos.

Ela sacudiu a cabeça.

— É impossível. Eu não sei como fazer isso. Acha que posso ajudar a salvar o mundo?

A expressão dele ficou perturbada.

— Eu não devia ter revelado isso. Ainda não. Ela ficará brava comigo, mas… mas você tem o direito de saber.

— De quem está falando? De sua amiga Phaedra? Aquela que nos interrompeu outro dia?

Ele negou com a cabeça.

— Não. Outra pessoa. Não diga a ninguém o que contei a você, princesa. E não confie em ninguém. *Ninguém*. Nem naqueles que sentir que são dignos de sua confiança.

— Ioannes… — Ele estava tão cheio de angústia, tão cheio de paixão… e tudo parecia direcionado a ela.

— Eu não deveria sentir nada por você — ele sussurrou, puxando-a para mais perto. Ela não conseguia tirar os olhos dele. —

Quando eu a vigiava de longe, havia aquela distância. Aquela objetividade. Agora me falta isso.

Lucia mal podia respirar enquanto o observava, sua pele ficava mais quente onde ele a tocava.

— Você se tornou muito importante para mim — ele continuou, hesitante. — Mais importante do que ouso admitir a mim mesmo. Não entendia como um imortal poderia se apaixonar por um mortal. Não fazia sentido. Achei que eram tolos por abrir mão da eternidade por um punhado de anos no mundo mortal com quem havia aprisionado seu coração. Não penso mais assim. Existem mortais por quem vale a pena sacrificar a eternidade.

O calor em seu rosto foi esquecido. Ela percebeu que estava chegando mais perto, tão perto, dele.

— Não devo visitar seus sonhos de novo nunca mais — ele disse, com uma expressão de dor no rosto. — Existem perigos pela frente que não pode compreender. Mas, não… *Tem* que haver outros modos de conseguir o que é preciso. E se houver, eu vou descobrir. Prometo a você.

Ela não tinha ideia do que ele estava falando, pensava apenas que ele tinha admitido estar se apaixonando por ela. Não tinha?

— Sim, você *precisa* visitar meus sonhos. Não pode me deixar agora. Você é importante para mim também, Ioannes. Eu… eu preciso de você em minha vida.

A angústia permaneceu em seus olhos prateados. Tão incrivelmente intensos. Tão cheio das respostas de que precisava para perguntas que ainda nem havia feito. Então ele segurou o rosto dela entre as mãos e se inclinou para encostar os lábios nos dela.

Talvez sua intenção fosse um beijo casto, mas logo se tornou tudo menos isso. As mãos dele escorregaram por sua cintura e a puxaram mais para perto, aumentando a intensidade do beijo. Ela tocou o rosto dele, o queixo, e passou os dedos por seus cabelos. Ele tinha gosto de néctar, de mel com especiarias… doce e viciante. Ela queria mais. Suas mãos passaram para as amarras da camisa dele, puxando-as para revelar seu peito nu. Ele tinha uma marca, um espiral de ouro brilhante, sobre o coração.

— O que é isso?

— Um sinal do que eu sou.

Tão lindo. Ele era tão lindo que ela não queria mais acordar. Queria ficar com ele para sempre.

— Eu amo você, Ioannes — ela sussurrou junto aos lábios dele. Ele ficou tenso com aquelas palavras, e Lucia logo se arrependeu de tê-las deixado escapar, mas então a boca dele estava sobre a dela novamente, forte e exigente, roubando ao mesmo tempo seu fôlego e seu coração…

E então a escuridão se espalhou pelo prado, apagando-o de sua visão e arrastando Ioannes para longe dela.

Um grito ficou preso em sua garganta.

Lucia abriu os olhos lentamente e se viu em uma grande cama com dossel, sob lençóis macios de seda branca. Seu olhar estava fixo em uma vela tremeluzente na mesa de cabeceira.

Uma dor estranha e desconhecida apertou seu coração.

Ioannes.

Uma jovem usando um vestido cinza simples cochilava em uma cadeira próxima. Em um instante, os olhos dela se abriram e depois se arregalaram.

— Vossa alteza… está acordada!

— Água — Lucia conseguiu dizer.

A menina correu para pegar água.

— Devo informar o rei imediatamente.

— Ainda não. Por favor, me dê um instante antes de fazer qualquer coisa.

Claro, a menina obedeceu. Ela trouxe água, que Lucia bebeu após uma breve hesitação. Depois a menina buscou frutas, queijo e pão.

— Dois meses — Lucia sussurrou com desalento quando perguntou quanto tempo passou dormindo. — Como sobrevivi por tanto tempo?

— Você conseguiu aceitar uma bebida preparada especialmente para isso, que a sustentou — a menina explicou. — Os curandeiros disseram que foi um pequeno milagre.

Sim, um milagre. Um milagre que permitiu que sua mãe administrasse a poção que a mantinha em sono profundo. Um

tremor de raiva percorreu seu corpo, e o copo que ela segurava se estilhaçou.

— Princesa! — a criada gritou, claramente com muito medo de que ela tivesse se machucado, enquanto começava a recolher os cacos de vidro afiados.

Lucia olhou para o sangue em sua mão, inclinando a cabeça enquanto analisava o ferimento dolorido. O Rei Sanguinário era seu pai. Isso fazia dela a Princesa Sanguinária? Seu sangue era de um vermelho tão vivo que quase brilhava.

Gotas escarlate caíram sobre os lençóis branquíssimos. A menina rapidamente envolveu a mão de Lucia com um pano.

Lucia a afastou.

— Não é nada.

— Vou buscar lençóis limpos.

Lucia olhou para ela.

— Não fique tão assustada. Como eu disse, não é nada.

Ela desenrolou a bandagem e se concentrou no corte. Sua mão começou a brilhar com uma luz dourada, bela e quente. Um segundo depois, o ferimento estava completamente curado.

Sua mãe esteve errada sobre ela. Ela não era má. *Aquilo* não era mau. Usar seus *elementia*, principalmente depois de uma ausência tão longa, parecia certo. Parecia *bom.*

— Ouvi rumores — a menina sussurrou, impressionada — sobre o que você é capaz de fazer.

A menina perturbava muito mais do que uma simples ratinha deveria.

— Rumores que eu sugiro tirar da cabeça antes que criem dentes afiados e devorem você.

A menina empalideceu.

— Sim, vossa graça.

— Traga o meu irmão aqui. *Apenas* o meu irmão.

Quando a ratinha saiu apressada, Lucia ficou chocada com a grosseria de suas palavras. Ela normalmente tratava os criados com muito mais gentileza. O que estava acontecendo?

Lucia virou o rosto para a janela do terraço daquele quarto desconhecido. Olhou para o céu azul, coberto de nuvens brancas e

macias, e para a paisagem verde ao fundo. Inegavelmente lindo, mas não era a sua casa. Não era a perfeita Limeros, branca e coberta de gelo.

Um falcão dourado pousou na grade do terraço e, ao vê-lo, Lucia se sentou imediatamente, ficando zonza pelo esforço. O falcão a analisou por vários instantes, com a cabeça inclinada.

— Ioannes? — ela sussurrou. — É você?

As portas pesadas do quarto se abriram, batendo na parede, e o pássaro saiu voando de seu poleiro. Lucia virou incomodada para a porta e encontrou Magnus ali parado.

— Lucia… — Ele rapidamente se colocou ao lado dela. — Juro pela deusa, se dormir de novo, ficarei furioso com você!

Apesar do lampejo de irritação por Magnus ter espantado o falcão, era bom vê-lo novamente. Os cabelos escuros haviam crescido o bastante para esconder seus olhos castanhos. Ela não tinha percebido isso no pouco tempo que ficara acordada da última vez.

— Não vou dormir de novo, porque não vou deixar que isso aconteça. Magnus, nossa mãe estava colocando uma poção na minha água. Foi ela que me manteve dormindo esse tempo todo.

Ele a fitou.

— Por que ela faria isso?

— Porque ela acha que sou má. Ela me disse que queria me matar. — Ela estendeu o braço para segurar a mão dele. — Nunca mais quero ver essa mulher de novo, ou não me responsabilizo pelo que poderei fazer para me proteger. Ela sempre me odiou, Magnus. Agora eu sinto exatamente o mesmo em relação a ela.

A chama de cada vela no quarto de repente aumentou quinze centímetros, ardendo tanto quanto as emoções de Lucia. Magnus as observou com cautela antes de voltar os olhos para a irmã.

— Lucia… nossa mãe está morta. Ela foi assassinada por rebeldes há uma semana e meia.

— Morta? — A boca de Lucia ficou seca. Em seguida, as chamas que ela havia invocado com um simples pensamento se extinguiram completamente.

Ela esperava sentir algum tipo de reação — sofrimento, tristeza ou… qualquer coisa que fosse. Mas não havia nada.

— Eu vou encontrar o assassino. Juro que vou. E o farei pagar por isso. — A voz de Magnus falhou, e ele se soltou da mão dela para andar de um lado para o outro, mantendo o rosto nas sombras.

— Sinto muito pela sua perda — ela sussurrou.

— Uma perda para todos nós.

Ele sofria pela morte da mãe profundamente. Mas Lucia percebeu que não sentia o mesmo.

Magnus ficou vagando pelo quarto, passando a mão distraído sobre a cicatriz em seu rosto. Ele sempre fazia isso quando estava imerso em seus pensamentos, mesmo sem perceber.

— O corpo de nossa mãe foi encontrado com o de uma bruxa, também assassinada. Provavelmente era essa bruxa que fornecia a poção para dormir. Só não entendo por que ela faria uma coisa dessas. Em que estava pensando?

Então sua mãe se encontrava com bruxas. Para combater fogo com fogo, magia com magia.

— Nunca saberemos ao certo — ela disse. Lucia estendeu o braço para Magnus e ele voltou para o seu lado, pegando sua mão novamente. — Me ajude a levantar. Preciso sair desta cama.

Ele fez o que ela pediu, servindo de apoio. Mas assim que seu peso recaiu sobre as pernas, ela viu que não tinha forças para ficar em pé sozinha.

— Receio que ainda não seja possível — ele disse, ajudando-a a voltar para a cama. — Você precisa descansar.

— Estive descansando por dois meses!

Um sorriso cansado apareceu nos cantos da boca dele, embora seus olhos sombrios estivessem repletos de luto.

— Terá de esperar alguns dias. Você não vai a lugar nenhum hoje. É uma pena, realmente. Se fosse qualquer outro dia, eu poderia ficar aqui até o cair da noite e inteirá-la de tudo o que aconteceu nesse período. Por exemplo, como me sinto aprisionado em Auranos. Sempre claro e ensolarado e encantadoramente verde… e eu realmente não poderia odiar mais este lugar. Tudo o

que queria era me juntar à perseguição do rebelde que matou nossa mãe. Mas terei de esperar.

— Esperar o quê?

Magnus se levantou da cama e apoiou o braço em sua estrutura.

— Até eu voltar.

— Aonde você vai?

Ele franziu o cenho. Era como se não quisesse dizer seus pensamentos em voz alta.

— Magnus, me diga, o que há de errado?

— Hoje é um dia importante, Lucia. Acho até irônico que, entre todos os dias, justo hoje você finalmente voltou para nós. Para *mim*.

— O que tem hoje?

— É o dia do meu casamento.

Ela ficou boquiaberta e se esforçou para se sentar em meio às almofadas e travesseiros que a cercavam.

— O quê? Com quem vai se casar?

Ele cerrou os dentes.

— Com a princesa Cleiona Bellos.

Lucia não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Foi arranjado.

Magnus olhou para ela.

— Ah, não. Imagine. Desde que ajudei a tomar o reino de seu pai e destruir sua vida, não consegui me conter e me apaixonei perdidamente por ela. Sim, é obvio que foi arranjado.

Seu irmão, comprometido com a princesa Cleiona — a princesa dourada de Auranos!

— E você não está satisfeito.

Magnus esfregou a testa como se só pensar naquilo já fosse doloroso.

— Satisfeito por estar prestes a me casar com uma garota que me odeia? E por quem não sinto nada? Tudo para ajudar os planos políticos do nosso pai? Diria que “não satisfeito” é um eufemismo para como me sinto.

Ela conseguia entender por que uma união tão estranha fazia sentido, apesar da surpresa inicial. Mas parecia totalmente errado.

— Ele pode ser o rei e seu pai, mas não é seu mestre e senhor, e você não é um escravo dele. Recuse-se a casar com ela.

Ele a observou por um longo momento.

— Você quer que eu me recuse?

— Isso não tem nada a ver comigo, Magnus. É a sua vida, o seu futuro.

Pela expressão súbita de tristeza, Lucia soube que aquela não era a reposta que ele esperava.

Ela se encolheu por dentro com a lembrança de Magnus admitindo seu desejo profundo por ela e dando-lhe um beijo que ela não queria e não havia retribuído.

— Nada mudou entre nós, Magnus — ela sussurrou. — Por favor, entenda isso.

— Eu entendo.

— Tem certeza?

— Sim — ele sibilou.

Eles podiam não ter o mesmo sangue, mas, para Lucia, ele *era* seu irmão em todos os sentidos. Sentir qualquer outra coisa por Magnus era impossível. Quando ele a beijara, ela havia sentido apenas repulsa.

Mas quando Ioannes a beijou…

— Não chore — Magnus disse, estendendo a mão para secar gentilmente as lágrimas de seu rosto, lágrimas que ela se surpreendeu por estar derramando. — Devo me casar com a princesa. Não tenho escolha.

— Então lhe desejo tudo de bom, meu irmão.

Ela não pôde deixar de notar que sua escolha de palavras o fez se encolher. Ela o havia decepcionado, mas não podia fazer nada sobre isso. Não amava Magnus como ele gostaria. E nunca amaria.

Lucia afastou as mãos dele e se virou novamente para o terraço, procurando qualquer sinal do falcão dourado que estivera ali antes, desejando desesperadamente que Ioannes a visitasse logo e pudesse guiá-la. E pudesse ficar com ela.

De alguma forma, de algum jeito.

20

CLEO

AURANOS

Era a manhã do dia do casamento de Cleo.

E seria o dia da morte do rei Gaius.

Por você, Mira. Hoje ele pagará com sangue por seus crimes.

Sua raiva ardia como fogo. Ela teria sua vingança.

No momento, porém, as duas criadas limerianas puxavam tanto seu cabelo que ela tinha vontade de chorar como uma criança, não uma futura rainha.

— Não sei por que não posso simplesmente deixar o cabelo solto — ela resmungou.

— O rei ordenou que fosse trançado assim — Dora explicou com desdém. — E se você continuar se contorcendo, só vai demorar mais.

Cleo tinha de admitir que a interferência do rei nos detalhes havia compensado. Seu cabelo ficou lindo com o penteado de pequenas tranças entrecruzadas, unidas em um padrão intrincado. Ainda assim, ela odiou. Odiava tudo o que tinha a ver com aquele

casamento, e passou a odiar ainda mais quando as criadas a ajudaram a vestir o vestido lindo, porém pesado, que Lorenzo havia finalizado para ela. Ele fora pessoalmente ao palácio tirar suas medidas, um dia depois de seu retorno das Terras Selvagens, e quase rastejara pedindo desculpas infinitas por sua costureira ter trabalhado para os rebeldes sem que ele soubesse. A menina havia desaparecido, mas Lorenzo jurou que se descobrisse qualquer coisa sobre seu paradeiro, informaria ao rei.

Na cabeça de Cleo, a costureira era menos uma auxiliar dos rebeldes e mais uma menina ingênua que faria tudo o que um garoto bonito e interessante como Jonas Agallon pedisse.

Jonas…

Os cristais bordados no vestido faziam-no brilhar mesmo com a pouca luz dos aposentos de Cleo. E ele pesava quase tanto quanto ela. Helena e Dora apertaram seu espartilho sem dó, fazendo com que perdesse o ar.

Ela tentou não se preocupar com o fato de que, desde que retornara ao palácio, havia uma semana e meia, ela não havia recebido nenhuma confirmação de Jonas a respeito dos planos do ataque rebelde.

Confiava de fato nele?

Atualmente, não tinha outra escolha.

Jonas faria aquilo por Paelsia — para salvar seu povo. Apesar do beijo, ela sabia que ele não estava fazendo aquilo por ela.

Como você riria de mim, Mira. Um beijo de um rebelde paelsiano uma semana e meia atrás, e eu me lembro tão claramente como se tivesse acabado de acontecer. Eu daria tudo para ter você aqui para conversar sobre isso.

Ela se olhou no espelho enquanto as meninas arrumavam seu cabelo. O brilho da pedra roxa de seu anel chamou sua atenção. Saber que o estava usando, oculto mas às vistas de todos, fazia seu coração disparar. Mas não tinha como saber como o dia iria acabar, e aquela era sua posse mais preciosa e importante.

Pelo reflexo, ela vislumbrou Nic, que surgira na porta, taciturno. Ela não o vira sorrir nenhuma vez desde que soubera de Mira. A dor em seu rosto havia estilhaçado o coração de Cleo. Ele sentia que

não havia conseguido proteger a irmã quando ela mais precisara. Mas jurou que nunca falharia com Cleo.

Agora, estava parado na porta dos aposentos dela, esperando para acompanhá-la à carruagem que a levaria ao local de seu casamento.

Ao local de seu destino.

Aquele dia entraria para a história. O povo auraniano falaria dele por séculos. Escreveriam livros, comporiam músicas e contariam histórias que passariam de geração em geração sobre o dia em que a princesa Cleiona juntou forças com os rebeldes para derrotar seu inimigo e libertar todo o reino da tirania de um rei — mesmo que esse reino não tivesse se dado conta da extensão do terror que o Rei Sanguinário poderia desencadear.

E a paz reinaria por toda a Mítica por mais um milênio.

A multidão de milhares de pessoas vibrou ao ver Cleo descendo da carruagem quando chegou ao templo. Havia muitos guardas do lado de fora, controlando as massas, mantendo-as afastadas.

Ela estampou um sorriso no rosto e acenou para o povo.

Aquilo era bom de se ver. Os rebeldes poderiam usar a grande aglomeração como camuflagem, mesmo com muitos guardas patrulhando a pé e a cavalo.

A Estrada Imperial começava ali no templo e se estendia ao longe, formando uma linha perfeita de pedra cinza junto à paisagem verde.

Jonas havia falado sobre pessoas escravizadas e maltratadas em campos de trabalho da estrada em Paelsia, onde a maior parte dos quilômetros seria construída. Mas ali, e ao longo dos trechos por onde passaram de carruagem, ela não havia testemunhado tais atrocidades. Os trabalhadores pareciam limpos e bem descansados; trabalhando duro, mas não ao extremo.

Mas é claro que seria assim. Aquela não era uma região árida e isolada de Paelsia, onde o rei poderia esconder os maus-tratos. Se desejava ser bem recebido por seus novos súditos em Auranos, mostrar a eles evidências tão claras de sua crueldade poderia levar

mais gente a se opor a ele e se juntar aos rebeldes. Era apenas mais uma prova de suas mentiras. E apenas mais uma razão pela qual o rei precisava ser detido.

Vários dos antigos membros do conselho de seu pai e suas esposas — nobres importantes, todos eles — aproximavam-se dela assim que saíam de suas carruagens. Teciam elogios e admiravam seu vestido. Apertavam suas mãos enquanto faziam reverências e mesuras diante dela. Cada um lhe desejava o melhor naquele dia, o mais importante de sua vida.

As bochechas de Cleo começaram a doer quando seu sorriso falso se tornou mais difícil de sustentar. Ainda assim, ela permaneceu do lado de fora, perto da multidão, pelo máximo de tempo que pôde.

— Está na hora, vossa alteza — disse um homem alto e imponente de cabelos escuros e olhos verdes. Era Cronus, o capitão da guarda do palácio do rei Gaius. Um homem de quem Cleo desconfiava ao extremo, tanto quanto do próprio rei, já que seguia todas as ordens sem hesitação, independente de seu teor. Se o rei ordenasse que Cronus matasse Cleo com as próprias mãos, ela não tinha dúvida de que ele a massacraria imediatamente. Ele a assustava, mas ela se recusava a deixar o medo transparecer no rosto.

Cleo olhou pela última vez por cima do ombro, examinando a área em busca de qualquer sinal de Jonas. Depois olhou nos olhos de Nic. Ele acenou para ela com a cabeça, tenso. Finalmente, ela pegou o braço dele e Nic a conduziu escadaria acima até o templo, com Cronus logo atrás.

Havia uma segunda estátua enorme da deusa Cleiona bloqueando a visão do salão principal, até que Cleo passou por ela e viu os altos e grossos pilares de mármore ao longo do extenso corredor. Era um espaço enorme, cavernoso, três vezes maior do que o grande salão do palácio. De cada lado, centenas de convidados.

Havia muito poucos guardas de uniformes vermelhos ali. A maioria estava do lado de fora, controlando a multidão.

Ótimo.

— Queria poder salvar você disso, Cleo — Nic sussurrou.

Ela não conseguia responder com o medo e o terror que entalavam sua garganta.

Com um último afago em seu braço, Nic a soltou e assumiu sua posição perto da parede, na parte da frente do templo, sem tirar os olhos dela nem por um instante.

No altar, a quarenta passos de distância, o príncipe Magnus a esperava. Ele estava todo de preto, incluindo um sobretudo formal, grosso, com toques dourados e vermelhos, que devia estar absurdamente quente. O rei estava ao lado dele, junto a um sacerdote limeriano de túnica vermelha, que realizaria a cerimônia. Ali perto estavam os criados do templo, também vestindo túnicas vermelhas. Havia flores brancas e vermelhas por todo lado, além de, literalmente, milhares de velas acesas.

Todos os rostos se voltaram para ela.

— Ande — Cronus comandou.

Cleo ficou tensa.

Ela tinha que dar aos rebeldes uma chance de agir. Porque eles agiriam. Tinham de agir.

Ainda assim, por um momento ela não teve certeza se conseguiria mover os pés. Suas pernas se transformaram em gelatina. Mas não havia mais nada que pudesse fazer além de ser forte. Ela faria tudo o que fosse preciso para ajudar Auranos.

E, no momento, precisava caminhar e enfrentar seu destino no altar daquele templo.

Então, pensando em seu pai, em Emilia, em Mira e em Theon, ela caminhou.

Ela já havia ido a casamentos antes, e aquele não era muito diferente, exceto pela escala e grandiosidade. A caminho do altar, ela viu muitos rostos conhecidos que sorriam, demonstrando aprovação, e gravou-os na cabeça como amigos de seu pai que agora recebiam seu inimigo de braços abertos. Covardes, todos eles. Qualquer um que fosse leal a seu pai, leal a Auranos, não estaria sorrindo ao vê-la ser obrigada a se casar com o filho de seu inimigo.

Havia também muitos olhares arrasados voltados para ela, rostos tensos e repletos de compaixão. Ela se esforçou muito para não olhar nos olhos dessas pessoas, com medo de que vissem sua própria dor.

Cleo se lembrava de ter imaginado como seria seu casamento com Theon. Em sua fantasia, o templo estava cheio de alegria e felicidade, e era seu pai que esperava ao lado de Theon no altar. Não o Rei Sanguinário.

Cleo não desperdiçou nenhum olhar com o rei. E nem olhou de relance para o príncipe, embora sentisse seus olhos escuros sobre ela. Ela se concentrou apenas no corredor até o altar e em qualquer pessoa que estivesse em sua visão periférica.

Aron se sentou na frente, com uma expressão difícil de decifrar. Ele parecia irritado, principalmente. E, como sempre, embriagado.

Ao lado de Aron, havia um homem que Cleo sabia ser o príncipe Ashur Cortas, do Império Kraeshiano. Ela ficara sabendo de sua chegada para o casamento, como representante de seu pai, o imperador. Nos últimos dias, muitos rumores sobre o importantíssimo convidado haviam corrido pelo palácio, a maioria pela boca das criadas, que estavam empolgadas para ficar perto do solteiro com fama de belo e incrivelmente poderoso vindo do outro lado do mar. Talvez ele também tivesse ido até lá atrás de uma noiva, algumas imaginavam. Outras esperavam que sim.

Tão poucos guardas ali, mas tantos convidados — a maioria dos quais Cleo não reconhecia. Amigos do rei.

Inimigos de Auranos.

Jonas, esta é sua chance. Por favor, não me decepcione.

Finalmente, ela chegou ao altar e parou ao lado do príncipe. A expressão dele era séria; o olhar, vazio.

— Aqui estamos — Magnus disse a ela.

Ela apertou os lábios, sem dizer nada em resposta. Se tudo desse certo, o príncipe Magnus morreria junto com o pai. Ele merecia morrer pelo que havia feito com Theon.

Ainda assim, ela sentia uma pequena pontada de dor por ele ter que pagar tão caro pela lista muito mais longa de crimes de seu pai.

Ele é cruel, ela lembrou a si mesma. *Assim como o pai. Uma única lágrima derramada pela morte da mãe não significa nada. Não muda nada!*

— Vamos começar — o sacerdote disse. A faixa vermelho-escuro na cintura dele representava o sangue da deusa Valoria e estava presa à túnica vermelho-vivo com dois alfinetes dourados na forma de serpentes entrelaçadas. — Esta união de dois jovens nos laços eternos do matrimônio é também um símbolo da união de Mítica como um reino forte e próspero sob o domínio do nosso grandioso e nobre rei Gaius Damora. Valoria, nossa gloriosa e adorada deusa da terra e da água, que generosamente nos dá força, fé e sabedoria todos os dias de nossas vidas, também concede sua bênção hoje a essa união afortunada.

— Tente conter o entusiasmo, princesa — Magnus murmurou. — Pelo menos até o fim da cerimônia.

A cada palavra que o sacerdote dizia, ela rapidamente ia perdendo a capacidade de expressar outra coisa além de tensão. A força reunida com dificuldade já começava a falhar, dando lugar ao pânico e a pernas que ameaçavam desmoronar sob seu corpo.

— Tentarei ao máximo — ela rebateu.

O rei apenas observava tudo, com uma expressão indecifrável.

— Não me diga que não está satisfeita por estar aqui — o príncipe falou em voz baixa.

— Tão satisfeita quanto você.

— Deem as mãos — o sacerdote instruiu.

Ela olhou para a mão de Magnus com desgosto.

— Ah, pare com isso — ele disse a ela. — Está partindo meu coração.

Cleo rangeu os dentes.

— Para que eu pudesse fazer isso, você precisaria ter um.

Ele segurou a mão dela. A mão de Magnus era seca e quente, exatamente como ela se lembrava do dia em que ficaram noivos no terraço. Ele segurava a mão dela como se fosse desagradável tocá-la. Ela precisou se esforçar muito para não se afastar dele.

— Repita os votos comigo — o padre disse. — Eu, Magnus Lukas Damora, aceito Cleiona Aurora Bellos como minha esposa e futura

rainha. Um laço que começará hoje e durará por toda a eternidade.

O pânico tomou conta dela. Era cedo demais para a cerimônia terminar! Era só isso?

Houve uma pausa, e o príncipe apertou a mão dela com mais força.

— Eu, Magnus Lukas Damora, aceito… — ele suspirou, como se lutasse para continuar falando — … Cleiona Aurora Bellos como minha esposa e futura rainha. Um laço que começará hoje e durará por toda a eternidade.

Cleo começou a tremer. *Eternidade. Ah, deusa, me ajude*.

O sacerdote acenou positivamente com a cabeça, enfiando a mão em uma tigela de óleo perfumado que segurava. Ele passou um pouco do líquido na testa de Magnus.

E então se virou para ela.

— Repita comigo. Eu, Cleiona Aurora Bellos, aceito Magnus Lukas Damora como meu marido e futuro rei. Um laço que começará hoje e durará por toda a eternidade.

Ela não tinha voz, não tinha palavras. Sua boca estava seca demais e os lábios, ressecados. Aquilo não podia acontecer.

— Repita as palavras — o rei disse em voz baixa, mas com o olhar tão afiado quanto a ponta de uma adaga.

— E-eu, Cleiona Aurora Be-Bellos… — ela gaguejou — aceito…

O som de metal se chocando com metal veio dos fundos. Em seguida, quatro criados do templo que usavam mantos vermelhos tiraram os capuzes e revelaram o rosto.

O coração de Cleo pulou para a garganta ao ver que um deles era o próprio líder rebelde. Jonas a olhou nos olhos por um breve instante antes de atacar, tirando uma espada de baixo da túnica roubada. Cleo voltou sua atenção para os fundos, onde viu os esparsos guardas em uniformes vermelhos caírem sob as lâminas dos rebeldes disfarçados. Alguns gritos assustados e confusos surgiram das testemunhas reunidas.

— Nic! — ela gritou. Se os rebeldes confrontassem Nic em seu uniforme limeriano, não saberiam quem ele era ou o que ele significava para ela. Ele estava correndo perigo.

Por que ela não tinha pensado nisso antes? Apesar da promessa de não dizer nada sobre o plano de Jonas, ela poderia tê-lo alertado!

Jonas agarrou Magnus bem quando o príncipe tentava alcançar sua própria arma. Jonas segurou a espada na garganta dele e olhou para o rei.

Tudo aconteceu em um piscar de olhos, mal houve tempo para pensar.

Jonas abriu um leve sorriso e estreitou os olhos.

— Parece que tem o que celebrar, vossa majestade. Assim como nós.

O rei Gaius examinou o grupo de rebeldes, pelo menos vinte rapazes aparentemente perigosos que haviam tomado o templo. Eles estavam à frente dos guardas caídos e bloqueavam a entrada, com armas afiadas nas mãos.

— Você é Jonas Agallon. — O rei parecia calmo apesar de seu filho estar imobilizado, com a ponta de uma espada apontada para a garganta. — Nos conhecemos quando você acompanhou o chefe Basilius à reunião com o rei Corvin. Parece que faz tanto tempo.

Aquilo só serviu para endurecer ainda mais o olhar de Jonas.

— O que vai acontecer é o seguinte: primeiro, vou matar seu filho. Depois, vou matar você.

O rei Gaius abriu as mãos.

— Parece que nos pegou em grande desvantagem, não é?

O coração de Cleo começou a bater ainda mais rápido, se fosse possível. Ela esticou o pescoço para dar uma olhada geral rápida pelo templo. Vinte rebeldes haviam desarmado e dominado os doze guardas limerianos posicionados dentro do templo instantaneamente, e agora todos estavam mortos ou inconscientes.

Mas onde estava Nic?

— Fiquei surpreso com a negligência de sua segurança aqui dentro. Do lado de fora estava muito mais complicado de se locomover e, devo admitir, será difícil escapar, mas estamos preparados para a tarefa, eu acho. — Jonas parecia presunçoso e satisfeito, como um gato faminto que conseguiu encurralar um pombo apetitoso. — Francamente, acho que deveria ter sido mais

esperto e escolhido um local menor, menos público, para um evento tão importante. Um lugar que pudesse manter em segredo. Que pena que não pensou nisso.

— Tenho certeza de que teria descoberto o local mesmo assim — o rei disse. — Você é muito bom. Estou extremamente impressionado com suas habilidades. Tenho certeza de que seu povo segue todas as suas ordens à risca com grande admiração.

Para um rei prestes a ser assassinado, ele estava muito calmo e sombrio.

— Pai — Magnus disse entredentes. Um pouco de sangue escorria de sua pele a partir da ponta da espada de Jonas.

— O que você quer? — o rei Gaius perguntou a Jonas novamente, não olhando nem uma vez para o rosto do filho.

— O que eu quero? — Jonas repetiu, descrente. — Exatamente o que acabei de dizer. Quero ver você pagar pelos crimes que cometeu contra o meu povo. Vi sua estrada com meus próprios olhos, vossa majestade. — O título era usado com ironia. — Vi o que autorizou seus guardas a fazer. Pedi que fosse interrompido, mas você ignorou minhas exigências. Foi um erro. Hoje, interromperei a construção da estrada através de sua morte.

— Posso lhe oferecer grandes riquezas.

— Não quero nada além do seu sangue.

O rei Gaius sorriu.

— Então deveria ter sido muito mais rápido para fazê-lo jorrar. Esse foi o *seu* erro, rebelde.

Uma flecha cortou o ar, atingindo um rebelde ao lado de Jonas no peito. O garoto caiu no chão, contorcendo-se violentamente até seu corpo ficar imóvel.

Cleo observou horrorizada quando metade dos convidados do casamento se levantou dos bancos e investiu contra os rebeldes.

A falta de guardas dentro do templo não passava de uma ilusão. Eles estavam disfarçados como convidados do casamento — eram os rostos que ela não reconheceu. E eles atacavam os rebeldes, agora em menor número, com força total.

Tirando vantagem da distração, Magnus derrubou a espada de Jonas. Depois agarrou o manto dele e o jogou contra um pilar de

mármore com tanta força que sua cabeça se chocou contra a superfície dura.

Cleo foi empurrada quando a briga entre um rebelde e um guarda chegou perto demais. Ela saiu do caminho, esforçando-se para se deslocar com a saia longa e pesada do vestido, fazendo parecer que caminhava sobre a lama. Desviou do golpe de uma adaga por poucos centímetros.

— Você matou minha mãe, seu desgraçado — Magnus grunhiu para Jonas. — Vou arrancar seu coração e enfiá-lo pela garganta.

Jonas deteve o punho cerrado do príncipe. Um rebelde próximo foi atingido por uma espada no peito e cambaleou para trás, esbarrando em Magnus e libertando o príncipe das garras de Jonas.

O sangue dos mortos se acumulava no piso de mármore — vermelho-vivo em contraste com o branco. Cleo ficou olhando, sem conseguir processar como tudo rapidamente se transformara em caos.

Naquele mesmo segundo, o templo começou a tremer, levemente no início e depois com cada vez mais violência. O chão se abriu, com um enorme som de rachadura, enquanto vários guardas caíam gritando na fenda irregular. A gigantesca estátua de Cleiona tombou e caiu no chão, esmagando três pessoas. Todos que estavam em pé foram derrubados. Cleo, ainda agachada no chão, colocou os braços defensivamente sobre a cabeça.

O rei Gaius conseguiu se levantar, ainda que o chão continuasse a tremer terrivelmente. Seu olhar furioso vasculhava o templo, até que pousou sobre Cleo.

O rei não notou o que estava bem atrás dele.

Um pilar de mármore havia se soltado do teto rachado e começava a cair. O rei estava diretamente abaixo.

Mas antes de ser esmagado, Magnus se atirou na direção do rei e o tirou do caminho. O pesado pilar desabou, quebrando-se em centenas de pedaços sobre o solo que ainda tremia.

O príncipe Ashur se levantou, gritando a plenos pulmões.

— Todos para fora do templo. Agora.

As centenas de convidados tentavam desesperadamente fugir do violento e sangrento campo de batalha, correndo para as saídas o

mais rápido possível. Vários foram esmagados por outros pilares que caíram pelo caminho.

O mundo estava desmoronando bem diante dos olhos de Cleo.

Um braço a pegou pela cintura, puxando-a para trás do altar quando o violento terremoto finalmente cessou e o mundo parou de tremer.

— Sabe que quase foi morta? — Nic disse.

— Nic! — Ela o abraçou com força. — Graças à deusa você está bem!

— Bem? Eu diria que estamos muito longe de estar bem.

Cleo se arrastou até a lateral do altar de pedra para ver a destruição que se apresentava diante de seus olhos. Jonas estava morto no chão do templo.

Não, por favor, não. Não pode ser!

Não, espere. Dois guardas passaram correndo pelo seu corpo imóvel. Quando foram embora, Jonas começou a se mexer. Cleo o viu recobrar a consciência e se sentar, levantando-se em seguida, com a mão sobre um ferimento na lateral do corpo, onde havia sido atingido por uma lâmina. Seu rosto também estava ensanguentado. Seu olhar, antes desfocado, ficou tenso e percorreu o templo, vendo seus rebeldes mortos, até finalmente encontrar os olhos de Cleo.

Ele estendeu a mão para ela, como se a chamasse para ir com ele. Para fugir com ele enquanto ainda havia tempo de escaparem despercebidos com o resto dos convidados.

Ela negou com a cabeça.

Os dois não conseguiriam escapar. Não com ele ferido e ela usando aquele vestido pesado. Ela precisava ficar — por Nic. Por Auranos.

Mas Jonas ainda podia se salvar. E se quisesse ter alguma chance, deveria sair imediatamente, enquanto não estava na mira dos guardas.

— *Vá* — ela sussurrou. — *Vá agora!*

Ele hesitou apenas mais um instante antes de se livrar da túnica vermelha e sair correndo do templo, juntando-se à multidão de convidados que escapava para a luz do dia.

— Cleo — Nic sussurrou, apertando a mão dela com tanta força que chegava a doer. — Isso é ruim. Muito ruim.

Palavras mais verdadeiras nunca haviam sido ditas.

Os rebeldes haviam perdido. E, ah, como tinham perdido.

Todos eles, exceto Jonas, estavam mortos sobre o piso rachado e destruído do templo. Os guardas que vestiam roupas comuns para se misturar aos outros convidados começavam a se aproximar para garantir que os rebeldes mortos *estivessem mesmo* mortos, enfiando espadas ou lanças nos corpos imóveis, para se certificar de que continuariam assim.

Tantos haviam morrido em tão pouco tempo.

Nic estendeu a mão para ela e a ajudou a ficar em pé. Uma mancha de sangue agora maculava seu belo vestido. Nic olhou alarmado para o borrão e começou a checar se Cleo estava bem.

— Não é meu — ela disse com a voz fraca.

— Graças à deusa!

— É minha culpa, Nic. Isso… é tudo minha culpa.

— Do que está falando? Não é, não. — Ele a segurou pelos braços. — Você não teve nada a ver com isso.

Ele não sabia do plano porque ela não havia contado. Era a única pessoa em quem Cleo confiava plenamente — e ela não tinha contado nada. Se Nic tivesse morrido durante o ataque, ela nunca se perdoaria.

Havia corpos espalhados sobre poças escarlate por todo o piso de mármore. Olhos vidrados fitavam todas as direções, alguns diretamente para Cleo, como se a culpassem por sua morte.

Magnus se apoiou em um pilar e tocou cuidadosamente o ferimento superficial em sua garganta. Ele parecia exausto, mas seu olhar estava repleto de ultraje. Sua atenção finalmente recaiu sobre ela. Cleo desviou o rosto antes que fosse forçada a olhar em seus olhos.

O rei se aproximou. Havia um corte em sua testa, que fazia o sangue escorrer sobre os seus olhos. Ele limpou com o dorso da mão.

Ele quase havia morrido — ela mesma tinha sido testemunha. Quase fora atingido por um pilar, mas seu filho o salvara. E agora

tudo o que restava de sua quase morte era um pouco de sangue.

— Você sabia que isso iria acontecer? — Magnus perguntou.

O estômago de Cleo se revirou, e seus dedos se afundaram no braço de Nic como se quisesse pegar um pouco da força do amigo emprestada. Quando ela abriu a boca para negar qualquer envolvimento com o ataque rebelde, o rei respondeu em seu lugar:

— Achei que havia uma grande chance, mas não tinha certeza.

— Mas tomou precauções.

— Claro que sim. Não sou idiota.

— E ainda assim não me disse nada. — As palavras estavam cobertas de veneno. — Não é a primeira vez que me deixa por fora de seus planos, pai.

— Não queria estragar o dia mais do que o necessário. — O rei lançou um olhar para Cleo. — É muito angustiante. — Ele gesticulou para a carnificina diante deles. Ela não conseguia tirar os olhos do fluxo constante de sangue escorrendo pela testa do rei. — Você é, afinal, apenas uma menina de dezesseis anos, acostumada a uma vida muito mais privilegiada e segura. Isso deve ser um choque.

— É, sim — ela sussurrou. — O ataque. O… o terremoto. Acredito que seja um sinal da deusa. O casamento terá de ser adiado. É realmente uma pena.

Quando o dorso da mão dele bateu em seu rosto, a reação de Cleo foi mais de choque do que de dor. Ela levou a mão à bochecha e o encarou com olhos arregalados.

— Acha que vou facilitar tanto para você, sua pirralha dissimulada? — O rei agarrou seu vestido e a puxou para mais perto. Ele olhou para Nic, que tinha avançado para proteger Cleo. — Estou avisando, garoto, não me olhe assim se preza por seus olhos. Eu os arranco de sua cabeça e sirvo para a princesa Cleiona como parte de seu banquete de casamento.

— Mas… mas como podemos continuar? — Cleo gaguejou. — Todo esse sangue! Todos esses corpos! O templo está em ruínas, o teto vai desabar a qualquer momento. Precisamos sair! O casamento não pode…

Ele deu mais um tapa em seu rosto, com mais força dessa vez, e ela mordeu o lábio de dor.

— Eles me subestimaram, aqueles rebeldes. Não têm ideia do quanto calculo cada movimento. Acharam que poderiam entrar aqui com facilidade e me matar. Ninguém pode me matar. — Ainda assim, ele deu uma olhada no pilar caído com nervosismo antes de lançar um olhar furioso para Cleo. O rei agarrou a garganta dela com uma mão e apertou tanto que a princesa começou a engasgar. Ela arranhou o braço dele, mas o rei apertou ainda mais até ela parar de lutar. Manchas pretas tomaram conta de sua visão.

— Pai, pare com isso — Magnus disse.

— Fique quieto, moleque. Preciso que a princesa aprenda algumas coisas importantes. — Seu olhar frio a atravessou como a própria morte, arrastando-a para as profundezas da escuridão. — Se algum dia subestimar meu desejo de manter esse trono, minha cara, vai se arrepender amargamente. Considere o dia de hoje apenas uma pequena amostra.

Ela tentou falar, mas a mão que a estrangulava torceu sua garganta ainda mais.

Cronus havia se aproximado, espada em punho, apontada na direção de Nic para mantê-lo afastado.

Magnus andava em círculos, nervoso.

— Pai, isso não é necessário. Está matando a garota.

— Já mandei você ficar quieto. Não me obrigue a dizer de novo. — Um sorriso sinistro logo apareceu nos cantos da boca do rei ao olhar para ela. — Sabe o que todos dirão a respeito de hoje? Que viram um lindo casamento ser interrompido por rebeldes sem coração. Que eles quiseram impedi-la de trocar os votos com meu filho. Que eles fracassaram, e nós vencemos. Que o amor verdadeiro vence tudo, até mesmo o tremor do mundo, não importa o que a oposição faça. As pessoas encontrarão consolo nessas histórias nos meses e anos difíceis que estão por vir. Acha que eu casaria meu filho com uma vadia confessa como você por algum outro motivo? Eles vão devorar essa história e pedir mais. Vão organizar caravanas para vê-la em sua viagem pelo meu reino. Vão idolatrar você e Magnus como deuses, porque são tolos e ingênuos. E isso é exatamente o que eu quero. Quanto mais atenção derem a vocês, menos pensarão no que estou fazendo e em meus motivos.

O rei finalmente a soltou, e ela tentou respirar, levando as mãos à garganta ferida. Nic ficou ali, com os punhos cerrados ao lado do corpo, tremendo. Se ele tivesse ameaçado avançar para cima do rei, Cleo sabia que teria morrido. Assim como os amigos de Jonas e os rebeldes haviam morrido naquele dia.

Não havia esperança na morte, apenas um fim.

O rei empurrou Cleo para perto de Magnus.

— Continue — ele ordenou.

O sacerdote estava lá, com um rastro de sangue no rosto para combinar com a túnica vermelha.

— Mãos… — A voz dele tremeu. — Segure a mão dela.

Magnus pegou a mão de Cleo. Ela olhou para ele, mas não encontrou seu olhar. Os olhos dele estavam virados para a frente, o maxilar tenso.

— Repita comigo — o sacerdote disse depois de um instante. — Eu, Cleiona Aurora Bellos, aceito Magnus Lukas Damora como meu marido e futuro rei. Um laço que começará hoje e durará por toda a eternidade.

A garganta dela parecia fechada, o rosto ardia, as bochechas estavam molhadas de lágrimas. Para todo lugar que olhava, via sangue, morte e desespero.

— Repita. — O tom de voz do rei foi grave e perigoso. — Ou vai assistir enquanto corto seu amigo em pedacinhos. Primeiro vou cortar os dedos dos pés, depois os próprios pés. Depois os dedos das mãos e as mãos. Vou dar cada pedaço para os meus cachorros comerem enquanto ele implora por uma misericórdia que nunca virá. Meus cachorros adoram carne fresca. — Os olhos dele estavam cheios de fúria. — *Repita*.

— Eu, Cleiona Aurora Bellos — ela falou com a voz engasgada —, aceito Magnus Lukas Damora como meu marido e futuro rei. Um laço que começará hoje e durará por toda a eternidade.

O sacerdote ungiu sua testa com o óleo perfumado. Apesar de ele ser de Limeros, ela jurou ter visto piedade em seus olhos.

— Assim sendo, e como deve ser, desse dia em diante, até a morte e depois dela. Vocês estão casados. São marido e mulher. Está feito.

Está feito.

21

Ioannes

O SANTUÁRIO

Melenia levantou os olhos quando Ioannes entrou em seus aposentos no palácio de cristal. Era um quarto cheio de flores e luz. Uma janela de cristal que ia do chão ao teto dava para a grande cidade lá embaixo, lar de outros imortais.

No meio da janela havia uma rachadura irregular. O forte tremor no mundo mortal havia sido nitidamente sentido ali também. Muitos imortais, na verdade, tinham entrado em pânico, acreditando que seria o fim.

Mas Ioannes sabia que não.

Ele já estava a caminho dos aposentos de Melenia quando tudo aconteceu. Seus passos estavam concentrados e sua mente, limpa. Havia questões que precisavam ser discutidas, e não podiam esperar nem mais um dia.

Ela se levantou na sala de estar, a túnica transparente ondulando sobre suas curvas. Seus olhos eram azuis — um tom forte de safira que ninguém jamais confundiria com os de um mortal.

— Estou feliz por ter vindo — Melenia falou antes que ele dissesse qualquer palavra. Ele estava impressionado com sua beleza, como sempre. Ela estendeu a mão em sua direção quando ele se aproximou. — Pode celebrar comigo mais um sinal de nosso sucesso. Estamos perto agora. Tão perto que posso sentir.

— Sentir o quê?

— Uma doce vitória. Finalmente. — Seu sorriso sumiu quando ela notou que Ioannes não parecia satisfeito. Ela estendeu os braços para colocar as mãos frias sobre o rosto quente dele. Aquela mulher parecia tão pequena e frágil diante dele, mas Ioannes sabia que não era nada disso. Ele nunca havia conhecido alguém mais forte em toda sua existência. E por muito tempo havia admirado aquela força.
— O que foi? Você parece tão aflito…

— Eu estou aflito. A princesa acordou de seu sono profundo.

— Entendo. Agora será mais difícil acessar os sonhos dela.

— Não é isso.

Ela o observou atentamente.

— Então o que é? Desabafe comigo, Ioannes. Sabe que pode confiar em mim. Nós compartilhamos todos os nossos segredos, não é?

Os segredos eram tantos que ele já tinha perdido a conta.

— Dois desastres no mundo mortal. O furacão e o terremoto. Está acontecendo exatamente como você disse que aconteceria.

— Sim.

Melenia era uma imortal muito especial, diferente dos outros. Mais poderosa em vários aspectos. Ela podia enxergar muitas coisas que os outros não podiam — o que acontecia ali no Santuário e no mundo mortal. Sua visão era clara e focada, e sempre havia sido.

— E você continua a visitar os sonhos do rei? — ele perguntou.

Dessa vez houve uma pausa antes de ela responder.

— Ultimamente, não. Ele já sabe o que preciso que faça.

Era outro dos muitos segredos de Melenia. Os anciãos não tinham a capacidade de entrar em sonhos de mortais. A tarefa nunca fora fácil para qualquer imortal e sempre drenava magia e força física. Mas para um ancião, era impossível.

Exceto para Melenia.

— Não vai demorar muito para minha estrada ficar pronta — ela disse. Havia alegria em sua voz.

Sim, a estrada dela. Uma estrada que tinha de ser construída o quanto antes pelas mãos dos mortais. Uma estrada que precisava passar por certos lugares ao longo de seu caminho sinuoso.

E, claro, como não era *apenas* uma estrada, não se podia esquecer de que era preciso uma grande quantidade de sangue derramado.

Sangue — tudo dependia de sangue. Era fundamental. Era mágico. Mesmo quando saía das veias de mortais.

E quando a estrada finalmente estivesse pronta…

— Preciso saber se existe outro jeito — Ioannes disse, sentindo as palavras espessas na garganta.

Melenia franziu a testa.

— Outro jeito?

Ele olhou diretamente para ela, tentando ocultar a dor que sentia em seu peito atrás da espiral dourada. Os outros imortais não sabiam dos planos de Melenia, mas ele sim. Havia concordado com tudo quando foi originalmente recrutado para a causa dela. Tinha certeza de que conseguiria se manter firme.

Agora duvidava de si mesmo.

O entendimento tomou conta dos olhos azuis dela.

— Eu queria que você entrasse em contato com ela. Falasse com ela. Verificasse se ela era mesmo a feiticeira da profecia que Eva lançou há tantos anos. Você fez o que pedi com perfeição.

— Ela é inocente, Melenia.

— Nenhum mortal que vive mais de um dia é inocente.

— Ajude-me a entender. Como tem tanta certeza de que seu plano é o único possível para encontrar a Tétrade? Para nos libertar desta prisão? Como está tão certa disso?

O maxilar dela ficou tenso quando passou por ele e caminhou até o limite de seus aposentos, indicando as paredes ali com um gesto. Gravados na prata e no cristal estavam os símbolos dos elementos — terra, fogo, ar e água. Era seu santuário particular para a Tétrade, igual aos que muitos mortais tinham em sua residência. Eles rezavam para os símbolos, na esperança de obter respostas e

orientação pelos longos dias, anos, séculos que haviam se passado sem mudança ou escapatória.

— Porque eles falam comigo — Melenia disse simplesmente, passando os dedos com delicadeza sobre o símbolo triangular do fogo. — Eles me dizem o que fazer. Como encontrá-los. E sua princesa é a chave. Quando minha estrada estiver terminada, o sangue dela será derramado. O sangue todo.

Um arrepio passou pelo corpo de Ioannes.

Antes, estava preparado para sacrificar Lucia e salvar seu mundo antes que a magia desaparecesse completamente. Havia se comprometido com a causa, assim como alguns poucos imortais escolhidos a dedo por Melenia para fazer parte de seu pequeno exército.

Ela virou as costas ao seu santuário para observar Ioannes, e inclinou a cabeça. — Eu queria que ela se apaixonasse por você para torná-la mais receptiva, mais influenciável. Mas você também se apaixonou por ela, não foi?

— Não — ele proferiu a palavra amarga, sentindo a falsidade sair de sua boca.

— Você não pode mentir para mim. Conheço a verdade quando a vejo. — Ela suspirou. — Isso complica as coisas.

— Preciso ir até ela.

— Tenho certeza de que acha que sim. — A mão dela permanecia sobre o símbolo do fogo enquanto lançava um olhar inquisidor. — Você não é o único que está apaixonado por uma mortal. Dizem que Phaedra está vigiando um de perto também. Um rebelde.

Seus olhos encontraram os dela.

— Um rebelde?

— Eu não confio nela. Ela vê demais. Sabe demais, assim como Stephanos. Tenho medo de que essa sua amiga esteja se tornando um risco para os meus planos.

Ela disse com leveza, mas uma apreensão começou a consumir as entranhas de Ioannes. Se Phaedra se revelasse um problema para Melenia, ele ficaria profundamente preocupado com ela. Phaedra não omitia seus pensamentos nem suas palavras. Ela falava o que lhe vinha à cabeça e agia de maneira espontânea, sem

pensar muito em qualquer risco. Esse comportamento poderia lhe render inimigos. Inimigos poderosos.

Talvez já tivesse rendido.

— Por que seus planos precisam permanecer em segredo? — Ele fez a pergunta que o incomodava havia meses. — Encontrar a Tétrade, romper as correntes que nos mantêm aprisionados dentro do Santuário: isso beneficia a todos nós. Por que não contar a Timotheus ou Danaus sobre a princesa? Sobre a estrada? — Ele hesitou. — Está em busca de mais alguma coisa que eles não aprovariam?

— Não se preocupe com essas coisas. E não se preocupe com a sua princesa.

— Preciso ir até ela — ele disse novamente. — Agora. Não posso esperar.

— Não, você não precisa ir a lugar nenhum. Ainda não. Não até eu estar pronta para encaixar a peça final desse quebra-cabeça.

— A peça final do seu quebra-cabeça é a morte dela.

— Você concordou com isso, Ioannes. Concordou com o que salvaria sua espécie, salvaria o mundo. Quer mesmo mudar de ideia agora?

— O que quero é encontrar outra solução.

— Não existe outra solução. — Ela foi até ele e segurou suas mãos, apertando-as com força. — Eu entendo, de verdade. Entendo o que é amar alguém proibido. Definhar por essa pessoa. Morrer de saudade de seu toque e saber que um futuro juntos é impossível. Sei até onde alguém está disposto a ajudar aquele que ama, mais do que qualquer um.

Os olhos dele encontraram os dela, seu coração se inundando de esperança.

Melenia olhou fixamente para ele com um sorriso frio.

— E sei como é perigoso ter pensamentos assim.

— Melenia…

— Não diga mais nada. Preciso que você retome sua objetividade e sua devoção a mim e à minha causa. A vida da princesa será sacrificada pelo bem da Tétrade. A magia dos cristais é tudo o que importa.

— Preciso falar com ela — as palavras saíram de sua garganta com dificuldade.

— Não, não precisa. — Ela apertou as mãos de Ioannes ainda mais, e ele não teve como se afastar. Sentiu uma sensação de esvaziamento se espalhar por seu corpo. Ela estava drenando sua magia, sua capacidade de mudar de forma, de entrar no sonho dos mortais. De fazer qualquer coisa, exceto respirar e existir.

Era o necessário para mantê-lo longe de Lucia.

Havia uma razão para Melenia ser a mais poderosa dos imortais. Ela era capaz de fazer *isso.*

— Nem todo amor é eterno — ela sussurrou enquanto ele se enfraquecia e caía de joelhos aos pés dela. — Nem todo amor tem o poder de mudar mundos. O que você sente pela princesa é uma atração passageira, só isso. Acredite em mim, Ioannes. Só estou fazendo isso para ajudá-lo.

Ele havia prometido a Lucia que iria visitá-la em seus sonhos. E tinha ido até ali para tentar encontrar um modo de salvar sua vida.

Em ambas as tarefas, havia falhado.

Ainda assim, ele sabia que Melenia estava dizendo a verdade, que ele estava agindo de maneira irracional e podia acabar se tornando um risco para os planos dela. A vida de uma feiticeira de dezesseis anos não compensava a destruição de tudo e de todos.

Lucia teria que morrer. E um dia, muito em breve, seria ele quem tiraria sua vida.

Não tinha volta.

22

LUCIA

AURANOS

— Minha magia é má?

Foi a primeira coisa que Lucia perguntou quando o pai foi visitá-la antes de sair para o casamento. Ela precisava saber a verdade, e seu pai era conhecido pela sinceridade. Magnus mentiria facilmente para protegê-la. Talvez até já tivesse mentido. E Ioannes… Ela realmente acreditava em alguma coisa que ele dissera? Tinha sido real? Agora que estava acordada, começara a duvidar do que tinha visto. Do que tinha sentido. A ideia de que ele poderia não passar de um sonho representava um enorme peso em seu peito.

— Não, não é má — o rei respondeu, ajoelhando-se ao lado da cama e apertando suas mãos. Ele sorria mais do que ela já tinha visto em anos. — É incrível. É maravilhosa. Você é uma feiticeira, Lucia. Uma bela e poderosa feiticeira. Você foi agraciada pela deusa com um grande dom.

As palavras dele eram tão sinceras que fizeram lágrimas surgirem em seus olhos.

— Não, é uma maldição. Minha mãe acreditava nisso.

— Ela estava errada. Sua mãe estava errada a respeito de muitas coisas. De fato, seus *elementia* serão um desafio para você, mas você os dominará com facilidade. Tenho uma nova tutora a postos. Estávamos esperando você acordar. Ela virá visitá-la mais tarde para começar as aulas. — Ele se levantou para poder se aproximar e beijar a testa dela. — Saiba de uma coisa: tenho muita sorte de poder chamá-la de filha. Eu não me sentiria assim se tivesse alguma dúvida a seu respeito, Lucia. E não tenho nenhuma.

Lágrimas arderam nos olhos dela diante das belas palavras do pai.

— Controlar esse poder é o seu destino. Ninguém pode evitar o destino. Nem deve tentar, porque isso só traz dor. Aceitá-lo é a única resposta certa. A única que lhe trará paz.

Havia momentos em que sentia dúvidas em relação ao pai, especialmente por sua tendência à crueldade. Ao longo dos anos, Lucia tinha visto como ele tratava os cidadãos de Limeros, os criados, e até o próprio Magnus. Conhecia bem sua reputação.

Mas em suas lembranças, ele nunca tinha sido cruel com ela. Apenas gentil. Apenas motivador.

— Obrigada, pai. — Ela se sentou, ignorando a tontura que acompanhou o movimento brusco, e o abraçou. Ele era a força de que precisava naquele dia.

— Não tem de quê, minha filha. — Ele acariciou o rosto dela. — Agora preciso ir para o templo. Gostaria que você pudesse estar lá hoje, mas é melhor descansar.

O templo. O casamento.

— Pai… Magnus não quer se casar com a princesa.

— Mas vai. Apesar dos protestos iniciais, Magnus sempre acaba fazendo exatamente o que eu mando. — Ele analisou o rosto dela. — Em parte, fiz isso por você, sabia?

Ela franziu a testa.

— Por mim?

— Sei o que Magnus sente por você.

O constrangimento cresceu dentro dela, e seu rosto ficou quente.

— Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Não é sua culpa. É culpa de Magnus. É uma fraqueza vergonhosa da parte dele, que não consegue controlar. E não posso permitir que continue.

— E acha que obrigá-lo a se casar com a princesa Cleiona mudará seus sentimentos?

— Pelo menos será uma distração. E eles partirão para a excursão de casamento assim que o dia amanhecer, o que lhe dará tempo para se concentrar totalmente em sua magia sem se preocupar com o amor não correspondido de seu irmão. — Ele levantou uma sobrancelha. — Você não compartilha os sentimentos de Magnus, não é? Embora eu não aprove o desejo que ele tem por você, caso sentisse o mesmo… tudo seria diferente.

O rosto dela esquentou ainda mais.

— Não, não compartilho. E nunca vou compartilhar. A maneira como ele olha para mim… Queria saber o que dizer a ele, para fazê-lo esquecer esses pensamentos indevidos.

O rei virou levemente a cabeça.

— Sabe o que penso de quem escuta a conversa alheia, meu filho.

Lucia ficou confusa com as palavras do pai, até que viu Magnus parado na porta do quarto. Ela sentiu um aperto no peito. Quanto ele teria escutado?

— Peço desculpas, pai. Vim apenas me despedir da minha irmã. — O olhar desanimado de Magnus pousou sobre ela.

— Magnus… — ela tentou dizer, mas ele se virou e saiu sem dizer mais nada.

A atenção do rei se voltou para Lucia enquanto ela se acomodava novamente sobre os travesseiros, com um nó se contorcendo no estômago. Ela havia magoado Magnus com suas palavras descuidadas.

Parecia estar sempre magoando o irmão.

— É melhor assim — o rei disse. — No final tudo acaba como deveria ser.

— Claro — ela sussurrou.

Quando seu pai saiu para o casamento, Lucia ficou sozinha com seus pensamentos e arrependimentos até a tutora dos *elementia*

chegar, bem mais tarde.

Seu nome era Domitia, uma bruxa que vivia em uma vila a poucas horas da Cidade de Ouro. Ela tinha um grande sorriso, longos cabelos cor de palha e finas linhas de expressão ao redor dos olhos verdes. Ela tirou Lucia da cama devagar, e logo a tontura passou, e sua força voltou. A poção para dormir finalmente havia deixado seu organismo, o cansaço se dissipou, e Lucia se sentiu pronta para aprender mais sobre sua magia com uma tutora experiente.

— Estou tão contente por poder ajudá-la! — Domitia disse, ou melhor, exclamou animadamente. — O rei foi muito sábio em me escolher.

Se o rei não encontrasse uma utilidade específica para uma mulher acusada de bruxaria — fosse em Limeros ou agora em Auranos —, ela enfrentaria a pena de morte. Domitia explicou brevemente que havia sido capturada em uma varredura recente dos guardas, com base em rumores locais sobre seus dons. Para a sorte dela, o rei estava procurando uma tutora de *elementia* adequada para sua filha e a libertou do calabouço.

Então era de se esperar que a mulher estivesse tão exageradamente alegre.

— Vamos começar com algo simples, certo? — Domitia disse. — Gostaria que você se concentrasse nessas velas e as acendesse uma por uma. Disseram-me que tem forte domínio da magia de fogo.

A bruxa havia alinhado dez velas de alturas e larguras diferentes em uma mesa próxima.

— Pode-se dizer que sim.

A bruxa não fazia ideia de que Lucia era uma feiticeira. Até onde ela sabia, a filha do rei era só mais uma bruxa comum, salva do calabouço apenas por fazer parte da realeza.

— Eu também posso fazer magia de fogo. Permita-me demonstrar. — A testa da bruxa se enrugou enquanto ela analisava os pavios apagados das velas. Era uma visão divertida vê-la fazendo força, o rosto se enrugando, como se estivesse sentada em um penico.

Lucia continuou observando. Um dos pavios começou a brilhar. A respiração da bruxa ficou acelerada, e uma pequena camada de suor apareceu em sua testa. Finalmente, uma pequena chama passou a dançar sobre a primeira vela.

Domitia soltou o ar com dificuldade.

— Está vendo? É possível.

— Muito impressionante — Lucia disse, embora uma pontada de impaciência tivesse se instalado em seu corpo.

A bruxa assentiu, reconhecendo a magnitude do que havia feito.

— Sua vez, princesa.

O olhar de Lucia se manteve nas velas apagadas.

— Sabe alguma coisa sobre profecias, Domitia?

— Profecias, vossa graça?

— Profecias sobre os *elementia*.

Domitia franziu os lábios e ficou pensativa.

— É claro, existem muitos rumores sobre isso. É difícil separar o que é real do que é falso.

Lucia precisava determinar se aquela mulher tinha algum valor para ela. Ioannes havia partido, e ainda que a princesa esperasse que ele visitasse seus sonhos em breve, como havia prometido, precisava procurar outras respostas. Ela precisava de um guia habilidoso, com conhecimento sobre o que ela era e o que podia fazer.

— Você diria que é mais hábil do que uma bruxa comum?

Domitia ficou radiante com a pergunta.

— Ah, sim, vossa graça! Tenho capacidade de acessar não só a magia de fogo, mas um pouco de magia de água também. Esses elementos são totalmente opostos e normalmente se anulam. Raramente aparecem na mesma bruxa. Tenho muita sorte de ter essa capacidade.

— Mostre-me sua magia de água — Lucia pediu.

A bruxa secou o suor da testa e atravessou o quarto para encher um cálice com a água de um jarro. Ela se aproximou e o colocou sobre a mesa, ao lado da vela acesa.

— Observe — ela disse, novamente franzindo a testa enquanto analisava a água.

Lucia observou por cima do ombro da bruxa, e depois de um tempo viu a água começar a formar lentamente um redemoinho. Ela esperou, mas a bruxa lhe lançou um olhar triunfante.

— Decepcionante.

A bruxa olhou para ela, em choque.

— Decepcionante? Levei anos para dominar minha magia nesse nível.

— Seu domínio é questionável. — Lucia suspirou. — Receio que, pelo que vi aqui, você não está nem perto de saber o suficiente para me ajudar. Mas agradeço sua visita.

Os olhos da mulher se acenderam de medo muito mais rápido que ela conseguia acender uma vela.

— Peço desculpas, vossa graça, por tê-la decepcionado. Quero ajudar o máximo que puder. É tudo o que me importa.

— É claro que é — Lucia murmurou. — Conhece a tendência que meu pai tem de acabar com a vida das acusadas de bruxaria que não lhe servem a nenhum propósito.

— E ainda assim sua própria filha é uma. — Logo em seguida as bochechas de Domitia começaram a queimar. — Ah, peço desculpas novamente. Não quis ofender. Por favor, me perdoe!

Era esse o tipo de poder que seu pai apreciava tanto? A capacidade de incitar medo em alguém dizendo apenas algumas simples palavras? Lucia ficou preocupada ao se dar conta de que era uma sensação curiosamente agradável.

— Você não precisa ter medo de mim — Lucia disse, com mais gentileza.

Domitia torceu as mãos.

— Eu… eu não tenho. É claro que ouvi histórias perturbadoras sobre o rei, e também sobre o príncipe, mas me garantiram que você era gentil e graciosa. Uma verdadeira princesa, em todos os sentidos da palavra.

— Certamente tentei ser, no passado — Lucia passou os dedos sobre a mesa com as velas. — Mas, ultimamente, devo admitir que estou ficando cada vez mais preocupada.

— Preocupada, vossa graça?

Ah, como ela colocaria em palavras o que sentia? Era difícil compreender totalmente, mas não dava para ignorar o quanto era real.

— Há algo dentro de mim… que *tem fome*. Só consigo explicar com a imagem de uma fera enjaulada. Eu não a sentia quando estava adormecida, mas agora que acordei, é impossível ignorar.

— Eu não entendo, princesa. Uma fera dentro de você? O que isso significa?

— Todos me dizem que não é maligna. E realmente não parece maligna. Mas uma escuridão está tomando conta — Lucia disse. Enquanto falava, percebia como suas palavras eram verdadeiras. — É como se a própria noite me envolvesse em um abraço que fica mais apertado a cada instante.

O olhar de Domitia se encheu de entendimento. Ela assentiu com a cabeça.

— O que está sentindo é perfeitamente normal para alguém capaz de utilizar qualquer parte dos *elementia*. Mas não se preocupe. Sem sacrifício de sangue, nossos poderes não podem ser mais destrutivos do que mostrei aqui hoje. — Ela se inclinou para apagar a vela que havia acendido antes. — Agora é a sua vez. Tente acender essa vela, e continuaremos a partir daí. Certo?

A fera obscura dentro dela se revirou com o desprezo de Domitia por suas primeiras palavras de alerta. Pois era isso que eram — um alerta.

— Claro — Lucia disse.

Todos os dez pavios se acenderam de uma só vez, e as chamas se elevaram até o teto. A bruxa ficou boquiaberta e cambaleou para trás, levando a mão trêmula até a boca.

— Mas… mas, princesa… Nunca vi nada assim!

Lucia não pôde deixar de sorrir diante da expressão confusa e aterrorizada da mulher.

— Não, suponho que não.

Os olhos arregalados de Domitia refletiam as chamas tremeluzentes.

— E você faz isso sem o mínimo esforço… É incrível…

— Ah, mas há esforço. Posso garantir. É como um músculo dentro de mim que implora para ser flexionado. Responda-me esta dúvida. É uma pergunta que já fiz a várias pessoas, mas ainda assim a opinião de minha mãe morta permanece, como se um fantasma me assombrasse. Essa magia que possuo é má?

— Má? — Domitia repetiu com a voz trêmula. — Eu não sei.

— Resposta errada. — Lucia estendeu as mãos na direção da bruxa, invocando o ar. A magia envolveu a mulher e a jogou contra a parede, prendendo-a ali como uma borboleta em um quadro.

Domitia disse, ofegante:

— O que está fazendo?

Era uma excelente pergunta. O que Lucia estava fazendo?

Independente do que fosse… a sensação era boa.

O fogo ardia atrás dela — tão quente que suor escorria por suas costas. Quente demais. Ela precisava de algo frio para balancear. Fogo e água eram opostos. A própria bruxa havia dito que frequentemente se anulavam.

Lucia queria saber se era verdade. Ela olhou para o cálice de água que a bruxa havia usado. Com a força do pensamento, retirou a água do recipiente. O líquido viajou pelo ar até onde Lucia estava.

Ela ficou olhando, com a cabeça inclinada, e pensou em sua casa. Em Limeros.

A água congelou no ar, assumindo a forma de uma lança.

A bruxa gritou quando o objeto afiado chegou mais perto dela, perto o bastante para tocar sua garganta. A fera sombria dentro de Lucia aprovava aquilo. Ela tinha uma sede enorme de sangue fresco agora que finalmente havia acordado.

— Terei de dizer ao meu pai, quando ele voltar do casamento do meu irmão, como estou desapontada com sua escolha de tutora.

— Princesa, por favor! — Domitia gritou. — Farei qualquer coisa que pedir! Por favor, não me machuque!

As palavras não tiveram efeito nos ouvidos de Lucia. Em vez disso, ela se concentrou na lâmina de gelo, pressionando-a o bastante para perfurar a pele da bruxa. Uma linha brilhante de sangue vermelho escorreu por sua garganta. Lucia ficou fascinada com aquela visão. Quanto sangue poderia ser derramado antes de a

mulher morrer? E esse sacrifício de sangue ajudaria a aumentar ainda mais seu poder?

Ouviu-se um estrondo alto ao redor dela, e o chão começou a tremer. Lucia perdeu o equilíbrio e desabou no chão, machucando o ombro. A lança de gelo caiu e se estilhaçou.

— O que é isso? — Lucia perguntou. — O que está acontecendo?

As velas caíram da mesa, apagando-se antes de chegarem ao chão. Lucia olhou para a bruxa, que levava a mão à garganta ferida e olhava fixamente para a princesa, aterrorizada, até que o terremoto finalmente parou.

O coração de Lucia quase saiu pela boca enquanto a fera que vivia dentro dela se recolhia para sua caverna obscura.

Pela deusa, o que estava pensando? Quase havia matado aquela pobre mulher!

A voz de Domitia estava trêmula.

— O que você é?

Lucia se obrigou a olhar diretamente nos olhos da bruxa.

— Se dá valor à sua vida, não vai revelar a ninguém o que aconteceu aqui.

— Princesa…

— Saia!

Ela não precisou dizer duas vezes. Domitia saiu correndo do quarto sem discutir.

O coração de Lucia batia forte como um trovão.

Foi isso que minha mãe quis dizer. Ela estava certa, e todos os outros estavam errados.

Ela sentiu a verdade no pensamento. E o que mais a assustava naquilo tudo era que uma pequena parte dela não se importava.

Um vislumbre de penas douradas chamou sua atenção quando um falcão saiu voando de seu terraço.

— Ioannes! Volte! — Ela correu até o parapeito de mármore e viu o falcão voar alto no céu azul, até desaparecer de seu campo de visão.

A ponta de esperança que havia se acendido brevemente em seu peito transformou-se em cinzas amargas.

23

CLEO

AURANOS

— É realmente notável — o rei disse, alto o bastante para todos ouvirem. Ele estava diante dos convidados no banquete de casamento que havia insistido em oferecer no palácio, conforme já estava planejado, apesar da carnificina que haviam deixado para trás no templo. — Esta jovem ao meu lado teve coragem suficiente para me dizer que queria continuar com a cerimônia e se casar com meu filho, não só diante de um ataque violento e terrível de insurgentes, como depois de o próprio mundo ter tremido sob seus pés. Hoje devemos velar aqueles que perdemos, mas também celebrar juntos, vitoriosos.

Cleo usava um vestido sem sangue. Seu cabelo tinha sido arrumado e o rosto, lavado. Estava sentada de forma rígida entre Magnus e o rei sobre a plataforma, girando o anel de ametista até que certamente deixasse uma marca em seu dedo. Quando tirou os olhos do prato dourado com uma refeição que não conseguia engolir, notou que os convidados pareciam tão surpresos com os

acontecimentos do dia quanto ela. Cinco convidados do casamento haviam sido mortos pelo desabamento no templo antes que pudessem escapar.

Aquelas pessoas, assim como ela, não queriam estar ali.

— Eu recebo esta bela princesa em minha família. E estou ansioso para apresentá-la à princesa Lucia, quando minha filha finalmente estiver bem o bastante para deixar seus aposentos. Apesar das dificuldades, o dia de hoje foi repleto de milagres e bênçãos.

Milagres e bênçãos. Era do que ela precisava para não pular da cadeira e correr gritando pelo salão.

— Vamos brindar o feliz casal. — O rei levantou sua taça, assim como todos sentados às longas mesas de madeira com montanhas de comida e bebida à frente. — A Magnus e Cleo. Que seus dias juntos sejam tão felizes como os que vivi com minha amada, a finada Althea.

— A Magnus e Cleo — os convidados ecoaram imediatamente.

Os dedos de Cleo estavam sem cor segurando o cálice, e quando ela o levou aos lábios descobriu que sua mão estava tremendo. O sabor do vinho doce lhe oferecia um pequeno consolo. Era um sabor tão familiar agora, esse vinho paelsiano. Ele a provocava com a possibilidade de fuga. Talvez naquela noite ela beberia vinho suficiente para se afogar.

Nic a fitou do fundo do salão, onde guardava a entrada. Nenhum convidado tinha permissão de sair até que o rei decidisse que o banquete havia terminado.

Um soluço de choro subiu por sua garganta, mas ela o engoliu com outro gole de vinho. Uma criada estava a postos para encher sua taça quando ficasse vazia, então ela tomou mais uma. E mais uma. Em vez de o mundo ficar melhor, no entanto, ele só parecia mais escuro, com sombras rastejando pelo chão, agarrando seus tornozelos e suas pernas.

Quando o banquete terminou, Cleo não conseguia parar de pensar em Jonas. O que ele devia estar pensando dela agora? Por causa de uma ideia dela, tantos rebeldes haviam sido mortos…

Magnus era uma presença constante, tão perto que ela podia sentir o calor emanando de seu corpo. Ele tinha o cheiro do couro de seu sobretudo e um perfume de sândalo quente e profundo. Não havia trocado uma única palavra com ela desde que saíram do templo. Viajaram na mesma carruagem, mas ele ficou olhando para fora, para a paisagem do caminho de volta. Estava taciturno, frio. Como sempre.

— Ridículo — ela resmungou. — Tudo isso.

— Não poderia concordar mais — Magnus respondeu.

O rosto dela ficou quente. Ela não queria ter falado em voz alta. Havia tomado vinho demais, virando uma taça depois da outra conforme lhe eram servidas. Magnus não bebeu nada além de sidra com especiarias. Ela se deu conta de que estava fazendo uma excelente imitação de Aron, que por sinal estava sentado na mesa da frente e de tempos em tempos lançava olhares embriagados e miseráveis em sua direção.

— Preciso de ar — Cleo sussurrou depois de um tempo. — Posso me ausentar por um instante?

Será que Magnus esperava que sua esposa sempre pedisse permissão para tudo? Ele seria cruel com ela e controlador desde sua primeira noite juntos?

Primeira noite juntos.

O coração de Cleo começou a acelerar só de pensar. Ela queria permanecer em público pelo maior tempo possível. Não conseguiria lidar com o que viria depois. Não com ele. *Nunca* com ele.

— Fique à vontade — ele disse, sem se dar o trabalho de olhar diretamente para ela. — Vá tomar seu ar.

Ela deixou a plataforma sem demora. Parecia cambalear ao andar, e a quantidade de vinho que havia consumido durante o banquete tornou-se mais aparente. Aparente até demais. Ainda assim, nem estava perto de ser suficiente. Ela caminhou com a maior calma possível na direção da passagem arqueada que levava ao corredor… para fugir.

Ou o mais próximo que conseguiria de uma fuga, já que havia um número enorme de guardas vigiando cada um de seus movimentos.

Cleo se apoiou na parede para se equilibrar. Assim que encontrou a saída para um terraço, agarrou as grades e tentou se acalmar.

— Foi uma cerimônia e tanto — uma voz a saudou das sombras, e ela ficou surpresa ao ver que não estava sozinha. O príncipe Ashur também estava tomando ar no terraço.

Ela tentou se recompor.

— Certamente foi.

O príncipe usava um sobretudo azul-escuro com detalhes em dourado. Caía perfeitamente em seu corpo impressionante. Os cabelos negros na altura dos ombros estavam amarrados para trás, mas um longo cacho caía sobre o olho esquerdo.

— Não estaria sendo sincero se dissesse que já fui a um casamento como este antes. Se eu fosse um homem supersticioso, teria receios de voltar ao palácio hoje. Foi muito corajoso de sua parte querer continuar apesar dos acontecimentos desagradáveis.

Cleo soltou uma gargalhada curta, que soou mais como um soluço histérico.

— É, tive muita coragem mesmo.

— Deve estar muito apaixonada pelo príncipe Magnus.

Ela apertou os lábios para evitar que a verdade escapasse. Não conhecia aquele homem. Sabia apenas que o pai dele conseguira seu enorme império conquistando outras terras, massacrando cada uma delas com facilidade. O pai de Cleo certa vez falara sobre o imperador Cortas e como seu império se comparava a Mítica… Era como uma melancia ao lado de uma uva. Na época, ela achou a comparação divertida.

Por que uma melancia se preocuparia com um casamento em uma uva? Para ela, parecia um desperdício do tempo do príncipe.

— Por que está aqui, príncipe Ashur? — ela perguntou, depois se penitenciou por ter sido tão brusca. O vinho tinha conseguido ao mesmo tempo nublar seu bom senso e soltar sua língua.

Felizmente, ele não parecia ofendido pela pergunta. Em vez disso, o exótico príncipe sorriu — um sorriso devastadoramente charmoso que provava por que quase todas as mulheres que cruzavam seu caminho desmaiavam ao vê-lo.

— Tenho uma coisa para você, princesa — ele disse. — Um presente de casamento, só para você. É claro, também dei um presente maior de meu reino para você e o príncipe Magnus, na forma de uma quinta na capital kraeshiana, mas isto… é um pequeno símbolo de amizade. Na minha terra, é algo que se dá a uma noiva na noite de núpcias.

Ele tirou um pequeno pacote do casaco e entregou a ela.

— Guarde isto. Abra quando estiver sozinha. Não agora.

Ela o encarou, confusa. Mas assentiu com a cabeça e guardou o pequeno objeto nas dobras do vestido.

— Muito obrigada, príncipe Ashur.

— Não tem de quê. — Ele se apoiou na grade do terraço, olhando para a extensa paisagem além das muralhas da cidade. À luz da lua, seus olhos pareciam prateados, mas ela não tinha certeza da cor que realmente tinham. — Fale da magia por aqui, princesa.

A pergunta a pegou de surpresa.

— Magia?

— Mítica tem muita história para tão poucos reinos. Muita mitologia, como os vigilantes… a Tétrade. Realmente fascinante.

— Não passam de histórias bobas contadas para as crianças. — Ela juntou as mãos para cobrir o anel. Havia algo na voz do príncipe… algo que lhe dizia que ele não estava fazendo aquelas perguntas por mera curiosidade.

— Não acredito que pense assim de verdade. — Ele olhou para ela de soslaio. — Não, você me parece o tipo de garota que, apesar da juventude, tem crenças muito específicas.

— Isso só prova como sabe pouco a meu respeito. Pode perguntar a qualquer um. Não tenho interesse em história ou mitologia. Não ligo muito para nada disso, principalmente coisas fantásticas como magia.

O príncipe Ashur olhou para ela fixamente.

— A Tétrade existe?

O coração dela começou a bater mais rápido.

— Por que se importa se existe ou não?

— Essa pergunta só prova como sabe pouco a meu respeito — ele disse, ecoando as palavras dela. — Tudo bem, princesa. Não

precisamos discutir isso agora. Mas talvez algum dia, em breve, queira falar mais sobre isso comigo. Pretendo ficar um tempo aqui e explorar. Procuro algumas respostas e não pretendo ir embora sem encontrá-las.

— Desejo-lhe muita sorte em sua busca por respostas — ela disse calmamente.

— Boa noite, princesa. E minhas sinceras congratulações pelo casamento. — Ele a cumprimentou abaixando a cabeça e saiu do terraço.

Cleo esperou até ter certeza de que ele havia saído antes de colocar as mãos sobre as grades do terraço e se inclinar, jogando o peso sobre os pulsos. O príncipe kraeshiano estava ali não só para prestigiar o casamento, mas também para descobrir coisas sobre a Tétrade.

O que só podia significar uma coisa: ele a queria para si.

Mas não poderia tê-la. Ninguém poderia. Se a Tétrade realmente existisse, pertencia a Cleo. Ela tinha o anel que lhe permitiria usá-la — e usaria para recuperar seu reino.

Ela esfregou o anel e depois se obrigou a voltar ao banquete. O rei a olhou com desgosto quando ela se aproximou da plataforma. Ele tinha um curativo na testa, e um pouco do sangue do ferimento empapava a gaze.

— É hora de você subir e se preparar para a noite de núpcias.

A boca dela ficou seca.

— Mas, a festa…

— A festa acabou para você. — Um sorriso odioso tomou conta do rosto dele. O rei levantou a voz para que todos pudessem ouvir. — Gostaria que todos desejassem boa-noite ao noivo e à noiva. Não queremos impedi-los de estar onde sabemos que gostariam de estar.

Alguns riram no meio da multidão, muitos dos quais a essa altura já tinham tomado vinho paelsiano suficiente para esquecer os acontecimentos daquele dia.

— Vá com Cronus — o rei disse a Cleo, agarrando seu braço e puxando-a para mais perto para ouvi-lo sussurrar: — Você será preparada como se fosse uma noiva pura. Ninguém nunca vai saber

que sua castidade foi perdida há tempos. Considere-se muito sortuda por eu ainda achar que tem algum valor, apesar dessa enorme falha em seu caráter.

Magnus nem se preocupou em olhar para ela.

Cronus deu um passo à frente.

— Siga-me, princesa.

Não havia espaço para discussão no tom áspero do guarda.

Cleo olhou para os convidados reunidos, que lhe ofereceram sorrisos tensos enquanto ela acompanhava Cronus. A atenção de Nic também estava sobre ela, corpo rígido, um pedido de desculpas em seu olhar torturado por não ter sido capaz de salvá-la do que estava por vir.

Os aposentos para onde Cronus a conduziu haviam sido preparados especialmente para os noivos. Aquele quarto antes era reservado a hóspedes muito importantes de seu pai. Uma imensa cama com quatro colunas estava encostada na parede. Fogo ardia na enorme lareira, e o resto do quarto estava iluminado por centenas de velas tremeluzentes. Pétalas de rosa de todas as cores haviam sido habilmente espalhadas pelo chão, conduzindo até a cama.

As criadas estavam lá e trabalhavam fervorosamente para soltar seus cabelos trançados, vesti-la com uma camisola, dessa vez transparente e esvoaçante, cujo tecido fino lhe deixava pouco recato em que se apegar. Elas esfregaram seus pulsos e seu pescoço com óleos perfumados que tinham o mesmo aroma exageradamente doce das pétalas de rosa.

— Você tem tanta sorte, princesa — Helena disse. — Eu daria a vida da minha irmã mais nova para passar nem que fosse apenas uma noite com o príncipe Magnus. E agora você poderá passar todas as noites com ele.

— E eu daria a vida da minha irmã *mais velha* — Dora disse, lançando um olhar afiado na direção de Helena.

— Só espero que os rumores não sejam verdadeiros. — Helena olhou para Cleo e deu um sorriso desagradável. — Para o seu bem.

Cleo franziu a testa.

— Que rumores?

— Helena — Dora disse entredentes. — Cuidado com o que vai dizer.

Helena riu com leveza.

— Não acha que a princesa tem o direito de saber que, pelo que dizem, seu novo marido nutre sentimentos proibidos pela princesa Lucia, e ela por ele? Um amor desses entre irmãos… seria um escândalo e tanto se muitos soubessem.

— Perdoe minha irmã — Dora disse, com o rosto corando. — Ela andou bebendo hoje em comemoração ao seu casamento. Não sabe o que está dizendo.

Cleo estreitou os olhos.

— Vou me lembrar da sua tentativa de impedi-la de espalhar mentiras tão desagradáveis. — Cleo nunca admitiria que a informação era muito interessante para ela, fosse verdadeira ou não.

Sem dizer mais nenhuma palavra, as meninas se afastaram dela e saíram do quarto sem deixar rastros. Cronus fechou a porta quando elas passaram. Cleo correu até lá, tentou virar a maçaneta e descobriu que havia sido trancada.

Ela estava aprisionada.

Antes, quando podia andar livremente pelo castelo, ela quase podia se enganar e acreditar que ainda tinha algum poder. Era uma tremenda mentira. Ela não tinha poder algum ali.

Magnus a dominaria. Ele a maltrataria assim como seu pai havia feito. Enquanto as criadas a estavam preparando para a noite de núpcias, o espelho refletiu o leve hematoma em seu rosto, onde o rei a havia acertado, e outro na garganta, onde quase a estrangulara.

Mas Cleo havia escolhido isso. Ela podia ter fugido com Jonas, mas havia optado por ficar ali. Tinha de haver um motivo para isso… um objetivo maior do que fugir com o rebelde.

Ela correu até o vestido que usara no banquete. Seu anel de ametista brilhava à luz das velas quando ela pegou o presente do príncipe Ashur. Desembrulhou-o com cuidado e viu uma borda inesperada de ouro.

Era uma adaga dourada. Linda, com o cabo artisticamente esculpido e a lâmina encurvada. Ela se lembrou das palavras do príncipe: *Na minha terra, é algo que se dá a uma noiva na noite de núpcias*. Com um calafrio, reconheceu o propósito: a adaga poderia ser usada por uma noiva infeliz para tirar a própria vida, se sentisse que não havia outra escolha.

Ou… a vida do novo marido.

O som da porta sendo destrancada e se abrindo a fez se apressar para esconder a arma atrás das costas. Um instante depois, Magnus entrou. Seus olhos escuros percorreram o grande quarto, parando nas velas, nas pétalas de rosa e então, finalmente, sobre ela.

Mais uma vez ela se arrependeu de ter tomado tanto vinho. Precisava desesperadamente que seus pensamentos estivessem aguçados, e não turvos.

— Parece que finalmente estamos a sós — ele disse.

Cleo tinha certeza de que ele podia ouvir como seu coração estava batendo alto.

Magnus se abaixou e pegou uma pétala de rosa vermelha, apertando-a entre os dedos.

— Eles realmente acharam que tudo isso era necessário?

Ela umedeceu os lábios secos com a ponta da língua.

— Você não acha… romântico?

Ele soltou a pétala, que desceu flutuando lentamente até o chão, onde aterrissou como um respingo de sangue.

— Como se eu me importasse com essas baboseiras.

— Muitos homens se preocupariam, na noite de núpcias.

— Com rosas e velas? Não, princesa. A maioria dos homens não dá a mínima para essas coisas. Os homens só estão interessados em uma coisa na noite de núpcias, e acho que você já sabe muito bem o que é.

O coração dela acelerou ainda mais.

Qualquer que fosse a expressão aflita em seu rosto, provocou uma leve risada na garganta de Magnus.

— Esse olhar… tanto desprezo. Você me acha tão feio assim?

A pergunta pegou Cleo de surpresa. Feio? Apesar da cicatriz, ele estava longe de ser feio. Pelo menos fisicamente.

— Muito pior — ela disse com sinceridade.

Ele passou os dedos sobre a cicatriz enquanto a fitava por um instante.

Ela agarrou a adaga. Se ele chegasse mais perto, ela a usaria.

— Acredite, princesa, não tenho ilusões a respeito de nada disso. Sei que me odeia e que isso nunca vai mudar.

— E deveria? — As palavras dela saíram ásperas. — Na verdade, não consigo pensar em nenhum motivo pelo qual eu deveria sentir *qualquer coisa* por você.

— Não, você tem o direito de não sentir nada por mim, como acontece em muitos casamentos arranjados. Mas ódio é um sentimento. O problema com o ódio, no entanto, é que deixa você em desvantagem. Ele obscurece a mente do mesmo jeito que cinco cálices de vinho.

Magnus caminhou na direção da cama, com o olhar fixo nos grossos pilares de mogno. Ele passou o dedo pelos entalhes de cada um deles. Estava agora mais perto dela. Perto demais. Ela não se afastou. Não queria dar a ele a satisfação de ver seu medo, principalmente agora que não havia ninguém por perto para intervir.

— Isso me faz lembrar do meu avô. — O tom de voz de Magnus ficou melancólico. — Ele tinha um livro sobre criaturas marinhas e me contava histórias sobre elas quando eu era criança. Ele lia escondido do meu pai, depois que minha ama me colocava na cama. Meu pai nunca ligou muito para histórias divertidas. Para *qualquer* divertimento, na verdade. Se não fosse possível aprender alguma coisa concreta em um livro, ele era banido do palácio. Ou queimado. Mas quando meu avô era rei, era diferente.

Cleo não tinha notado os entalhes na cama até então. Peixes e conchas e donzelas do mar com caudas no lugar das pernas, tudo entalhado intrincadamente na madeira escura. Era lindo, e havia sido feito por um artista renomado de Pico do Falcão, a quem seu pai havia encomendado muitas outras lindas peças do castelo.

— Já ouvi falar um pouco do rei Davidus — ela disse, quando Magnus ficou em silêncio. — Ele era diferente do seu pai.

Magnus riu de leve.

— Realmente era. Às vezes fico pensando se minha avó não tinha um demônio como amante, que ajudou a criar meu pai. Meu avô era firme em seu reinado, é claro. Ele não era ingênuo. Mas era gentil, e seu povo o adorava. Não precisava governar o reino com punho de ferro e ameaças de sangue. — Os olhares dos dois se encontraram, e algo passou pelos olhos dele. Parecia sofrimento. — Ele morreu quando eu tinha seis anos. Bebeu algo que não lhe fez bem.

— Alguém o envenenou?

Ainda havia uma dor estranha e inesperada nos olhos dele, mas sua boca formava uma linha dura.

— Não foi "alguém". Eu o vi colocando o veneno no cálice, esvaziando o conteúdo de um anel oco. Vi quando entregou ao meu avô. Vi meu avô beber.

Cleo ficou em silêncio, ouvindo.

— E quando meu pai percebeu que eu tinha visto tudo, sorriu como se eu devesse aprovar. Eu não entendi na época, mas agora entendo. Meu pai fará o que for preciso para se livrar de alguém que esteja em seu caminho. Nada mudou. Nada nunca mudará. Entenda isso, princesa, e sua vida será muito mais fácil.

O que era aquilo? Um alerta? Magnus estava tentando ajudá-la?

— Você não acha que *eu* seja uma ameaça, não é? — ela perguntou com cuidado.

Ele se aproximou mais dela — muito mais. Ela segurou a faca atrás do corpo com tanta força que o cabo afundou dolorosamente na palma de sua mão.

— Não importa o que eu acho — Magnus respondeu. — Não existe magia por trás de um pensamento, a menos que seja de uma bruxa.

— Então você faz tudo o que ele manda, quando ele manda.

— Isso mesmo. E continuarei fazendo.

— Ele pretende me matar, não é? — Só de pensar, mais medo saía de seu esconderijo. Mas junto a ele havia uma raiva efervescente.

Magnus franziu um pouco a testa.

— Está paranoica? Não é o comportamento típico de uma recém-casada.

Cleo olhou feio para ele.

— Não me subestime. Sei o que estão planejando.

— Sabe? — Ele inclinou a cabeça. — Acho totalmente impossível de acreditar. Afinal, quem poderia espionar para você se foi. Você foi esperta em posicionar Mira de um modo que poderia ter lhe rendido informações valiosas.

A dor apertou seu peito diante da menção à sua amiga morta. Ela não havia sugerido que Mira fosse criada de Lucia para poder espionar, e sim porque achou que poderia ajudá-la a sobreviver.

— E agora ela está morta por sua causa! — Foi preciso se controlar muito para não tirar a faca de trás das costas e enfiar no peito dele.

A expressão de Magnus se fechou diante da acusação.

— Não, eu a defendi. Ou pelo menos tentei. Meu pai age antes de pensar, principalmente quando se trata de criados enxeridos. Eu teria poupado a vida dela.

— Você é um mentiroso!

— Não estou mentindo. Não a esse respeito. Sua amiga Mira estava caminhando sobre o fio da navalha só de estar no mesmo cômodo que um Damora, e pagou um preço alto por isso. Assim como seu guarda em Paelsia.

Lágrimas escorreram espontaneamente dos olhos de Cleo quando ele mencionou Theon.

— Nunca mais fale dele.

— Nunca pedirei seu perdão pelo que fiz. — Magnus desviou os olhos. — Mas sei que agi movido pelo pânico e pela covardia naquele dia. Por isso, e só por isso, me envergonho de meus atos.

Uma lágrima quente desceu pelo rosto dela.

— Minha família está morta. Meu reino foi roubado de mim. Meus amigos estão morrendo pelas mãos de sua família.

— E você ainda está viva apenas por nossa misericórdia.

— Misericordioso é um adjetivo que eu jamais usaria para descrever qualquer um de vocês. E não acredito em uma palavra do que disse sobre seu avô. Se ele tinha o seu sangue, então era tirano

e violento também. Limerianos são tão frios quanto o reino que governam. Não é de se estranhar que seu coração seja feito de gelo.

Isso rendeu o esboço de um sorriso desagradável.

— Antes você dizia que eu não tinha coração. Esse é definitivamente um avanço, princesa. — Ele a examinou. — Agora, chega de história. O que vamos fazer a respeito do problema que você me apresenta nesta noite fatídica?

— O quê…? — Cleo não conseguiu dizer mais do que isso antes que Magnus agarrasse suas mãos e a virasse com brutalidade. Ela soltou um grito quando ele arrancou a adaga de suas mãos e depois a empurrou, fazendo-a cambalear para trás e cair sobre a cama. Ela encarou Magnus horrorizada enquanto ele inspecionava a lâmina dourada.

O príncipe lançou um olhar gelado na direção dela.

— Pretendia usar esta pequena adaga contra mim, princesa? Eu, que fui extremamente cordial com você esta noite.

Ela não conseguia tirar os olhos da arma. Vislumbres de Magnus usando-a contra ela como punição a cegavam para qualquer outra coisa.

Ele ficou andando de um lado para o outro, como um predador que encurralara sua presa.

— Quem lhe deu isso?

Ela mordeu a língua para não dizer uma palavra.

Magnus olhou para a lâmina novamente.

— Esta é uma adaga nupcial ornamentada de Kraeshia. Que presente generoso do príncipe Ashur. Espero que tenha agradecido por isso. — Quando ela não respondeu, ele continuou. — Sem palavras, princesa? Justo você que sempre tem algo cortante a dizer. Talvez agora que tirei sua arma afiada, não haja mais nenhum corte hoje à noite.

Ele guardou a adaga no casaco e se aproximou mais um passo dela.

Cleo desceu da cama e tentou colocar um pouco mais de distância entre os dois, conseguindo apenas se afastar para um canto sem saída.

— Fique longe de mim!

Ele a observou, parecendo se divertir.

— O que é isso? Um coelho assustado tentando se esconder do lobo? Sinto muito se acho difícil de engolir essa sua fachada de inocência.

— Você não vai me tocar esta noite. — Ela tentou parecer forte. — Nem nunca.

Em um instante Magnus estava na frente dela, agarrando seus braços para empurrá-la contra a parede dura de pedra. Ele abaixou o rosto na altura do dela, até ficarem olhos nos olhos. Ele pressionou o corpo contra o dela, prendendo-a no lugar, sem a possibilidade de escapar.

— Ah, veja só. Estou tocando você. — O olhar dele percorreu o rosto dela, parando por um instante sobre o hematoma em seu rosto. Ele franziu a testa quando seus olhos, novamente, encontraram os dela. — Nem pense em dizer o que eu posso e não posso fazer, princesa. Qualquer poder que você imagina ter aqui é só o que eu permito que tenha. Por favor, lembre-se disso.

— Me solte.

— Ainda não.

Ele não a estava machucando, mas Cleo não podia se mexer e mal conseguia recobrar o fôlego.

Magnus falou bem devagar e muito claramente.

— Está vendo? Você está à minha mercê. — Ele se aproximou ainda mais para poder sussurrar. — O que eu quiser fazer com você, seja infligir dor ou prazer, eu farei quando quiser e da maneira que quiser. Tenha consciência disso.

De repente, Cleo não conseguia mais respirar.

Ele a apertou com mais força, as palavras quentes junto ao seu ouvido.

— Meu pai quis essa união, não eu. Mas é o que devo fazer para manter minha posição como seu herdeiro. Um dia, tudo o que meu pai tem será meu: seu reino, seu exército, seu poder. Não arriscarei isso por nada nem ninguém. Mas vamos deixar uma coisa bem clara entre nós: preferiria compartilhar meu corpo com uma fera das

Terras Selvagens do que com você. Creio que as garras seriam muito menos afiadas.

Magnus a soltou e deu um passo para trás. Ela recobrou o fôlego rapidamente enquanto o encarava, em choque.

— Eu podia mandar executar você por isto. — Ele tocou a adaga sob o casaco. — Sabe disso, não sabe?

Cleo simplesmente confirmou com a cabeça, ainda sustentando seu olhar. Desviar os olhos agora só mostraria suas fraquezas.

— Se dá valor à sua vida e à de seu único amigo, Nic, vai se comportar como uma esposa devota e apaixonada em nossa viagem por este reino esquecido pela deusa, que começa amanhã. Vai se portar muito bem diante das massas sem cérebro que optaram por acreditar nas mentiras de meu pai sobre nós. Está me entendendo?

Ela assentiu.

— Sim.

Magnus se virou para sair. Antes de fechar e trancar a porta, fez uma pausa longa o bastante para dizer uma última coisa:

— E, se alguém perguntar, esta noite superou todas as suas fantasias mais loucas a meu respeito.

24

LYSANDRA

AURANOS

De madrugada, Jonas e um grupo de vinte voluntários entusiasmados partiram em busca da glória no casamento real, enquanto o resto dos rebeldes permaneceu no acampamento. Lysandra ficou esperando notícias, ocupando-se com caçadas e a confecção de flechas. Vários rebeldes — incluindo Nerissa — haviam sido enviados para tentar descobrir mais informações sobre a estrada. Lysandra ainda estava determinada a encontrar uma fraqueza ali. Algo de que pudesse tirar vantagem. Algo para ajudá-la a encontrar e libertar seu irmão. Algo que lhe desse uma margem de ação caso Jonas falhasse em sua jornada para acabar com a vida do rei.

Muitas horas depois, um terremoto derrubou todo mundo. Brion imediatamente se lançou para proteger Lysandra, assim como havia feito durante o furacão em Paelsia, envolvendo-a com seus braços fortes como se pudesse defendê-la de qualquer perigo. Quando o violento tremor finalmente parou, ela se afastou dele.

— Eu… eu preciso sair para caçar de novo — ela disse.

— Lys…

— Não, só… — Ela olhou em volta e viu que os outros garotos sussurravam uns para os outros e riam, apesar da agitação causada pelo estranho tremor. Os sentimentos de Brion por ela eram de conhecimento geral no acampamento, graças a Jonas. — Só me dê um pouco de espaço, tudo bem?

Ele ficou desanimado.

— É claro. Me desculpe.

Lysandra pegou o arco e se embrenhou na floresta. Por que ela tinha que se irritar justo com o único garoto do acampamento que a tratava melhor do que todos os outros juntos? Aquele que a defendeu diante do melhor amigo quando mais ninguém ficou ao seu lado?

Ela só sabia que não sentia nada além de amizade por Brion — e mesmo isso era frequentemente desafiado.

Ela não tinha tempo para pensar em amizades… nem romances. Não naquele momento. E, com certeza, não ali.

— Idiota — ela murmurou, depois de andar sem rumo pela floresta, não muito longe do acampamento. Folhas e galhos caídos estalavam sob seus pés a cada passo. Ela não tinha certeza a que ou a quem se referia, mas simplesmente dizer a palavra em voz alta parecia ajudar.

Depois do tremor, grande parte das possíveis presas havia se abrigado em esconderijos. Estava quase anoitecendo quando ela finalmente viu um cervo, ao longe. Ela ficou imóvel, prendendo a respiração. Lentamente, apontou a flecha na direção do animal.

Você vai virar uma boa refeição hoje à noite, meu amigo. Fique quieto.

O som de algo pesado atravessando a floresta assustou o cervo, e ele saiu correndo antes que Lysandra tivesse tempo de atirar. Ela praguejou baixinho. Alguém do acampamento devia tê-la seguido.

— É melhor não ser você, Brion — ela resmungou, e se virou na direção do barulho.

Uma figura familiar apareceu em meio à folhagem densa atrás das árvores onde ela estava. Ele tropeçou e caiu, depois se arrastou

para recobrar o equilíbrio.

Ela franziu a testa.

— Jonas?

Atrás dele havia um guarda limeriano a cavalo, que saltou da montaria e o agarrou pelos cabelos.

— Achou que eu não fosse pegar você, rebelde?

Jonas não disse nada, mas seus joelhos cederam novamente. Seu rosto estava coberto de sangue e os olhos, vidrados.

O guarda desembainhou a espada e a apontou para a garganta de Jonas.

— Sei quem você é: Jonas Agallon, o assassino da rainha Althea. Se eu levasse sua cabeça para o rei, ganharia uma boa recompensa. Tem algo a dizer sobre isso?

— Ele não tem — Lysandra sussurrou, depois levantou a voz: — Mas eu tenho.

Quando o guarda olhou para trás ao ouvir sua voz, ela soltou a flecha, atingindo o alvo perfeitamente no olho esquerdo. Ele estava morto antes de chegar ao chão. Lysandra rapidamente se aproximou de Jonas, empurrando o corpo do guarda para o lado.

— O que aconteceu? — ela indagou, agarrando-o pela camisa. — Tem mais algum guarda atrás de você?

Sua respiração estava acelerada, mas ele não respondeu. Ao inspecioná-lo, ela viu que estava ferido. Tinha um ferimento profundo na lateral do corpo e, na parte de trás da cabeça, um machucado com muito sangue.

O coração dela ficou apertado.

— Eu falei para você não ir hoje, seu idiota. Quando vai começar a escutar o que digo?

Lysandra cambaleou com o peso dele desabando sobre ela. Olhando para trás para ver se não vinha mais nenhum guarda, ela arrastou Jonas para longe do soldado morto e o colocou perto das raízes de um enorme carvalho, tomando muito cuidado com a cabeça. Rapidamente rasgou a camisa dele para ter uma visão melhor do ferimento.

Ela fez uma careta ao ver a carne dilacerada.

— O que vou fazer com você?

Ela rasgou uma longa faixa de tecido da própria camisa, que estava mais limpa do que a dele, para pressionar contra o ferimento e tentar estancar o sangramento. Ele mesmo poderia cauterizá-lo depois.

Se sobrevivesse.

Não, você vai sobreviver, Jonas, ela pensou. *É teimoso demais para morrer hoje.*

Um falcão havia pousado sobre eles, no carvalho, e olhava para os dois como se estivesse curioso para ver o que estava acontecendo.

— A menos que vá ajudar — ela disse para a ave —, cuide da própria vida. — Lysandra já havia reparado nela da última vez. Era só mais uma fêmea apaixonada pelo belo líder rebelde. Ela pegou uma pedra e atirou na ave, que bateu as asas e voou.

— Seu famigerado charme parece não ter restrição de espécie, Agallon — ela resmungou.

Jonas grunhiu quando ela usou outro pedaço da camisa para limpar o sangue de seu rosto. Ela ficou com as mãos paralisadas quando ouviu aquilo. Os lábios dele se moveram. Ele estava tentando dizer alguma coisa, mas ela não conseguia distinguir o quê.

Lysandra chegou mais perto.

— O quê?

— Muito ruim… sinto muito… fracassei com você…

Ele abriu os olhos e a encarou. Os olhos dele tinham um tom de castanho que a faziam pensar em canela, sua especiaria favorita, além de manchas douradas em volta da pupila preta — tão preta como seus cílios grossos. Não era a primeira vez que ela notava aquilo.

— Você precisa levantar — ela disse, com a voz de repente rouca. — Vamos. Precisamos sair daqui.

— Você… — ele começou a dizer.

— Sim, está…

Ele a puxou para perto. Perto o bastante para encostar os lábios nos dela.

Lysandra ficou olhando para ele em choque.

— Jonas…

— Cleo… — ele sussurrou.

Ela se afastou completamente dele. A confusão desapareceu e logo foi substituída por uma nova onda de irritação. Então ela voltou a se aproximar e deu um belo tapa no rosto dele.

— Acorde, idiota. Se acha que sou a princesa, então está pior do que eu pensava.

Jonas levantou o corpo e se sentou, levando a mão ao rosto. Ele franziu a testa.

— O guarda… — ele disse.

— Eu o matei. — Lysandra podia ver em seus olhos que ele não se lembrava do que tinha acabado de acontecer. Talvez para Jonas não tivesse passado de um sonho.

— Que bom. — Ele se levantou, depois fez uma careta ao tocar o braço ferido.

— O que aconteceu? Onde estão os outros?

Ele se virou com o olhar mais frio que ela já tinha visto, fazendo seu sangue congelar antes mesmo que dissesse outra palavra.

— Mortos.

— *Todos eles?*

— Sim.

Ela ficou sem palavras por um instante.

— Droga, Jonas. Eu não devia ter me preocupado em salvar sua pele agora há pouco. Você não merece.

— Tem razão, não mereço. — Ele engoliu em seco, com o maxilar tenso. — Mas agora preciso voltar ao acampamento.

Não havia mais nada a dizer.

Vinte garotos rebeldes haviam se oferecido para ir ao templo com Jonas na esperança de uma vitória gloriosa contra o rei Gaius. Trinta haviam permanecido no acampamento, treinando e planejando.

Somente Jonas havia voltado.

— Nossos amigos… lutaram bravamente, mas fomos derrotados. — Jonas concluiu sombriamente. Ele e Lysandra estavam de volta

ao acampamento, e ele relatara o massacre a todos. — Sinto muito. Foi um erro ir até lá, e eu assumo toda a responsabilidade.

O silêncio era afiado como o machado de um carrasco.

Ninguém disse nada, exceto por um ou dois soluços de choro bem baixos. Os rebeldes mais jovens ainda não tinham controle sobre suas emoções — não quando se tratava de sofrimento. Os mais velhos permaneceram rígidos, com a atenção fixa no chão à sua frente. O som dos grilos e do crepitar do fogo era tudo o que se podia ouvir no meio da escuridão crescente.

— Foi culpa sua — Ivan disse. — Foi sua ideia. Seu grande plano que não podia dar errado.

Brion estava diante de Jonas, do outro lado da fogueira.

— Ele não sabia que isso iria acontecer.

— Não sabia. Certo. Mas contou para aquela princesa, não contou? Ela deve ter dedurado tudo ao rei.

— Ela não faria isso — Jonas disse, apoiando a cabeça nas mãos.

— Por que não faria? O que ela tinha a perder com o sangue de rebeldes derramado no dia de seu casamento?

— O que ela tinha a perder? — Jonas vociferou. — Tudo. A vitória teria sido dela também se tivéssemos vencido hoje. Não vencemos. Ela ainda está sendo forçada a ficar com o inimigo, e seu trono de direito ainda pertence ao Rei Sanguinário.

— E você foi o único que sobreviveu. Talvez *você* tenha dado a dica para o rei para ser favorecido e retirado daqueles cartazes pedindo recompensa.

A expressão de Jonas tornou-se sombria.

— Eu teria preferido oferecer minha garganta ao rei a contar a ele qualquer coisa sobre nossos planos. E você sabe muito bem disso.

Ivan se aproximou de Jonas, quinze centímetros mais alto do que ele.

— Poderia refrescar minha memória sobre por que se considera nosso líder?

Jonas o encarou. Apesar dos ferimentos, olhou fixamente nos olhos do garoto.

— Poderia refrescar minha memória sobre por que se considera um rebelde? Você não tomou nenhuma iniciativa durante semanas, Ivan.

Ivan deu um soco no rosco de Jonas. Ele cambaleou para trás e desabou no chão.

— Você se acha tão bom — Ivan bufou. — Bem, esta foi a prova de que você não é nada. É um inútil, e por causa de seu plano imprudente, vinte dos nossos estão mortos. Acha que vamos continuar seguindo você depois disso?

— Na verdade, sim — Lysandra disse em voz alta. — Nós vamos.

Ivan olhou para ela furioso.

— O que você disse?

Pelo canto do olho, ela viu Jonas se esforçando para ficar de pé.

— Ele fez uma escolha errada indo até o templo hoje? Sim. Mas fez uma escolha. E, se tivesse dado certo, muitos de vocês agora estariam gritando o nome dele a plenos pulmões. Vinte rebeldes morreram hoje; vinte pessoas que estavam dispostas a morrer em nome da mínima chance de deter o rei Gaius e libertar nosso povo da escravidão e da opressão. Valeu a pena? Antes eu achava que não, mas agora estou começando a mudar de ideia. Talvez se mais de nós fôssemos corajosos e loucos o bastante, teríamos ido também. Talvez se estivéssemos todos lá, poderíamos ter vencido.

Ivan olhou para ela com desprezo.

— E o que você sabe? Não passa de uma menina. Sua opinião não tem a mínima importância. Deveria estar cozinhando nossas refeições, e não lutando ao nosso lado.

Dessa vez, foi ela que acertou Ivan com um soco. Não o fez cair com a bunda no chão, mas certamente chamou sua atenção. Ele fez um movimento para revidar — e ela estava pronta para isso —, mas Jonas estava lá, tirando-a do caminho rudemente. Um segundo depois, Brion estava a seu lado.

— Para trás, Ivan — Jonas rugiu, sua expressão era de sofrimento. — A culpa não é dela, é minha. Eu bolei o plano. Eu dei a ordem. E vinte garotos me seguiram até a morte. Você quer bater em alguém? Bata em mim. Isso vale para todos vocês.

— Hoje foi um fracasso — Lysandra falou, quebrando o silêncio. — Sinto muito por nossos amigos terem precisado dar a vida. Mas não vai acontecer de novo. Não vamos todos sobreviver para ver o fim dessa guerra. Concordaram com isso ao entrar para a resistência. A cada dia estamos mais fortes, mais habilidosos e mais espertos. E agiremos de maneiras cada vez mais ousadas em relação ao rei, ações que da próxima vez o atingirão e deterão sua Estrada de Sangue para sempre. Iremos atacá-lo até conseguir matá-lo. É o único motivo pelo qual respiramos agora.

— Não quero ter nada a ver com isso — Ivan resmungou, limpando o sangue que escorria do canto da boca.

— Então não queremos ter nada a ver com você — Brion rebateu. — Vá embora. Volte para casa, para sua mãe. Se não quer estar aqui, não queremos você aqui.

— Jonas levará todos vocês à morte — Ivan bufou.

Brion o encarou, inflexível.

— Que seja.

Ivan finalmente virou as costas e, lançando mais um olhar duro para Lysandra, fez exatamente o que sugeriram e deixou o acampamento.

— Mais alguém quer ir embora? — Brion perguntou, levantando a voz. — Ou seguiremos firme até o fim, haja o que houver?

Lentamente, um de cada vez, os rebeldes restantes se manifestaram. Tarus falou primeiro, com a voz hesitante, porém firme:

— Ainda estou dentro!

— Estamos com vocês!

— Até o fim!

Apesar da lealdade reafirmada, aquela reunião jamais poderia ser considerada agradável. Havia sofrimento. Havia tristeza e lágrimas. Mas pelo menos não era o fim, Lysandra pensou. Era um novo começo, um comprometimento com a causa, forjado a partir do sangue e da perda.

Jonas se virou para Lysandra, confuso.

— Nunca imaginei que você me defenderia.

— Não estava defendendo você. — Ela jogou um graveto na fogueira que crepitava, depois balançou a mão ferida e esfregou as articulações dos dedos. — Já faz um tempo que estava querendo dar um soco na cara feia do Ivan.

— Faz mais sentido, na verdade.

Ela respirou fundo e se virou para ele.

— Mas escute uma coisa, Jonas. Você precisa levar meus planos a sério a partir de agora. Precisamos atacar a Estrada de Sangue. Precisamos interromper as obras. Meu destino depende dessa estrada. Meu destino e o de nosso povo.

Ele ficou em silêncio, mas depois assentiu.

— Você está certa. Vou escutar o que diz.

— Não cometa outro erro como o de hoje, Agallon.

Ele rangeu os dentes.

— Vou tentar.

— Tente com bastante afinco, ou teremos problemas, eu e você.

— Entendido. — Ele sustentou o olhar dela por mais um instante, como se procurasse algo mais profundo em seus olhos. Lysandra desviou o olhar primeiro.

Jonas então tocou o ombro de Brion sem dizer nada. A situação estava estranha entre eles havia dias, desde a discussão. Brion não hesitou nem um instante e agarrou Jonas em um abraço de urso. Os olhos escuros e repletos de dor de Jonas se iluminaram de alívio por um breve momento, e em seguida ele se afastou para cuidar dos ferimentos.

— Vocês dois estão bem? — Lysandra perguntou.

Brion deu de ombros.

— Talvez.

— Você é como um irmão para ele.

— O sentimento é mútuo.

— Fiquei feliz por ter brigado com ele aquele dia. — Ela cruzou os braços e olhou diretamente para Brion. — Se tudo estivesse bem entre vocês, você estaria ao lado dele no templo. E poderia ter morrido.

— Boa observação. — Havia algo duro na expressão dele que ela não conseguia decifrar. Não era sofrimento, era… frustração. —

Acho que agora estou entendendo melhor as coisas.

— Que coisas?

— A maneira como você olha para mim — Brion deu de ombros. — Não chega nem aos pés de como olha para Jonas. Você está apaixonada por ele.

Ela ficou boquiaberta.

— Vinte dos nossos morreram hoje, e essa é sua observação brilhante da noite? Precisa tirar a cabeça do próprio traseiro e se concentrar no que é importante.

Lysandra se afastou dele com raiva, sem saber como lidar com uma acusação tão estúpida. Ela se deu conta, no entanto, de que não tentara negar.

25

CLEO

AURANOS

Ao amanhecer, Aron estava presente enquanto Cleo se preparava para partir na temida excursão de casamento.

— Que você faça uma viagem segura, princesa — ele disse, acompanhando-a pelos corredores em direção às carruagens que estavam à espera. — Vou liderar o grupo que sairá em busca do assassino da rainha enquanto vocês estiverem fora. O príncipe Magnus se juntará a mim na perseguição assim que voltar, se o rebelde ainda estiver à solta.

Liderar o grupo? *Aron?*

— Certamente o rei confia muito em suas capacidades como vassalo.

— Ele confia. Mais do que você imagina. — Aron chegou mais perto para dizer algo em confidência. — Não pude deixar de notar que o príncipe saiu dos aposentos nupciais minutos depois de entrar. Já há algum problema em sua alegre união?

— Nenhum. — Ela colocou um sorriso insosso no rosto. — Sentirei sua falta enquanto estiver fora, lorde Aron. Você me diverte muito.

Ele franziu a testa.

— Cleo…

— É *princesa* Cleiona. Tenha sempre o cuidado de lembrar meu título oficial, principalmente agora que estou muito bem casada com o filho do rei. Agora, se me dá licença…

Ela passou por ele e continuou seguindo em direção à carruagem sem mais delongas.

Que cretino. Ela ficava satisfeita em saber que ele fazia parte da caçada; o fato de Jonas ter sido acusado pelo assassinato da rainha era ridículo. Estavam apenas procurando um motivo para matar o líder rebelde com total apoio de qualquer cidadão que pudesse vê-lo e dedurá-lo, e encontraram esse motivo. Mas com tanta inépcia e Aron "liderando o grupo", o rebelde certamente continuaria livre para sempre.

Eu o verei de novo, rebelde, ela pensou. *Algum dia. Em algum lugar. Até lá, por favor, fique em segurança.*

E então a excursão de casamento começou. A programação era que percorressem primeiro Auranos, passando depois por Paelsia e Limeros. De cidade em cidade, as aparições variavam pouco. Cleo e Magnus surgiam diante de uma multidão reunida, geralmente entusiasmada, e depois ouviam graciosamente discursos de prefeitos e canções de bardos. Em uma vila na costa sul de Auranos, um pequeno grupo de crianças encenou uma peça para divertir Cleo e Magnus. As crianças eram adoráveis, e estavam tão empolgadas com a visita real que Cleo tentava ao máximo parecer atenta e animada. Magnus, no entanto, sempre parecia entediado com tudo e já estava impaciente para que a excursão terminasse e ele pudesse se juntar a Aron e os soldados do rei na perseguição a Jonas.

Depois que a peça terminou, eles fizeram uma saudação. Cleo agia como de costume até que uma mulher pegou sua mão e a encarou com preocupação.

— Está bem, princesa? — ela sussurrou de modo que ninguém, exceto Cleo, escutasse.

Um nó imediatamente se formou em sua garganta, mas ela tentou sorrir.

— Sim, é claro. Estou perfeitamente bem. Estou muito grata pela calorosa recepção que sua vila preparou para mim e para o meu… para o *príncipe*.

Ela não conseguia chamá-lo de *marido*.

Por toda sua adorada Auranos, a maioria dos cidadãos recebeu o casal real com muita fanfarra, exatamente como o rei havia previsto. Mas em toda multidão sempre havia alguns incrédulos — que ficavam nos cantos e nas sombras, demonstrando medo e desconfiança nos olhos. Cleo percebia que eles tinham consciência de que aquela união não era tão gloriosa ou empolgante quanto acreditavam seus vizinhos. Eles sabiam que não se podia confiar no rei — que suas palavras não passavam de palavras, e suas promessas podiam ser quebradas com a mesma facilidade que se quebra um osso.

Como ela desejava poder garantir a essa pequena, porém notável, porcentagem que um dia mudaria as coisas para melhor — para todos. Mas não, ela precisava desempenhar o papel de jovem princesa apaixonada por seu marido para garantir a própria sobrevivência.

Havia um lado bom. Enquanto estava fora do palácio, ela se deu conta de que teria outra chance, uma chance melhor, de reunir informações sobre o folclore e as lendas locais; ela poderia aprender mais sobre a Tétrade e sobre como seu anel ajudaria a encontrá-la — tudo debaixo do nariz de Magnus.

Essa ideia a aquecia à noite e ajudava a manter o ânimo durante o dia. Ainda assim, apesar de estar cercada de criadas e guardas, sem contar o príncipe mal-humorado e calado, ela logo começou a se sentir desesperadamente solitária.

Foi em Porto Real, onde estavam prestes a embarcar em um navio rumo a Porto do Comércio, em Paelsia, que ela viu Nic parado no cais, perto do enorme navio escuro que emergia das águas como um monstro marinho. Ele usava seu uniforme vermelho, como todos

os outros guardas limerianos que acompanhavam Cleo e Magnus na viagem. Seus cabelos cor de cenoura estavam espetados em todas as direções. E ele tinha um sorriso imenso no rosto.

Cleo ficou boquiaberta ao ver seu amigo querido, mas se controlou para não sair correndo e se jogar nos braços dele.

— Algo errado, princesa? — Magnus perguntou.

— É só… Nic. — O coração dela estava acelerado. — Ele está aqui.

— Sim, está.

— Você não está surpreso?

— Não. Fui eu que pedi.

Ela se virou e o encarou com alarme e desconfiança.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— Sua tristeza é palpável há dias, e isso se reflete negativamente em mim. Por alguma razão, você valoriza a presença desse idiota. Então ele nos acompanhará pelo resto da excursão, até eu finalmente voltar ao castelo e partir na jornada que realmente me interessa. Ele pode cuidar de nossa bagagem e limpar a sujeira dos cavalos. Tenho certeza de que encontrarei várias tarefas interessantes para ele.

A descrença tomou conta dos pensamentos dela.

— Você o requisitou aqui só para eu não ficar triste.

Magnus apertou os lábios.

— Preciso conservar a sua parte do combinado enquanto continuamos a alimentar esse povo idiota com as belas mentiras do meu pai. Só isso.

— Obrigada — ela sussurrou, com um nó na garganta ao pensar que ele havia feito algo tão inesperadamente gentil, apesar das palavras duras.

Magnus olhou para ela de soslaio.

— Poupe sua gratidão. Não preciso dela.

Cleo olhou feio na direção dele, mas foi perda de tempo. O príncipe já tinha saído para falar com um guarda perto do navio.

Cleo se aproximou de Nic da maneira mais majestosa possível mas não conseguiu conter o sorriso.

— Você está aqui.

Ele também sorriu, com ênfase demais para parecer profissional.

— Sob ordens reais.

— Bem, fico feliz que esteja recebendo ordens reais.

— Neste caso, tenho que concordar.

Com Nic, a jornada seguiu para Paelsia, e eles passaram por várias vilas e vinícolas — sem jamais se aproximar da Estrada Imperial, Cleo notou. Os pobres aldeões se reuniam para observar em silêncio. A presença de Cleo atraía algumas crianças para fora de casa, que ficavam fascinadas com seus vestidos elegantes e coloridos. O olhar das crianças era repleto de uma esperança ilimitada que faltava aos mais velhos. Perceber isso partiu o coração de Cleo.

Os paelsianos não eram enganados tão facilmente quanto os auranianos por qualquer coisa que o rei dissesse. Aquelas pessoas já tinham visto seus engodos e suas crueldades com os próprios olhos. Essas coisas não podiam ser esquecidas nem perdoadas.

Quando a comitiva deixou a costa rumo ao Porto Negro de Limeros, Cleo estava desanimada por não ter descoberto nada útil sobre o anel, que permanecia firme em seu dedo desde que saíra da Cidade de Ouro. Ela também não tinha ouvido nada além de histórias repetidas sobre a Tétrade. O tempo para encontrar as informações ficava cada vez mais curto a cada dia que passava, e sua ansiedade só aumentava.

Quando chegaram a Limeros, Cleo precisou se enrolar em um manto grosso com acabamento em pele para se aquecer do frio daquela paisagem gélida. Enquanto Auranos tinha um palácio que literalmente brilhava como uma joia sob os raios de sol, o castelo limeriano parecia absorver a luz, que se extinguia assim que entrava em contato com ele. Era grande, preto e sombrio, com torres que se elevavam no céu frio como as garras de um demônio. Apenas as janelas refletiam a luz, parecendo os olhos de uma fera voraz.

O verdadeiro lar de Magnus combinava perfeitamente com ele.

— Isso é tudo? — Magnus perguntou, olhando para os baús que Nic havia descarregado das carruagens.

— Sim, vossa graça. — Era preciso reconhecer que Nic conseguia falar sem parecer sarcástico. O suor cobria sua testa depois de arrastar sozinho todas as arcas para o castelo.

— Ótimo. Agora vá cuidar dos cavalos. Preciso verificar se chegou alguma mensagem do meu pai para mim aqui. — Ele deu meia-volta com as botas de couro preto e saiu andando pelo corredor sem dizer mais nada.

— Odeio ele — Nic bufou.

— Eu também — Cleo concordou.

— A essa altura já tenho minhas dúvidas, pelo tanto que o está abraçando nessa viagem.

A princesa agarrou o braço dele quando estava prestes a se retirar, afundando os dedos até Nic voltar a olhar para ela.

— Qualquer coisa que você pensa ter visto entre nós é apenas fachada. Lembre-se disso.

Os ombros de Nic desabaram.

— Peço desculpas, Cleo. É claro que sei disso. Deve ser muito difícil para você.

— Graças à deusa você está aqui comigo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Ah, é?

Ela riu, as palavras desagradáveis dele já deixadas de lado.

— Quem mais carregaria meus baús de vestidos tão bem?

Ele riu, e Cleo o puxou para um abraço apertado, nunca mais querendo soltar.

— Estou aqui para o que você precisar, Cleo. Sempre.

Ela assentiu, pressionando o rosto junto ao tecido áspero do uniforme dele.

— Eu sei.

— Você é tão corajosa… tendo que conviver com aquele monstro. Forçada a compartilhar a mesma cama. — Um olhar de ódio cruzou o rosto dele quando se afastou um pouco dela. — Todas as noites, me imagino matando-o para você.

Cleo pegou as mãos de Nic, apertando-as com força.

— Não se preocupe comigo. Sei lidar com o príncipe. — Ela queria contar a ele que não dormia na mesma cama que Magnus e

que passava todas as noites sozinha, mas conteve a língua. Ninguém, nem mesmo Nic, poderia saber disso. — Por favor, vá descansar para poder estar ao meu lado amanhã. Preciso de todo o apoio que puder ter.

— Vou descansar. Assim que cuidar dos cavalos para *sua majestade*.

— Vejo você amanhã. — Ela ficou na ponta dos pés para beijar o rosto de Nic. No mesma hora ele virou o rosto, e Cleo acabou beijando seus lábios.

Isso lhe rendeu outro sorriso de orelha a orelha.

— Até amanhã, princesa.

Depois de uma noite em claro, ela foi acordada bem cedo por Dora e Helena, que eram tão desrespeitosas com ela ali quanto no castelo auraniano. Elas a ajudaram a se vestir e ficar apresentável. Cleo vestiu um novo manto com acabamento em pele sobre um de seus melhores vestidos novos. O traje inteiro era vermelho, para homenagear a cor oficial de Limeros. A cor do sangue. Provavelmente não era uma coincidência. As mangas do vestido tinham um bordado dourado de serpentes, emblema do reino. Também muito apropriado para um reino que transbordava de cobras.

Do lado de fora do castelo, seguindo os passos de Magnus, ela olhou distraidamente na direção do grupo de nobres que havia se juntado a eles para a apresentação oficial do presente de casamento de lorde Gareth, amigo próximo do rei. À esquerda deles havia um caminho que passava pelos jardins de gelo e entrava em um intrincado labirinto de cercas-vivas cobertas de neve. À direita havia uma grande clareira com um lago congelado comprido e retangular, que seguia na direção do castelo. Belo, mas austero e imaculado. Não havia o menor sinal de calor em nenhuma direção.

— Dizem que isto pertenceu aos próprios vigilantes.

Ela imediatamente voltou a olhar para o lorde Gareth. Finalmente notou o objeto próximo de onde haviam parado, o presente. Era

uma roda de pedra esculpida que ultrapassava o ombro de Cleo em altura e projetava-se do solo congelado na entrada dos jardins.

— O que tem a ver com os vigilantes? — ela perguntou, esforçando-se para manter a voz equilibrada.

— Ah, é — Magnus disse. — Por favor, diga. É tudo tão fascinante.

Era raro o príncipe dizer algo que não zombasse de seu interlocutor. Era igualmente raro, Cleo havia percebido, que alguém se desse conta disso tão facilmente quanto ela.

Cleo se lembrou do menino rebelde, Tarus, mencionando rodas de pedra associadas aos vigilantes e ao Santuário. Não podia ser a mesma coisa. Podia?

O lorde careca, mas de aparência distinta, juntou as mãos diante do corpo, balançando-se um pouco, visivelmente satisfeito por ter a atenção total do casal real.

— Os vigilantes nos observam na forma de falcões.

— Uma história infantil que já ouvi mil vezes — Magnus disse com desprezo.

— É mesmo? Ou será verdade? — A chance de debater o assunto parecia agradar o lorde. — A magia é muito real, vossa alteza.

Magnus o observou sem desviar o olhar.

— O que o leva a acreditar nisso?

— Já vi muitas coisas que não podem ser explicadas. Conheci bruxas que tinham dentro de si o dom de usar pequenas partes dos *elementia* para criar magia no mundo mortal.

Toda a atenção de Cleo estava agora voltada para aquele homem. Era isso. Podia ser ele a pessoa a lhe dizer o que ela mais precisava saber.

— A Tétrade é real? Ouvi histórias sobre cristais elementares, mas podem não passar de lendas.

Ele olhou para ela.

— Acredito que seja verdade. Há rumores de uma profecia que diz que quando a feiticeira renascer, ela mostrará o caminho até a Tétrade.

Cleo ouviu atentamente. Uma feiticeira mostraria o caminho? Havia uma coisa em que ela acreditava mais do que tudo: que o anel que estava usando havia pertencido à feiticeira Eva.

O que isso significava?

O céu estava nublado e flocos de neve começavam a cair, salpicando de branco o manto vermelho de Cleo e as roupas dos dignitários ali próximos.

— Conte mais sobre a roda, lorde Gareth — Magnus pediu.

Com o coração acelerado, ela torceu as mãos, sentindo a superfície fria do anel de ametista. Ela olhou na direção de Nic, que estava parado ao lado dos outros guardas, imóveis como estátuas. Seu olhar de desdém estava fixo em Magnus.

O homem foi em direção à roda e deslizou a mão sobre sua curvatura.

— Existem rodas idênticas a essa espalhadas por Mítica. Durante séculos, ninguém entendeu o que eram ou de onde vinham. Só se sabe que são muito antigas e se relacionam de alguma forma com os vigilantes.

— Quantas rodas existem? — Cleo perguntou.

— Doze foram encontradas e documentadas. Todas exatamente iguais, mas em diferentes estados de conservação.

— Como sabe que elas têm algo a ver com os vigilantes? — ela perguntou, ignorando o olhar curioso de Magnus sobre ela.

O lorde manteve a mão sobre a roda enquanto admirava sua superfície esculpida.

— Havia um velho que vivia no norte de Limeros. Perto do fim de seus dias, ele jurou a todos que era um vigilante exilado que havia deixado o Santuário para nunca mais voltar. Uma vez aqui, ele se tornou mortal, envelheceu, ficou senil. Seus filhos, netos e bisnetos ouviam pacientemente suas divagações, mas não davam muita atenção. Ele falou que as rodas estavam aqui por um motivo. Pediu para ser levado até uma delas para poder tocar a imortalidade mais uma vez.

A roda de pedra parecia inócua a ela, algo para que ninguém olharia duas vezes.

— E ele foi levado até a roda?

— Não. Ele morreu antes.

— Provavelmente não passava de um velho que não sabia o que estava dizendo — a expressão de Magnus era totalmente indecifrável. — Agradeço muito pelo raro e generoso presente, lorde Gareth. Com certeza a roda será o destaque deste jardim.

— É um prazer, príncipe Magnus, princesa Cleo. Desejo a vocês muitos anos felizes juntos. — Ele se curvou e se afastou para se juntar aos outros.

— Príncipe Magnus! — Uma mulher de cabelos grisalhos e rosto enrugado o chamou. — Podemos trocar uma palavra? Meu filho ainda não está noivo, e eu estava pensando em sua irmã… bem, podemos conversar?

— Essa excursão podia acabar logo — ele resmungou antes de ir falar com a mulher entusiasmada.

Agora sozinha, Cleo tocou a superfície lisa e fria da grande roda. Mãos habilidosas a haviam criado havia muitos e muitos anos.

É como eles atravessam do mundo mortal para o Santuário, e vice-versa, na forma de falcões, Tarus havia dito. *Eles têm essas rodas mágicas de pedra esculpida escondidas aqui e ali. Para nós podem não passar de ruínas, mas, sem as rodas, eles ficam presos aqui*.

Mas aquela pedra havia sido retirada de sua localidade original. Será que ainda funcionava?

Depois de um tempo, a pedra, que estava fria como gelo quando Cleo pousou sua mão, começou a esquentar.

Seu coração disparou ao ver o anel começar a brilhar — e algo bem no fundo da pedra roxa, algo que parecia ouro fundido cintilante, começou a girar.

A roda logo ficou quente como fogo sob seu toque e um tremor de energia subiu pelo seu braço. O medo tomou conta dela, e Cleo recolheu a mão. A pedra do anel parou de brilhar, mas a princesa ficou encantada com a pequena mancha dourada ainda visível bem no fundo — tão fundo que sentiu que podia cair lá dentro e se perder.

Ela foi acometida por uma onda de tontura e vacilou até as pernas cederem completamente.

Mas não caiu. Alguém estava lá, segurando sua cintura para estabilizá-la. Ela olhou para cima, esperando ver Nic, mas era Magnus.

Suas sobrancelhas escuras estavam unidas.

— Algum problema, princesa?

Um rápido olhar para a multidão reunida mostrou que ninguém a fitava com nada além de preocupação por seu bem-estar. Ninguém imaginava o que ela tinha acabado de ver.

A nobre com quem Magnus estava falando a observava estarrecida.

— Ela está tão pálida. Será que está bem?

— Bem o bastante — Magnus respondeu em poucas palavras. — Agradeço pela preocupação, lady Sophia. Acho que vou fazer uma breve caminhada com a minha… com a princesa, antes do meu discurso, assim ela pode clarear as ideias. Talvez toda essa empolgação seja demais para ela. Não é isso?

— Sim, claro. Eu… preciso clarear as ideias. — Cleo engoliu em seco e olhou para o anel. O redemoinho havia parado, e a estranha mancha de ouro fundido não estava mais visível dentro da pedra.

Nic olhou para ela, tenso e preocupado, quando Magnus a conduziu na direção do labirinto.

O que teria acontecido se ela tivesse sido corajosa o suficiente para manter a mão pressionada junto à roda? Será que ela — uma simples mortal — seria capaz de viajar ao Santuário? Ela teria alguns vislumbres de onde encontrar a Tétrade?

Se não encontrasse as respostas, estaria permitindo que Auranos continuasse dominado pelo punho de ferro do rei Gaius. E estaria decepcionando seu pai. Como desejava que ele ainda estivesse vivo para orientá-la naquele momento. Às vezes, quando menos esperava — como naquele instante —, o vazio infinito de tudo o que havia perdido a esmagava sem piedade.

— Tem algo errado? — Magnus perguntou. — Você está chateada.

Cleo secou uma lágrima e não se preocupou em olhar diretamente para ele.

— Você se importa?

— Eu acho que uma princesa chorosa não transmite uma imagem muito boa de um casamento feliz.

— Não estou chorando. — Ela lançou um olhar duro a ele. — Talvez você preferisse que eu estivesse.

— Quanta agressividade, princesa. O que eu fiz para merecer isso hoje?

— Está respirando. — As palavras saíram antes que ela as pudesse conter, e então mordeu o lábio inferior. Decidiu mudar de assunto. — Que lugar é este?

— Os terrenos do palácio limeriano, é claro.

— Não, estou perguntando *deste* lugar. Este labirinto. Por que está aqui?

Ele olhou em volta.

— Está com medo de se perder?

— Não pode responder uma simples pergunta sem criar tanta dificuldade? — Novamente, ela mordeu o lábio inferior e olhou para o chão, combatendo a frustração constante que era lidar com o príncipe.

Magnus bufou.

— Não acho que você seja capaz de fazer perguntas simples. Mas tudo bem. Vou cooperar. Este foi um presente para a minha irmã seis anos atrás. Lorde Psellos queria que seu filho fosse visto com bons olhos para propor um eventual noivado, então mandou construir isto aqui como presente de aniversário. — Os lábios dele se curvaram com a lembrança, o sorriso ajudando a suavizar seus traços rígidos. — Lucia amava este labirinto. Ela desafiava os outros para ver quem percorria mais rápido. Com frequência, tinha que voltar para resgatar alguém que ficava irremediavelmente perdido. Em geral era eu.

A mudança rápida no humor de Magnus ao falar de Lucia era surpreendente. Cleo se lembrou da fofoca sórdida que Dora e Helena haviam contado a ela sobre o príncipe e a irmã.

— Você ama sua irmã?

Ele ficou tenso e não respondeu por um instante.

— Acha que sou incapaz de tal sentimento?

— Mais uma vez está fugindo da resposta, não é?

— Talvez você tenha feito uma pergunta que não mereça resposta.

Ela olhou feio para ele.

— Por um momento, achei…

— O quê, princesa? — Ele a encarou. — Que havia encontrado mais uma evidência do coração que vive questionando?

Como se tal descoberta fosse possível.

— Eu nunca cometeria esse erro. Afinal, você é filho do seu pai.

— Sim. E nunca se esqueça disso. — O maxilar dele ficou tenso. — Está quase na hora do meu discurso. Existem certas expectativas quando se é filho do rei Gaius. Fazer discursos é uma delas. Pelo menos isso colocará um ponto final nessa excursão. Tenho recebido notícias e, pelo que fui informado, lorde Aron não chegou nem perto de capturar o líder rebelde. Eu me juntarei à busca assim que voltar para Auranos.

O fato de Jonas ainda estar livre era um grande alívio. Cleo cruzou os braços, tentando se proteger do frio puxando o manto de pele de raposa para cobrir melhor o pescoço. Por um instante, ficou sem saber o que dizer. Ela não queria discutir sobre Jonas ou os rebeldes. Tópicos perigosos assim poderiam levar a terrenos traiçoeiros. Era melhor se concentrar no presente. Nos deveres iminentes de Magnus como herdeiro da coroa que o rei havia tomado.

— Seu pai é insuperável na arte do discurso.

— É mesmo.

Cleo franziu a testa ao se dar conta de algo muito importante.

— Espere. Você está protelando, não está?

— Protelando?

— Você não me trouxe nesse passeio pelo labirinto para que eu clareasse as ideias, e sim para adiar seu discurso. Oficialmente, é o seu primeiro, não é? Está nervoso?

Magnus ficou olhando para ela.

— Não seja ridícula.

Ele disse uma coisa, mas seu comportamento dizia outra. E de repente ela conseguiu enxergar com clareza — mais claro do que nunca.

— O rei Gaius adora o som da própria voz. Mas você… você é diferente. — E ela que acreditava que pai e filho eram iguais em todos os aspectos.

— Não preciso ficar ouvindo essas bobagens.

Seus passos ganharam velocidade enquanto ele continuava andando pelo labirinto. Cleo já estava completamente perdida. Ela tinha que acompanhar o ritmo dele, ou Magnus a deixaria para trás, congelando até morrer. Ela suspendeu as saias vermelhas para impedir que arrastassem no chão e ficassem úmidas com o gelo.

— Falar em público deveria ser algo natural para você, dada a sua linhagem.

Ele lançou um olhar sinistro para ela por cima do ombro.

— Poupe seu fôlego, princesa. Não preciso de suas palavras de incentivo.

A irritação tomou conta dela, espantando a perplexidade.

— Ótimo. Porque eu não me importo. Espero que faça um papelão. Espero que riam de você. É o que merece.

O olhar ferido diante daquela afirmação a pegou de surpresa.

Cleo achava difícil acreditar que aquele rapaz terrível pudesse ser inseguro com algo tão esperado da realeza. Magnus, sem esforço algum, conseguia intimidar todos que cruzavam seu caminho — sua simples presença, sua altura, sua força, sua posição, seu título, o tom áspero de sua voz… tudo isso garantia que qualquer um com menos poder se acovardasse diante dele.

Ela conseguira encontrar uma fraqueza?

Havia uma abertura na cerca-viva coberta de neve mais adiante. Eles haviam chegado ao fim do labirinto. Cleo deu um suspiro de alívio enquanto passava a mão sobre a superfície do anel. Como se refletisse seu gesto nervoso, Magnus passava os dedos sobre a cicatriz. Ela havia notado que era algo que ele fazia com frequência, embora não se desse conta.

— Isso aconteceu quando sua família visitou meu pai há dez anos. Eu me lembro. — A curiosidade era maior do que ela, por isso Cleo teve que perguntar. — Imagino que tenha sido o ataque de um estranho, e não um acidente?

O olhar que ele lançou a ela não tinha nada de agradável.

— Não foi nem o ataque de um estranho, nem um acidente. Foi uma punição executada pelo meu próprio pai para que eu me lembrasse sempre de meu crime.

Os olhos de Cleo se arregalaram. O próprio pai dele havia feito um corte tão horrível?

— Que crime cometeu quando criança para merecer tamanha punição?

As mãos de Magnus caíram ao lado do corpo, sua expressão ao mesmo tempo severa e melancólica.

— Uma vez na vida, eu queria ter alguma coisa bela, mesmo que significasse que teria de roubá-la. Obviamente, aprendi a lição.

Chocada, Cleo observou quando ele voltou para o meio da multidão reunida. Muitos lordes e outros homens importantes esperavam para apertar sua mão em sinal de amizade. As palavras confusas de Magnus se repetiam na mente de Cleo enquanto esposas se reuniam em volta dela, desejando-lhe boas-vindas a Limeros e dando os parabéns pelo casamento com o príncipe.

Então eles foram levados de volta ao castelo. Havia uma multidão reunida na praça do palácio, aguardando o discurso de Magnus, vibrando apenas ao ver os dois membros da realeza. Uma figura coberta por um manto se afastou da multidão e começou a se mover rapidamente na direção do grupo de Cleo e Magnus. Era tão sutil que ninguém prestou atenção até que estivesse a dez passos de distância, momento em que puxou a adaga que tinha sob o manto e partiu para o ataque.

Magnus se adiantou e estendeu o braço, pegando Cleo pelo tórax e empurrando-a para trás. Ela caiu com força no chão. O homem tentou acertar Magnus com a adaga, atingindo seu braço antes que ele desviasse do golpe. Em seguida o príncipe acertou um soco no estômago do homem.

Os guardas o imobilizaram rapidamente, desarmando-o. Nic estava ao lado de Cleo, ajudando-a se levantar. Ela ficou olhando para Magnus, que agora segurava o braço ferido, com raiva no rosto ao encarar seu agressor.

— Quem é você? — Magnus bufou.

Os guardas arrancaram o capuz. Por um momento insano e assustador, Cleo teve certeza de que seria Jonas.

Mas não era. Era um rapaz não muito mais velho do que Magnus, que ela nunca tinha visto antes.

— Quem sou eu? — ele retrucou. — Sou alguém cuja vila vocês destruíram. Cujo povo vocês escravizaram para trabalhar em sua preciosa estrada. Alguém que enxerga além das mentiras de seu pai e quer ver vocês dois sangrarem até a morte.

— É mesmo? — Magnus deu um passo à frente e analisou o garoto com intensa repulsa. — Parece que não conseguiu o queria.

— Ela não queria que eu tentasse matá-lo — o rapaz tentava lutar contra os guardas que o imobilizavam. — Eu discordei.

— Ela? De quem está falando?

O aspirante a assassino ergueu a cabeça, os olhos frios e repletos de contestação.

— A vigilante que fala comigo em meus sonhos. Que me orienta. Que me dá esperanças de que nem tudo está perdido. Que me diz que o que está perdido nunca deve ser encontrado.

Magnus estreitou o olhar.

— E essa… *vigilante*… não queria que você tentasse me matar.

— Nós discordamos sobre isso.

— Obviamente.

Girando o anel com nervosismo, Cleo observou a reação de Magnus com atenção. O príncipe alegava não acreditar em magia e zombou do presente de casamento de lorde Gareth. Ainda assim, a menção aos vigilantes fez com que parasse para pensar.

Uma tentativa de assassinato — principalmente tão ousada e pública como aquela — deveria resultar em uma ordem imediata de execução.

Fez-se silêncio enquanto todos esperavam a decisão de Magnus.

— Levem-no para o calabouço — ele finalmente disse. — Mas não para o calabouço daqui. Levem-no para Auranos, onde será interrogado. Enviarei uma mensagem ao meu pai hoje.

— Vossa alteza, tem certeza de que é isso que quer? — um guarda perguntou.

Magnus lançou um olhar cortante na direção do homem.

— Não me questione. Apenas obedeça.

— Sim, vossa alteza.

Apreensiva, Cleo observou o rapaz ser arrastado; uma centena de dúvidas giravam em sua mente. Será que o que ele havia afirmado era real? Ou o garoto era apenas maluco?

Por que Magnus queria que ele fosse até Auranos para ser interrogado? O príncipe acreditava no que ele havia dito?

— Vossa alteza — outro guarda disse, aproximando-se. — Peço sinceras desculpas por ele ter conseguido chegar tão perto.

Magnus rangeu os dentes.

— Certifique-se de que isso não aconteça novamente, ou se juntará a ele.

— Sim, vossa alteza. Seu braço…

— Não é nada. Vamos para o terraço.

— Aquele filho da mãe empurrou você — Nic sussurrou para Cleo. — Você está bem?

— Estou. — Mas as dúvidas ainda nublavam seus pensamentos, e não eram apenas sobre as alegações do rapaz. Magnus havia agido instintivamente ao ver a adaga. Ele não a havia empurrado para ser cruel. E sim… para protegê-la.

Cleo estava sem fôlego quando foram levados ao terraço negro que dava para a multidão reunida na praça lá embaixo. A neve ainda caía em flocos leves, cobrindo o chão com uma camada de branco imaculada. O céu estava cor de ardósia. Assim que ela e o príncipe apareceram, a multidão começou a vibrar a plenos pulmões. Tal recepção seria quase agradável antes, mas depois do drama que acabara de acontecer…

Era um lembrete importante de que tudo não passava de mentiras. Uma fina camada de neve que logo derreteria e revelaria a feiura que existia por baixo da beleza.

O príncipe caminhou até o parapeito, erguendo a mão para silenciar o povo. E então começou a falar — confiante, orgulhoso, controlado… pelo menos era o que parecia.

Sua máscara estava perfeitamente no lugar. Ele era o príncipe Magnus, herdeiro do trono. E ele permanecia firme, mesmo logo após uma tentativa de assassinato.

Até mesmo Cleo tinha de admitir que era impressionante. Que *ele* era impressionante.

— E aqui estamos — Magnus disse, em alto e bom tom, com a respiração condensando no ar congelante —, depois de muita luta e conflito. Não foi um caminho fácil, mas para conquistar grandes mudanças é preciso muita força e bravura. A estrada do meu pai, que irá terminar no Templo de Valoria, representa essa mudança: a união de três terras. Ao meu lado está outro grande símbolo de mudança deste reino. A princesa Cleiona é a garota mais corajosa que conheço; uma pessoa que enfrentou muitas dificuldades em um curto período e superou todas elas com incrível força e graça. Sinto-me honrado por agora estar ao lado dela.

Ele se virou rapidamente para ela, mas a expressão em seus olhos era dura e indecifrável. Cleo retribuiu o olhar. As palavras eram tão belas que ela quase pôde se enganar e pensar que vinham do coração.

— Estou certo de que para cada dia de felicidade que eu e a princesa compartilharmos, o reino também se beneficiará.

Ah, ele era cômico. E sabia disso. Agora ela via uma pontinha de humor em seus olhos, por ser capaz de se referir àquela união forçada como o caminho para a felicidade suprema no amor.

Uma vibração estrondosamente alta acompanhou o fim do discurso. Os ombros de Magnus relaxaram um pouco — quase não daria para notar se ela não estivesse prestando atenção. O olhar dela se voltou para o rasgo na camisa dele e o ferimento que ainda sangrava, pingando de seu braço até o chão.

Vermelho. Da cor de Limeros.

A multidão havia começado a entoar algo, mas por um instante ela não conseguiu entender.

— O que eles estão dizendo? — ela perguntou.

O maxilar de Magnus ficou tenso.

— Um beijo — disse lorde Gareth, que estava mais atrás, na sombra. Como um dos amigos mais próximos do rei, ele havia sido convidado para se juntar a eles no terraço durante o discurso. Também havia vários guardas ali, incluindo Nic. — A multidão quer que o casal real demonstre seu amor com um beijo.

Magnus virou de costas para a multidão.

— Não estou interessado em demonstrações públicas irrelevantes.

— Talvez não. Mas eles gostariam mesmo assim.

— UM BEIJO! UM BEIJO! — a multidão entoava.

— Quer dizer… — o conselheiro continuou, ironicamente. — Não seria o primeiro, seria? Que diferença faz uma concessão tão pequena para satisfazer a ávida multidão?

— Não sei… — Cleo começou a dizer, sentindo o estômago embrulhar só de pensar na ideia. Até onde estava disposta a ir para parecer agradável? — Sinceramente, me parece uma má…

Magnus pegou o braço dela com firmeza e a virou. Antes que pudesse dizer outra palavra, ele colocou a mão em sua nuca, puxou-a para mais perto e a beijou.

Todos os músculos de seu corpo se enrijeceram. Ela se sentia como um pássaro preso na armadilha de um caçador. Suas asas gritavam para que saísse voando o mais rápido possível. Mas ele a segurava firme, com a boca junto à dela, suave, mas exigindo uma resposta.

Ela agarrou a camisa dele. Era muita coisa para lidar — Cleo não tinha certeza se o estava empurrando ou puxando para mais perto. Como um mergulho em águas profundas, ela não tinha ideia de qual direção a levaria à superfície e qual a puxaria mais para o fundo, para as profundezas onde certamente iria se afogar.

E por um instante, apenas um instante, ela percebeu que parecia não importar.

O calor do corpo dele próximo ao dela em um dia tão frio, o agora familiar perfume de sândalo, o ardor de sua boca junto à dela… tudo fazia sua cabeça girar e a lógica desaparecer.

Quando ele se afastou, parecia que seus lábios estavam pegando fogo, um fogo que continuava a queimar tanto quanto as chamas que agora tomavam conta de seu rosto.

Magnus se inclinou para sussurrar no ouvido dela, a respiração quente junto à sua pele já corada.

— Não se preocupe, princesa. Foi o primeiro e o último.

— Ótimo. — Cleo se soltou dele e saiu do terraço, passando por Nic com tanta pressa que tropeçou na barra do vestido. O som do povo vibrando logo se tornou um eco distante em seus ouvidos.

26

REI GAIUS

O SANTUÁRIO

O sonho finalmente chegou, depois de muitas semanas de espera.

— Você disse que eu era imortal — o rei bufou quando sentiu a presença de Melenia. Sem esperar pela resposta, ele se virou e partiu para cima dela, agarrando seus ombros e a sacudindo. — Por que mentiu para mim?

— Eu não menti.

Ele deu um forte tapa na cara dela, e a ardência lhe deixou mais satisfeito do que esperava. Infligir dor sobre aquela linda criatura dourada lhe dava um grande prazer.

Ela levou a mão ao rosto, mas seus olhos não se encheram de lágrimas, como aconteceria com muitas outras. Ele não via nenhuma fraqueza em seu olhar enquanto a encarava.

— Eu não menti — ela repetiu, enunciando cada palavra com cuidado. — E se me bater de novo, será por sua conta e risco, meu rei.

Havia uma ponta de ameaça na afirmação, que apenas um tolo ignoraria.

Ele se obrigou a recobrar a calma.

— Quase fui esmagado no Templo de Cleiona durante o terremoto. Senti o gosto amargo da minha própria mortalidade.

— Mas não está morto, está?

Ele não saíra do palácio desde aquele dia. Com a possibilidade de haver rebeldes assassinos escondidos em todas as sombras e a ameaça de desastres naturais inesperados, ele tornara-se extremamente paranoico. Estava perto demais de conquistar tudo o que sempre desejara para correr riscos desnecessários.

Depois do que havia acontecido no templo, sua confiança fora abalada. Ele não confiava mais em Melenia. Houvera um tempo em que ele a considerava tanto uma semelhante intelectual quanto um objeto de desejo. Quando acreditava que ela se tornaria sua rainha, para governar ao seu lado por toda a eternidade. Uma mulher que ele seria capaz de idolatrar. Uma mulher que ele até seria capaz de amar.

Não mais.

Agora tudo o que queria dela eram respostas.

— Quando? — ele grunhiu. — Quando vou colocar as mãos no tesouro que me prometeu durante todos esses meses?

— Quando a estrada estiver pronta.

Era tempo demais para esperar por qualquer prova concreta do que ela havia dito. A paciência dele já estava se esgotando.

— Então Lucia é essencial para encontrar a Tétrade? Ela vai sentir a localização com sua magia? Mais sangue precisará ser derramado para ajudá-la?

— Eu já disse, meu rei. Sangue será derramado. Muito. Sangue é essencial para o nosso plano.

— Conte mais. Conte tudo.

Um sorriso surgiu no canto de sua boca.

— Ah, meu rei, você não está preparado para saber de *tudo*.

— Estou! — ele insistiu.

— Ainda não. Existem… sacrifícios que precisarão ser feitos. Sacrifícios para os quais não estou convencida de que você esteja

preparado.

— Que sacrifícios? — Ele arriscaria qualquer coisa, sacrificaria qualquer coisa para conseguir o que queria. — Diga!

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Às vezes eu realmente não sei por que me importo com você. Talvez seja porque você me diverte.

Ele não seria diversão de ninguém.

— Você profetizou que eu governaria o universo com o poder de um deus imortal.

— Foi mesmo, não foi? Há algo curioso sobre as profecias, meu rei. Elas nem sempre são imutáveis. Essa profecia exige que eu o auxilie no que deve ser feito no mundo mortal, como já auxiliei inúmeras vezes. Não faça com que eu me arrependa da minha decisão.

Ele queria matá-la. Esmagá-la com as próprias mãos. Ver a vida se esvair de seus lindos olhos azuis. Vê-la implorar por misericórdia em seu último suspiro.

Será que o sangue de um imortal era vermelho? Isso ele também gostaria de descobrir.

Em vez de admitir seus pensamentos sombrios, ele abaixou a cabeça em deferência.

— Minhas profundas desculpas, minha rainha. Você sabe como estou estressado ultimamente. Como estou ansioso por algum progresso. Tem sido um período difícil para todos nós, sobretudo por causa da preocupação com o bem-estar de minha filha. Mas agora ela está acordada e fora de perigo. Sua magia está mais forte do que nunca.

— Fico feliz em ouvir isso. — Ela caminhou em círculos ao redor dele. Pela primeira vez na vida, ele sentiu como se um predador o observasse em busca de fraquezas.

Ele nunca havia se sentido uma presa antes.

— Preciso ir até o campo de trabalho da estrada nas Montanhas Proibidas e falar com Xanthus — ele disse. — Preciso conversar com ele. Quero que me mostre o que está fazendo e garanta que tudo está saindo de acordo com o planejado. Mensagens enviadas via corvos não são suficientes para me acalmar.

— Não, você não deve ir. Deve permanecer aqui.

— Por quê?

Ela franziu a testa, seu rosto perfeito se tornando muito sério.

— Não queria deixá-lo preocupado, mas… se sair do palácio, sua profecia se perderá. Existem inúmeros perigos, e muita gente quer vê-lo morto. Eu lhe prometi a imortalidade, meu rei, mas isso só será possível se ficar em segurança enquanto nossos planos se solidificam.

Ele a encarou em choque por um longo e silencioso minuto. Era exatamente o que temia.

— Então devo ficar aqui trancado, como uma criança que precisa ser protegida de possíveis perigos?

Algo desagradável passou pelos olhos dela.

— O aprisionamento é uma condição com a qual estou muito familiarizada, meu rei. Acredite, seu confinamento será muito mais curto do que tem sido o meu. Se não acredita em minha palavra a esse respeito e quiser saber mais sobre a estrada, pode mandar alguém de confiança em seu lugar para falar com Xanthus.

Mas Gaius não confiava em ninguém.

Ninguém, exceto seus filhos. Exceto seu filho.

— Mandarei Magnus — ele disse, decidido. Odiava ter de ficar preso, mas não duvidava do alerta dela. Sua vida mortal era frágil como a de todo mundo. Estava perto demais de alcançar o que queria para arriscar seu pescoço diante da lâmina de um rebelde. — Quando ele voltar da excursão de casamento e se juntar à caçada pelo líder rebelde, eu o mandarei inspecionar o campo de trabalho da estada nas montanhas e falar com Xanthus. Ele será meu representante oficial.

— Muito bem. Espero que o príncipe prove seu valor nessa expedição. — Melenia sussurrou. — Sei que já teve algumas dificuldades com ele.

— Sou duro porque sei que ele precisa de um pulso firme. Ele está passando por um período difícil da vida. Mas, apesar de alguma resistência, tem dado provas de seu valor repetidas vezes. Ele não vai me decepcionar.

— Sim, mande seu filho descobrir as respostas que lhe trarão tranquilidade. Estamos mais perto do que pensa.

Ele segurou o rosto de Melenia entre as mãos, um toque suave onde antes havia sido rude. Ela não se afastou quando ele a puxou para mais perto para beijá-la. A boca dela era tão doce e quente como seria fora de seus sonhos.

Quando tudo aquilo terminasse, quando ele estivesse em posse da Tétrade e fosse um deus imortal livre para ir aonde desejasse, ansiava por descobrir o quão prazeroso seria matar a mulher que agora abraçava.

Àquela altura, já não precisaria de uma rainha para nada.

27

MAGNUS

LIMEROS

Magnus havia se arrependido de ter chamado Nicolo Cassian para amenizar o sofrimento da princesa durante a excursão de casamento. O garoto o desprezava, culpava-o pela morte da irmã, e enfiaria nele uma lâmina afiada com gosto quando estivesse de costas.

A animosidade palpável de Nic havia aumentado ainda mais nos últimos dias da excursão, depois do beijo improvisado no terraço. Era ciúme, puro e simples. Claramente, o garoto achava que estava apaixonado pela princesa.

Pelo menos aquilo poderia ser divertido.

— Ela é linda, não é? — Magnus comentou casualmente com Nic na manhã em que planejavam começar a jornada de volta a Auranos. Cleo subia em uma das carruagens, auxiliada por um guarda.

— Ela é — Nic murmurou.

Ele precisava saber se Cleo havia contado ao amigo algum detalhe de sua união não consumada. Seria muito pouco sábio da parte dela.

— A cada dia que passa me dou conta de como tenho sorte de ter uma criatura como ela em minha vida. Tão fria e inocente na superfície, e ao mesmo tempo tão apaixonada em nossos momentos íntimos. Insaciável, na verdade. — Magnus sorriu para o guarda. — Peço desculpas, Nic. Eu não deveria discutir essas coisas com um mero criado, não é?

O rosto de Nic ficou vermelho, quase da cor de seus cabelos e de seu uniforme. Por um instante, Magnus teve certeza de que o topo de sua cabeça explodiria como um vulcão.

Realmente muito divertido.

Então Nic falou para apenas Magnus ouvir:

— Saiba de uma coisa, vossa alteza. Ela irá odiá-lo para sempre pelo que fez com Theon.

A diversão de Magnus acabou, e ele lançou um olhar de alerta para Nic, mas o guarda já estava seguindo na direção das carruagens. O degelo do fim da primavera já havia começado: ele levava parte da neve e do gelo embora por alguns preciosos meses ali no oeste de Limeros, antes que tudo voltasse a congelar. Quando Magnus entrou na carruagem, notou que havia esmagado uma pequena flor roxa silvestre que havia resistido ao gelo que restava. Ele ficou olhando com desânimo para o ponto colorido dizimado até que um guarda fechou a porta, bloqueando sua visão.

— Você parece doente. Alguma coisa errada? — Cleo perguntou. Era a primeira coisa que ela dizia diretamente para ele desde o beijo forçado no dia anterior.

Ela havia odiado aquilo. E o odiava.

Tem tanta coisa errada comigo, princesa. Por onde devo começar?

— Não há nada de errado. — Magnus se virou e olhou pela janela quando a carruagem partiu. Ele não tinha ideia de quando voltaria para sua verdadeira casa, aquele lugar cheio de gelo e neve e pequenos pontos esmagados de beleza. — Absolutamente nada.

Magnus se encontrou com o pai assim que voltou da excursão. Seu prisioneiro havia sido levado para o calabouço, e Magnus explicou o que havia acontecido. Ele sabia que talvez tivesse exagerado ao enviar o rapaz para Auranos depois de ouvi-lo mencionar sonhos e vigilantes. Mas o rei parecia satisfeito com a decisão. O garoto seria interrogado mais tarde para descobrirem se ele falava a verdade ou apenas bobagens.

O rei comunicou a Magnus que ele não só se juntaria a Aron na caçada a Jonas Agallon, mas que eles também iriam ao campo de trabalho da estrada em Paelsia, localizado nas Montanhas Proibidas, onde Magnus deveria se encontrar com um homem chamado Xanthus.

Um vigilante exilado, Xanthus fora designado engenheiro da estrada pela misteriosa conselheira dos sonhos do rei, Melenia. Xanthus era o representante dela no mundo mortal. Fazia o que ela mandava. E Melenia havia ordenado que a estrada fosse construída e impregnada com a magia da terra de Xanthus para — o rei tinha certeza — obter a localização oculta da Tétrade através dos próprios elementos, que agora estavam conectados pela linha sinuosa da estrada.

Para Magnus, aquilo tudo era tão difícil de engolir quanto uma cabra assada inteira. Principalmente porque o rei agora tinha certeza, graças à conselheira que o visitava em seus sonhos, de que se desse um passo para fora das muralhas do palácio, seria massacrado.

Ainda assim, Magnus tinha visto magia suficiente nos últimos meses para concordar imediatamente com qualquer chance de obter mais informações que pudessem colocar a Tétrade nas mãos de sua família, não importava o quanto essas possibilidades fossem absurdas.

Magnus não discutiu. Não argumentou. Não riu nem revirou os olhos.

Tudo o que fez foi concordar.

— Como quiser, pai.

Pelo raro e genuíno sorriso que recebeu do rei, era a resposta correta.

— Bom garoto. Agora vá visitar sua irmã. Ela estava muito ansiosa por sua volta.

Considerando o quanto parecera indiferente a ele quando Magnus escutou sem querer a conversa dela com seu pai no dia do fatídico casamento, Magnus ficou surpreso quando Lucia o recebeu de volta no palácio auraniano com um abraço caloroso e dois beijos no rosto.

Ela estava tão bonita quanto costumava ser — ainda mais do que da última vez que a vira, já que a cor que tinha perdido durante o sono prolongado havia voltado ao seu rosto. Naquele dia, no entanto, havia uma grossa camada de apatia sobrepondo sua apreciação pela irmã adotiva, como nuvens de tempestade ocultando o verdadeiro brilho do sol. Essa apatia havia aumentado substancialmente durante o período em que ficaram separados. A conversa que havia acabado de ter com o pai não contribuíra em nada para melhorar seu humor.

— Senti tanto a sua falta — ela disse, sorrindo. — Já ouvi elogios maravilhosos ao seu discurso em Limeros. Queria ter estado lá para ouvi-lo.

Magnus olhou para ela com frieza.

— Que pena que não estava.

— Deve ter sido muito difícil passar tanto tempo com a princesa Cleiona — ela disse com compaixão. — Pelo que já ouvi a respeito da menina mimada, temo um eventual encontro com ela.

— Ela não é nada disso. Passar um tempo com a minha esposa foi uma honra e um prazer. Apesar de nossas inúmeras diferenças, ela me faz mais feliz do que eu jamais poderia imaginar.

Os olhos de Lucia se arregalaram como se ela não tivesse ouvido o sarcasmo por trás de suas palavras. No passado, ela sempre fora a única capaz de enxergar além de suas máscaras — ela o conhecia melhor do que qualquer pessoa. Mas talvez estivessem passando muito tempo separados ultimamente, e ela tinha perdido o dom de decifrá-lo.

— Se me der licença, minha irmã. — Ele engoliu a decepção. A essa altura, já era um sabor familiar. — Preciso partir novamente.

Espero que minha linda esposa não sinta muito a minha falta enquanto eu estiver longe.

*

Embora soubesse que o encontro com o vigilante exilado poderia lhe render mais pistas sobre como encontrar a Tétrade, tudo o que importava para Magnus naquele momento era vingança. Encontrar o rebelde que havia matado sua mãe ajudava a tornar seu foco mais afiado, como se fosse uma lâmina fatal.

Os rebeldes, no entanto, eram muito mais difíceis de se rastrear do que ele pensava. Antes, ele havia ridicularizado o fracasso de Aron em obter qualquer pista do paradeiro de Jonas Agallon. Agora, depois de uma semana inteira de buscas infrutíferas, ele também sentia o peso desconcertante do fracasso.

Perto do anoitecer, a comitiva do príncipe chegou a um acampamento de guardas no leste de Auranos, muito próximo da fronteira com as densas Terras Selvagens, seguindo rumores da mudança de curso dos rebeldes. Logo, Magnus sofria ao admitir, eles teriam que suspender a busca para ir até Paelsia visitar o campo de trabalhadores da estrada, então localizado à sombra das Montanhas Proibidas.

A grande tenda de Magnus estava preparada para o jantar e o descanso à noite. O sol já estava quase se pondo, mas ainda havia luz suficiente para enxergar. Uma fogueira crepitava ali perto. Os dias naquela região específica eram quentes e temperados, mas à noite o clima esfriava consideravelmente, pela proximidade da fronteira com Paelsia. O ar frio continha o odor da fumaça da fogueira e da carne de cervo que assava, e ouviam-se os zumbidos de insetos ocultos na densa floresta, a apenas trinta passos dali.

— Acho que formamos uma equipe excelente — Aron disse, tirando Magnus de seus pensamentos.

Lorde Aron Lagaris podia ter a designação oficial de vassalo do rei, mas era completamente inútil, Magnus refletiu com acidez. Ele não tinha ideia do motivo real da visita ao campo de trabalho da estrada, achava apenas que se tratava de uma inspeção geral. O frasco prateado de onde Aron bebia continuamente era irritante —

quase tanto quanto o próprio rapaz. Magnus não tinha respeito por ninguém que se valia de meios artificiais para sustentar sua coragem.

Ele tirou as luvas de couro pretas e aqueceu as mãos sobre o fogo, olhando para Aron de soslaio.

— Acha mesmo?

Aron deu outro gole no frasco.

— Sei que as coisas estiveram um pouco tensas entre nós, com essa questão da Cleo…

— Questão da Cleo?

O garoto assentiu.

— No final das contas, é melhor que uma princesa se case com um príncipe. Eu suponho.

— Ah. Suponho que sim. — Como aquilo era profundamente desagradável. Tolerar conversas sem importância de um idiota nunca fora de seu interesse, nem mesmo em um dia bom. E não estava sendo um dia bom.

— Só espero, para o seu bem, que ela tenha se esquecido da noite de paixão que compartilhamos.

Magnus lançou um olhar duro.

— Não é nada sábio da sua parte trazer esse assunto à tona agora.

Aron empalideceu imediatamente.

— Não tive a intenção de desrespeitá-lo.

Uma onda de raiva lutou para passar por cima da simples irritação.

— Claro que teve. Tudo o que sai da sua boca é desrespeitoso, Lagaris.

Aron passou a mão pelos cabelos e ficou andando de um lado para o outro; tomou outro gole rápido do frasco.

— É só que se casar com uma garota que não conseguiu se manter pura para o futuro marido…

— Feche essa boca antes que insulte a honra de minha esposa com mais uma palavra. — Magnus pegou a adaga e começou a passá-la distraidamente sob as unhas da mão. Aron acompanhou os

movimentos da lâmina com os olhos temerosos. — Ela pertence a mim agora, não a você. Nunca se esqueça disso.

Não que se importasse de verdade, ele lembrou a si mesmo com severidade. Não havia tocado em Cleo, exceto pelo beijo em Limeros. E aquilo havia sido feito sob pressão.

Mas Magnus precisava admitir que a garota era uma excelente atriz. Com os lábios pressionados aos dela, podia jurar que sentiu o gosto de mel quente e não de veneno frio como resposta. E também tinha de admitir, nem que fosse só para si mesmo, que essa doçura tão inesperada havia suscitado um beijo muito mais longo do que ele planejara originalmente.

A princesa era perigosa, embora pudesse parecer muito inocente para quem não conhecesse a verdade — como uma aranha em sua teia brilhante. Talvez fosse melhor Magnus olhar para Aron como uma mosca infeliz que um dia caiu na armadilha dela, sem culpa nenhuma.

Naquele momento, um grupo de guardas se aproximou com um prisioneiro, cujas mãos estavam presas atrás do corpo. O garoto não tinha mais de dezoito anos, com cabelos castanho-escuros e revoltos, a pele bronzeada de sol, os olhos cheios de raiva.

— Quem é esse? — Magnus perguntou, examinando o rapaz de olhar feroz.

O líder dos guardas empurrou o prisioneiro para a frente.

— Parte de um grupo de rebeldes que tentava roubar armas de nós.

— Um *grupo* de rebeldes? E ainda assim capturaram só um?

— Peço desculpas, vossa alteza. Mas, sim.

— Eram quantos? — Aron perguntou.

O guarda começara a suar.

—Três, meu senhor.

— E quantos vocês mataram?

Um músculo se contorceu no rosto do guarda.

— Os rebeldes são degenerados, lorde Aron. São como animais selvagens, e…

— Talvez você não tenha ouvido minha pergunta direito — Aron retrucou. — Desses três rebeldes, quantos mataram?

O guarda piscou.

— Receio que hoje nenhum, meu senhor.

Aron olhou para ele com desgosto.

— Afaste-se. Agora.

O guarda recuou.

Aron era um imbecil, fazendo ameaças e intimidações como se tivesse força ou disposição para cumpri-las.

— Pois não, vossa graça? — Aron perguntou calmamente, notando que recebia a atenção total do príncipe.

— Posso interrogar o prisioneiro, ou você gostaria de ter a honra? — Era uma pergunta sincera, embora tivesse uma ponta de ameaça.

Aron fez um gesto com a mão.

— Não, por favor. Vá em frente.

Que chocante. Era a resposta correta.

— Muito obrigado, lorde Aron.

Magnus sinalizou para os guardas trazerem o prisioneiro para perto da fogueira no acampamento. Lá, o rebelde permaneceu com as mãos amarradas, mas seus ombros se endireitaram quando ele olhou direto nos olhos de Magnus, sem hesitar.

— Bem-vindo. — Magnus começou com um sorriso que refletia a calma de seu pai, se não o famoso charme do rei. — Sou Magnus Lukas Damora, príncipe herdeiro do trono de Mítica.

— Eu sei quem você é — o garoto disse, com desgosto.

— Ótimo. Isso tornará as coisas muito mais simples. Com quem tenho o prazer de falar?

O garoto apertou os lábios, com os olhos petrificados.

Magnus fez um sinal para um guarda, que acertou o rebelde com um soco. Sangue escorreu do canto da boca dele, mas o olhar se tornou apenas mais provocador.

— Com quem tenho o prazer de falar? — Magnus repetiu. — Podemos fazer isso do jeito fácil ou do difícil. A escolha é sua. Responda às minhas perguntas, e talvez eu seja benevolente.

O garoto riu, cuspindo o sangue que enchera sua boca.

— Príncipe Magnus, benevolente? Acho difícil de acreditar.

O sorriso de Magnus diminuiu.

— Seu nome?

— Brion Radenos.

— Muito bem, Brion. — Magnus fitou o garoto. — Agora me diga: onde está o líder rebelde, Jonas Agallon?

Brion inclinou a cabeça.

— Jonas Agallon? Nunca ouvi falar.

O garoto estava testando sua paciência.

— Está mentindo. Diga onde ele está.

Brion riu.

— Por que eu faria isso?

Magnus olhava para ele com desgosto.

— Jonas Agallon entrou nas dependências do palácio e tirou a vida da rainha Althea. Temos provas disso. Ele pagará pelo crime com a própria vida.

Brion franziu a testa.

— Vi os cartazes oferecendo recompensa por sua captura, ouvi rumores. Mas você está errado. Não me importam as provas que você diz ter, ele não teve nada a ver com esse assassinato.

A raiva aumentava cada vez mais dentro de Magnus, fazendo-o tremer. Os guardas se entreolhavam com nervosismo.

— Por um instante, achei que você fosse inteligente. Mas não passa de um tolo com a boca maior do que o cérebro.

Aquela observação foi recebida com um olhar frio.

— Jonas não matou a rainha.

Mais raiva crescia dentro de Magnus. Ele estendeu o braço e agarrou a garganta do garoto.

— Vou perguntar mais uma vez. Uma resposta útil lhe renderá uma recompensa e a liberdade, em vez de dor. Onde está Jonas?

— Vá para o inferno. — O olhar do garoto queimava. — Você se acha tão forte, tão poderoso. Mas não é. Está enfraquecido por sua cegueira, assim como seu pai. Sua ganância será sua ruína. O povo de Auranos não será enganado para sempre. E eles irão se rebelar em grande número junto aos paelsianos para massacrar vocês dois. Talvez possamos convencer até os limerianos a formar um grande exército contra todos que querem nos oprimir.

Magnus o apertou ainda mais, fazendo o rosto do garoto ficar vermelho. Brion cuspiu e a saliva acertou o olho de Magnus. Ele soltou o rapaz e limpou o cuspe com nojo.

— Entendo. — Seu coração batia rápido e alto dentro do peito. — Você escolheu o caminho difícil. Tudo bem. Vou conseguir minhas respostas, seja agora ou mais tarde no calabouço do castelo, sob tortura. Talvez me dê a oportunidade de capturar Jonas se ele tentar salvar você.

— É melhor ele nem tentar.

— O tempo irá dizer. — Magnus se virou, se esforçando para manter a máscara e não demonstrar o quanto suas frustrações crescentes o enfraqueciam.

— Esse maldito rebelde não vai dizer nada. Nem aqui, nem em lugar nenhum — Aron resmungou. Ele estava a apenas alguns passos de distância, observando o interrogatório com os olhos semicerrados em seu rosto pálido. — Não temos tempo de levá-lo para o calabouço. Seguimos para a estrada amanhã e não podemos dispor de nenhum guarda.

— Isto é mais importante, lorde Aron.

— Eu discordo, vossa alteza. Rebeldes existem para servir de exemplo, não para serem paparicados e interrogados.

— Parecia que eu o estava paparicando? — Magnus rangeu os dentes e desviou os olhos.

— Não é assim que o rei Gaius lidaria com essa situação.

O garoto era tão irritante que Magnus mal conseguia formar palavras para responder.

— Ah, não? Então por favor me diga, lorde Aron. Como o rei lidaria com essa situação?

— Assim. — Aron havia desembainhado a espada e a segurava com as duas mãos.

O peito de Magnus ficou apertado com o susto.

— Aron, não… — Mas ele não deu atenção a Magnus. Sem qualquer palavra ou ameaça, e com os olhos brilhando de empolgação, Aron enfiou a espada no coração de Brion.

Os olhos de Brion se arregalaram, e ele ficou ofegante, emitindo um som repugnante de estertor. Sangue escorreu pelo seu lábio

inferior, ele caiu no chão e deu um último suspiro.

Magnus ficou olhando para o garoto morto, em choque.

— O rei executou pessoalmente um desordeiro no Templo de Cleiona durante a cerimônia de abertura da Estada Imperial. Deve se lembrar tão bem quanto eu. — Aron limpou a lâmina ensanguentada com um lenço que tirou do bolso. — Sei que ele não gostaria que este fosse tratado de outra maneira por seu vassalo. Direi a seu pai que você foi fundamental para a execução imediata desse rebelde. Prometo que receberá todos os créditos por isso.

Magnus agarrou Aron pela camisa e o jogou de costas na fogueira. O rapaz soltou um grito e lutou para se levantar, batendo nas brasas que começavam a queimar suas roupas.

Magnus estava furioso.

— Ele era minha chance de encontrar Jonas, seu bêbado imbecil!

Aron esbravejou, agora com o rosto corado:

— Ele não teria dito nada além do nome! Poupar a vida dele só faria você parecer fraco diante dos outros homens. Você deveria me agradecer!

Magnus se aproximou, para poder vociferar no ouvido de Aron.

— Reze para sua deusa para encontrarmos o líder rebelde em breve, ou minha decepção será descontada em você, e apenas em você. Está entendendo, seu merda?

Os olhos de Aron se reduziram a duas fendas quando Magnus o soltou — tanto o medo quanto o ódio tomavam conta dele.

— Entendi, vossa alteza.

28

JONAS

AURANOS

Brion estava caído no chão.

Jonas não conseguia respirar, não conseguia falar, enquanto observava entre as árvores, aturdido. Era só um sonho. Tinha que ser. Era um pesadelo, e ele acordaria a qualquer momento.

Então sua visão ficou vermelha de ódio, vermelha de raiva. Ele se preparou para atacar, para matar Aron com as próprias mãos, para destroçá-lo até ele se tornar uma pilha de carne sangrenta.

Mas antes que conseguisse ultrapassar a proteção das densas árvores, Lysandra o agarrou e o deteve. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela segurou o rosto de Jonas para forçá-lo a encará-la e desviar os olhos do melhor amigo morto.

— Jonas, não! É tarde demais — ela sussurrou duramente para ele. — Brion está morto! Se for até lá, vão matar você também!

Tudo havia acontecido numa questão de segundos. O menino que Jonas conhecia desde que ambos ainda mamavam no peito estava caído no chão a trinta passos de distância. Sangue escorria do

ferimento em seu peito e empapava a terra. Os olhos sem vida de Brion estavam virados para a floresta, como se procurassem Jonas.

Era como assistir a morte de Tomas novamente — alguém que amava muito havia sido arrancado dele inesperadamente por Aron Lagaris.

— Me solte! — Um grito bruto de sofrimento surgiu em sua garganta, e mais uma vez ele tentou se desvencilhar de Lysandra. Um forte tapa chamou sua atenção, e ele encarou o olhar furioso dela.

— Vão matar você se for até lá — ela grunhiu.

— A culpa é minha. *De novo.* A culpa é minha. Fui eu que decidi que deveríamos tentar roubar as armas dos guardas. Quando eles nos viram… — A voz de Jonas falhou, e ele jogou os braços sobre o rosto como se, ao bloquear a floresta, ele pudesse bloquear o que havia acontecido. — Brion estava me protegendo para que eu pudesse fugir.

— Ele estava protegendo nós dois. — Lágrimas escorreram pelo rosto dela. — Não é culpa sua. Precisávamos das armas. Nunca poderíamos imaginar…

— Preciso matar Aron Lagaris. Preciso me vingar. — Ele respirou fundo, trêmulo, mantendo a atenção no rosto molhado por lágrimas de Lysandra. Ela ainda não o havia soltado. Era uma âncora para ele… um peso. Se não estivesse ali, ele já estaria lá, lutando. Sangrando. Morrendo. Ele esperava ódio e fogo daquela garota. Em vez disso, Lysandra o abraçou bem forte enquanto compartilhavam o luto.

— Você vai se vingar — ela garantiu a ele. — Assim como eu. Mas não aqui. Não agora.

Jonas achou que ia vomitar. Ele ficava repassando em sua mente a imagem de Brion caindo no chão. Lysandra ainda estava falando. Ele se apegava às palavras dela como se fossem uma tábua de salvação.

— Sabíamos que o príncipe viria nessa direção. Foi ideia do próprio Brion rastrear o progresso deles, Jonas. Você não pode se culpar! Olhe para mim. — Ela segurou o rosto dele novamente, forçando-o a olhar em seus olhos cheios de lágrimas. — Graças a

Nerissa, sabemos aonde eles irão em seguida, e por quê. Agora é hora de agir, de uma vez por todas. É agora ou nunca. Você deve ter entendido. Não é?

Ele tentou pensar. Tentou ver além da raiva e do luto.

Um plano começou a se formar — nebuloso no começo, mas cada vez mais claro e forte.

É agora ou nunca, Lysandra tinha dito.

Ela estava certa.

A morte de Brion não seria em vão — Jonas não permitiria. Ela marcaria o momento em que Jonas finalmente conseguiu enxergar com a maior clareza de toda sua vida.

A Estrada de Sangue era a chave para a derrocada do rei.

E era hora de os rebeldes acabarem com isso.

Quando voltaram ao acampamento do bando, a noite já havia se fechado ao redor deles, e as Terras Selvagens estavam escuras e repletas de barulhos sinistros que pareciam vir de criaturas famintas esperando para devorar qualquer um que cruzasse seu caminho.

Jonas se sentia como uma dessas feras, como se pudesse matar qualquer coisa ou pessoa que aparecesse na sua frente.

— E agora, o que vamos fazer? — Tarus perguntou do meio das sombras, cercado pelos outros. Lysandra havia contado sobre a morte de Brion. A voz de Tarus tremia. — Eles estão nos matando um a um.

— Todo esse tempo — Jonas começou, reunindo o que lhe restava de força para falar alto o bastante para todos ouvirem —, estive procurando uma maneira de atacar o rei. De retomar o poder roubado de Paelsia no momento em que o chefe foi assassinado. Admito que às vezes temi que essa tarefa não pudesse ser realizada. Depois do desastre e da derrota no Templo de Cleiona, tive muitas dúvidas. Duvidei de mim mesmo, duvidei de tudo. Por um instante, permiti que o Rei Sanguinário me vencesse. Ele tem vantagem numérica. Tem guardas e soldados. Tem armas. E enganou tão bem os auranianos que a maioria se assemelha ao gado, esperando estupidamente a hora do abate. E agora, segundo

relatos que recebi, o rei se isolou na Cidade de Ouro, deixando os outros lutarem suas batalhas, intocável e a salvo de qualquer perigo.

— Mas que vantagem temos nisso? Como poderemos atingi-lo? — outro garoto perguntou.

— Estávamos procurando um ponto fraco — Jonas disse. — Algo que pudesse ferir o rei. Algo que pudéssemos usar contra ele de modo a atraí-lo para fora do castelo. Antes eu acreditava que pudesse ser a princesa Cleiona. O plano não saiu exatamente como eu esperava. Mas me provou uma coisa: precisamos de alguém que tenha mais importância para o rei.

— Quem? — Tarus perguntou, com os olhos arregalados.

— Amanhã, ao amanhecer, o príncipe Magnus, lorde Aron e um grande grupo de guardas irão partir para as Montanhas Proibidas. Temos informações de que estão indo inspecionar o campo de trabalho da estrada, local que desconhecíamos até muito recentemente.

— Quem lhe contou isso? — Phineas perguntou.

— Uma fonte confiável — Lysandra respondeu. Ela e Jonas trocaram um olhar tenso. Era uma informação que haviam recebido apenas alguns dias antes, e que os levara a espionar o acampamento do príncipe em primeiro lugar. A ex-costureira Nerissa havia assumido o papel de espiã rebelde com muito entusiasmo. Guardas do palácio posicionados perto do rei, depois de um dia duro de trabalho, gostavam de aliviar a alma nos braços de uma menina bonita e *muito* amigável. Lysandra não aprovava os métodos de Nerissa para obter informações, mas não podia negar seu sucesso; não quando finalmente lhes havia fornecido a chave para o que seria sua vitória definitiva.

— Então vamos sequestrar o príncipe Magnus — um rebelde supôs.

— Sim. — Os olhos de Jonas se estreitaram. — Mas ele não é nosso único alvo. Há mais alguém no campo de trabalho da estrada que, acreditamos, significa tanto para o ganancioso rei quanto aqueles de seu próprio sangue. Um homem chamado Xanthus, que segundo minha fonte é mantido em um grau tão alto de sigilo que fiquei intrigado. Ele é o engenheiro-chefe de toda a estrada, e me

garantiram que é essencial para a operação. Ele tem os projetos, ele toma as decisões. Nenhuma pedra é colocada sem sua aprovação. Quaisquer novas instruções ou mudanças partem diretamente dele, com um lacre oficial, aos outros campos de trabalho.

— Como um homem pode ter tanto poder? — Phineas perguntou.

— Eu não sei e, sinceramente, não me importa — Jonas respondeu. Suas palavras pareciam insensatas, mas o plano, não. — Só sei que, sem Xanthus, a construção da estrada para. E o rei investiu muito nessa estrada, tanto ouro quanto tempo. Ele a deseja. Significa muito para ele. Capturar Xanthus e o príncipe Magnus e torná-los reféns nos dará o que queremos: o próprio rei. Ele será atraído para fora de seu palácio dourado e cairá diretamente em nossas mãos.

— É simples — Lysandra assumiu a palavra. — Vamos seguir o príncipe Magnus e seu grupo até a estrada. Vamos esperar que parem para descansar, que tenham uma falsa sensação de segurança, e então atacaremos pouco antes do amanhecer. Vamos localizar Xanthus e o príncipe e levar os dois, matando qualquer um que se meter em nosso caminho. É agora ou nunca. É nossa chance de finalmente fazer a diferença e salvar nosso povo da tirania do rei.

— Mas precisamos da ajuda de todos — Jonas afirmou. — *Todos.*

— Ainda assim será um banho de sangue — disse outro rebelde que estava ao lado de Phineas, incerto. — Acha que vamos arriscar a vida por isso? Com base em informações da sua “fonte confiável”?

— Sim! — Lysandra virou-se para fixar o olhar exaltado no rebelde. — Nós *vamos* arriscar a vida, se é isso que precisa ser feito! Eu vi Brion morrer hoje, e ele foi corajoso e forte até o fim. Devemos isso a ele. Espero ter a metade da coragem que ele teve. Estou disposta a morrer se isso significa mostrar ao Rei Sanguinário que não sou nem nunca serei uma de suas escravas!

— Devemos ferir o rei Gaius onde ele certamente sangrará mais — Jonas disse com firmeza —, e então teremos nossa vitória. Vamos lá. Quem está comigo? Quem está com Lysandra?

Um por um, os rebeldes reunidos deram um passo à frente, levantando cada vez mais a voz com força e entusiasmo.

— Eu estou!

— Eu também!

— Sim! Chega de fraqueza, vamos mostrar ao Rei Sanguinário nossa força de uma vez por todas!

— *De uma vez por todas!*

29

LUCIA

AURANOS

A magia ardia sob a pele de Lucia, implorando para ser libertada. Parecia tão aprisionada quanto ela naquele estranho palácio de corredores iluminados e pisos dourados e cintilantes, diferente do escuro e frio castelo limeriano em tantos aspectos. Ela sentia falta de sua verdadeira casa, mais do que jamais achara que fosse possível.

A coelha não estava ajudando em nada.

— Você cresceu tão rápido, Hana. — Ela segurou a pequena bola de pelo macio no alto, para poder olhar o rosto do coelho. O coração do animal batia rápido quando ela o tocava, e o nariz se mexia. Era uma das poucas coisas que conseguiam fazê-la sorrir.

Finalmente, Lucia colocou Hana em seu pequeno cercado no canto de seu quarto e foi para o terraço, observar os campos e as colinas verdes que cercavam a Cidade de Ouro além de suas muralhas cintilantes.

Era tão dolorosamente bonito. Para acentuar a beleza, uma borboleta rosa e roxa voava na brisa quente.

— Argh. — Lucia se virou. Ela não se importava com borboletas. Importava-se com falcões e tinha olhado várias vezes para o céu em busca de um, apenas um! Mas não havia nada.

Cinco longas semanas haviam se passado desde a última vez que vira Ioannes, quando ele prometeu que a visitaria novamente — e quando eles se beijaram com paixão, e ela foi arrancada dos braços dele ao acordar. Se ele era real, por que não tinha ido até ela novamente? Não era só um sonho. *Não era.* Ela sabia que Ioannes estava em algum lugar lá fora.

Lucia agarrou a grade, que ficou quente com seu toque e logo começou a virar pó devido a uma onda de magia da terra. Ela a soltou imediatamente e limpou as mãos, olhando nervosamente em volta para verificar se alguém tinha visto aquilo. Mas é claro que não havia ninguém ali. Depois de descobrir como Lucia havia aterrorizado a tutora dos *elementia*, seu pai sugeriu que ela permanecesse sozinha em seus aposentos até que encontrasse outra pessoa para ajudar.

Então foi isso que Lucia fez. Mas depois de tantos dias presa em um espaço tão pequeno, precisava se libertar.

Ela estava curiosa para saber se o rei tinha mandado executar Domitia, já que ela não havia correspondido às suas expectativas. Lucia se enchia de tristeza ao perceber que não se importava com o destino da mulher — fosse a vida ou a morte.

Antes, teria se importado.

A borboleta pousou na beirada de um vaso, e ela a fitou, lutando contra o ímpeto repentino de esmagar sua beleza na palma da mão.

— O que está acontecendo comigo? — ela sussurrou.

Ela estava encerrada naquele quarto havia muito tempo. Precisava de respostas mais do que tudo. No passado, livros sempre haviam lhe fornecido conhecimento. Por que agora seria diferente? Ficara sabendo que a biblioteca do palácio auraniano era insuperável. Talvez lá, diferente da biblioteca de Limeros, que só tinha livros mais didáticos, pudesse encontrar respostas sobre os *elementia*. Sobre a feiticeira e os vigilantes.

Tomada a decisão, Lucia deixou seus aposentos e circulou pelos corredores, sem olhar para os lados, exceto para pedir informações a um guarda sobre onde ficava o local. A biblioteca situava-se do outro lado do palácio, e os corredores estavam praticamente desertos, com exceção de um ou outro guarda imóvel como uma estátua. Magnus sempre se orgulhara de sua habilidade de se deslocar pelo castelo sem ser visto — como uma sombra. Era um verdadeiro talento que ela havia começado a apreciar recentemente.

Ela então se deu conta de que sentia falta de Magnus. Sentia falta dos dias em que conversavam a tarde toda sobre bardos, livros ou sobre nada, como riam de algumas piadas internas bobas, como o fato de lady Sophia sempre esconder pães doces nos bolsos do vestido durante os jantares do palácio e achar que ninguém percebia. Ela sentia falta da maneira como podia arrancar um sorriso dele, mesmo nos piores dias.

Aquilo lhe havia sido roubado para sempre?

É minha culpa. Devia ter sido mais gentil com ele em meus pensamentos e minhas palavras.

Agora ele estava bravo com ela, e magoado pela rejeição contínua de seu amor. Com sorte, quando Magnus finalmente voltasse da caçada, ela poderia pedir seu perdão e fazê-lo enxergar que eles nunca poderiam ficar juntos, que sua relação fraternal era mais importante do que qualquer outra. Ela precisava dele, e ele precisava dela. Não havia dúvidas de que Lucia precisava consertar o que havia dado tão errado entre os dois.

Por enquanto, tentava não pensar nessas coisas e se concentrar novamente em seu objetivo. Ela queria pegar todos os livros que pudessem ajudá-la a descobrir mais sobre quem era e o que podia esperar de sua magia. Pegá-los e devorá-los, alimentando-se da sabedoria como se fosse um banquete.

Quando chegou ao seu destino, diminuiu o passo ao ver a enorme sala depois da passagem arqueada. Seu coração parou por um segundo ao ver os livros arrumados em prateleiras da altura de pequenas montanhas. Devia haver dezenas de milhares de livros ali, de todas as formas e tamanhos. Todos os assuntos. Todos oferecendo um conhecimento além de tudo que ela jamais havia

sonhado. A luz entrava naquele refúgio por inúmeros vitrais coloridos, dando um aspecto de caleidoscópio, como se a própria biblioteca fosse mágica.

— Ora, princesa Lucia, você saiu de seus aposentos. Finalmente podemos nos conhecer.

A voz quebrou o encanto sob o qual ela estava, e seu olhar se deslocou até a menina parada diante dela, com dois livros debaixo do braço. Lucia a reconheceu imediatamente. Os belos traços, os olhos verde-azulados, os cabelos claros e dourados, que caíam em ondas até a cintura. Ela era vários centímetros mais baixa do que Lucia, mas apesar da baixa estatura tinha um porte altivo, ombros para trás, queixo erguido. Um sorriso curioso tomava conta de seus lábios rosados.

Era a distração que o rei queria para Magnus esquecer sua indesejada atenção por Lucia. A princesa Cleiona era mesmo linda como falavam. E Lucia descobriu imediatamente que a odiava.

No entanto, colocou um sorriso nos lábios, imitando a outra princesa.

— Princesa Cleiona, é uma grande honra.

— Por favor, pode me chamar de Cleo. Afinal, agora somos irmãs, não somos?

Lucia tentou não se contorcer diante da lembrança.

— Então também pode me chamar de Lucia. — Ela balançou a cabeça, ainda impressionada com o local. — Não tenho palavras para descrever o quanto esta biblioteca é incrível. Você teve tanta sorte de tê-la à disposição a vida toda.

Os olhos de Cleo não demonstravam tanto maravilhamento quanto os de Lucia.

— Devo confessar que nunca frequentei este lugar tanto quanto minha irmã. Ela adorava. Sempre estava lendo um livro. Eu não ficaria surpresa se já tivesse lido metade de todo o acervo aqui quando… — Suas palavras falharam, e seu rosto se contraiu quando ela voltou o olhar doloroso para Lucia.

A aversão de Lucia de alguma forma desapareceu e se transformou em empatia por aquela menina que havia perdido tanta coisa. Sua irmã, seu pai, seu reino. Tudo tomado por uma força

inimiga, da qual a própria Lucia fazia parte. E, agora, aquela biblioteca pertencia mais a ela do que a Cleo.

— Sua irmã se parecia muito comigo, então — Lucia disse gentilmente. — Eu adoro ler.

— Então vai gostar muito daqui.

— Fico feliz por ter tido a chance de falar com você. — A outra princesa, apesar do novo status como esposa de Magnus, era vigiada atentamente e mantida em uma ala diferente do castelo. Sua prisão podia ser dourada, mas nem por isso era menos segura. Ainda assim, lá estava ela, perambulando desacompanhada, sem nenhum guarda à vista. Será que aquela inimiga de seu pai conseguira cair nas graças do rei depois do sucesso da excursão de casamento?

— E eu fico feliz em ver que você está se sentindo melhor. Todos estavam muito preocupados com você, sem entender por que continuava dormindo por tanto tempo. — Cleo olhava Lucia com curiosidade, como se esperasse que ela fornecesse um motivo por livre e espontânea vontade.

— Foi uma coisa muito estranha. — Lucia meneou a cabeça, voltando a levantar a guarda. — E receio que continuará sendo um mistério para sempre.

— Existem rumores de que você pode ter sido amaldiçoada por uma bruxa. Que estava sob efeito de magia.

Lucia franziu a testa de propósito, como se aquilo lhe parecesse ridículo.

— Magia? Você acredita nessas coisas?

O sorriso de Cleo diminuiu.

— É claro que não. Mas os criados gostam de falar, você sabe. Principalmente quando diz respeito à realeza. Eles gostam de inventar todo tipo de história.

— Com certeza. Mas, não, eu não estava sob efeito de magia, posso garantir. — A mentira pareceu tão natural que não foi preciso esforço algum.

— Fico muito feliz em saber isso. — Cleo ajeitou os livros nos braços.

— O que você está lendo? — Lucia perguntou, inclinando a cabeça para poder ler os títulos dourados gravados nas lombadas de couro. — *A história dos Elementia*. Minha nossa. Parece uma escolha estranha para alguém que não acredita em magia.

— Sim, não é mesmo? — As articulações dos dedos de Cleo ficaram sem cor onde segurava a borda do grande livro. — Era um dos preferidos de minha irmã. Ler essas coisas me faz sentir que seu espírito está por perto, me orientando.

Aquela conversa estava dando mais trabalho do que Lucia esperava. Houve um tempo, antes da batalha que havia colocado Auranos nas mãos de seu pai, em que Lucia imaginava como seria o encontro delas, esperando que pudessem se tornar boas amigas. Agora ela começava a duvidar dessa possibilidade. Ela se esforçou para ler o título do segundo livro, bem menor, que estava coberto de poeira, como se Cleo o tivesse desenterrado de uma pilha esquecida havia muito tempo, e seu coração começou a bater acelerado. — *Canção da feiticeira*. Do que se trata?

Cleo baixou os olhos para o livro.

— É um poema sobre uma poderosa feiticeira que vivia na época das deusas. Seu nome era… bem, igual ao seu nome do meio, Eva. Que coincidência, não?

A garganta de Lucia ficou apertada.

— Sim, muita.

Era *daquele* livro que precisava.

— Acho melhor deixá-la em paz para procurar seus próprios livros. Eu diria que tem permissão para pegar o que quiser, mas acho que você já sabe, não é?

Havia uma gota ácida naquelas palavras. Lucia gostou disso; gostou de saber que a garota não era tudo o que aparentava — uma princesa educada e perfeitamente equilibrada. Ela usava máscaras, iguais às de Lucia e Magnus. Seria possível pertencer à realeza e não ter algo assim à disposição? Pensando nisso, Lucia sentiu seu coração suavizar novamente em relação à garota.

— Sei que isso tudo é difícil para você — Lucia disse, tocando o braço de Cleo ao passar por ela. — Eu entendo.

— Entende? — Cleo sorriu, mas seus olhos estavam frios. — Que gentil de sua parte sentir solidariedade pela minha situação.

— Se precisar conversar, por favor, saiba que estou à disposição.

— Eu digo o mesmo.

Algo chamou a atenção de Lucia, e então ela olhou para a mão de Cleo.

— Seu anel. — Ela franziu a testa. — Ele está… brilhando?

Cleo deu um passo para trás, empalidecendo. Ela olhou para o anel, uma delicada filigrana dourada com uma grande pedra roxa que usava no indicador da mão direita. Ela ajeitou os livros para esconder a mão. — Um efeito da luz, com certeza. Nada além disso.

Que estranho.

— Bem, nesse caso, espero encontrá-la muitas outras vezes daqui em diante.

— Sim. Eu digo o mesmo. Já que agora somos *irmãs*.

Também era fruto de sua imaginação que aquela palavra tenha soado afiada como uma adaga?

— Sabe quando Magnus vai voltar? — Lucia perguntou.

— Ele não contou a você?

— Não.

— Eu tinha a impressão de que seu irmão compartilhava tudo com você.

Lucia apertou os lábios, preferindo não responder. Houve um tempo em que aquilo seria verdade. Ultimamente, no entanto…

A ideia de que havia perdido a confiança do irmão de repente lhe fez sentir uma dor no fundo do coração.

— Respondendo sua pergunta — Cleo disse —, eu não sei quando ele volta. Só espero que não demore.

— Você sente falta dele?

Cleo continuou sorrindo.

— Por que não sentiria?

Lucia fitou a garota por um instante antes de falar novamente.

— Quem diria que duas pessoas tão diferentes encontrariam o amor em meio a ambiente conflituoso.

O olhar de Cleo se movia continuamente, por Lucia, pelo entorno. Ela estava em alerta, aquela princesa. E Lucia sentiu que havia

muito mais por trás daqueles olhos aparentemente inocentes do que qualquer um poderia acreditar.

— Pois é, quem diria? Você tem muita sorte por ter crescido com um irmão mais velho como Magnus.

— Sim. Assim como você tem sorte de poder passar o resto da vida ao lado dele.

— De fato.

Lucia a observou com cuidado, procurando qualquer sinal de falsidade. Seria verdade? Cleo estaria realmente feliz e apaixonada por Magnus, e ele por ela?

Impossível.

— Ele pode ser difícil — Lucia alertou. — Mal-humorado. Temperamental. Briguento.

— E quem não é, de vez em quando?

— Mas também é muito generoso. — Lucia arqueou as sobrancelhas. — Afinal, ele perdoou sua infeliz e vergonhosa perda da castidade para o lorde Aron Lagaris, não é?

Cleo piscou, surpresa, o único sinal de que as palavras de Lucia a haviam atingido como um tapa inesperado. Lucia ficou um pouco feliz com isso, mas sabia que era insignificante.

Durante a ausência de Magnus por causa da excursão de casamento, o rei havia colocado Lucia por dentro de muitos fatos interessantes. Tudo o que havia perdido enquanto dormia.

O sorriso da princesa se desfez.

— Como você mesma disse, tenho muita sorte.

— Sinto muito por dizer isso tão diretamente, mas, como você sabe, os criados comentam. — Não havia motivos para Cleo saber que o rei havia contado alguma coisa. Era sempre mais fácil colocar a culpa de tudo nos criados.

— Sim. — Cleo lentamente colocou um novo sorriso no rosto. — Também ouvi algumas coisas. Sobre você.

— Ah, é? Como o quê?

— Certamente não passa de uma mentira. Diferente de algumas pessoas, prefiro fazer meus próprios julgamentos e não acreditar tão facilmente em fofocas de criados.

Lucia ficou furiosa com aquele insulto ardiloso.

— O que você andou ouvindo?

Cleo se aproximou, como se estivesse pronta para falar em confidência.

— Ouvi dizer que você e Magnus tinham um relacionamento repugnante antes de virem para Auranos. Que você está apaixonada pelo seu próprio irmão.

Lucia ficou boquiaberta.

— Isso não é verdade!

— É claro que não. Como eu disse, faço meus próprios julgamentos. Mas, apesar das inclinações inapropriadas e anormais que tal atração de sua parte indicaria, eu entenderia. Magnus é muito bonito. Você não acha? — Um sorriso zombeteiro fez os cantos da boca da garota se curvarem, como se soubesse que estava irritando Lucia e forçando os limites de sua paciência.

E estava. A magia de Lucia rugia e se agitava em sua jaula. Ela não estava apaixonada por Magnus e desprezava tal acusação. Como Cleo se sentiria ao saber que, na verdade, era Magnus que sentia um amor anormal e repugnante *por ela*?

Mas será que isso havia mudado? Aquela menina havia seduzido Magnus e o tirado de Lucia para sempre? Ele estava pronto para ser dela — agora e sempre. Ela não o queria no âmbito romântico, mas também não queria perdê-lo para aquela princesa insignificante.

Irracional. Estou sendo irracional.

No momento, não importava. A magia de fogo estava chegando à superfície, e sua mente a acessava mesmo sem permissão. As tochas apagadas nas paredes da biblioteca pegaram fogo e começaram a queimar com ardor. Uma rachadura começou a se formar em um grande vitral, até que ele se estilhaçou, fazendo cacos de vidro se espalharem sobre o chão liso.

Cleo virou a cabeça rapidamente na direção da janela quebrada e das tochas, arregalando os olhos de choque.

— O que está acontecendo? É outro terremoto? — Ela olhou para Lucia, que agora estava com os punhos cerrados, tentando com toda sua força se acalmar antes que algo realmente terrível acontecesse.

Antes que ela ateasse fogo à esposa de seu irmão e escutasse seus gritos agonizantes.

Uma clareza repentina atingiu Lucia com a força de um soco no estômago, e ela respirou fundo. Não estava certo. Aquela não era ela. Algo a estava fazendo agir de maneira irracional e violenta. Eram seus *elementia*. Eles a haviam tomado pelo pescoço, como um mestre e seu animal de estimação preferido, controlando-a, comandando-a.

As chamas voltaram a uma altura normal, ainda acesas mas agora brilhando de maneira inofensiva conforme acrescentavam mais luz à sala já iluminada.

— Não é nada — Lucia ecoou as palavras anteriores de Cleo enquanto passava pela princesa assustada para adentrar a biblioteca. Ela tinha uma pesquisa a fazer. Não deixaria aquela menina idiota continuar a distraí-la. O vidro quebrado estalava sob as solas de couro de seus sapatos.

— Um efeito da luz, com certeza. Nada além disso.

30

Nic

AURANOS

Não havia tempo a perder. Ele tinha que falar com Cleo *imediatamente*. Nic vasculhou o castelo até finalmente encontrá-la do lado de fora, no pátio ensolarado, sentada em um banco, cercada de árvores carregadas de frutas e flores perfumadas. Estava tão compenetrada na leitura que não o ouviu se aproximar. Ele olhou por cima do ombro dela e viu que estava imersa em um livro tão antigo que as folhas eram amarelas e quebradiças. Ela passava o dedo sobre a ilustração de um anel com uma grande pedra e o aro parecido com hera retorcida.

— Parece o seu anel — ele disse, surpreso.

Cleo fechou o livro rapidamente e se virou para ele, os olhos arregalados. Depois soltou um suspiro trêmulo.

— Ah, Nic. É você.

Poucas vezes ele a vira tão nervosa. Nic deu uma olhada nos outros quatro guardas que vigiavam a área. Todos estavam

encostados nos muros de pedra, imóveis como estátuas, longe o bastante para que os dois não corressem o risco de serem ouvidos.

Os dedos de Cleo apertavam o livro que ela agora segurava junto ao peito. Nic inclinou a cabeça para ler o título: *Canção da feiticeira.*

Ele não podia se deixar distrair. Tinha algo a dizer e precisava falar antes que fossem interrompidos. A privacidade de um membro da guarda do palácio — mesmo um membro relutante como ele — era fugaz.

— Precisamos fugir deste lugar — Nic sussurrou. — Precisamos ir enquanto podemos, enquanto existe uma chance de partir sem sermos notados. Precisamos partir hoje à noite.

— Não, Nic. — Cleo olhou em seus olhos. — Este é o meu palácio, o meu trono. Não posso partir. Ainda não.

— Tenho pensado nisso todos os dias e cheguei ao meu limite, Cleo. Quando o príncipe voltar… Eu não posso protegê-la de Magnus todas as horas do dia e da noite. E não vou deixar que mate você como fez com Mira.

— Nic. — A dor surgiu nos olhos dela diante da menção de sua amiga perdida. — Sofro pela morte de Mira tanto quando você, mas foi o rei que matou sua irmã. — Ela colocou o livro de lado e segurou as mãos dele. — Magnus poupou a sua vida, e me protegeu em Limeros durante a tentativa de assassinato.

Ele ficou olhando para ela, sem acreditar.

— Está realmente tentando defender o mesmo garoto que assassinou Theon? E que ficou ao lado do pai enquanto conquistavam este reino? Você não está… você não está se apaixonando por ele, está?

Cleo se encolheu como se tivesse levado um tapa.

— Não é nada disso. Eu desprezo Magnus, e isso nunca vai mudar.

Ele engoliu em seco, ignorando o instante de culpa por tê-la acusado de algo tão inconcebível.

— Não sei por que você não gostaria de deixar este lugar e nunca mais olhar para trás.

— Porque foi aqui que passei minha infância e dezesseis anos de felicidade. Aqui estão as lembranças de Emilia e de meu pai, assim

como de sua irmã. Este é o meu reino, o *nosso* reino.

— É diferente agora.

— Sim, você tem razão. É diferente. — Cleo olhou para o livro, pousando a mão sobre a capa. Fez uma longa pausa, depois respirou fundo. — Certo. Você viu o desenho que tem aqui. Viu o anel e como ele se parece com este que estou usando.

Ele franziu a testa. Onde ela estava querendo chegar?

— Vi.

Ela o olhou nos olhos.

— É porque é o mesmo. Meu pai me deu este anel quando estava morrendo. — A voz dela falhou. — Existem poucas informações concretas sobre ele, mas alguns acreditam que é a chave para localizar a Tétrade e canalizar seu poder. É o mesmo anel que a feiticeira Eva possuía, que permitia que tocasse nos cristais sem ser corrompida por seu poder. Preciso encontrar esses cristais, Nic. Preciso da magia deles. Com isso, vou derrotar o rei Gaius e retomar meu reino.

A cabeça dele estava girando.

— Suas palavras… isso é loucura.

— Não, é real. Eu sei que é.

Nic tentou processar tudo o que ela estava dizendo, mas uma coisa se sobressaiu, algo que ele não conseguiu deixar passar.

— Por que não me disse nada antes?

Ela hesitou.

— Eu não queria colocar você em perigo. E não sabia ao certo o que deveria fazer, em que deveria acreditar. Não completamente. Mas agora eu sei. Este livro confirma o que eu já sabia que era verdade. Meu anel pode me ajudar a destruir o rei Gaius.

Suas entranhas queimavam, mas, apesar das revelações, uma coisa não havia mudado desde que decidira falar com Cleo. Seu objetivo ainda era o mesmo.

— Se alguém souber que você tem esse anel… — Ele pegou a mão dela, sentindo a pedra roxa fria junto à pele. — Nós partiremos hoje à noite e descobriremos juntos.

O olhar dela ficou frio.

— Nic. Por favor, entenda que eu não posso ir embora.

Devia haver um motivo para ela resistir àquele plano, que resolveria tantos problemas. E ele só conseguia pensar em um. E era algo que o torturava.

— Quando você o beijou em Limeros, parecia tão real… parecia que você *queria* beijá-lo.

Cleo soltou um resmungo de frustração e soltou as mãos dele.

— Eu já disse que tudo o que viu entre nós não passou de encenação.

Ele havia acreditado na época. Mas a imagem de Magnus puxando a princesa para perto e a beijando diante da multidão que vibrava havia funcionado como um veneno de ação demorada injetado sob sua pele. Ele precisava botar para fora. Precisava falar o que estava em seu coração, caso contrário sabia que seria tarde demais.

Nic pegou as mãos dela novamente e se ajoelhou.

— Eu amo você, Cleo. Mais do que tudo no mundo. Eu imploro que você fuja comigo, fuja disso tudo.

Os outros guardas finalmente haviam notado os dois e se aproximavam.

— Está tudo bem, vossa alteza? — um deles perguntou.

— Sim, é claro. Meu amigo só está sendo tolo. — Ela sorriu com doçura na direção deles antes de olhar com severidade para Nic. — Você vai acabar no calabouço se continuar se comportando assim.

A dor surgiu em seu peito como se tivesse sido acertado por uma lâmina afiada. Nic ficou em silêncio por um instante, dilacerado pela decepção. Ele se levantou de novo, o coração pesado no peito.

— Preciso ir. Preciso pensar.

— Nic!

Ele deixou o pátio sem olhar para trás.

*

— Mais um — Nic fez um sinal para o atendente. Havia perdido a conta de quantas doses já tinha tomado. E pretendia tomar muito mais, para depois desmaiar no duro catre no alojamento dos criados.

— Ela não me ama — ele falou arrastado, virando o copo de líquido ardente. — Que seja. Que nossa morte inevitável seja rápida e indolor aqui no meio do covil de nosso inimigo.

A taverna se chamava A Fera, porque parecia uma enorme criatura preta saindo da terra suja. E também porque tinha fama de causar uma dor de cabeça feroz em seus frequentadores no dia seguinte. No momento, Nic realmente não se importava.

— Parece que você teve um dia ruim. — Havia um leve sotaque exótico naquela voz. — Beber ajuda?

Através da névoa provocada pelo álcool, Nic se surpreendeu ao ver o príncipe Ashur, de Kraeshia, sentando-se ao seu lado. Ele sabia que o príncipe decidira permanecer em Auranos depois do casamento, residindo temporariamente na ala oeste do castelo. Todos os guardas do palácio haviam recebido ordens de ficar de olho naquele belo solteiro — ordens que vieram do próprio rei. Alguns guardas diziam que o rei via o príncipe como uma ameaça ao seu poder. Afinal, o pai de Ashur havia conquistado metade do que conheciam como mundo com a mesma facilidade com que se tira doce de uma criança.

Por um instante, Nic não conseguiu dizer nada.

— É um vinho feito de arroz fermentado, importado de Terrea — ele finalmente respondeu. — E, não, não ajuda. Pelo menos ainda não ajudou. Mas me dê mais um tempo.

— Atendente — o príncipe Ashur chamou. — Outro vinho de arroz fermentado para o meu amigo Nic, e um para mim.

Nic o observou com curiosidade quando o atendente serviu dois copos logo em seguida.

— Você sabe o meu nome.

— Sim, eu sei.

— Como?

— Fiz perguntas sobre você. — O príncipe virou a dose de bebida, fazendo uma careta e unindo as sobrancelhas. — Mas isso é *muito* ruim.

— O que perguntou sobre mim? Posso… hum, *perguntar*?

Um cacho cor de ébano se soltou do cabelo preso e caiu sobre a testa do príncipe. Ele o arrumou.

— Sei que é muito amigo da princesa. Vi vocês dois conversando hoje mais cedo no pátio, e não me pareceu uma conversa entre uma princesa e um guarda. Apesar do seu uniforme, acredito que tenha influência e conhecimento no palácio.

— Pois você está errado. — Nic olhou para ele de canto de olho. Talvez o rei tivesse razão em se preocupar. Nic se perguntou, um pouco preocupado, o que o príncipe poderia ter escutado de sua conversa com Cleo. — Onde estão seus guardas pessoais?

Ashur deu de ombros.

— Por aí, eu imagino. Não gosto de muita gente em volta de mim.

— Saiba que a Cidade de Ouro tem seus perigos.

O príncipe olhou para ele achando graça.

— Anotado.

O olhar de Nic pousou sobre as adagas que o príncipe levava de cada lado do cinto de couro. Talvez Ashur pudesse se proteger muito bem sem grandes preocupações.

Cinco… seis… dez doses, e Nic percebeu que restavam poucos filtros na língua que o impediam de falar desrespeitosamente.

— O que quer de mim, vossa graça?

A expressão de divertimento permaneceu no belo rosto do príncipe.

— Conversar.

— Sobre o quê?

Ashur girou a próxima dose no copo.

— Sobre o anel de ametista da princesa Cleo.

Nic ficou imóvel. Até aquele dia, ele nunca havia pensado no anel de Cleo.

— A princesa tem muitas joias. Eu não fico reparando.

— Acho que sabe do que estou falando. Afinal, você é o confidente mais próximo dela. — Ele levantou uma sobrancelha. — Embora talvez não tão próximo quanto gostaria.

O príncipe olhava para Nic como se soubesse mais do que devia. Era perturbador. Novamente, ele se perguntava quanto da conversa com Cleo aquele homem poderia ter ouvido sem ser visto por nenhum deles. Ou ele estaria apenas especulando?

Nic se mexeu com desconforto sobre o assento.

— A princesa não é um assunto que eu gostaria de discutir.

Ashur sorriu gentilmente.

— O amor não correspondido é algo doloroso, não é?

Algo se contorceu no peito de Nic. Ele não estava gostando de como o príncipe parecia conhecê-lo tão bem, parecia enxergar tão fundo dentro de sua alma.

— Demais.

— Diga-me o que sabe sobre a Tétrade. — Ashur apoiou o queixo na mão como se analisasse Nic. — Eu acredito que seja real. E você?

— Não passa de uma lenda boba — ele sussurrou, e seu coração começou a disparar.

Por que o príncipe estava perguntando aquelas coisas?

— Meu pai conquistou muitas terras repletas de riquezas. Ele não acredita que Mítica seja grande o suficiente para conter algo interessante. Mas está errado. Eu acredito que Mítica é a região mais importante que já existiu. Acredito que Mítica seja o portal para toda a magia que está adormecida pelo mundo, incluindo Kraeshia. Portanto, estou aqui para descobrir se essas “lendas bobas” são reais. E uma delas fala sobre um anel um tanto quanto especial.

Nic engoliu a última dose de bebida em um gole rápido.

— Sinto muito, vossa graça, mas se está aqui em Auranos em busca de lendas e magia, ficará extremamente decepcionado. Cleo usa um anel que seu pai lhe deu antes de morrer. Não tem nenhum significado além desse.

— O rei Gaius deve saber sobre a Tétrade — o príncipe Ashur continuou falando, sem perder o ânimo. — E imagino que a queira muito. Sem uma magia poderosa para manter este reino sob seu controle, o rei poderia ser facilmente destruído. Acha que ele sabe disso? Mas o que a Estrada Imperial tem a ver com o resto? Acho que ele tem motivos velados para construí-la, motivos diretamente relacionados à busca pela Tétrade. Muitos homens de seu exército patrulham a estrada, espalhando-se pelos três reinos de Mítica, deixando os castelos tanto de Limeros quanto de Auranos vulneráveis a ataques externos. Me parece a atitude de um rei obcecado com um objetivo muito específico. O que você acha?

Apesar da bebida, a boca de Nic estava seca.

— Não tenho ideia de como responder a tais afirmações.

— Tem certeza? Acho que você tem muito mais a dizer do que se dá conta. — Ashur se aproximou mais, o olhar preso em Nic. Os olhos do príncipe, que se destacavam contra a pele escura, eram de um azul-claro acinzentado, como a superfície do próprio Mar Prateado.

O coração de Nic batia tão alto e rápido que ele não conseguia mais escutar o burburinho da taverna.

— Desejo-lhe uma noite muito agradável. Boa noite, príncipe Ashur.

Ele deixou o local e começou a caminhar pelo labirinto de prédios e ruas de paralelepípedos até encontrar o caminho de volta para o palácio. No entanto, logo se viu desesperadamente perdido. Dez… onze… quinze doses de bebida. Quantas ele havia tomado?

— Ah, Nic — ele murmurou. — Isso não é bom. Isso não é nada bom.

Principalmente quando percebeu que alguém o seguia.

Ele continuou caminhando rápido enquanto dedos longos e sombrios pareciam alcançá-lo. Ele manteve uma mão na cintura, preparado para desembainhar a espada caso se tratasse de algum agressor. A cidade tinha sua cota de ladrões e gatunos prontos para matar se corressem o risco de ser pegos. O rei Gaius era famoso por maltratar os prisioneiros, e ninguém queria ir parar no calabouço já lotado.

Nic virou na próxima esquina e teve de parar ao descobrir que era uma viela sem saída.

— Perdido? — a voz do príncipe Ashur surgiu bem atrás dele.

Tenso, ele se virou devagar.

— Talvez um pouco.

O príncipe o observou dos pés à cabeça.

— Talvez eu possa ajudar.

Ele continuava sem guardas pessoais. O príncipe caminhava sem proteção pelas ruas de uma cidade potencialmente letal.

Será que tinha percebido que Nic havia mentido? O que ele estaria disposto a fazer para descobrir a verdade sobre o anel de

Cleo? E até que ponto Nic poderia guardar esse segredo?

— Não vou revelar nada — Nic disse com a voz rouca. — Não me importa o que vai fazer comigo.

Ashur riu.

— Você parece um pouco paranoico. É efeito do vinho de Terrea? Eu sugeriria se ater aos clássicos paelsianos de agora em diante.

A leveza da resposta não tranquilizou Nic nem um pouco. Seu instinto de sobrevivência, embora prejudicado pela bebida, não parava de soar um alarme cada vez mais alto. As duas adagas que o príncipe carregava voltaram a chamar sua atenção.

— Você quer respostas que não posso lhe dar — Nic disse, incomodado pelo modo como suas palavras saíam arrastadas. — Respostas para perguntas que eu nem entendo.

Ashur se aproximou.

— Você está com medo de mim.

Nic cambaleou um pouco para trás.

— Por que você me seguiu pelas ruas? Não posso ajudá-lo. Me deixe em paz.

— Não posso fazer isso. Ainda não. Primeiro, realmente preciso saber de uma coisa muito importante.

O príncipe se aproximou ainda mais. Antes que Nic conseguisse pegar a espada para se proteger do ataque, Ashur segurou seu rosto entre as mãos e o beijou.

Nic ficou lá parado, paralisado.

Não era isso que ele esperava. Não *mesmo*.

O príncipe agarrou a camisa de Nic, puxando-o para mais perto e intensificando o beijo até que Nic finalmente se surpreendeu correspondendo. Assim que o fez, o príncipe se afastou.

Nic ficou olhando para ele, atordoado.

— Está vendo? — Ashur disse, sorrindo. — Prova de que existem mais coisas na vida além de beber até se entorpecer por causa de uma princesa que o considera apenas um amigo. E o mundo não se resume a este pequeno reino conturbado e seu governante ganancioso, mesmo que Mítica seja tão valiosa quanto acho que é.

— Vossa graça… — Nic começou a dizer.

— Vamos conversar novamente em breve, eu prometo. — Ashur disse, inclinando-se para lhe dar outro beijo rápido, que Nic não tentou impedir. — E você vai me ajudar a encontrar as respostas de que preciso. Sei que vai.

31

Magnus

PAELSIA

Aron Lagaris havia executado o rebelde sem hesitar. Se não fosse por esta prova concreta de sua impiedade, Magnus poderia ter pensado que ele não passava de um pavão inofensivo.

Mas Aron tinha um curioso gosto por sangue. Não era uma surpresa que o rei o tivesse nomeado seu vassalo. Enxergara no garoto o que Magnus não vira. Furioso, Magnus não pregou os olhos a noite toda, tentando compreender aquilo tudo. Ainda lhe doía a necessidade de abandonar temporariamente a perseguição a Jonas, mas ele lembrou que a reunião com Xanthus e as novas informações sobre a estrada poderiam lhe render respostas que o aproximariam da Tétrade.

A lua estava alta quando finalmente chegaram ao campo de trabalho da estrada, sujos e exaustos pela jornada de três dias através da paisagem paelsiana empoeirada. As Montanhas Proibidas dominavam o horizonte, compostas por formas irregulares e agourentas, pretas e cinza, com cumes íngremes cobertos de

neve, erguendo-se no meio da noite. Entre todos os acampamentos às margens da estrada tortuosa, aquele era o mais isolado de todos, longe de qualquer vila habitada.

O chão ali era seco, rachado, e o pouco de vegetação que restava era amarronzado e ressequido. O ar não era frio como em Limeros, onde a respiração congelava e virava névoa quando se falava, mas havia uma friagem seca que ainda assim penetrava até os ossos de Magnus.

Aquilo o fez sentir falta do clima temperado de Auranos. Tão ensolarado e dourado, cheio de luz e de vida.

Não, espere. O que estava pensando? *Não sentia falta daquilo. Não se importava com Auranos.* Ansiava pelo dia em que voltaria a Limeros e nunca olharia para trás. Preferia mil vezes os lagos congelados aos jardins floridos.

— Vossa alteza… — Aron disse, forçando a voz como se estivesse repetindo várias vezes para ser ouvido. — Vossa alteza!

Magnus agarrou as rédeas do cavalo com tanta força que elas cortaram o couro de suas luvas.

— O que foi?

— Paisagem pouco acolhedora, não é?

Nesse ponto, eles concordavam.

— Sim, com certeza não é nada acolhedora.

Conversa fiada. Não era seu passatempo favorito.

Se seguissem para o oeste, na direção do Mar Prateado, Paelsia acabaria se tornando mais verde. Era onde os nativos plantavam suas vinhas, aquelas que davam uvas tão perfeitas que eram procuradas por todos os reinos do mundo para a produção de vinho. Todos os reinos exceto Limeros, que proibira substâncias inebriantes por ordem do rei. Ele havia optado por não instaurar tais leis em Auranos ainda. Poderia incitar um levante na região.

Na cidade das tendas, foram cumprimentados por um homem careca, de sorriso largo e pegajoso.

— É uma grande honra. — O homem pegou a mão enluvada de Magnus e a beijou. — Uma verdadeira honra recebê-lo aqui, vossa alteza. — Ele assentiu. — E, lorde Aron, estava ansioso por sua visita.

— Você é Xanthus? — Magnus perguntou.

Os olhos do homem se arregalaram, e ele começou a rir.

— Ah, não. Sou apenas Franco Rossatas, engenheiro-assistente deste canteiro de obras.

— *Assistente?* Onde está Xanthus?

— Em sua tenda particular, onde passa a maior parte do tempo, vossa alteza. Como chegaram mais tarde do que esperávamos, ele acha melhor falar convosco na primeira luz do dia, pois já se retirou.

A impaciência se acendeu dentro de Magnus ao ouvir algo tão irrelevante.

— Disseram-me que ele me receberia assim que eu chegasse, e agora descubro que preferiu o sono à cortesia? Que recepção é essa? O filho do rei encontra o engenheiro-*assistente* após uma jornada longa e árdua até aqui?

Franco engoliu em seco.

— Garanto a vossa alteza que informarei Xanthus pessoalmente sobre vosso desagrado. Nesse meio-tempo, se quiser, vossa alteza, permita-me mostrar nossos avanços por aqui no lugar dele.

Por um momento, Magnus pensou em exigir que acordassem aquele dorminhoco estúpido, mas conteve a língua. Para dizer a verdade, também estava muito cansado. Talvez a reunião pudesse esperar até o dia seguinte.

Franco os acompanhou até a estrada, explicando os detalhes e gesticulando enquanto caminhavam. Imensas faixas de floresta, em grande parte sem vida, foram derrubadas para abrir espaço para a estrada. Árvores com troncos largos e quebradiços jaziam por todo o acampamento como gigantes caídos. À esquerda, a paisagem estava repleta de homens suados, de aparência exausta, que trabalhavam duro, mesmo na escuridão.

— Ali adiante, temos homens trabalhando sem parar nas pedras — ele falou —, que formarão uma camada da estrada, tornando-a plana e fácil de trafegar com veículos de rodas.

— Sinceramente, Franco — Aron disse com desprezo. — Essas explicações são desnecessárias. Acha mesmo que o príncipe Magnus é algum aldeão idiota que não entende de construção de estradas?

Franco empalideceu.

— Claro que não, meu senhor. Só quis explicar de uma maneira que… que…

— Que mesmo um aldeão idiota poderia entender. — Aron pegou uma cigarrilha, acendendo-a numa tocha próxima.

— Não quis desrespeitá-lo, claro. Peço vosso perdão.

Magnus ignorou os dois e olhou na direção da clareira. A área estava cheia de guardas a pé ou montados. Um grupo de escravos paelsianos com o rosto sujo e roupas esfarrapadas passou por onde estavam, carregando pedras pesadas. Aqueles que não fitavam seus superiores com medo lançavam olhares corajosos de ódio.

Era uma imagem muito diferente do grupo de trabalhadores de Auranos.

Magnus observou até eles desaparecerem por trás da tenda mais distante.

— Quando os escravos descansam?

— Descansam? — Franco repetiu. — Quando despencam.

Um garoto passou por eles arrastando uma pedra que tinha metade do seu tamanho, o rosto transfigurado pela dor e pelo sofrimento.

— Quantos já morreram?

— Muitos — Franco disse, irritado. — Os paelsianos deveriam ser um povo forte mas, para ser sincero, fiquei pouco impressionado com o que vi por aqui. São preguiçosos, egoístas e, muitas vezes, apenas o chicote consegue fazê-los se concentrar.

Apesar da eficácia inquestionável, Magnus nunca apreciou o chicote como forma de punição.

— Eu me pergunto como você se sairia com a mesma quantidade de trabalho. Seria forte o bastante para lidar com as pressões da tarefa sem a ameaça de açoitamento?

As sobrancelhas espessas de Franco se ergueram e o rosto enrubesceu.

— Vossa graça, se não fosse pela disciplina, a chance de concluirmos a estrada no prazo que Xanthus está exigindo seria minúscula, especialmente nesta parte que passa por dentro das montanhas.

— E houve algum progresso na busca?

— Busca? — O homem franziu a testa. — Que busca?

— Esqueça.

Parecia que o engenheiro-assistente não sabia do verdadeiro objetivo da estrada além de… servir como uma estrada. Era melhor que tais segredos perigosos permanecessem ocultos.

O olhar de Aron se desviou do rosto suado e gorducho de Franco enquanto voltavam para a tenda do engenheiro. Uma garota bonita também seguia na direção da tenda, os braços cheios de lenha. Tinha cabelos castanho-claros que lhe caíam pelas costas. Por baixo do vestido simples, sua silhueta era magra, porém curvilínea. Ela teve a ousadia de olhar diretamente para Magnus com curiosidade enquanto passava sem dizer uma palavra.

— E quem é essa bela criatura? — Aron perguntou.

Franco olhou para a garota.

— Aquela é minha filha, Eugeneia.

— Peça que venha até aqui. Quero que me apresente.

Franco hesitou, lançando um rápido olhar para Magnus.

O príncipe assentiu, e Franco chamou a garota. Ela soltou a carga pesada, bateu as mãos na frente do vestido para limpá-las, e se juntou a eles quando entraram na tenda de Franco, deixando para trás um pouco do barulho de fora.

— Pois não, meu pai?

— Eugeneia, gostaria que conhecesse nossos ilustres convidados. Estes são o príncipe Magnus Damora e o lorde Aron Lagaris.

A surpresa iluminou o rosto da garota e ela imediatamente fez uma grande mesura.

— Diga-me, Eugeneia — Aron disse, com os olhos animados ao avistar a beleza dela de perto —, como você se sente passando tanto tempo neste acampamento com seu pai?

Ela olhou rapidamente para Franco, e então de volta para Aron.

— Posso ser sincera, lorde Aron?

— Claro.

— Não ligo nem um pouco para tudo isso.

Franco emitiu um grunhido em desaprovação e estendeu o braço como se para puxar a garota para trás. Aron ergueu a mão para impedi-lo.

— Do que você não gosta? — ele quis saber.

Ela fitou o chão por um momento antes de erguer os olhos e encará-lo.

— Meu pai é um engenheiro brilhante por mérito próprio. Incomoda-me que não possa tomar decisões sem a aprovação de Xanthus, mesmo que as decisões dele melhorem as coisas. Não faz sentido ter um homem cruel e ignorante no comando de tudo, sem absolutamente ninguém para discordar dele!

Franco a arrastou para o lado, envolvendo seus ombros com o braço.

— Quieta, garota. Suas opiniões não são necessárias nem apreciadas. Quer insultar nossos convidados?

O rubor se espalhou pelo rosto dela.

— Por favor, me perdoem. Esqueci meus modos por um momento.

— Eu aprecio sua veemência — Aron disse. — É muito raro alguém expressar sua opinião de maneira tão livre. É revigorante, eu acho.

Ela abaixou a cabeça.

— Obrigada, milorde.

— Franco, tenho um pedido — Aron disse, com o olhar ainda fixo na garota.

— Sim?

— Gostaria que sua filha se juntasse a mim para uma ceia em minha tenda.

Magnus revirou os olhos e se afastou.

— Esta noite?

— Quando seria?

Franco pigarreou, parecendo perturbado com o pedido.

— Suponho que esteja tudo bem, então.

— Pai… — Eugeneia começou a falar, em tom desconfiado.

— Você irá com ele. — O queixo gordo de Franco se ergueu quando assentiu. — Lorde Aron foi muito gentil em prestar atenção

em você. O mínimo que pode fazer é cear com ele em agradecimento por essa honra.

A garota abaixou a cabeça.

— Sim, é claro.

A noite se estendeu longa e infinita diante de Magnus assim que se retirou para sua tenda particular. Pensamentos sobre magia, buscas malogradas, a mãe morta, o rebelde assassinado, o vigilante exilado desrespeitoso e a princesa ousada de cabelos dourados enchiam sua mente. Ele se revirou no colchão de palha. Depois de um tempo, decidiu que o ar fresco poderia ajudar a clarear a mente e se levantou.

Começou a caminhar pelo acampamento, passando pelas longas fileiras de tendas de todos os tamanhos. Perguntou-se qual delas pertenceria ao misterioso, “cruel e ignorante” Xanthus. Fogueiras sarapintavam a grande clareira, lançando faíscas para o céu que escurecia. Os guardas noturnos estavam em posição de patrulha, demarcando a área enquanto os outros dormiam. Os uniformes vermelhos eram fáceis de identificar nos arredores iluminados por tochas.

Algo lhe incomodava no pedido de Aron para jantar com Eugeneia. Ele não confiava no garoto, não com uma moça bonita como aquela. Ainda mais a sós.

— Não é da sua conta — ele disse a si mesmo.

Mas isso parecia fazer pouca diferença. Ele havia chegado ao destino que, agora percebia, visava desde que saíra para clarear as ideias.

A tenda de Aron era quase tão grande quanto a de Magnus. As duas eram do tamanho de uma cabana paelsiana, com uma área de estar, uma cama confortável, uma mesa para as refeições. Nada como estar no palácio auraniano, claro, mas Magnus estava acostumado àquele tipo de acomodação modesta.

Ele se aproximou da porta, vislumbrando o interior pela pequena fresta, e viu que Eugeneia já havia chegado e estava sentada à mesa. Pratos e bandejas vazias estavam em um canto. O jantar já

havia acabado. Os cabelos dela estavam presos na altura dos ombros num coque trançado, e ela havia trocado o vestido por um modelo mais elegante.

— Você deve estar se sentindo tão honrada neste momento — Aron dizia. — Por estar aqui comigo.

Aron se empoleirou na mesa ao lado dela. Ele comia um pêssego, fatiando-o com uma lâmina prateada adornada. O sumo pingou do queixo e ele o limpou com a manga da camisa.

Ela estava sentada numa cadeira a um braço de distância dele.

— Muito honrada — ela disse, depois de uma pausa.

— No momento em que o rei Gaius me viu, soube que eu estava destinado à grandeza. Não há precedentes da nomeação de um vassalo na minha idade… especialmente por um rei conquistador. — Ele olhou para ela, esperançoso, aguardando uma reação.

— O senhor deve ser muito especial, milorde.

— Quer mais alguma coisa para comer, minha querida?

— Não… não, milorde. Fico muito grata, mas realmente preciso voltar. Está tarde. — Ela olhou para a porta, e Magnus recuou até as sombras para não ser visto.

— Não quero que vá.

— Amanhã o dia começará bem cedo e…

Aron estava sobre ela num instante, erguendo-a da cadeira e pressionando a boca contra a dela.

Ela arfou contra os lábios dele enquanto se desvencilhava.

— Lorde Aron… eu mal o conheço!

— Você me conhece bem o suficiente. Vai passar a noite comigo.

Com o rosto em chamas, ela cruzou os braços diante do peito.

— Não acho que seja uma boa ideia. Meu pai…

— Seu pai daria permissão se eu pedisse. Acha que não? — Aron abriu um sorriso largo, revelando os dentes. — Ele sabe como sou valioso para o rei. Cumpro missões muito importantes para o rei Gaius, tarefas que não são para qualquer um. Resolvo os problemas dele na calada da noite.

— Problemas?

— Pessoas estúpidas e ignorantes que ficam no caminho de seus desejos. Já dei tantas provas de lealdade ao rei Gaius que ele me

concederia qualquer coisa que eu desejasse. — O olhar de Aron percorreu a extensão do corpo dela com apreço. — E neste exato momento eu desejo você.

— Preciso ir — Eugeneia virou-se para a porta.

Aron agarrou o braço dela.

— Gosto de garotas que se fazem de difíceis, mas minha paciência tem limite.

— Não sou o tipo de garota que fica com um homem que acabou de conhecer, mesmo que ele seja um lorde importante.

— Na verdade — o apertão no braço se intensificou —, você será exatamente o tipo de garota que eu quiser que seja.

— Não, lorde Aron. Eu sou…

Aron a soltou apenas para lhe dar um tapa forte no lado direito do rosto.

Magnus estava tenso, mas permaneceu em silêncio, observando. Aguardando o momento certo.

Eugeneia levou a palma da mão ao rosto, afastando-se de Aron e indo em direção à mesa. Seus olhos arregalados reluziam com lágrimas.

— Por favor, não me machuque.

Aron avançou sobre ela.

— Talvez eu não tenha sido totalmente claro. Escolhi você dentre todas as vagabundas paelsianas lá fora que viriam correndo se tivessem a oportunidade de esquentar minha cama hoje à noite. Não faça eu me arrepender da minha decisão.

Ele a agarrou com força e a puxou para o seu peito. As mãos dele deslizaram pelas laterais do corpo dela, enquanto começava a puxar suas saias.

Mas então ele cambaleou para trás, olhando para baixo e vendo a ponta de uma faca enfiada em sua coxa. Era a adaga que usara para cortar o pêssego — Eugeneia devia tê-la escondido. Magnus ficou impressionado. Não a vira pegá-la.

Aron a encarou com ódio, dor e fúria, enquanto arrancava a lâmina, deixando-a tilintar sobre a mesa. Ele agarrou a garota pela garganta e a pressionou contra a mesa.

O olhar de Magnus pousou um instante sobre a adaga antes de atravessar a distância em poucos passos e apertar o braço de Aron com força.

— Não é uma boa ideia — ele falou.

Aron o encarou de volta.

— A vadia ignorante me cortou.

— Sim, cortou. Solte-a. — A melhor maneira de lidar com aquele bêbado idiota era não ser abertamente severo ou violento. Em vez disso, ele abriu um sorriso para Aron. — Ela é insignificante.

Os olhos dele ardiam.

— Eu a desejo. E sempre consigo o que desejo.

— Posso arrumar muitas garotas para você, muito mais bonitas do que esta aqui. Uma, duas, três ao mesmo tempo. À sua escolha. Esta aqui provou não valer seu esforço. — Magnus encarou Eugeneia. — Não é mesmo?

Ela tremia de medo, mas havia algo de severo em seu olhar. Ódio pelos dois em igual medida.

— Sim, vossa alteza. Não sou boa o suficiente para lorde Aron.

— Então sugiro que vá embora.

Ela se levantou da mesa e correu da tenda. Aron observou-a fugir com um olhar sombrio.

— Quanto você bebeu esta noite? — Magnus perguntou.

Pelo olhar desfocado de Aron e o fedor de seu hálito, o garoto estava mais bêbado do que Magnus jamais tinha visto.

— O suficiente.

— Verdade? Que pena. Eu me juntaria a você em mais uma rodada. — Magnus rasgou uma tira de seda da toalha de mesa. — Deixe-me ajudar com essa ferida. Não parece tão feia.

Aron deixou que ele limpasse a ferida, seu rosto coberto de dor.

— Sabe, eu *poderia* tomar mais alguma coisa.

— Imaginei que entraríamos num acordo. — Quando ele terminou o curativo, Magnus agarrou um garrafão de vinho. Serviu duas taças e entregou uma a Aron.

Aron tomou tudo em um gole audível.

— Estou envergonhado por vossa alteza ter presenciado aquilo.

Magnus fez um gesto com a mão enquanto tomava um gole do vinho. Ele não costumava se dar esse luxo com frequência; era proibido em Limeros. O vinho era doce, suave e nada desagradável.

— Não fique. Serve apenas para mostrar como as mulheres são voláteis.

— E idiotas também. — Aron já bebia a segunda taça que Magnus havia servido. — Muito obrigado, vossa graça.

— Quanto mais beber, menos a ferida vai doer.

— Espero que esteja certo. — Aron fez uma careta, tocando o curativo com cuidado. — Pensei que vossa alteza ficaria bravo comigo por tentar dormir com a garota.

Dormir? Para Magnus, parecia mais uma tentativa de estupro.

— De forma alguma. — Magnus se esforçou para manter o sorriso. — Era uma garota atraente. Só não era para você.

— As mulheres são criaturas das trevas dissimuladas, cuja beleza nos atrai o suficiente para que possam enterrar suas garras em nossa carne. — Um brilho bem-humorado iluminou o olhar de Aron, enquanto ele tomava outro grande gole de vinho. — Por isso elas precisam ter as garras cortadas o mais rápido possível, como vossa alteza fez com Cleo.

— Garras afiadas, realmente. — A menção à princesa, que surgia em sua mente mais do que ele gostaria durante a jornada, fez Magnus virar a taça antes de perceber o que estava fazendo. — Tenho uma curiosidade, lorde Aron.

— Qual é?

— Confesso que não sei muito bem o que fez como vassalo do rei para se provar tão valioso ao meu pai. O que disse mais cedo para Eugeneia… você matou em nome do rei? Além do rebelde naquele dia?

Aron assentiu, com a expressão fechada.

— Matei.

Magnus inclinou-se mais perto e esboçou um sorriso para tranquilizar o rapaz.

— Acredito que conseguimos deixar de lado nossas muitas diferenças e nos tornamos bons amigos durante esta jornada.

As sobrancelhas de Aron ergueram-se.

— Vossa alteza acha mesmo?

— Sim, claro. Gostaria de ser seu amigo. Amigos compartilham segredos. Confiam um no outro para se apoiar em momentos de necessidade.

— Faz muito tempo que tive um amigo assim — Aron falou, melancólico, girando sua taça de vinho.

— Eu também. — Não desde Lucia, quando ela ainda conseguia olhá-lo sem que o nojo maculasse sua opinião. A lembrança dela suscitava uma dor constante em seu peito.

Mesmo parado, o mundo adquiria um brilho que trazia consigo uma ponta de delírio. O vinho paelsiano era muito forte — era capaz de inebriar um homem com apenas uma taça.

Cleo gostava de vinho. Ele a vira beber bastante na noite do casamento, e também durante a viagem. Talvez a ajudasse a tolerar a dor de estar perto de alguém que odiava tanto.

— Minha primeira missão para o rei é a que mais pesa sobre mim — Aron ergueu os olhos para Magnus.

— Conte mais.

Aron se virou de costas, segurando a taça com força.

— O rei me fez jurar segredo.

— Talvez eu possa adivinhar o que ele pediu para você fazer. Se eu estiver correto, prometo perdoá-lo.

Aquela esperança iluminou novamente os olhos de Aron.

— Sério?

— Sério. No fim das contas, tirei a princesa de você. Acredito que lhe deva um favor.

Aron refletiu sobre aquilo.

— Certo. Vossa alteza pode tentar adivinhar, mas duvido que acertará.

Magnus assentiu, então se inclinou e pegou a adaga que Aron havia deixado cair no chão e colocou-a entre eles no tampo de madeira da mesa. As joias incrustadas no cabo reluziam à luz da vela. A lâmina ondulada ainda estava coberta de sangue e do sumo grudento do pêssego.

Aron a encarou como se a visse pela primeira vez.

— Esta adaga é sua? — Magnus perguntou com suavidade.

Houve uma hesitação perceptível antes de ele responder.

— É.

— É idêntica à adaga usada para matar a rainha; evidência usada por meu pai, o rei, para acusar o líder rebelde. Eu achava que fosse um exemplar único, mas parece que você possui uma igual. Quantas adagas desta existem, lorde Aron?

As sobrancelhas de Aron se juntaram.

— Há uma razão para isso, eu garanto.

— Isso não responde a minha pergunta. Quantas destas adagas incrustadas com joias existem? Duas? Uma o rebelde usou para matar a minha mãe, e a outra está em sua coleção pessoal? Ou existem *três* adagas, Aron? Se eu encontrasse Jonas Agallon, eu descobriria que ele ainda tem a adaga que você cravou na garganta de seu irmão?

Um vento frio se espalhou pela tenda, mas talvez fosse apenas o sangue de Magnus esfriando a cada palavra que proferia.

Lorde Aron podia ter o título de vassalo do rei, mas não era um cavaleiro treinado. Não era um bom lutador. Não tinha capacidade de mentir sobre algo tão importante. Era apenas um rapaz com aspirações de grandeza e um gosto por sangue quando lhe servia.

Quando o suor que brotava da testa de Aron revelou mais do que as palavras poderiam dizer, Magnus continuou:

— Desde que você executou o rebelde, tive minhas suspeitas. Mas eram apenas sussurros no fundo da minha mente. Você não queria que Brion Radenos continuasse a falar, a me convencer de que Jonas não tinha nada a ver com o assassinato da minha mãe. Porque não tinha mesmo, não é? Foi você quem a matou. Você a matou sob ordens do meu pai.

A acusação deixou um gosto amargo na boca, mas ele sentia a verdade.

A dolorosa verdade.

Aron preferiu fitar a adaga a enfrentar o olhar de Magnus.

— Era uma mulher enganadora, fazia de tudo para impedir que o rei alcançasse sua glória plena. Fria e incapaz de amar, ele me disse, mesmo seus próprios filhos. Ela poderia tê-lo destruído. Destruído tudo.

— Então você confessa ser o assassino.

— Sim. Não se pode discutir com o rei.

— Não, não se a pessoa dá valor à vida. — Magnus soltou um suspiro profundo e tentou se recompor, livrar-se da leve embriaguez causada pelo vinho. Deixou a adaga sobre a mesa. — Acredite ou não, eu entendo. Meu pai induz as pessoas a fazerem coisas com as quais não concordam. Ela as manipula em seu próprio proveito e tem tido muito êxito com isso.

Até mesmo com o próprio filho.

— Vossa alteza disse que me perdoaria — Aron falou com a voz nervosa.

— Eu disse, não é? Mas como posso perdoar alguém por algo dessa natureza? Você assassinou minha mãe. — Magnus desembainhou a espada e apontou-a para o rapaz.

Aron agarrou a adaga e segurou-a diante de si.

— Eu me defenderei!

— Pois deveria mesmo.

— O rei me dará proteção contra vossa alteza. Contra qualquer um que quiser me ferir. Ele viu como sou valioso.

— Existe algo no sangue de *todos* os auranianos para acreditarem tão rápido nas mentiras do meu pai?

Lágrimas escorriam dos olhos de Aron; a visão deixou Magnus enjoado.

— Recomponha-se, seu tolo patético. Essa não é a maneira correta de um vassalo do rei se comportar.

— Perdoe-me, vossa alteza. Sinto tanto, tanto, pelo que fiz.

O fogo que surgira dentro de Magnus ao saber que aquele pavão insosso era o assassino de sua mãe, responsável por ajudar o rei a incriminar outro e a esconder toda a verdade dele, diminuiu um pouco. Matar Aron numa vingança regada a vinho lhe traria tão pouca satisfação quanto esmagar uma barata.

— Retomaremos este assunto com meu pai quando voltarmos ao palácio.

O pai dele tinha muito a explicar. Ele abaixou a espada e se encaminhou para a entrada da tenda.

No reflexo de um cálice de prata, ele viu Aron levantar atrás de si com a adaga em punho.

Magnus se virou. Ele desviou da lâmina com o braço esquerdo e com a mão direita cravou a espada no peito de Aron.

O rapaz ficou lá, empalado, os olhos arregalados, encarando Magnus como se estivesse surpreso. Ver aquela expressão em alguém que havia tentado matá-lo enfureceu o príncipe ainda mais. Ele girou a lâmina, e Aron soltou um grito atormentado, o som de um animal agonizante, antes de a vida finalmente abandonar seus olhos. Com um puxão vigoroso, Magnus arrancou a espada, e o lorde despencou mole no chão.

Magnus permaneceu lá por alguns instantes, em silêncio, encarando o assassino de sua mãe, enquanto o sangue de Aron começava a formar uma poça ao lado da bota esquerda do príncipe. Os olhos vítreos fitavam o teto da tenda.

Como Magnus esperava, não houve vitória verdadeira naquela morte. Apenas o vazio.

Mas agora ele sabia a verdade. Nunca sentira tanto ódio na vida. Ódio pelo homem que sempre venerara, mesmo que não concordasse com todas as suas decisões; um homem que não era fraco, que fazia o que era preciso, que alcançou poder e glória com violência, intimidação, inteligência e força bruta.

No passado, Magnus aspirava ser exatamente como seu pai.

Agora, não mais.

32

JONAS

PAELSIA

Os rebeldes haviam erguido acampamento a pouco mais de um quilômetro e meio da linha de tendas ao lado da Estrada de Sangue, sem ousar acender uma fogueira. Observavam e esperavam, encolhidos juntos para se aquecer, até o sol começar a surgir entre as montanhas gigantescas. Até o falcão dourado que parecia seguir Jonas a todos os lugares havia se empoleirado na floresta de árvores frágeis e desfolhadas, aguardando com eles.

— O que ela é? — ele sussurrou para si mesmo, olhando para o alto. — O que quer conosco? Comigo?

A ave não respondeu. Em vez disso, voou para longe momentos antes de eles se prepararem para pôr o plano em prática.

Jonas deu a ordem para se moverem e, tão silenciosos quanto sombras, os quarenta e sete rebeldes se espalharam para invadir o acampamento em busca de Magnus e Xanthus. Como não era possível todos eles permanecerem juntos durante o ataque, o plano

era se encontrarem num ponto definido, a três horas de viagem dali, antes de a noite cair.

Tinham seus alvos. Conheciam sua missão. Nada os distrairia. E qualquer um que entrasse em seu caminho morreria. Se tudo corresse perfeitamente, ninguém sequer saberia que haviam estado ali. Entretanto, Jonas nunca esperava que tudo corresse bem. Estava preparado para os obstáculos. Assim como seus rebeldes.

Minutos depois de entrarem no acampamento, um alerta soou.

E, então, o caos se instalou.

Levas de guardas começaram a transbordar de suas tendas e postos já de espada na mão. Lysandra encaixava flecha atrás de flecha no arco, soltando-as como um predador escondido nas sombras, a morte silenciosa deixando sua marca precisa na garganta ou no peito.

— Vá agora enquanto pode — ela ordenou a Jonas, enquanto ele lutava com um guarda —, e se encontrar lorde Aron antes de mim, mate-o… e faça doer.

A promessa de sangue — da vingança ansiada por tanto tempo — motivava-o como nada mais faria. Com o antebraço, ele golpeou o guarda na garganta, levando-o ao chão, inconsciente.

— Boa sorte, Lys. Se tudo der errado, vejo você e Brion na eternidade.

— Você acha mesmo que é para lá que vamos? — Ela chegou a rir de leve, mostrando dentes brancos e alinhados, o rosto iluminado pelo brilho dourado da alvorada. Ele estremeceu ao perceber que Brion tinha razão: aquela garota era absolutamente linda. — Vejo você nas terras sombrias, Agallon. Deixe um demônio ou dois para mim.

Ela continuou a fitá-lo por apenas um instante, e em seguida desapareceu sem dizer mais nada.

E Jonas partiu à caça de sua presa no meio da confusão e do turbilhão. Seus principais alvos eram Magnus e o engenheiro da estrada, mas esperava encontrar Aron também. Agora, o lorde tinha tanto a morte de Brion quanto a de Tomas para pagar com sangue.

Deu uma olhada em cada tenda por onde passava, mal combatendo qualquer um que encontrava. E os guardas caíam

quase fácil demais. Estavam tão acostumados a dominar escravos fracos e desarmados naquela área isolada que foram pegos de surpresa com um ataque daquela magnitude ao raiar do dia — quase cinquenta rebeldes prontos para fazer o que fosse necessário para obter alguma vantagem sobre o rei que escravizava seus irmãos e irmãs, mães e pais.

Jonas limpou um espirro de sangue do rosto e continuou. Abriu a porta da próxima tenda, e seu olhar recaiu sobre alguém que reconheceu de imediato.

Aron Lagaris dormia no chão. O ódio se acendeu dentro dele com a lembrança daquele desgraçado matando seu amigo. Matando seu irmão.

— Encheu a cara na noite passada, não foi? — Jonas rosnou. — Acorde. Quero que você saiba que serei eu a acabar com sua vida.

Ele deu outro passo, entrando na tenda, franzindo a testa. Os olhos de Aron estavam abertos e imóveis. A frente da camisa manchada de sangue — sangue que encharcava o chão de terra.

A constatação o atingiu em cheio. Aron já estava morto.

Alguém o agarrou por trás, um braço forte apertando sua garganta.

— Acha que a escória paelsiana pode nos atacar com tanta facilidade e não seremos capazes de matar até o último de vocês? — Era um guarda dos grandes e seu hálito fedia. — Não é bem assim, rebelde.

Jonas ergueu a lâmina da espada, mas o guarda agarrou seu pulso, torcendo-o até quebrar o osso com um estalo. Jonas rugiu de dor e perdeu a concentração por uma fração de segundo.

Foi tudo o que bastou.

O guarda baixou sua própria espada, enterrando-a diretamente no coração de Jonas.

Em seguida, ele puxou a lâmina e empurrou Jonas para a frente, que despencou no chão, a apenas poucos metros de Aron. Ele olhou para cima, arfando, e sua visão girando. O guarda era uma silhueta preta gigante cercada pela luz da manhã.

O homem limpou o sangue das mãos.

— Você realmente achou que poderia nos deter com seu grupinho de selvagens? Matarei mais alguns antes do café da manhã. — Ele riu enquanto deixava a tenda. O peito de Jonas ardia com a dor agonizante e abrasadora. Sua vida sangrou pelo chão da tenda, se esvaindo naquele brilho vermelho, escorrendo pela terra para misturar-se ao de Aron.

— Brion — Jonas sentia a garganta espessa e os olhos queimando. Lembrou-se de sua infância, quando corria pelo vinhedo com Brion, roubando uvas doces e suculentas, e eram perseguidos pelo pai nervoso de Jonas que, ao contrário do filho, aceitava o destino sem lutar, e sempre seguia as regras determinadas pelo chefe Basilius, mesmo que isso significasse não ter comida na mesa.

Depois se lembrou de Tomas, sempre rebelde, rindo das suas travessuras. Tomas, que nunca seguiu uma única ordem na vida, a não ser as que dava a si mesmo. E Felicia, sua irmã mandona, que levava as mãos aos quadris, sacudindo a cabeça e avisando que Jonas teria problemas um dia se não entrasse na linha. Felícia era forte o bastante para sobreviver sem ele. Forte como a mãe fora antes de a doença devastadora tomar conta dela. Jonas ouviu rumores de que a irmã de Cleo morreu de uma enfermidade parecida.

Nunca disse isso a ela. Deveria ter dito.

Imagens da princesa de cabelos dourados passeavam por sua mente. Ele estava novamente na caverna, beijando-a como se não tivesse escolha, confuso com aqueles sentimentos tão incontroláveis por uma garota que costumava desprezar e desejar que estivesse morta. Porém, com o tempo, até mesmo o ódio mais gélido pode se transformar em algo mais caloroso, como uma horrenda lagarta pode se transformar numa linda borboleta.

Via imagens de Lysandra, sorrindo, e sua beleza inesperada naquela manhã era como um soco no estômago. O brilho em seus olhos castanhos quando ficava nervosa e discutia, sempre lhe causando problemas. Mas estava feliz em tê-la aceitado como membro dos rebeldes porque era tão habilidosa, tão determinada,

tão imensamente apaixonada que era capaz de acender uma fogueira dentro dele apenas com algumas palavras.

E agora ele morria, encarando os olhos imóveis de Aron Lagaris. Por meses Jonas desejou intensamente se vingar dele, mais do que qualquer outra coisa. E agora o rapaz que odiava mais do que a qualquer outro no mundo não passava de uma casca — uma casca vazia.

A morte não resolvia nada. Era apenas um fim.

E agora seu próprio fim havia chegado.

Ele enxergou uma onda de luz pelo canto da visão embaçada. Alguém havia entrado na tenda. Seus últimos suspiros eram tão fracos que ele pareceria morto a qualquer um, exceto a um curandeiro mais habilidoso.

Uma figura caiu de joelhos ao seu lado. Uma das mãos mornas repousou sobre a testa de Jonas, e a outra abriu sua boca. Ele não conseguia resistir, não conseguia falar. Nem mesmo piscar.

Algo foi enfiado em sua boca. Pedrinhas.

As pedras esquentaram sobre sua língua até parecerem carvão incandescente. Derretiam como lava, queimando-o, espalhando-se sobre a língua inteira, a boca, descendo pela garganta.

Ele se arqueou no chão enquanto o fogo escorria pelo seu ventre e se espalhava. Era tortura. Em seus últimos momentos de vida, alguém o estava torturando.

Uma mão firme pressionou seu peito para impedir que se curvasse para cima enquanto seu corpo convulsionava.

Como um sol se pondo atrás do horizonte, muito, muito devagar, a dor diminuiu, até se tornar apenas um calor no centro do corpo. Sua respiração ficou mais rápida. O coração palpitava.

Coração? Mas como era possível?

Seu coração havia sido empalado, mas agora parecia forte novamente. Jonas sentia o batimento — rápido, firme e contínuo. Sua visão também clareou aos poucos, ganhando brilho e foco até poder distinguir quem o atormentava.

O cabelo da garota brilhava como platina — ainda mais claro do que o de Cleo. A pele tinha um brilho dourado como a luz do sol e seus olhos eram claros, um tom prateado um pouco mais escuro

que seus cabelos. Estava enrolada numa tapeçaria, arrancada da parede daquela própria tenda. Com exceção daquilo, estava nua.

— Estou furiosa com você — ela disse. — O ataque mal começou e já foi assassinado.

A boca dele estava muito seca.

— Estou morto. Esta é a minha entrada nas terras sombrias.

Ela deu um suspiro que pareceu aborrecido.

— Não estamos nas terras sombrias, embora eu tenha certeza de que um dia, em breve, você irá para lá. Se tivesse me atrasado só alguns instantes, essas sementes de uva não teriam feito nada por você.

Jonas examinou o rosto dela, a longa linha da garganta pálida.

— Quem é você? — ele sussurrou.

Ela o olhava fixamente.

— Meu nome é Phaedra.

— Phaedra — ele repetiu, lambendo os lábios ressecados. — Você disse “sementes de uva”? Do que está falando?

— A magia da terra trouxe você de volta do precipício da morte. A magia da terra pode curar ou matar, dependendo de quem a usa. Tem sorte de eu gostar de você.

Ele olhou para si mesmo, abriu a camisa arruinada e limpou o sangue. Tanto sangue, mas nenhuma ferida embaixo. A pele estava curada. Seu corpo estava inteiro novamente, inclusive o pulso que o guarda havia quebrado.

Ela tinha dito *magia da terra*?

Mas magia… isso não existia. Ele nunca acreditara.

Era impossível. Mas, ainda assim…

Seus olhos se fixaram nos dela.

— Você salvou minha vida.

— Salvei. Tentei resistir, continuar assistindo de longe. Ainda não sei se você será bom para mim… para *nós*. Ser capturado é uma coisa. Pelo menos há esperança de fuga. Mas morrer… — Ela grunhiu e colocou as mãos nos quadris. — Não consegui resistir. Tive que mudar da minha forma de falcão e agora… bem, agora estou presa aqui. Você tem sorte de eu sempre ter algumas sementes de cura escondidas nas penas para emergências!

Aquela garota era maluca. Completamente maluca.

— Forma de falcão?

— Sim, é isso que os vigilantes podem fazer.

Os olhos dele se arregalaram. *Vigilantes*?

— Escute — ela disse. — Como não posso mais me transformar, provarei de outra maneira o que sou. Ou melhor, o que eu era até agora.

Ela soltou a tapeçaria que usava para se cobrir. O tecido escorregou dos seios dela, e Jonas a admirou. Não pelos motivos que o faziam admirar os seios de uma garota — embora os de Phaedra fossem os mais belos que já tinha visto.

Havia uma marca sobre o coração dela — uma espiral do tamanho da palma da mão — como ouro derretido dançando sobre a pele.

— Ficará mais escuro com o passar dos anos — ela disse, melancólica. — Quando minha magia começar a definhar.

Ele não conseguia encontrar voz para falar, mal podia encontrar ar para respirar. Aquilo podia ser verdade?

O falcão — aquele que se empoleirava perto do acampamento todos os dias. Aquele que o seguiu até Paelsia. Aquele que ele tentou ignorar. Era Phaedra?

A magia era real? Os vigilantes eram reais?

Isso contrariava tudo em que acreditava. Mas ao ver aquilo, ao vê-la, com seus próprios olhos…

Jonas levou um susto quando sentiu a ponta afiada de uma espada contra sua garganta. E se repreendeu por perder o foco, por ficar extremamente distraído com a marca estranha e rodopiante de Phaedra, uma evidência de magia que tornara seus pensamentos um emaranhado denso e confuso.

Seu coração recém-curado se afundou quando ele ergueu o olhar e encontrou o príncipe Magnus, que entrara na tenda de maneira silenciosa e sorrateira.

— Perdão — o príncipe falou. — Com certeza não queria interromper *isso.*

Jonas fez uma careta.

— Que coincidência. Estava procurando por você.

— O sentimento é totalmente mútuo, rebelde.

Rebelde. Como seus rebeldes estariam se saindo fora daquela tenda? A preocupação tomou conta dele. Lysandra teria de liderá-los sozinha agora. Ele esperava que ela tivesse sucesso para encontrar Xanthus.

— Acabo de salvar a vida dele e agora você o ameaça? — Phaedra puxou a tapeçaria de volta para se cobrir. — Isso é muito grosseiro.

O rosto do príncipe estava sombrio.

— Você não tem ideia do quanto posso ser grosseiro. Devo demonstrar?

— Tire a espada do pescoço dele imediatamente!

A espada foi apertada com mais força contra a garganta de Jonas. O menor dos movimentos a cortaria. Jonas ainda estava fraco pela perda de sangue, e a cura mágica e violenta havia minado suas forças ainda mais. Ele mal conseguia se mover o bastante para proteger a si mesmo, muito menos a Phaedra.

O olhar de Magnus baixou até a borda da tapeçaria de Phaedra.

— O que disse ao rebelde é verdade? Você é uma vigilante?

— Sou. E você é o filho do Rei Sanguinário, que busca a Tétrade. Ele por um acaso sabe o que encontrará se localizá-la? *Você* sabe?

Jonas soltou um arquejo involuntário quando a espada de Magnus cortou sua pele e o sangue morno pingou de sua garganta.

— Agradeço muito pela confirmação de que o tesouro existe. — Magnus estreitou os olhos. — Devo admitir que tinha minhas dúvidas. Como exatamente posso encontrá-la?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— A magia de sua irmã é igual à de Eva, não é? Ela é a chave para tudo isso.

A expressão de Magnus se tornou sombria.

— Como ela pode localizá-la? E quando? A estrada precisa ser terminada primeiro?

— Perguntas… tantas perguntas. — Ela inclinou a cabeça, examinando-o. — Tudo o que posso dizer é que ela corre perigo. Seus poderes a colocam sob grande risco. Se a magia a sobrecarregar, tudo estará perdido antes que qualquer coisa possa

ser encontrada, e eu sei que você não deseja isso. Acredito que Lucia significa mais para você do que qualquer tesouro. E eu sei como ajudá-la. Posso lhe dizer como?

Os olhos dele se estreitaram.

— Fale.

— Existe um anel que foi forjado com magia pura no Santuário para ajudar as feiticeiras originais a controlar a Tétrade e seus próprios *elementia.* Esse anel está mais próximo do que pode imaginar.

— Conte mais — as palavras dele eram ríspidas e ansiosas agora. — Onde posso encontrá-lo?

— Se eu contar, você soltará Jonas e fará seu pai interromper a construção desta estrada.

— E se você não me contar, eu rasgo a garganta dele agora mesmo.

O pedaço da marca de Phaedra que estava visível na lateral da tapeçaria girava e brilhava.

O cabo da espada começou a incandescer. Magnus a soltou com uma arfada de dor.

— Resposta errada — Phaedra disse. — Talvez você ainda não esteja pronto para receber a minha ajuda. É uma pena. Lembre-se das minhas palavras: um dia você desejará ter sido mais receptivo aos meus conselhos. Jonas, precisamos ir.

Ela se virou para a entrada da tenda, mas a saída estava bloqueada por mais alguém.

Era alto, com cabelos ruivos que caíam até os ombros. Seus olhos tinham cor de cobre. Devia ter pelo menos o dobro da idade de Jonas. Os olhos de Phaedra arregalaram-se ao vê-lo.

— Xanthus.

Ele sorriu para ela.

— Há quanto tempo, Phaedra.

— Muito mesmo.

— Sabia que eu estava aqui, não é?

Ela assentiu devagar.

— Sim.

— Mas não disse a mais ninguém.

— Os outros pensam que você está morto. Se escondeu muito bem durante todos esses anos.

— Mas não de você.

— Não. De mim, não.

— Senti saudades, minha irmã. Muitas.

— Também senti sua falta. Mesmo que eu o tenha odiado por partir. Por fazer o que *ela* mandou.

A dor surgiu em seus olhos de cobre.

— Nunca quis magoar você.

— Eu sei. — Ela correu para os braços dele, abraçando-o com força. — Você pode me recompensar. Deixe este lugar. Você pode me ajudar… *nos* ajudar. Precisamos sair deste acampamento com segurança.

Jonas tentou acompanhar o que estava acontecendo, mas estava perdido. Aquele homem — Xanthus. Ele era o engenheiro da estrada que os rebeldes tinham como alvo. Mas era um vigilante também? Irmão de Phaedra? Como tudo aquilo era possível?

— Disseram-me que você viria até aqui — Xanthus disse, ainda abraçando Phaedra.

— Quem disse? — Ela se afastou e olhou para ele, tocando sua face. E então o rosto dela empalideceu. — Ela é maléfica, Xanthus. Por que ninguém consegue ver isso com a mesma clareza que eu?

— Melenia faz o que é necessário para salvar a nós todos — Xanthus disse. — E é agora, Phaedra. Estamos tão perto. — Ele tomou o rosto dela entre as mãos. — E sinto muito. Queria que você pudesse estar aqui quando acontecesse. Temos esperado por tanto tempo.

— Onde mais eu poderei estar? Sacrifiquei minha imortalidade, assim como você. Podemos ficar juntos novamente. Passado é passado. Vamos deixá-lo para trás.

Os olhos de Xanthus se estreitaram.

— Acho que não, minha irmã. Você sabe demais. Recebi instruções muito específicas de Melenia. E estou seguindo as ordens dela… sempre segui. E sempre seguirei.

As mãos dele começaram a reluzir com uma luz dourada, e Phaedra soltou outro suspiro, dessa vez de dor.

— O que está fazendo com ela? — Jonas perguntou. — Tire as mãos dela!

Magnus observava tudo em silêncio, os braços cruzados sobre o peito, a testa franzida.

— Nada pode impedir isto — Xanthus disse. — É melhor assim. Tente se lembrar disso, minha doce irmã. Fiz o que fiz porque é a coisa certa a ser feita.

O brilho cobriu toda a silhueta de Phaedra enquanto Jonas e Magnus observavam, estupefatos com aquela demonstração de magia.

Mas que tipo de magia era aquela?

Jonas avançou, agarrando o braço de Xanthus para afastá-lo de Phaedra. Xanthus puxou Jonas pela camisa ensanguentada e o jogou para trás. Ele voou pela tenda e bateu com força na mesa de madeira, quebrando-a.

Phaedra caiu de joelhos, e seus olhos vidrados encontraram os de Jonas no local onde ele se arrastava, a dez passos de distância.

— Me perdoe — ela sussurrou. — Eu fracassei. Gostaria de ter… — Ela deu um último suspiro, e a vida abandonou seus olhos. Um momento depois, a espiral de sua marca se espalhou por seu corpo inteiro, e ela desapareceu num lampejo de luz cintilante.

Xanthus também havia sumido da tenda.

Jonas encarou, em choque, o lugar que a vigilante havia ocupado poucos momentos atrás. E então se encolheu quando a ponta fria e afiada da espada de Magnus tocou a sua garganta.

— Em pé, Agallon.

Jonas se esforçou para ficar de pé e encarou o príncipe com uma fúria desenfreada, o gosto amargo subindo pela garganta.

— Você age como se não tivesse acabado de presenciar um milagre… e uma tragédia.

— Admito, foi uma visão inesperada antes do nascer do sol. — Por trás do tom sarcástico do príncipe, Jonas ouviu um tremor em sua voz. Ver a morte da vigilante (era isso mesmo? Phaedra estava morta?) também abalara Magnus. — Mas eu me recupero rápido. Está na hora de uma viagenzinha até as masmorras do meu pai

junto com seus amigos rebeldes. Ele ficará muito satisfeito por eu finalmente tê-lo capturado.

Como ele podia ficar ali parado e fingir que nada daquilo importava? E ignorar que o mundo nunca seria mais o mesmo? Os vigilantes não eram apenas uma lenda. A magia era real. Jonas cambaleava.

— Eu não matei sua mãe.

— Eu sei. Foi Aron Lagaris.

Jonas lançou um olhar para o corpo de Aron, voltando depressa para os olhos de Magnus.

— Ele matou meu irmão e meu melhor amigo.

— E agora está morto. Recebeu o mesmo fim que, originalmente, eu planejava para você. Apesar disso, preciso admitir, planejava fazer você sofrer um pouco mais.

— Era a minha lâmina que deveria ter tirado a vida dele!

Magnus lhe ofereceu um sorriso sutil e mal-humorado.

— Você vai superar.

De repente, um grito veio de fora da tenda. Muitos gritos e lamentos aterrorizados que não soavam mais como os ruídos familiares de uma batalha. Levou apenas um instante para descobrirem o motivo.

— Fogo! — alguém gritou.

Uma linha de chamas começou a serpentear ao redor da tenda, como se a própria terra estivesse pegando fogo.

Magnus afastou a espada da garganta de Jonas e correu para a entrada da tenda, afastando-a.

Havia um incêndio no acampamento. Chamas laranja e amarelas iluminavam a área, engolindo a luz da aurora sobre as montanhas, queimando as árvores caídas e secas, as pilhas de lenha, as tendas. Guardas e escravos corriam aos berros. Alguns estavam em chamas — labaredas que ficavam douradas, prateadas e com um azul brilhante, sobrenatural. Eles gritavam em agonia enquanto a carne era queimada antes de o fogo, violento e devastador, transformar os corpos em cristal, explodindo em milhões de estilhaços de vidro.

Jonas testemunhou aquelas mortes com descrença.

Não era um fogo normal que havia surgido durante a batalha.

Era… era uma magia horrível, destrutiva, letal. Magia do fogo.

— O que é isso? — Magnus falou, a voz elevando-se de medo.

Sangue fora derramado na Estrada de Sangue. Três vezes. Três desastres.

Um tornado, um terremoto, um incêndio.

O coração recém-curado de Jonas batia depressa. Ele se aproximou do príncipe.

— Acredita em destino, príncipe Magnus? Nunca acreditei antes, mas… você acredita?

— Por que pergunta?

— Curiosidade. — Jonas deu uma cabeçada contra o rosto do príncipe. Ele estivera enfraquecido desde a ressurreição. Levara tempo para recuperar todas as suas forças.

Mas finalmente elas estavam de volta.

Ele agarrou a espada de Magnus, golpeou o rosto do príncipe com o cotovelo e acertou em cheio seu nariz. O sangue esguichava, e Magnus urrava de dor. Jonas afastou a espada de Magnus e se preparou para partir a garganta do príncipe. Mas Magnus também era rápido, e bloqueou o golpe com o antebraço. Àquela altura, a tenda já fora engolida pelas chamas. O fogo chegava perto dos dois, chamuscando-os.

Jonas girou a espada e atingiu Magnus na barriga com o cabo, ouvindo um grunhido satisfatório de dor. Mas antes que conseguisse atacar novamente, Magnus agarrou um tufo de cabelo de Jonas, arrancando-o pela raiz e acertando uma joelhada em seu peito. E então conseguiu arrancar a espada dele.

— Precisamos sair daqui ou iremos morrer — Magnus rosnou.

— Vim aqui preparado para morrer hoje. Na verdade, já morri uma vez.

Jonas pulou para cima de Magnus e jogou ambos para o fundo da tenda. Enquanto caíam, Jonas se virou de modo que a cabeça de Magnus batesse contra a quina da mesa em chamas. A pancada foi forte o bastante para atordoar o príncipe, e ele ajoelhou no chão, tentando respirar, com a espada na mão.

Ainda assim, Magnus agarrou Jonas antes que ele pudesse escapar.

— Tenho uma masmorra só para você, rebelde — ele prometeu.

Cinco guardas se aproximaram da tenda em chamas, gritando o nome de Magnus.

— Aqui! — ele gritou para os guardas. — Tenho um prisioneiro!

— Errado — Jonas grunhiu, usando suas últimas forças para se livrar das mãos do príncipe, arrancando sua espada novamente. Ele desferiu um golpe, mas Magnus rolou no chão a tempo de se esquivar.

Jonas praguejou enquanto via os guardas se aproximando da entrada da tenda em chamas.

— Capturem-no! — Magnus gritou.

— Talvez em outra oportunidade, vossa alteza. — Ele tinha ido até lá para prender Magnus, mas se demorasse mais um instante, aconteceria o contrário.

Sem perder tempo, ele rasgou a lateral da tenda e irrompeu no caos lá fora, se abaixando e se escondendo para não ser visto por nenhum guarda através das chamas mágicas que se espalhavam ao redor deles.

À direita, ele avistou um homem velho e careca, junto a uma garota, encolhidos, longe da carnificina, olhando em volta com medo e confusão. Naquele momento, todas as tendas eram consumidas pelo fogo. O campo de trabalho da estrada havia se tornado um inferno.

Espalhados pelo chão estavam corpos queimando — guardas ou rebeldes, o sangue escorria pela estrada como se ela fosse uma tela violenta e feroz. Alguns haviam assumido a forma estranha de cristal após serem tocados pelo fogo, e acabaram quebrados e estilhaçados sobre a terra.

Onde está Lysandra?

Foi seu primeiro pensamento coerente.

Ele apertou os olhos para encontrá-la, para encontrar qualquer rebelde, mas não via ninguém além daqueles que jaziam mortos no chão. Não conseguia contar. Não tinha certeza de quantos haviam caído.

O corpo de uma garota de cabelos longos e escuros estava em seu caminho, uma flecha perfurando seu coração. Ele perdeu completamente o ar ao vê-la.

— Não. Por favor, não. — Ele se agachou, tirando o cabelo do rosto da garota.

Mas não era Lysandra. Era Onoria.

Uma perda… uma perda terrível para todos eles. Onoria era uma rebelde corajosa e inteligente.

Depois de fechar os olhos dela, Jonas levantou rapidamente e se escondeu atrás de uma tenda. Não podia ficar ali. Se ficasse, seria morto, pelo fogo que continuava a crescer ou por algum guarda.

— Lys — ele sussurrou. — Onde você está? Droga. Onde?

Ela tinha de estar viva. Lysandra Barbas não podia morrer aquela noite.

Não, ele decidiu, resoluto. Ela *estava* viva.

E se estivesse, ele a encontraria.

33

LYSANDRA

AURANOS

Lysandra tropeçou quando um guarda a empurrou para dentro de uma cela escura e lotada, e desabou no chão de terra. As paredes de pedra eram úmidas e cheiravam a mofo e morte. No topo da parede alta havia uma pequena janela, não maior do que sua mão, apenas grande o bastante para deixar entrar um raio de sol, que zombava dela com a liberdade que por fim lhe havia sido roubada.

Apenas cinco deles chegaram ao destino com vida. Phineas havia protestado durante a viagem ao calabouço auraniano, discutindo com um guarda, e teve a garganta imediatamente cortada e o corpo atirado da ponte.

Os demais ficaram em silêncio depois disso. Lysandra segurou a mão suada de Tarus com força durante a maior parte do caminho. O garoto estava aterrorizado, mas tentou ser valente. Por ela. Ela não sabia o que tinha acontecido com Jonas, mas se recusava a acreditar que ele estivesse morto.

Por quê? Tantos deles haviam morrido.

Mas talvez Jonas fosse um dos poucos que conseguiram escapar. Talvez estivesse, agora mesmo, organizando uma tentativa de resgate.

Não. Ela não se permitiria pensar em tais coisas, que só levariam à decepção.

Se quisesse escapar, teria que fazer isso sozinha.

De alguma forma.

Ela olhou, desanimada, para a janela lá em cima. Não havia saída e ela sabia disso. Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Pequena Lys, não chore — a voz familiar surgiu na escuridão.

Ela virou rapidamente na direção do garoto sentado num canto.

— Gregor? — ela não conseguia acreditar nos próprios olhos. Correu para o seu irmão, sentando-se ao lado dele. Ela segurou suas mãos sujas para ter certeza de que era real. — Você está aqui. Está vivo!

— Por pouco — ele tentou sorrir. — É tão bom vê-la, irmã.

— Pensei que estivesse morto! Procurei você nos campos de trabalho da estrada, mas não consegui encontrá-lo em lugar nenhum!

— Escapei e fui para Limeros, mas fui capturado algumas semanas atrás. Trouxeram-me até aqui por ordem do próprio príncipe. Estou aqui desde então. Mas não por muito mais tempo. Acho que finalmente terminaram de me interrogar. Nunca parecem contentes com minhas respostas. Apenas minha morte irá satisfazê-los agora.

— Não fale assim. Era disso que eu precisava, Gregor. — O coração dela estava leve como não ficava havia dias. Havia semanas! — É o sinal de que eu precisava de que tudo ficará bem. Estamos vivos, estamos juntos novamente e sairemos desta situação.

O olhar dele parecia distante.

— Foi o que ela me disse, também. Sempre disse para eu ter esperança. Gostaria de vê-la de novo, mas ela não me visita há semanas.

Lysandra perscrutou a cela pequena e fedorenta, examinando os outros prisioneiros. Alguns deles dormiam.

— Ver quem?

— A garota feita de ouro e prata.

— O quê?

— Ela falou que seu nome era Phaedra. Ela me visitou em meus sonhos, me disse para ser paciente. Que encontraria uma nova esperança. Imagino que estava falando sobre você. Colocaram você na minha cela, Lys. Na *minha*. Em um lugar grande como este… Isso deve significar alguma coisa, certo?

— Quem é ela? O que quer dizer com ela ter visitado os seus sonhos?

Ele desviou o olhar, seu rosto mostrando ansiedade.

— Ela é uma vigilante, pequena Lys. Disse para eu não me desesperar. Disse que eu ainda poderia fazer a diferença… e que havia outros como eu que poderiam ajudar. Achei que estivesse louca.

— Uma vigilante o visitou em seus sonhos — Lysandra disse, incrédula. — Talvez a louca não fosse ela.

O irmão riu. Sua risada era seca e fria.

— Pode ser que esteja certa.

— O que mais essa vigilante disse?

Gregor franziu a sobrancelha e afagou as mãos de Lysandra.

— Ela disse que quando o sangue da feiticeira for derramado e o sacrifício for feito, eles finalmente serão libertados. — Os olhos assombrados de seu irmão encontraram os dela. — E o mundo queimará. Foi o que ela disse, pequena Lys. *O mundo queimará*.

34

CLEO

AURANOS

— Meu filho está de volta ao palácio — as palavras do rei apertaram a garganta de Cleo como uma mão gelada, fazendo-a parar de repente no meio do salão. — Tenho certeza de que você aguardava ansiosamente por seu retorno.

Ela se virou devagar e viu o rei Gaius nas sombras, acompanhado de Cronus e de seus horríveis cães de caça.

— Ansiosamente, vossa majestade.

— Ele capturou um grupo de rebeldes que atacou um de meus campos de trabalho. Aqueles que não sucumbiram à sua espada foram trazidos para cá, para serem executados em público.

Jonas. Seu coração foi tomado por medo e expectativa.

— Já me sinto mais segura — ela disse, forçando um sorriso.

— Tenho certeza que sim — o rei a examinou com seus olhos frios de cobra. — Estou de olho em você, princesa.

— Assim como eu estou de olho em vossa majestade — ela respondeu com doçura.

— Lembre-se de uma coisa muito importante. Você não tem nenhum poder aqui, e nunca mais terá. Continuará a viver por um capricho meu, mas posso cancelar essa cortesia a qualquer momento, sem aviso prévio. Exatamente como fiz com sua amiguinha. Qual era o nome dela mesmo? Mira?

O sangue dela gelou.

— Tenha um bom dia, vossa majestade.

Ela continuou a caminhar pelo salão lentamente até virar no próximo corredor. Lá, encostou-se na parede e tentou parar de tremer.

— Ele não vai me derrotar — sussurrou, enxugando as lágrimas com raiva. — Ele pensa que tem poder, mas é só areia escorrendo entre seus dedos. Ele perderá tudo e não lhe restará mais nada.

Mas ela sabia que seus dias estavam contados. A excursão de casamento havia terminado. O brilho do "romance" entre ela e Magnus começava a se extinguir. Seus aliados reduziram-se a dois garotos — um que não conseguia nem olhá-la nos olhos depois de ter sido rejeitado por ela, e outro que podia estar morto ou prestes a ser executado.

Cleo esfregou seu anel, olhando para ele e rezando — embora não para a deusa Cleiona, não depois que descobrira a história daquela vigilante traiçoeira e ambiciosa — para que um caminho em meio à escuridão se abrisse diante dela.

— Por favor. Pai, por favor, me ajude. Não sei o que fazer. Sou uma tola por pensar que tenho alguma chance contra alguém como o rei Gaius?

O livro *Canção da feiticeira* havia trazido mais esclarecimentos sobre Eva — ela era capaz de usar a magia de todos os quatro elementos tão facilmente quanto respirava. No final do livro havia algumas linhas que ficaram gravadas na memória de Cleo.

Mil anos depois de sua morte, a feiticeira deverá renascer como uma mortal além do véu do Santuário. Uma vez desperta, sua magia revelará o tesouro oculto buscado tanto por mortais quanto imortais.

Eva foi assassinada por suas irmãs gananciosas, Cleiona e Valoria, que roubaram a Tétrade e usaram seu poder para se tornarem deusas.

Isso acontecera havia mil anos.

Uma feiticeira renascida, capaz de dominar todas as quatro partes dos *elementia* com facilidade.

— *Há algo estranho naquela garota* — a criada Helena conversava com sua irmã dois dias depois de Cleo voltar da excursão de casamento, sem saber que ela estava escutando. — *A princesa foi instruída por uma bruxa*.

— *Uma bruxa?*

— *O próprio rei escolheu uma bruxa para a tarefa, mas acho que agora ela está morta. Eu a vi antes que a levassem embora. Seu rosto estava cheio de medo. Ela sussurrava algo sobre fogo e gelo. Achava que a princesa Lucia era má.*

Criadas fofocavam sobre as coisas mais fantásticas. Ainda assim, Lucia havia iluminado a biblioteca…

— Magia — Cleo sussurrou. — Era isso que Lucia estava fazendo aquele dia?

Seria a fofoca das criadas verdadeira, dessa vez?

O anel de Eva — o anel da feiticeira — brilhara quando Cleo tocou Lucia. Isso não havia acontecido nenhuma outra vez. Apenas na roda de pedra, que diziam ter alguma conexão com os vigilantes.

Devia haver algo a mais naquela história.

Cleo andou pelos corredores labirínticos, dirigindo-se aos aposentos de Lucia. Ninguém a impediu. Nem ao menos notaram sua presença.

O que está pensando, sua idiota?, ela criticou a si mesma enquanto apertava o passo. *Acha que a filha do Rei Sanguinário, a irmã de Magnus, pode ser a feiticeira renascida?*

Na entrada dos aposentos de Lucia, Cleo ficou paralisada. Ela ouvia as batidas ensurdecedoras de seu coração ao estender o braço e bater na porta. Então esperou.

Mas não houve resposta. Talvez Lucia não estivesse lá.

Pouco antes de ir embora, Cleo ouviu alguma coisa dentro do quarto.

Alguém estava chorando.

Reunindo coragem, Cleo segurou a maçaneta da porta e a girou, empurrando a pesada barreira de carvalho para espiar lá dentro.

A princesa Lucia estava em pé, de frente para a varanda aberta, com seus cabelos negros como penas de corvo descendo pelas costas. Seus ombros balançavam com os soluços — soluços de partir o coração, cheios de dor.

Aquele som fazia o próprio coração de Cleo doer.

Antes que percebesse, ela havia entrado no quarto, se aproximado de Lucia e estendido a mão para tocar seu ombro.

Lucia se virou, os olhos brilhando de surpresa.

Cleo engasgou, e sua respiração foi condensada no ar à sua frente. Estava muito frio no quarto — como nos jardins do palácio limeriano.

— Eu a matei — a voz de Lucia falhou ao dizer as palavras.

O olhar de Cleo baixou para o que a princesa segurava entre os braços. Era um pequeno coelho marrom, coberto de neve e duro como um bloco de gelo.

— O que você fez? — ela sussurrou.

— Eu não tive a intenção. Peguei Hana. Segurá-la me deixa feliz, me faz lembrar da minha casa. E pensei nas esculturas de gelo do Festival de Inverno: sereias, dragões, quimeras… tão frias, tão perfeitas. E… e meus pensamentos… eles foram suficientes para fazer isso. Ela morreu, e a culpa é minha!

Conjurar gelo… era magia da água. Magia da água poderosa.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Lucia.

— Que a Deusa me ajude, não consigo controlar isso.

— Você consegue — Cleo disse. Ela ainda segurava o ombro de Lucia quando o anel começou a brilhar como da última vez. Seu coração acelerou. — Você pode controlar isso. Sua magia… é inacreditável.

— É o que papai diz — Lucia falou, com a voz trêmula. — Mas agora todos saberão disso.

— Não, não saberão. Prometo que não contarei a ninguém — Cleo pegou gentilmente o animal congelado das mãos de Lucia e o colocou no chão. E então segurou as mãos da princesa. — Posso ajudá-la.

Lucia engoliu em seco, franzindo a testa.

— Me sinto mais calma com você aqui. Mais controlada.

Claro que sim. Eu tenho o anel que ajuda a controlar sua magia.

Não era uma surpresa que não funcionasse com Cleo a menos que tocasse algum objeto mágico. Ela não tinha uma magia própria a ser dominada.

Ainda não.

— Tivemos um primeiro encontro ruim, Lucia. Sinto muito por isso. Mas quero ser sua amiga. Precisa de alguém em quem possa confiar. E eu também. — Ela não podia perder a coragem agora, quando mais precisava dela. — Sei o que você é e o que pode fazer. Você é uma feiticeira.

Os olhos de Lucia se arregalaram.

— Você sabe?

Então *era* verdade. Era disso — *disso* que Cleo precisava. Era o sinal que estava buscando, pelo qual rezava. A peça que faltava no quebra-cabeça. O anel era só metade dela.

A princesa Lucia era a outra.

— Sim, eu sei.

— E não tem medo de mim?

Estou extremamente aterrorizada.

— Não, não tenho medo de você. — Cleo sorriu e puxou aquela garota perigosa para um abraço apertado. — Eu e você… somos irmãs agora. Podemos ajudar uma à outra, se você quiser.

Lucia assentiu, apertando o rosto contra o ombro de Cleo.

— Eu quero.

Aquela princesa era a criatura mais poderosa que existia naquele momento. E a magia de Lucia — auxiliada pelo anel — seria essencial para que Cleo reconquistasse seu trono.

A chave para destruir o Rei Sanguinário era sua própria filha.

AGRADECIMENTOS

Obrigada às minhas maravilhosas editoras de *A primavera rebelde*, Laura Arnold e Gillian Levinson, cujas ideias e encorajamento recebi com muita gratidão. Obrigada a Ben Schrank, que comanda de maneira brilhante a Razorbill; às amáveis Erin Dempsey, Elizabeth Zajac, Jessica Shoffel e Anna Jarzab, por seu incrível apoio e suas habilidades de organização espetaculares que invejo profundamente; à minha encantadora assessora de imprensa no Canadá, Vimala Jeevanandam; a todos das equipes da Penguin US, Penguin UK e Penguin Canadá, que estão comprometidos em levar a ficção para jovens adultos (incluindo a série A queda dos reinos) às mãos dos leitores. Vocês são incríveis. E, como sempre, obrigada ao meu agente Jim McCarthy, por ser esperto e hilário — geralmente as duas coisas ao mesmo tempo.

Por último, mas não menos importante, meu eterno agradecimento a cada leitor que se divertiu com os personagens, a magia e o caos em Mítica até agora. Prometo que há muito mais por vir!



SHANON FUJIOKA

MORGAN RHODES vive em Ontário, no Canadá. Quando criança, queria ser princesa. Mas não qualquer princesa; queria ser uma daquelas que sabem usar espadas e que salvam seus reinos de dragões furiosos e bruxos maus. No final, ela se tornou escritora — o que é tão bom quanto ser princesa, e bem menos perigoso. Além de escrever, Morgan gosta de fotografar, viajar, assistir a reality shows, e é leitora voraz de todos os tipos de livro.
Você pode segui-la no Twitter: @morganrhodesya

Copyright © by 2013 Penguin Group USA

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Rebel Spring

CAPA Emily Osborne

ARTE DE CAPA Shane Rebenshied

PREPARAÇÃO Alyne Azuma

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-882-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Agradecimetos
Sobre o autor